

Jamylle Rebouças Ouverney-King

**ESCAPE ÀS ORIGENS E  
TRAJETÓRIAS DE ESTRANGEIROS EM JOÃO PESSOA**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do Grau de Doutora em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma

Co-orientadora: Profa. Dra. Carmen Silvia de Moraes Rial

Florianópolis  
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ouverney-King, Jamylle Rebouças

Escape às origens : e trajetórias de estrangeiros em João Pessoa / Jamylle Rebouças Ouverney-King ; orientador, Marcos Fábio Freire Montysuma ; coorientadora, Carmen Silvia de Moraes Rial. - Florianópolis, SC, 2014.  
372 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Inclui referências

1. Ciências Humanas. 2. Narrativas de trajetórias de vida. 3. Migração de anglo-americanos. 4. Análise crítica do discurso. 5. Masculinidades. I. Montysuma, Marcos Fábio Freire. II. Rial, Carmen Silvia de Moraes. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. IV. Título.

Jamyllé Rebouças Ouverney-King

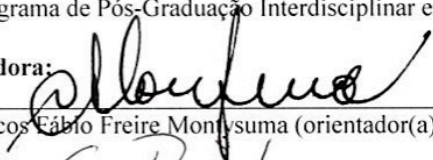
**Escape às origens e trajetórias de estrangeiros em João Pessoa**

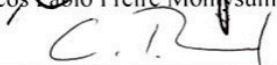
Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de *Doutor(a) em Ciências Humanas* e aprovada, em sua forma final, no dia 09 de abril de 2014, atendendo às normas da legislação vigente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/Doutorado.


Florianópolis, 09 de abril de 2014.

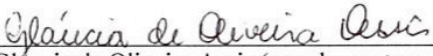



**Profa. Dra. Teresa Kleba Lisboa, Coordenadora em Exercício** do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas  
**Banca Examinadora:**


  
Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma (orientador(a)) - UFSC

  
Prof. Dra. Carmem Silvia de Moraes Rial (coorientador(a)) - UFSC

  
Prof. Dra. Danielle Barbosa Lins de Almeida (membro externo) -  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

  
Prof. Dra. Gláucia de Oliveira Assis (membro externo) - Universidade  
do Estado de Santa Catarina (UDESC)

  
Prof. Dra. Jaqueline Aparecida Martins Zarbato Schmitt (membro  
externo) - Centro Universitário Municipal de São José (USJ)

  
Prof. Dra. Eunice Sueli Nodari (membro interno) - UFSC

  
Prof. Dr. José Pedro Simões Neto (membro interno) - UFSC



As reflexões que aqui me arrisquei a fazer são dedicadas àqueles que perambulam e, porventura, cessam o perambular, ao buscar um local ideal para habitar e se realizar pessoal e profissionalmente.



## AGRADECIMENTOS

À Gercyria Rebouças Ouverney e Salim Dornellas Ouverney pelo incentivo, apoio incondicional e suporte emocional, que sempre primaram pela minha formação acadêmica, além da atenção para com a revisão, e olhos de lince idosos, ao encontrar matérias jornalísticas relevantes para a minha pesquisa.

Ao Brian Jay Ouverney-King pela inspiração motivadora da pesquisa, concepção gráfica, suporte tecnológico presencial, virtual e emocional, além do companheirismo e calma, valiosos durante todo o processo.

À Diane Chisholm, Kristy King, Christopher King e Beth Garrison pelo carinho familiar e apoio a longa distância.

As amigas, de longa data, Juliana Micasí e Renata Monteiro, que lançaram olhares atentos, críticos e jocosidades nas leituras e revisões tão habilmente realizadas.

Ao Instituto Federal da Paraíba e ao Campus Cabedelo, e seus respectivos representantes, Nelma Mirian Chagas de Araújo Meira, Pró-reitora de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação; Edilson Ramos, Diretor de Ensino do campus de Cabedelo; Jesus Medeiros, Thales Ramon de Queiroz e Willy Vila Nova Pessoa, coordenadores de pesca durante o período doutoral, tod@s atent@s as demandas dos estudos e solicit@s às necessidades de manobras de horário e afastamento. À Prof. Msc. Alessandra Meira, professora de inglês do Campus de Cabedelo, pelo apoio docente e profissional durante os últimos anos.

As experiências que o Programa de Doutorado Interinstitucional (DINTER) proporcionou ao me colocar ao lado de Beatriz Alves de Sousa, Maria José T. Batista Filha, Raquel Costa Goldfarb e Sílvio Sérgio O. Rodrigues, durante os inúmeros traslados repletos de emoção entre João Pessoa (PB) e Vitória de Santo Antão (PE); Aline Brandão de Siqueira, alegre parceira das conversas formais e informais, regadas a sobremesas e cafés; Célia Cavalcanti Braga, breve companheira de moradia e contribuições estéticas; Eliana Virgínia V. de Melo e Maria de Fátima Moreira, adoráveis companheiras de café da manhã e das nights na pousada; Valquíria F. Bezerra Barbosa, Maria do Socorro F. dos Santos, João Samarone A. de Lima e Marlesson C. Branco do Rego, colegas de classe; e em especial a Sandra Maria Roque de Oliveira e Sergio Guimarães de Souza, amb@s contribuíram para minha escrita, crescimento pessoal e profissional durante as discussões sobre fimbrias, pizzas e cafés expressos, além é claro do suporte veicular.

Ao Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma, por me conceder a alegria de ser sua orientanda, pelo estímulo na busca de respostas aos questionamentos, tudo com muito bom humor, praticidade e gerido pelo espírito relex de ser.

À Prof. Dra. Núbia Frutuoso, Coordenadora Operacional DINTER/IFPE/UFSC, sempre muito hábil e paciente para com as necessidades e dúvidas durante os procedimentos burocráticos e deslocamentos.

A tod@s @s professor@s do DINTER-DICH, Luiz Fernando Scheibe, Teresa Kleba Lisboa, Joana Maria Pedro, Luzinete Simões Minella, Carmen Silvia Rial, Miriam Pillar Grossi, Alexandre Fernandez Vaz, Selvino Jose Assmann, Julia Silvia Guivant, João Eduardo Pinto Basto Lupi, Cristina Scheibe Wolff, Sandra Noemi Cucurullo Caponi, Eunice Sueli Nodari e Marcos Fábio Freire Montysuma, todos de uma forma ou de outra, eliminaram os obstáculos da construção da tese durante o percurso transcorrido entre 2011 e 2014. E também a equipe da secretaria do Programa DINTER-DICH, Elaine C. de Lima e Jerônimo Ayala.

À Prof. Dra. Mara Coelho de Souza Lago pela sensibilidade e zelo para com a leitura das minhas escritas, e o convite para participar das discussões nas disciplinas Seminários de Tese e Diálogos de Tese em Gênero, Psicologia e Ciências Humanas do grupo MARGENS – Modos de vida, Família e Relações de Gênero, às segundas-feiras pela manhã durante meu estágio doutoral. Ocasão em que tive a grande alegria de conhecer o olhar crítico-analítico dos psicólogos Ângela Margarida M. de Souza Melo, Camila Gastelumendi, Daniel Kerry, Jacqueline Vieira, Livia Monte, Paulo Sergio Rodrigues de Paula, Zuleica Pretto; e dos não-psicólogos, como eu, mas que sempre tiveram insights pertinentes Ane-Marie Leal e Pedro Magrini.

Aos seis cidadãos anglo-americanos que disponibilizaram tempo, boa vontade e memória para narrarem suas experiências e trajetórias de deslocamentos aqui descritas.

À Prof. Dra. Eunice Nodari pelo incentivo acadêmico e o empréstimo de sua maravilhosa biblioteca sobre migração, além de recomendações sempre sagazes.

À Prof. Dra. Glaucia Assis pelas recomendações sobre aprofundamento na pesquisa.

Aos professor@s membr@s da banca de defesa: Danielle Almeida, Carmen Rial, Eunice Nodari, Gláucia Assis, Jaqueline Zarbato, Marcos Montysuma e João Pedro Simões.



Ao Prof. Dr. Félix Augusto Rodrigues que sempre me incentivou a continuar meus estudos acadêmicos e também pelo apoio logístico à distância.

À Prof. Dra. Danielle Almeida pelas sugestões de leituras.

À Msc. Juliana Andrade, amiga e companheira solidária em todos os cafés-discursivos e momentos aprazíveis de relaxamento partilhados entre nós e nossos companheiros.

À Prof. Dra. Liane Schneider pelo incentivo e auxílio nos preâmbulos da pesquisa.

Fernando van Woensel, Carolina Costa e Carlos Alexandre Ataíde pelo descobrimento de matérias que também subsidiaram minha pesquisa. E

Elisa Toledo pelos pertinentes comentários.

Artis pela fofura e energia de sempre!



Mas pensar não é apenas a ameaça de enfrentar a alma no espelho: é sair para as varandas de si mesmo e olhar em torno, e quem sabe finalmente respirar.

(Lya Luft, 2004)



## RESUMO

A presente incursão investigativa traz à baila as percepções e os sentimentos envolvidos nas trajetórias de sujeitos anglo-americanos, que partem de seus países de origem para João Pessoa, Paraíba. Por ser uma pesquisa que atinge vários campos de conhecimentos, me valho da abordagem interdisciplinar para associá-los. Entrevistei, utilizando a técnica e a metodologia da História Oral, seis sujeitos, entre 35 e 70 anos, de Maio de 2012 a Novembro de 2013, acerca dos seus deslocamentos. Inspiro-me na Análise Crítico-Discursiva para investigar como determinadas escolhas lexicais, práticas discursivas e sociais auxiliam na compreensão das experiências sobre os deslocamentos. As temáticas que orientam o percurso analítico são: o local de fala; as percepções das sociedades de origem e lar; os processos decisórios e as motivações para a mudança; os elementos que promovem a fixação na cidade; a (des)construção das práticas sociais em meio aos processos de identificação e adaptação; as relações de alteridade e diversidade; a formação das díades conjugais entre estrangeiros e brasileiras; e os laços familiares. Nesse sentido, a mudança, embora, às vezes, apontada como obra do acaso, muito deve às necessidades pessoais de aventura daqueles que desejam desviar dos destinos sociais. Fuga às origens, busca pela satisfação pessoal e profissional, pela formação de uma família transcultural, o sonho de um lar próximo a praia, esses são alguns elementos do escapismo urbano e contemporâneo que, se a princípio parecia individual, aos poucos é delineado pelas relações conjugais e familiares, centrais para as mobilidades desses sujeitos.

**Palavras-chave:** Trajetórias de Vida. Anglo-americanos. Memórias. Discursos. Escapismo.



## ABSTRACT

This investigational research brings out the perceptions and feelings involved in the trajectories of Anglo-American men that leave their countries of origin for João Pessoa, Paraíba. Due to the fact that this study covers several fields of knowledge I make use of the interdisciplinary approach to bring them together. I interviewed, using Oral History's technique and methodology, six men, aged between 35-70 years old, from May 2012 to November 2013 about their moving. I take Critical Discourse Analysis as a theoretical source of inspiration aiming at investigating how the lexical choices, the discursive and social practices allow me to understand the experiences within their movements. The thematic elements which guide the analytic trail are: where you speak from; the perceptions of society of origin and home-society; the decision-making processes and the motivations for moving; the elements that encourage the fixation in the city; the (de)construction of social practices amidst identification and adaptation; the relationships of otherness and diversity; the coupling of foreign men and Brazilian women and consequent family ties. With that in mind, the moving, though sometimes pointed out as predestined by fate, owes much to the personal need for adventure in men who wish to deviate from their social destiny. An escape from origins, a search for personal and professional satisfaction, the constitution of a transcultural family, the dream of a home near the beach, these are some elements in the urban and contemporaneous escapism that may have seemed individual but proved to be outlined by marital and family relationships, key in the mobility of these men.

**Keywords:** Life Trajectories. Anglo-Americans. Memories. Discourses. Escapism.





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa localizando João Pessoa, na Paraíba, Brasil, América do Sul	26
Figura 2	Linha do tempo ilustrando as chegadas dos entrevistados ao Brasil	34
Figura 3	Mapa ilustrando as trajetórias entre os continentes	36
Figura 4	Linha do tempo ilustrando as trajetórias de Peter	44
Figura 5	Linha do tempo ilustrando as trajetórias de John	44
Figura 6	Linha do tempo ilustrando as trajetórias de Kevin	46
Figura 7	Linha do tempo ilustrando as trajetórias de Steve	47
Figura 8	Linha do tempo ilustrando as trajetórias de Robert	48



## LISTA DE ABREVIATURAS & SIGLAS

BBC	British Broadcasting Corporation
CD	Compact disc
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DVD	Digital Video Disc
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IRM	International Retirement Migration
MG	Minas Gerais
NT	Nota da tradutora
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RN	Rio Grande do Norte
RJ	Rio de Janeiro
RU	Reino Unido
SUV	Sports Utility Vehicle
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
ZEIS	Zonas Especiais de Interesse Social



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	25
As motivações para a pesquisa	31
Os marcos temporais da pesquisa	33
O oral e o escrito na pesquisa	34
Os objetivos	37
A agenda da entrevista	39
Cenas dos próximos capítulos	48
<b>CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A PESQUISA E A ANÁLISE</b>	
Interdisciplinaridade, ponte essencial na pesquisa social	51
História Oral e o dilema do ‘real’	52
Relação pesquisadora-entrevistados	57
Fontes	61
Memória	66
Local de pesquisa e o local de memória	73
História Oral e estudos de migração	81
Análise Crítica do Discurso	84
Conduzindo a pesquisa	90
<b>CAPÍTULO 2 – O PERAMBULAR HUMANO: SUBJETIVIDADES, IDENTIDADES CULTURAIS E MASCULINIDADES</b>	
Subjetividades	95
Identidades culturais e identificações	99
Masculinidades que cruzam fronteiras	112
O perambular humano	120
Localizando os termos sobre os deslocamentos humanos	126
Transnacionalismo	130
Migração internacional	136
Cosmopolitismo	142
Migração por estilo de vida	145
<b>CAPÍTULO 3 – MEMÓRIAS, ESPAÇOS E TRAJETÓRIAS QUE OS TRAZEM AO <i>BRAZIL</i></b>	
O passado de que falam	157
Perambulando pelas fronteiras	165
Decisão de mudar: na rota das afetividades	184
João Pessoa: “Uma jornada fantástica”	193
“Eu prefiro ficar aqui”	209
Conexões transculturais	226
Alguns comentários	233

## **CAPÍTULO 4 – VISÕES, PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS QUE OS LIGAM AO *BRAZIL***

Construindo visões da terra natal	237
“Eu sei o que as pessoas dizem coisas sobre o Brasil, mas ...”	245
Visões do outro brasileiro	260
Visões do outro estrangeiro	266
Encontro de culturas: língua e vivência no cenário da adaptação	279
“Depois me casei, entrei nesse mundo brasileiro”	293
“Minha esposa tem uma família enorme”	307
Reflexões sobre as identidades culturais	319
Alguns comentários	329
<b>CONCLUSÃO</b>	331
<b>REFERÊNCIAS</b>	345
<b>APÊNDICE A</b> – Roteiro da Primeira Entrevista (Português)	367
<b>APÊNDICE B</b> – Roteiro da Primeira Entrevista (Inglês)	368
<b>APÊNDICE C</b> – Roteiro da Segunda Entrevista (Português)	369
<b>APÊNDICE D</b> – Roteiro da Segunda Entrevista (Inglês)	371



## APRESENTAÇÃO

---

---

João Pessoa sonha  
Com o seu verde colorindo o azul do mar  
E a cidade velha já se acorda  
Com seu canto secular  
(Mestre Fuba, 1987)

---

---





## APRESENTAÇÃO

Nesta tese discuto as memórias sobre as trajetórias de seis sujeitos anglo-americanos que fixaram residência na cidade de João Pessoa em um período de 30 anos (desde 1969 até 2009). Para tanto, nesta parte inicial, adoto a seguinte sequência: explanação das motivações para a pesquisa; elaboração da caracterização sobre a cidade na qual residem os entrevistados; estabelecimento dos marcos temporais da pesquisa; exposição das fontes utilizadas e que subsidiam a investigação; identificação dos objetivos; breve caracterização dos sujeitos, apoiada pelo detalhamento e pelo registro da ocasião de cada entrevista individualmente, visando fornecer um panorama do momento de gravação, isto é, do contexto situacional em que o trabalho empírico foi realizado; aliada à caracterização, concebo uma linha do tempo, que ilustra os deslocamentos, tanto no âmbito geral da primeira chegada ao Brasil, quanto individual, apontando os anos de trânsitos dos sujeitos.

Sabendo que o escopo da pesquisa parte desta localidade, apresento uma concisa descrição da ‘cidade onde sol nasce primeiro’, como é conhecida. Ainda que tal noção esteja arraigada na cultura local da população *pessoense*, na propaganda turística local e, sendo levada com aqueles que a visitam, astronomicamente, não é lá que o sol nasce primeiro todos os dias do ano. Por estar localizada em João Pessoa, a praia da Ponta dos Seixas é considerada o ponto mais oriental das Américas, na porção leste do estado, tanto em relação aos demais estados do Brasil, quanto ao continente sul-americano, criando a fantasia de que lá o sol nasceria primeiro sempre. Tal fato, não invalida nem a possibilidade de que o sol nasce primeiro em alguns dias do ano, e nem o romantismo da asserção local<sup>1</sup>.

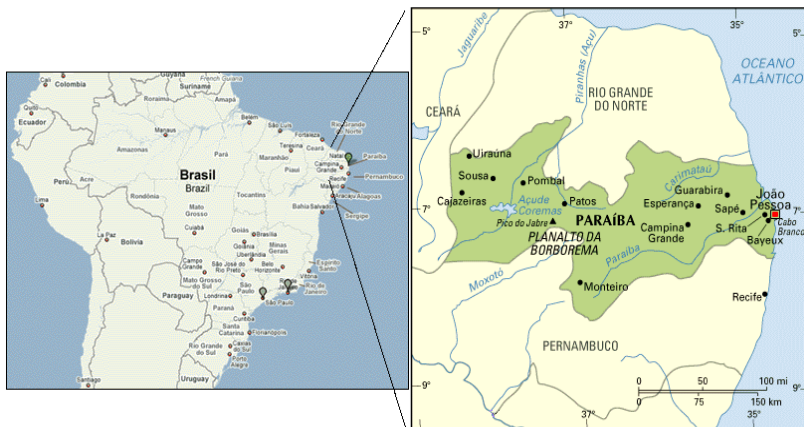
João Pessoa é a terceira cidade mais antiga brasileira, já foi Nossa Senhora das Neves, quando da sua fundação em 1585, Felipéia (com a ocupação espanhola), Frederícia (ou Frederikstadt, com a ocupação holandesa de 1634) e Paraíba do Norte, até chegar ao nome atual em 1930, uma homenagem ao presidente do Estado à época, assassinado na cidade de Recife, Pernambuco. Localiza-se no nordeste do Brasil, na costa leste, entre os estados de Pernambuco, ao sul, Rio Grande do Norte, ao norte, e Ceará, a oeste, como mostra o destaque em

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em: <http://escalonamento.tripod.com/ondeosolnasce/>. Acesso em: 15 mai. 2013.

verde – para o estado – e vermelho – para a cidade – no mapa<sup>2</sup> abaixo (Figura 1):

Figura 1 Mapa localizando João Pessoa, na Paraíba, Brasil, América do Sul.



Os versos selecionados para abrir esta seção fazem parte do hino, composto em 1987, por Flávio Eduardo Maroja Ribeiro, o Mestre Fuba, compositor paraibano, intérprete de artistas nacionais e escritor, para o evento anual de Carnaval denominado ‘Muriçocas do Miramar’, um bloco, oficializado pelo Governo do Estado como Patrimônio Cultural e Imaterial da Paraíba, que sai na quarta-feira anterior ao início do Carnaval, denominada pelo compositor como a ‘quarta-feira de fogo’ em oposição à ‘quarta-feira de cinzas’<sup>3</sup>.

O trecho não é o hino oficial da cidade de João Pessoa, contudo reflete duas das características, em minha opinião, mais marcantes da cidade: o verde proveniente da grande concentração de matas e o azul do mar. Particularidades, igualmente, marcadas nos discursos de pessoas, nascidas em outros locais, que escolheram a cidade como seu domicílio.

Em um estudo promovido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2004), João Pessoa figurou entre os municípios com menor crescimento demográfico – entre 1,5% e 3% ao ano no período

<sup>2</sup> Mapa disponível em: <<http://www.de.ufpb.br/~flins2014/imagens/paraiba-mapa.gi>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

<sup>3</sup> Informações obtidas através da página oficial do bloco carnavalesco. Disponível em: <<http://www.muricocas.com.br/historia.html>>. Acesso em: 23 mai. 2013.

de 1991/2000 –, mas tal fato não deteve – e nem detém – aqueles que desejam para lá mudar. No Censo Demográfico de 2010, a cidade aparece com uma população de 723.515 habitantes <sup>4</sup> (predominantemente urbana e de mulheres – 385.732 se comparado aos 337.783 homens), destaco alguns números relevantes para o estudo que promovo: 1364 são estrangeiros, dos quais 909 são homens, 455 mulheres; deste total apenas 212 são naturalizados brasileiros.

Aldaíza Sposati (2009, p. 38) elaborou um trabalho sobre a cidade de João Pessoa, no qual ela mostra que a topografia social organizou-se a partir da área denominada colina central, “onde a nucleação da ocupação do território teve início”, isto é, no antigo centro da cidade, hoje conhecido por Varadouro, uma região de pequenos morros e ladeiras e que beira o estuário do Rio Sanhauá. A partir daí, a cidade começou a expandir-se e as demais regiões foram ocupadas de acordo com a propensão que cada bairro ou região oferece.

Se existem centros universitários, então os bairros no entorno destes possuem grande concentração populacional, principalmente dos sujeitos que os frequentam, estudantes, funcionários, professores, para citar alguns. Na área litorânea, o interesse populacional é pela oportunidade de lazer que a praia pode proporcionar, para citar um exemplo do que a cidade põe em perspectiva como ‘elemento de atração’. O turismo é um dos fenômenos sociais que ajuda a explicar a relação entre a cidade e seus elementos atrativos, pelo menos os iniciais.

O jornal estadual Correio da Paraíba (FLUXO..., 2013), reportou que o estado teve um aumento de 5,03% no turismo em relação ao período de maio de 2012, e a cidade de João Pessoa, por sua vez, acompanhou o crescimento do fluxo turístico em 5,61%, com um total de 80.024 visitantes. O mesmo jornal aponta que “o clima tropical e as belezas naturais de João Pessoa têm atraído cada vez mais os turistas” (TURISMO..., 2013), além é claro da hospitalidade dos moradores e dos 138 quilômetros de extensão em praias. Recentemente, foi inaugurado um centro de línguas estrangeiras que busca capacitar linguisticamente alunos da rede municipal e profissionais da área turística em inglês e espanhol (PREFEITURA..., 2013).

---

<sup>4</sup> Com população estimada em 769.607 habitantes em 2013. Informações obtidas através da página do IBGE com base no censo demográfico 2010, considerando as informações estatísticas sobre a amostra de migração. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250750>>.

Acesso em: 23 mai. 2013.

Ainda no campo educacional, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB..., 2013) foi, no ano de 2013, a nona universidade no ranking dos investimentos governamentais mais altos do país. Com o advento dos inúmeros programas de intercâmbio, não somente de alunos, como de professores, a universidade torna-se um polo de atração e, conseqüentemente, de circulação de estrangeiros interessados em vir ao país. Apesar do crescente número de convênios internacionais, a vinda de cidadãos de outra nacionalidade por esse sistema não representa uma novidade e ocorreu com Gary<sup>5</sup>, no final da década de 70: [... ] a senhora do Rio de Janeiro, que era uma amiga, sabia que na universidade aqui, a *Universidade Federal da Paraíba*, na época o reitor era Linaldo Cavalcanti, uma pessoa muito dinâmica, ele estava inaugurando 32 ou 33 cursos de mestrado e para formar o curso ele estava contratando vários professores. (GARY, 2012)<sup>6</sup>

A vinda para a cidade é articulada, simultaneamente, pela necessidade que o país tem em capacitar os estudantes, e por intermédio do capital social de que Gary dispunha, o qual permite-lhe saber desta necessidade e para cá deslocar-se. Conexões estabelecidas com base na nacionalidade e formação profissional do sujeito são vistas como uma fonte segura, tanto para aquele que vem, quanto para a instituição que o recebe já que esta, *a priori*, vai dispor de mão de obra qualificada e que preenche uma necessidade da qual o país carece.

No entorno de João Pessoa, o Porto de Cabedelo, situado em município homônimo, é apontado pela Câmara Americana do Comércio como possuidor de uma localização estratégica e, atualmente, comparado aos grandes polos portuários de Recife (PE) e Natal (RN) (PORTO..., 2013). O porto também tem sido alvo de cruzeiros marítimos e, para tanto, conta com um futuro investimento que oportunizará a construção de um terminal de passageiros (CABEDELLO..., 2013).

Nesse sentido, a cidade, e seu entorno, vem passando por um

---

<sup>5</sup> Nota da tradutora (NT): os excertos aqui reproduzidos, em formato de citações, foram por mim traduzidos a partir dos textos originais.

<sup>6</sup> [...] the lady from Rio de Janeiro, who was a friend of mine, knew about the university here, the *Universidade Federal da Paraíba*, at the time the *Reitor* was Linaldo Cavalcanti, a very dynamic person, he was inaugurating 32 or 33 *Cursos de Mestrado* and in order to get faculty he was contracting a lot of professors [...] (GARY, 2012)

leve processo de internacionalização que, tem na Copa do Mundo de 2014 uma aliada, por exemplo, quanto a capacitação em línguas estrangeiras, e no campo da sinalização de trânsito, pois estará recebendo placas turísticas bilíngues (JOÃO..., 2013). Saskia Sassen (2005), em pesquisas sobre grandes cidades urbanas, ou “cidades globais”, ressalta que podem existir cidades de menor porte, mas que exercem as mesmas funções que as cidades globais. Seriam cidades em que processos de internacionalização e globalização se tornaram corriqueiros e operacionalizam relações econômicas, políticas, culturais e subjetivas. Seriam as chamadas ‘mini’ cidades globais (SASSEN, 2003), onde operações e estratégias políticas, econômicas, culturais, subjetivas e relacionais são postas em práticas com o intuito de facilitar a adaptação, a documentação e a sobrevivência dos sujeitos imigrantes, para citar alguns exemplos.

Buscando traçar um paralelo ao que a autora cita, observo que João Pessoa é uma cidade pequena, mas com traços econômicos e educacionais, para citar alguns, que a conectam ao panorama global, tornando-a, de forma sutil, uma ‘mini cidade cosmopolita’, ainda que em diferentes proporções, se comparada as suas vizinhas Recife e Natal. Considero-a uma ‘mini cidade cosmopolita’ pois ela incorpora as características de uma “mini cidade global” (SASSEN, 2003) mas sem perder sua identidade de cidade, preservando sua cultura e interesses culturais. O que seria, nas palavras de Durval Muniz de Albuquerque Junior (CAMPOS, 2009) “a nordestinidade”, isto é, a manutenção de características artesanais, políticas, folclóricas, linguísticas, gestuais, dentre outras muitas que promovem a ‘manutenção’ da ‘cultura da região’. Um exemplo do gerenciamento e manutenção da identidade cultural local são os ‘salões de artesão’ (ATOR..., 2013) que ocorrem anualmente na cidade e dão grande ênfase à produção cultural e artesanal da região. Outro exemplo pode ser visualizado na participação – e premiação – de estudantes (ESTUDANTES..., 2014) em eventos internacionais e posterior troca de conhecimentos.

Mas nem somente de política, contemporaneidade e tecnologia são feitas as conexões de João Pessoa ao cenário, que considero, cosmopolita. A herança cultural dos colonizadores é destacada como um elemento marcante e que aproxima a cidade do cenário europeu, fato destacado por Kevin ao relatar como sentiu-se ao chegar à cidade, após ter estado no continente europeu e em outros estados brasileiros:

[...] bem, eu tenho que dizer que a primeira vez que vim para João Pessoa foi como amor à

primeira vista porque eu me apaixonei imediatamente por João Pessoa porque como eu estava morando em Portugal eu achava que havia várias coisas em comum com Portugal e quando eu vivi em Goiás, em Anápolis, as coisas eram um pouco diferentes, [...] o que a [João Pessoa] aproxima de Portugal, e também tem muito mais tradição aqui, no sentido de ser uma cidade antiga, é uma das mais antigas do Brasil e isso dá-lhe muita personalidade. [...] Você tem essa cidade onde você pode comprar o que precisa, mas ao mesmo tempo, não é tão grande que te engole. (KEVIN, 2012)<sup>7</sup>

Harmonizo a lembrança sobre a chegada à cidade de João Pessoa à imagem da cidade e à perspectiva a respeito da adaptação como outros potenciais insights relevantes para esta pesquisa e que podem auxiliar na compreensão da motivação para a mudança dos entrevistados de seus países para o Brasil. É a característica de ‘mini cidade cosmopolita’ com heranças tradicionais europeias que atraem europeus, não-europeus, enfim, uma pletera de sujeitos que não são naturais da localidade, mas que a conhecem e desejam tomá-la como lar. Falar sobre o conhecimento histórico acerca da cidade em relação ao patrimônio cultural nacional e que confere personalidade corporificam sentimentos que a marcam física e intelectualmente. A cidade torna-se uma pessoa com destaques marcantes e que suscitam a aproximação com o sujeito. É uma cidade pequena, mas que possibilita recursos de conforto que outras cidades brasileiras, localizadas na porção central do país, não poderiam, pois além de não estabelecerem laços de afinidade com locais que ele apreciava, o deixariam isolado.

Apresento agora as razões dessa incursão investigativa sobre os deslocamentos de homens anglo-americanos para a cidade.

---

<sup>7</sup> [...] well, I have to say that the first time that I came to João Pessoa it was like love at first sight because I felt immediately in love with João Pessoa because as I was living in Portugal I found that there were a lot of things in common with Portugal and when I lived in Goiás, in Anápolis, things were quite a bit different, [...] which is about closer to Portugal, and also there is a lot more tradition here in the sense of it's an old city, it's one of the oldest cities in Brazil, and it gives it a lot of character. [...] You have this city where you can buy what you need, but at the same time, it's not too big that it sort of swallows you up. (KEVIN, 2012)

## AS MOTIVAÇÕES PARA A PESQUISA

O estímulo para realizar essa pesquisa advém do desejo de compreender as motivações individuais que levam as pessoas, de um modo geral, a mudar, por exemplo, de um país para outro. Afinal, os deslocamentos internacionais detêm variadas características e complexidades que necessitam um olhar tenaz para desvendar as razões a eles intrínsecas.

A escolha por homens como sujeitos não é contingente. Sou casada com um estadunidense que, muito em breve, estará se deslocando para a minha cidade. Enquanto critério demarcador de escolha, os selecionei do ponto de vista acadêmico para compreender, dentre suas vivências, o que os traz à cidade de João Pessoa. Os sujeitos estadunidenses e ingleses compartilham do mesmo espaço geográfico de origem: um país falante da língua anglo-saxônica, além da decisão de imigrar para o Brasil e, futuramente, para a cidade de João Pessoa, assim despertando uma curiosidade no meu olhar sobre as motivações intrínsecas e extrínsecas desses imigrantes contemporâneos.

Entendo por motivações intrínsecas as ações, reações, justificativas e motivos apresentados por eles para migrar. Motivos estes que são inerentes a eles e não necessitam de elementos externos, para alavancar suas decisões, muito embora eles possam existir. Por motivações extrínsecas considero fatores econômicos, ambientais, religiosos, dentre outros, que auxiliam nas decisões, mas que não partem de dentro do sujeito e sim os influenciam.

Durante muito tempo, historiadores estadunidenses e ingleses escreveram sobre movimentos migratórios como se os Estados Unidos e a Inglaterra fossem os únicos focos de deslocamentos. São quadros teóricos fundamentados em motivações regidas pela economia – local, regional, nacional ou internacional –, e conexões entre sociedades de envio e de recebimento, além de redes estratégicas de relações estruturais familiares e domésticas de apoio aos migrantes. Esses quadros deixam lacunas na literatura sobre outras questões relevantes aos deslocamentos humanos. Questiono-me se existiriam outras motivações vibráveis além dessas. As socializações realizadas pelos sujeitos em meio aos trajetos percorridos até o local em que se estabelecem, poderiam compor uma dessas lacunas a serem preenchidas. A resposta ao cerne do problema viria por meio da minha primeira experiência com entrevistas com sujeitos anglo-americanos, através da metodologia da História Oral, no mês de maio de 2012.

Cheguei até os sujeitos ora por aproximação, em decorrência do campo de trabalho, ou de estudo, ora por recomendação de amigos que tomaram conhecimento da minha pesquisa e me indicaram seus conhecidos. Ressalto que são professores de Inglês, por formação ou por opção, que saem de países, econômica e culturalmente influentes, para o Brasil, considerado atualmente em desenvolvimento. Suas motivações, frustrações, percepções da vida na *Terra Brasilis*, entre outros elementos, são importantes na composição do panorama daquele que se movimenta de um ponto a outro no globo com a intenção de fixar-se.

Dialogo aqui, com a perspectiva acerca de um deslocamento focado no bem-estar do sujeito e da sua família. São pessoas que encontraram sentido em viver na cidade de João Pessoa e, por isso, fixaram-se lá.

Nesse sentido, promovo uma pesquisa que desloca a noção de movimento sul-norte, por exemplo, no contexto dos EUA, de busca de melhores condições de vida, o tão conhecido ‘sonho americano’, vivido por muitos sul-americanos que partem para a América do Norte, para citar como um exemplo. Aqui, saindo do panorama estadunidense e eurocêntrico para o brasileiro, o movimento é norte-sul, configurando a busca de melhor qualidade de vida, já que são sujeitos que não desejam levar vidas estressantes nas metrópoles de origem, aliados a um desejo, quase idílico, de vida no, suposto, ‘paraíso tropical’.

Não obliero o fato de que ao citar o inglês, tenho em mente que o Reino Unido é composto de quatro nações – a galesa, a escocesa, o irlandês e o inglês – e cada uma possui diferenças entre si. Utilizarei termos como inglês, bretão e ‘inglesidade’, pois os sujeitos são, de fato, de regiões que estão na Inglaterra, a saber: Blackburn (Steve), Windsor (John), Londres (Robert) e Prestwood (Peter).

A temática de investigação é academicamente relevante para pesquisas sobre deslocamentos de homens anglo-americanos para a região nordeste brasileira, homens cujo objetivo principal orbita a sensação de bem-estar. Até o presente momento não encontrei esse tipo de discussão na literatura. Dada essa circunstância, me lanço nesta pesquisa situada no campo interdisciplinar e que aproxima diferentes áreas, resultando em uma compreensão dinâmica e atual das nuances subjetivas, expressas nos processos de escolha e decisão dos sujeitos.

A seguir, apresento os marcos temporais que cercam o estudo e auxiliam a aplicação do conhecimento.



## OS MARCOS TEMPORAIS DA PESQUISA

Realizei oito encontros no total, durante os quais tive oportunidade de entrevistar os sujeitos e colocar em prática as minhas – até então inexistentes – habilidades de entrevistadora. Inicialmente foram cinco sujeitos: John e Peter durante o mês de maio de 2012; Kevin e Gary durante o mês de agosto de 2012; e em outubro de 2012 Steve. Após o exame de qualificação foi recomendada uma nova rodada de entrevistas, para as quais apenas dois dos cinco inicialmente contatados mostraram-se disponíveis – Peter e Steve –, e as entrevistas foram realizadas em setembro de 2013. Nesse momento tive a oportunidade de contatar um sexto sujeito, Robert, no mês de setembro de 2013.

A pedido de um deles e buscando trazer uniformidade à pesquisa, seus nomes, de familiares e amigos, caso tenham surgido durante a entrevista, foram alterados para que fossem mantidas as identidades em sigilo.

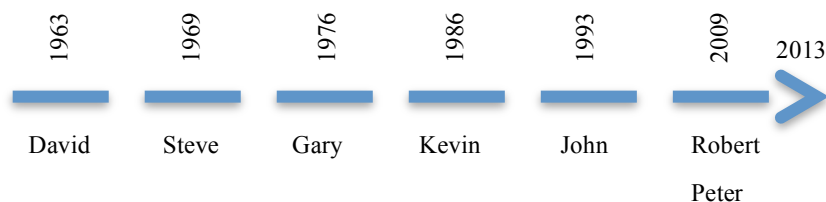
É importante destacar que os sujeitos que entrevistei não fazem parte de uma ‘onda migratória’, na qual vários indivíduos deslocam-se em grupo para uma determinada localidade. Ao contrário, vieram em décadas e momentos diferentes, tanto ao que diz respeito às faixas etárias, quanto ao momento em suas carreiras. Nem todos vieram sem escalas para a cidade e, muitos, tiveram experiências com outras localidades, como se estas exercessem a função de paradas intermediárias que, eventualmente, os guiarão até João Pessoa.

Com o objetivo de ilustrar os diferentes espaços de tempo de suas chegadas apresento uma linha do tempo (Figura 2), onde são indicados os anos e os nomes, respectivamente, em que eles completaram suas viagens chegando até João Pessoa. Desta forma, o período de análise das memórias sobre as trajetórias compreende o espaço de tempo de 40 anos, entre os anos de 1969, com a chegada de Steve no final da década de 60 do século XX, e o ano de 2009, com o segundo deslocamento, e fixação, de Peter no final da primeira década do século XXI.

Registro na linha do tempo apenas os anos que os entrevistados marcaram, discursivamente, como a data de mudança definitiva para o Brasil, muito embora quase todos tenham se deslocado, entre idas e vindas, com exceção de Gary que desde o ano de 1976 manteve-se em João Pessoa. Os intervalos de permanência, momentos de migração e

maiores detalhes sobre suas idas, paradas intermediárias e chegadas serão abordados nos Capítulos Dois, Três e Quatro.

Figura 2 Linha do tempo ilustrando as chegadas dos entrevistados ao Brasil



Passo agora a descrição da materialidade das fontes, bases enriquecedoras de conhecimento e investigação epistemológica.

## O ORAL E O ESCRITO NA PESQUISA

Os sujeitos entrevistados para esta pesquisa são ingleses – John, Peter, Steve e Robert – e estadunidenses – Kevin e Gary. Utilizo, também, como referência a entrevista de Andrew Barlow concedida ao Jornal Correio da Paraíba (30 jun. 2013), sobre seu pai, David Barlow<sup>8</sup>, e a relação com a Cultura Inglesa na cidade de João Pessoa.

Á época da entrevista a distribuição etária era a seguinte: Gary com 70 anos, pois havia sido aposentado compulsoriamente pela universidade, onde trabalhava apesar de continuar ministrando aulas como professor convidado; Steve com 67 anos; John com 61 anos; Robert com 47 anos e Peter com 38 anos. Infelizmente, como não tive a oportunidade de uma segunda entrevista com Kevin, não disponho das informações sobre sua idade. David Barlow encontra-se em faixa etária acima dos 80 anos.

Registrado como ocupação profissional, os sujeitos exercem, ou já exerceram, pois estão aposentados, o ofício de professores de Inglês em escolas privadas de língua; instituições governamentais provenientes dos países de origem, especializadas em oportunidades educacionais e relações culturais entre a sociedade de origem e a de destino; ou instituições federais nacionais de graduação e pós-graduação. A

<sup>8</sup> Para fins de referência, estarei utilizando (Barlow, 2013), quando fizer citações que tomam o texto dessa entrevista como fonte.

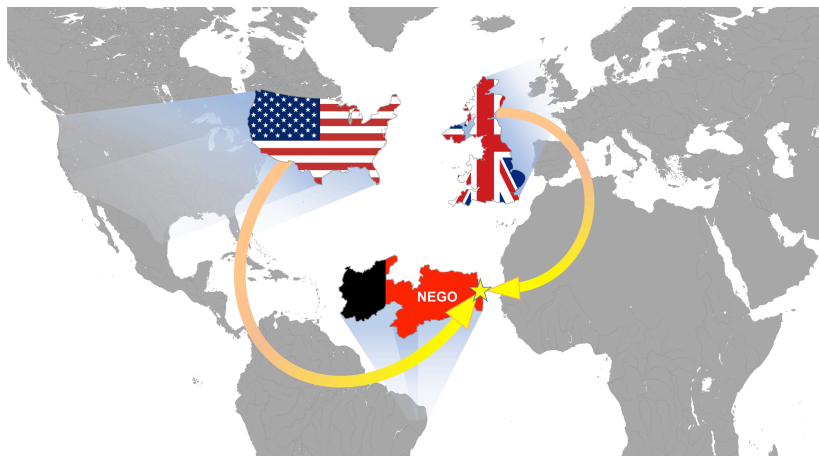
atividade de lecionar inglês não está necessariamente relacionada à formação profissional dos sujeitos, uma vez que alguns não são graduados em Letras ou possuem cursos de magistério.

Eles compartilham de outras semelhanças, a saber: possuem a mesma língua materna – o inglês – apesar das diferenças linguísticas relativas a sotaque, vocabulário, ritmo, que marcam as duas variantes, o inglês do Reino Unido, que por si só já possui variadas pronúncias – advindas do irlandês, escocês, galês, sem mencionar as variações linguísticas internas a cada país – e o inglês estadunidense, que por sua vez, dispõe de variações linguísticas regionais. São casados com cidadãs brasileiras e possuem entre um e dois filhos, entre os grupos etários de crianças, adolescentes ou adultos. São, em sua maioria, moradores da Zona Leste da cidade, bairros onde o espaço urbano beira o mar, ou localizam-se próximos as praias do Cabo Branco, de Tambaú, do Manaíra, do Bessa e Intermares, no município de Cabedelo e parte integrante da Grande João Pessoa. Áreas consideradas relativamente nobres, não somente no senso comum, como pela especulação imobiliária.

Nestes bairros, a relação sócio-espacial e socioeconômica reflete a diversidade, elemento visível na malha urbana, onde edifícios com mais de vinte pavimentos e tecnologias distintas têm, simultaneamente, vista para o mar e, por vezes, vista para as zonas de interesses sociais (ZEIs), onde a eletricidade e o saneamento básico são insuficientes e a infraestrutura é muito precária. Apesar das diferenças, são espaços urbanos que atraem fluxos populacionais habitacionais, em decorrência da proximidade com o centro da cidade, vias urbanas de fácil acesso e atrações turísticas, como áreas de lazer e compras.

No que tange seus deslocamentos, muitos desses homens saíram de centros urbanos, pequenas cidades, vilarejos ou do meio rural em seus países de origem e migraram para a cidade de João Pessoa. O mapa (Figura 3) a seguir ilustra a movimentação que segue o fluxo Norte-Sul de deslocamentos, isto é, dos Estados Unidos e do Reino Unido para o Brasil:

Figura 3 Mapa ilustrando as trajetórias entre os continentes.



Cortesia de Brian Jay Ouverney-King, 2013.

Com o objetivo de estabelecer um diálogo entre a análise das entrevistas, na mesma proporção que fontes orais, e o mundo exterior à minha pesquisa, trago à baila do cenário *pessoense*, o panorama midiático, este, por sua vez, alimentado por jornais impressos e virtuais. Outras fontes escritas, como mapas e matérias também aparecem ao longo desta explanação acadêmica. Enquanto fonte complementar de pesquisa, as fontes impressas, seja na forma física ou virtual, dialogam com a problemática pesquisada no sentido de ampliar o conhecimento sobre as situações abordadas, além de enriquecê-las.

Os mapas são convenientes para apresentar, visual e geograficamente, a localização da cidade e ilustrar as trajetórias de deslocamentos dos sujeitos advindos do continente norte-americano e europeu para o sul-americano, mais precisamente para a cidade de João Pessoa, no litoral paraibano. As matérias jornalísticas servem no subsídio da descrição da cidade para além da composição populacional e da imagem da ‘terra do sol’, demonstrando como a localidade conecta-se ao panorama internacional de turismo, investimentos e polo de atração estrangeira.

Utilizei o *site* de pesquisa Google o que permitiu visualizar matérias de grupos midiáticos com extensão internacional, como o G1 e a revista *The Economist*, estes trouxeram conteúdos sobre a cidade no

panorama nacional e global, respectivamente. Além disso, servi-me do mecanismo de busca do Jornal Correio da Paraíba para selecionar matérias que trouxessem João Pessoa por João Pessoa, isto é, a cidade refletida no cenário de investimentos estrangeiros, imobiliários e na área do turismo e escrita por jornalistas locais, ou que, aqui encontram-se. Escolhi matérias recentes, entre fevereiro e agosto de 2013, com o objetivo de demonstrar a situação atual da cidade, já que muitas das matérias selecionadas traçam um panorama da localidade considerando os anos anteriores.

Em meu percurso discursivo vou valer-me das expressões ‘sociedade de origem’ e ‘sociedade-lar’. A primeira para indicar o local de partida do sujeito e, ainda que tenham ocorrido inúmeras partidas, vou considerar a sociedade de origem como o lugar de nascimento. A segunda, por outro lado, representa o local onde o sujeito se estabelece, onde cria vínculos e seu núcleo familiar, nesse caso, representada pelo Brasil.

Prossigo agora apontando os objetivos da pesquisa.

## **OS OBJETIVOS**

Essa pesquisa reflete a visão interdisciplinar de abordagem e problemas, como um esforço em promover a visibilidade da diversidade contida nas subjetividades dos entrevistados, através de uma ação que possa compreender no foro mais íntimo dos sujeitos, razões que os movem em suas decisões.

Este não é um trabalho de amostragem e sim uma pesquisa que apresenta as singularidades nas trajetórias dos deslocamentos dos sujeitos anglo-americanos. Através da análise das entrevistas e das anotações que realizei em meu caderninho, sobre a dinâmica das entrevistas, lanço mão da História Oral como recurso metodológico. Inspiro-me na Análise Crítica do Discurso para investigar os dispositivos linguísticos utilizados pelos entrevistados em suas narrativas, sobre o que recordam acerca dos deslocamentos, e que podem revelar suas características subjetivas, além de apontar as motivações intrínsecas e extrínsecas que trouxeram esses cidadãos para a cidade. Faço isso recorrendo a duas indagações: (i) você poderia contar-me a história da sua mudança para o Brasil? E (ii) você poderia descrever como foi sua adaptação ao Brasil?

Outras perguntas também surgiram no decorrer da conversa e como cada entrevista é singular, as perguntas variavam de ocasião para

ocasião. O roteiro básico gira em torno de categorias como: estado civil; idade; ocupação; formação familiar no Brasil e no exterior; e a frequência de visita e contato com os familiares no exterior; descrição da cidade onde nasceu ou viveu a maior parte do tempo; visões de Brasil e da cidade de João Pessoa; se mantém uma rotina de atualização sobre o país de origem e sobre o Brasil; se frequenta grupos da mesma nacionalidade ou de estrangeiros; se sente falta de algo do país de origem; se gostaria de acrescentar algo que não tenha sido mencionado. A lista com o roteiro de perguntas encontra-se no Apêndice.

A partir dessas reflexividades, destaco a questão capitular e objetivo geral: quais características subjetivas são reveladas no discurso dos sujeitos anglo-americanos em relação aos deslocamentos. Diante disso, desenvolvo meus objetivos específicos para:

- a. identificar as percepções e os sentimentos presentes nas práticas discursivas sobre as memórias dos sujeitos, revelando as particularidades que os fazem escolher João Pessoa e lá se fixarem;
- b. identificar nas práticas sociais discursivas as visões sobre o país de origem, sobre o Brasil, sobre o Nordeste brasileiro, sobre os/as brasileiros/as e como estas são ressignificadas pelos sujeitos;
- c. utilizar as práticas discursivas para pensar/refletir sobre as relações com o outro – estrangeiro e brasileiro;
- d. observar as estratégias de adaptação com atenção as micro-estratégias culturais no estabelecimento da busca de segurança, condições melhores de vida, entre outras categorias;
- e. analisar as representações de masculinidades, conjugalidades, afetos e relações de gênero e familiares refletidas nos discursos dos sujeitos.

Descrevo, brevemente, o que Alessandro Portelli (2001, p. 20) denomina de “agenda da entrevista”. Conceito que reflete sobre os procedimentos desenvolvidos não somente no momento pré-entrevista, como as ações relacionadas à marcação do encontro dialógico, além das minhas percepções iniciais. São informações que foram anotadas no meu caderninho sobre cada momento ocorrido. Em seguida, faço uma

aplicação prática do conceito reproduzindo um panorama individual de cada entrevista que realizei.

## **A AGENDA DA ENTREVISTA**

Durante o procedimento entrevista ocorre a criação de um texto, em conjunto, produzido pela relação entre entrevistado e entrevistador, que tem como produto o ato social, segundo Virginia Yans-Maclaughlin (1990). É uma situação hermenêutica, pois vários contextos são trazidos à baila possibilitando uma visão mais ampla da situação em questão.

Portelli (2001, p. 20-1) esclarece que a agenda da entrevista é o que determina o formato que a entrevista vai seguir, quais assuntos serão elencados, incluindo “[...] a ordem cronológica, os temas relevantes (trabalho, política), a interação do individual com a sociedade”. Além disso, a agenda não é somente constituída pela pesquisadora, mas pelo entrevistado que traz para o diálogo sua própria iniciativa, a qual não precisa ser, necessariamente, na forma de perguntas feitas à pesquisadora e nem no formato clássico de uma agenda. Vem daí a situação do entrevistado mencionar questões que não foram perguntadas pelo entrevistador.

Poderia dizer que a agenda do entrevistado estaria refletida nos detalhes que não respondem a uma pergunta feita, no local onde a entrevista é corporificada, nos assuntos que aparecem no decorrer da conversa que, talvez, não digam respeito ao tema central, mas que, por muitas vezes, revelam minúcias, destacam nuances acerca das subjetividades do entrevistado, especialmente, porque são detalhes revelados de forma inconsciente, mas, acima de tudo, naturalmente. Enfim, a agenda da entrevista toma como base as impressões geradas a partir dos contatos primevos.

Para todas as entrevistas realizadas adotei o seguinte procedimento padrão: ao fazer o primeiro contato, informava aos entrevistados – e todos com quem estabeleci contato estão aqui listados –, de que a entrevista seria gravada com dispositivo de áudio mediante a declaração de aceite deles, expressa no início da gravação. Além disso, informava-lhes sobre a transcrição e envio via *e-mail*, para a apreciação e aceitação – ou não –, do material transcrito. Alertei que, se houvesse necessidade de mudanças, eles estivessem à vontade para sugerir as alterações. Não estabeleci prazos para que respondessem ao *e-mail* da transcrição, mas todos responderam dentro de uma semana.

Dos seis entrevistados somente John, Peter e Gary solicitaram modificações. John as realizou fazendo anotações no arquivo tipo *Word*, o qual enviou-me via correio eletrônico. Peter utilizou as ferramentas do *Word* para destacar os nomes que não poderiam ser revelados. Gary, em decorrência da sua experiência formal mais voltada para o universo da academia, solicitou-me uma reunião na universidade, para apontar as modificações recomendadas.

As modificações sugeridas não foram, em momento algum, de teor conteudístico, elas não remetiam a mudanças no que eles haviam afirmado sobre suas trajetórias ou qualquer outro assunto, eram alterações depositadas exclusivamente na esfera gramatical ou ortográfica. Geralmente reportavam-se à ausências de pontuação, à repetição de vocábulos, à grafia e aos erro de digitação que, invariavelmente, eram referentes ora a nome de pessoas, ora a locais. Um indicativo de os sujeitos desejam que suas narrativas estivessem o mais próximo possível do sentido enunciado.

Durante o decurso das entrevistas procurei não interromper os entrevistados. Mantive a interação dialógica sempre que o entrevistado buscava contato, ora através do olhar, ora através de recursos verbais como os marcadores discursivos que imprimem o desejo de confirmação de uma informação, ainda que de forma retórica, a saber: “umhum”, “sim”, “entendo”.

Devido ao espaço coloquial, por vezes, os entrevistados recorriam a anedotas, ou algum aspecto curioso, ou uma história engraçada durante a narrativa, para os quais minha resposta imediata seria um sorriso ou uma gargalhada, quando necessário, e sempre buscando acompanhá-los naturalmente em suas linhas de raciocínio. No mais, confiei nos meus instintos dialógicos e interativos de professora para atribuir ao ato de entrevistar uma situação de tranquilidade, naturalidade e bem-estar, não somente o físico quanto o interacional.

No momento pré-análise, transcrevi as entrevistas integralmente, o que oportunizou as primeiras observações analíticas. Com o intuito de manter a fidedignidade das narrativas procurei conservar os excertos no original, fato que permite assinalar os casos de transferência linguística com mais precisão.

Ciente de que a compreensão da língua inglesa pode representar um obstáculo à leitura, utilizo o recurso da nota de rodapé para oferecer a tradução dos excertos originais, quando estes forem em inglês, buscando melhor aliar a teoria à prática de pesquisa. Quando necessário, faço pequenas inserções entre [colchetes], com o intuito de clarificar



quaisquer expressões utilizadas pelos entrevistados ou ausências vocabulares.

Não apresento as transcrições completas, por uma questão de respeito ao acordo estabelecido com os entrevistados, no qual ficou acertado que não revelaria suas identidades e optaria pelo uso de pseudônimos para eles e quaisquer parentes que, porventura, apareçam na narrativa. Os nomes Andrew Barlow e David Barlow permaneceram no original, pois advém da publicação no jornal Correio da Paraíba (BARLOW, 2013). No caso das referências às instituições de trabalho, optei por deixá-las no original, afinal, entendo que tal fato não compromete as identidades dos sujeitos. Os originais, material em áudio e transcrito, encontram-se comigo para elucidar eventuais dúvidas.

Procurei, durante a transferência do material do meio auditivo para o escrito, incorporar os elementos paralinguísticos de acordo com os códigos, a saber: pausa [ ]; pausa longa [pl]; risos [r]; quando há uma hesitação [h]; quando há uma mudança de tópico [mt]; interrupção [/]; [palavra(s)] quando o entrevistado utiliza um termo ou expressão diferente da língua enunciada, neologismo ou tradução aproximada, nesse caso estarei utilizando os [] para colocar o termo ou expressão equivalente; entonação mais forte através do recurso negrito, tanto para uma palavra quanto para uma expressão ou frase; itálico para expressões que não pertencem à língua em que a entrevista está sendo realizada. Com o objetivo de compartilhar da minha experiência, exploro as primeiras impressões.

As entrevistas foram realizadas ou em língua portuguesa ou inglesa, ficando a decisão a cargo do entrevistado sobre a melhor forma de comunicação. Dos seis entrevistados, apenas Steve (2012, 2013) optou pelo português como forma de comunicação. É factível que as construções de significados e de subjetividades estão diretamente entrelaçadas às noções culturais que, inevitavelmente, estão associadas às linguísticas. Discorrer em português sobre sua experiência no Brasil significa muito mais do que expressar a habilidade de manipulação e controle linguístico, significa expressar na língua do país, que elegeu como lar, sua identificação com o mesmo. Steve mostra a identificação e centralidade da língua no seu cotidiano. Língua e experiência estão inscritas uma na outra de forma imbricada.

Com os demais entrevistados a centralidade da língua foi expressa na preferência pela materna. Contudo, observei que em determinados momentos, alguns alternavam, em meio ao diálogo em inglês, a utilização de termos ou expressões em português, e vice-versa,

como é o caso de Gary ao descrever sua trajetória acadêmica: “meu diploma de graduação foi de uma Faculdade Jesuíta, chamada Rockers College [...]” (GARY, 2012)<sup>9</sup>. Ao invés de utilizar o termo *college*, Gary faz o emprego do termo correspondente em português. Tal alternância assinala o quão carregado de significado um termo pode estar quando empregado em língua diferente da que está sendo administrada a situação dialógica. A língua é dinâmica e o sujeito age sobre ela, promovendo intercâmbios lexicais em meio à identificação com a cultura em que está.

Entrevistei, inicialmente, Peter e John, ambos ingleses, professores de inglês. Como já havíamos trabalhado juntos, durante vários anos em uma escola de ensino da língua na cidade de João Pessoa, o contato inicial para a realização das entrevistas não foi complicado. Em meu primeiro *e-mail* para aqueles que haviam trabalhado comigo optei por mencionar o antigo local de trabalho, como conexão do contato. Para aqueles que não compartilhavam do local de trabalho expliquei o propósito da pesquisa e da necessidade de entrevistá-los. Enviei textos semelhantes para os potenciais entrevistados uma semana antes de cada entrevista e obtive respostas em, no máximo, três ou quatro dias. Estas, além do aceite, diziam respeito ao formato e ao conteúdo da entrevista.

Todos entrevistados foram extremamente atenciosos em seus retornos e concordaram em conceder-me as primeiras entrevistas sobre suas respectivas mudanças para a capital paraibana. Com relação a ressalvas pré-encontro, a única preocupação colocada foi do Peter, no que concerne à tecnologia empregada para o registro da entrevista, uma vez que o mesmo mostrou-se preocupado com a utilização de câmera de vídeo: “não há problema em gravá-la [entrevista] –, mas eu não quero ser filmado” (PETER, 2012)<sup>10</sup>. Salientei que haveria somente a utilização de material para gravação em áudio – gravador de mp3, telefone celular e *tablet*. Reconheço que utilizar três dispositivos de gravação parece um pouco exagerado, contudo, em momento posterior, pude experimentar a retribuição do excesso de zelo ao deparar-me com o mau funcionamento de dois dos aparelhos que havia levado, sendo resgatada pela presença do terceiro. Avalio que a presença dos equipamentos configuraria um terceiro participante da entrevista, ainda

---

<sup>9</sup> My undergraduate degree was from a Jesuit Faculdade called Rockers College [...] (GARY, 2012)

<sup>10</sup> No problem recording it - but I don't want to be filmed. (PETER, 2012)

que um participante sem possibilidade de enunciação ou interação, fazendo apenas o registro da entrevista.

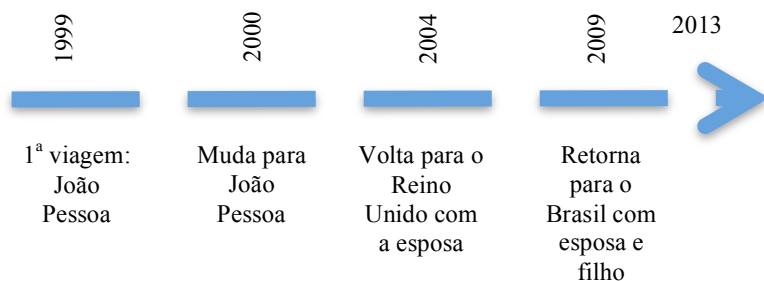
Com relação à segunda rodada de entrevistas enfrentei algumas dificuldades e somente pude ter contato com dois dos cinco anteriormente entrevistados, pois eles não dispuseram de tempo hábil, alegando estarem atarefados profissionalmente e o terceiro encontrava-se indisponível em decorrência de problemas de saúde. Em meio à descrição dos momentos dialógicos, oportunisto linhas do tempo para cada entrevistado visando ilustrar os diferentes momentos de deslocamentos, entre idas e vindas, que culminaram com as mudanças definitivas para a cidade de João Pessoa.

Peter sugeriu que a entrevista fosse em seu apartamento e mostrou-se muito confortável para conversar sobre sua trajetória de vida e decisão de estabelecer moradia no Brasil. Cheguei na hora combinada, às 10h da manhã, em seu apartamento que fica localizado no bairro de Intermares, à beira-mar. Peter é jovem, casado com Rebeca, 39 anos, igualmente professora de inglês. Eles têm um filho, que encontrava-se na escola.

Ao entrar no apartamento, que tem vista para a praia, percebi que Peter havia retirado suas sandálias de dedo e, seguindo o mesmo protocolo, retirei meus sapatos. Ele sentou-se na cabeceira da mesa de jantar e sentei-me do outro lado. Instalei os equipamentos sobre a mesa e percebi que Peter não pareceu preocupar-se com o ‘arsenal’ de dispositivos de gravação de áudio. A entrevista seguiu sempre guiada pelo bom-humor de Peter, por cerca de 20 minutos.

Meu segundo momento ocorreu em seu apartamento, também pela manhã, seguido do mesmo procedimento de retirada de sapatos. Desta vez a entrevista durou 1h48 minutos. Peter é um dos sujeitos que veio primeiramente para a cidade de João Pessoa sem escalas, contudo, no espaço de tempo entre os anos de 1999 e 2009 retornou para o país de origem, marcando o ano de 2009 como o ano da fixação em João Pessoa:

Figura 4 Linha do tempo ilustrando as trajetórias de Peter

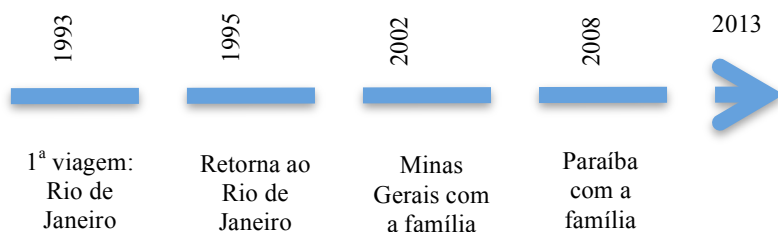


John ofereceu um horário anterior ao seu expediente de trabalho, para a realização da entrevista em uma escola de ensino da língua inglesa, localizada no bairro do Manaíra, à beira-mar de João Pessoa. Minha chegada já era aguardada pelas secretárias, minhas antigas companheiras de trabalho, uma vez que já havia exercido a profissão de professora nessa escola no passado e, enquanto esperava John, conversei com elas.

Seguindo a pontualidade britânica, John chegou e nos dirigimos para a sala em que, posteriormente, ele iria ministrar aulas. Ele é inglês e aposentado, casado com uma brasileira. Eles têm duas filhas pré-adolescentes. Informou-me que havia marcado a entrevista cerca de duas horas antes do início da aula para que pudéssemos conversar sem pressa. Sentou-se em uma das carteiras e eu em outra, colocando uma terceira no meio, na qual disponibilizei meus equipamentos de gravação. Fui questionada pela quantidade de equipamentos, ao que aludi à minha preferência pela cautela.

No percurso de idas e vindas entre a Inglaterra e o Brasil, John transitou pelos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, fixando-se na Paraíba no ano de 2008:

Figura 5 Linha do tempo ilustrando as trajetórias de John



No geral, esperava que a entrevista durasse um terço do que, de fato, durou e surpreendi-me com sua propensão narrativa, uma vez que havia levado em consideração a preconceção de que era uma pessoa mais reservada do que meu entrevistado anterior. As subjetividades que intermediam a entrevista podem surpreender os atores da narrativa. Saber ouvir e não interromper o entrevistado, reconhecer o valor do assunto que é abordado pelo entrevistado, suas convicções, ainda que estejam em desacordo com a visão do entrevistador, são ações essenciais na composição dialógica e, futura, análise.

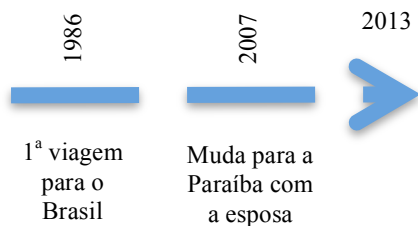
Alguns meses depois, tive a oportunidade de entrevistar, na última semana de agosto de 2012, dois estadunidenses: Kevin e Gary. E no mês de outubro mais um inglês: Steve. O primeiro era colega de trabalho da mesma escola, onde Peter e John trabalham, e o segundo ex-professor da instituição, na qual cursei Letras Português-Inglês. O contato com Kevin deu-se via *e-mail* e, apesar de uma remarcação em decorrência do trânsito, não encontrei nenhum obstáculo à entrevista. A oportunidade de entrevistar Gary, por sua vez, adveio de uma conversa informal com meu orientador de Mestrado, durante a qual falamos sobre a minha pesquisa de doutorado e ele lembrou que, talvez, Gary pudesse mostrar-se disposto a ajudar. Fiz o contato através de um telefonema e a entrevista foi marcada de forma atenciosa. A entrevista com Steve sobreveio da minha amizade com sua esposa, igualmente professora de inglês, porém da instituição em que atuo hoje. Os contatos foram através da esposa que agenciou o momento da entrevista, tudo via *e-mail* e de forma célere.

Kevin disponibilizou um horário em seu local de trabalho, anterior ao expediente, para a entrevista, numa sexta-feira pela tarde, na mesma escola onde já havia entrevistado John. Eu o aguardava na secretaria quando ele chegou e nos dirigimos para a sala onde, normalmente, ocorrem aulas particulares ou de monitoria. Nela, existe uma ampla mesa onde pude instalar meus equipamentos.

Ele é um estadunidense de meia idade, casado com uma brasileira, dentista. Sentou-se de um lado e eu de frente para ele. A entrevista foi muito fluída e Kevin mostrou-se favorável a descrever sua trajetória de vida culminando com sua vinda para o Brasil. Como nosso período de trabalho na instituição havia sido curto, eu somente o conhecia de eventos sociais. Kevin graduou-se aqui e cursou pós-graduações no exterior. Desta forma, durante alguns anos atravessou o Atlântico entre períodos acadêmicos e de trabalho no Brasil.

Infelizmente, não disponho de mais detalhes, pois não tive outra oportunidade de entrevistá-lo:

Figura 6 Linha do tempo ilustrando as trajetórias de Kevin



Meu encontro com Gary foi no seu apartamento, localizado no bairro de Tambaú, uma área urbana, próximo a praia homônima, a mais conhecida da cidade de João Pessoa, um bairro de classe média. Na ocasião, Gary mostrou-se um pouco apreensivo com o local da entrevista, posto que a residência encontrava-se em reforma. Sua esposa, brasileira e anteriormente minha professora na mesma faculdade onde Gary leciona, encontrava-se presente, mas optou por não participar da entrevista, retirando-se logo em seguida. Eles têm dois filhos adultos, que não residem mais com eles. Duas outras funcionárias estavam lá, na ocasião, ajudando a organizar o apartamento, mas estas encontravam-se em outros cômodos distantes do local da entrevista.

Gary foi aposentado compulsoriamente de suas funções docentes recentemente, portanto hoje ultrapassa os 70 anos. Já passava das quatro horas da tarde e nos dirigimos para a varanda, onde sentamos um de frente para o outro, em uma mesinha de ferro, sobre a qual instalei meus equipamentos. Por estarmos no 14º andar e voltados para um prédio em construção, em alguns momentos, o barulho advindo da obra causou certo incômodo ao diálogo, que era contornado pelo seu estado de espírito agradável. Com exceção do barulho das máquinas e dos operários, a entrevista foi exitosa, pois tanto fui capaz de compreendê-lo no ato da entrevista, quanto obter uma gravação clara. Gary é o único dos seis que veio direto para João Pessoa, no ano de 1976, e desde então fixou-se na cidade, portanto não vejo necessidade de uma linha de tempo, já que os deslocamentos são inexistentes.

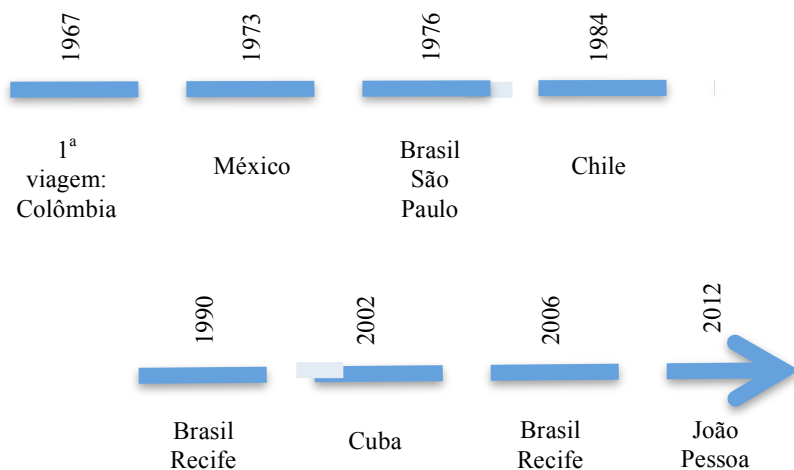
Steve oportunizou as duas entrevistas em seu apartamento, localizado no bairro do Manaíra, área urbana próxima a praia e de classe média. Ao chegar fui elogiada por Steve por minha ‘pontualidade

britânica', já que havíamos marcado para às 10h da manhã e eu estava na sua porta às 9.55. Na ocasião, sua esposa, brasileira, estava presente no recinto e, algumas vezes, participou, indiretamente, da entrevista. Steve tem dois filhos do primeiro casamento, mas eles não residem no estado. Ele é aposentado e, atualmente, exerce a profissão de escritor.

A primeira entrevista ocorreu na sala de estar do apartamento, de onde podia avistar a praia. Sentamos no sofá e, nele, instalei meus equipamentos. Durante a entrevista, sua esposa serviu-nos um lanche com biscoitos, chocolate e suco. No final, ao mencionar que estaria enviando a transcrição por *e-mail* para sua apreciação, ele declarou que não havia necessidade e que ele já, de antemão, aceitava tudo o que havia declarado durante a gravação. Contudo, sugeriu que eu gravasse a entrevista em um CD e, esse sim, ele gostaria de ter para poder, 'um dia quem sabe', se seus netos tivessem curiosidade, ouvir sobre a origem de seu avô. Ele esclareceu que seria um legado para os netos e não para os filhos, já que os últimos não mostravam interesse.

A segunda entrevista ocorreu no mesmo aposento, contudo no período da tarde. A conversa teve como trilha sonora música ambiente, tocando discretamente ao fundo. De longe, Steve é o sujeito com o maior trânsito entre os países da América do Sul, até a sua fixação em 2006 na cidade de Recife e, posteriormente, em 2012 em João Pessoa:

Figura 7 Linha do tempo ilustrando as trajetórias de Steve

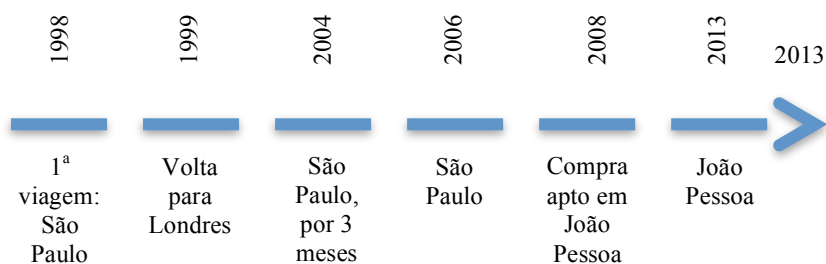


Robert, por outro lado, foi indicado por uma amiga em comum. Ele oportunizou a entrevista em seu apartamento, no bairro de Intermares, considerado parte da grande área de João Pessoa, a duas quadras da praia homônima. Na ocasião, fui recebida por ele uma quadra antes, pois o mesmo temia que eu não encontrasse o prédio onde residia. Depois, já no apartamento, sua esposa aguardava-me e conversamos durante dez minutos na sala de estar, em seguida ela dirigiu-se ao quarto, pois estaria atarefada com aulas agendadas e que seriam ministradas online.

A entrevista ocorreu no escritório. Instalei-me na escrivaninha de lado para a janela, com vista para o mar, e Robert sentou-se em um sofá. Ao final da entrevista ele fez alusão a uma consulta terapêutica, já que ele sentado confortavelmente no sofá e eu na escrivaninha pareceria configurar uma ‘sessão de análise’. Depois de quase uma hora, sua esposa nos trouxe cafés e água.

Entre idas e vindas para a cidade de São Paulo, Robert finalmente instalou-se em João Pessoa no ano de 2013, apesar de terem comprado, ele e a esposa, o apartamento em que residem hoje, no ano de 2008:

Figura 8 Linha do tempo ilustrando as trajetórias de Robert



A seguir, apresento um panorama do que trato em cada capítulo.

## CENAS DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS

A divisão da tese percorre a seguinte trilha: essa parte inicial, a qual denominei Apresentação, acompanhada de quatro capítulos e conclusão. No Capítulo Um, esclareço sobre o aporte metodológico e os conceitos inerentes à produção das fontes orais, presentes na História



Oral, e que servem, simultaneamente, para nortear a concretização do material para a pesquisa e a realização da análise crítico-discursiva.

No Capítulo Dois, concentro-me em reflexões teóricas que dão destaque às subjetividades, às identidades culturais, às identificações, aos estudos de gênero e às masculinidades. Também faço um passeio pelas questões relacionadas aos estudos sobre mobilidades humanas, observadas do ponto de vista relacional.

No Capítulo Três, apresento a materialização da análise de forma interseccional e interdisciplinar, valendo-me dos referenciais teóricos abordados nos Capítulos Um e Dois. Elenco categorias temáticas que permitem uma visualização da trajetória dos sujeitos entrevistados: o passado dos sujeitos, os trânsitos até a chegada ao Brasil, os processos decisórios sobre a mudança definitiva, o contato com a cidade de João Pessoa e as razões para nela habitar, que envolvem desde motivações pessoais às conexões transculturais.

No Capítulo Quatro, continuo com a proposta interseccional e interdisciplinar para aprofundar as interpretações sobre: as visões das comunidades de origem e de fixação; as reflexões que surgem permeadas pelas relações com o outro, estrangeiro ou brasileiro; as estratégias desenvolvidas no trajeto da adaptação e incorporação, ou não, de hábitos e costumes; o cenário da construção conjugal e familiar; além de reflexões sobre as identidades culturais.

Na Conclusão, direciono minha escrita para o que chamo de uma pausa heurística, haja vista a ampla possibilidade de interpretações que o campo interdisciplinar e as leituras dispõem. Também aproveito a oportunidade para teorizar sobre um novo olhar das soft sciences em relação aos deslocamentos contemporâneos.

A seguir, início meu percurso metodológico pelas teorias de pesquisa e investigação discursiva que me apoiam na investigação acadêmica que realizo.





CAPÍTULO 01

---

---

*Memory is the treasure-house of the mind.*  
(Thomas Fuller, 1840)

---

---



## **CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A PESQUISA E A ANÁLISE**

### **RESUMO DO CAPÍTULO**

Neste capítulo inicial, apresento as considerações teórico-metodológicas que julgo pertinentes para uma análise minudente que traz a interface interdisciplinar entre a História Oral e a Análise Crítica do Discurso. A interface serve de sustentáculo instrumental tanto na fase inicial da pesquisa quanto na fase de investigação linguística, já que permite uma visão holística do discurso. Inicialmente, exponho conceitos basilares à História Oral como os procedimentos seguidos para a realização das entrevistas e as questões relacionadas à ética e ao respeito para com o entrevistado e fontes. Por estar ciente de que a memória é categoria fundamental em pesquisa de História Oral, trago uma breve ilustração de como a mesma representa uma ferramenta do exercício criativo e narrativo, individual ou coletivamente, de exposição, remodelação e manutenção de fatos e experiências dos sujeitos – experiências estas vividas nos traslados entre os espaços por onde os sujeitos passaram e que ocupam hoje locais em suas memórias, ressaltando a importância da associação dos estudos de migração à abordagem da História Oral e da Análise Crítica do Discurso. Através das ferramentas da Análise Crítica do Discurso, estratégias embebidas nos discursos são reveladas mostrando como os sujeitos organizam socialmente suas práticas discursivas.

### **INTERDISCIPLINARIDADE: PONTE ESSENCIAL NA PESQUISA SOCIAL**

O referencial teórico-metodológico que me orientou compreende o conjunto de ideias que são sistematizadas por um/a ou mais autores/as com o objetivo de promover uma visão da temática seguindo um rol de procedimentos por eles/as propostos e que auxiliam na abordagem do conjunto de temas discutidos.

Se por um lado a História Oral proporciona uma ênfase a partir do viés que toma o sujeito e sua memória como centros da análise narrativa, por outro lado, a Análise Crítica do Discurso aponta um enfoque centrado na organização linguística do discurso e como essa organização toma sentido quando inserida no contexto da prática social, segmento, que por sua vez, faz parte da investigação no campo da

História Oral. Observo que, apesar de configurarem correntes teórico-metodológicas que seguem caminhos diferentes, eventualmente, os caminhos se encontram no cruzamento com a análise social.

Destarte, aplico os construtos teóricos, aqui abordados, interseccionalmente visando promover uma análise conectada pelas múltiplas esferas teórico-metodológicas e interdisciplinares, possibilitando um texto coeso, harmonioso e sem fragmentações, afinal, como bem apontam Caroline Brettell e James Hollifield (2000, p. vii) o estudo que traz as migrações em seu âmago “grita [por] uma abordagem interdisciplinar”. Faz-se mister o destaque dado por Maria Cecília Minayo (2010, p. 436-7) sobre a perspectiva interdisciplinar, ao conceber que esta é a “articulação de várias disciplinas em que o foco é o objeto, o problema ou o tema complexo, para o qual não basta a resposta de uma área só”. Minayo ainda esclarece que a interdisciplinaridade nas ciências humanas permeia todo o processo de pesquisa, desde a concepção e escolha do objeto, ou no meu caso, sujeitos da pesquisa, passando pela seleção de pressupostos teóricos, metodológicos e discussão dos mesmos, até a aplicação destes, na forma de análise. A autora torna claro que a interdisciplinaridade não é um método ou uma teoria, mas uma abordagem para analisar e ou pesquisar os fenômenos sociais.

Nesta pesquisa, utilizo a interdisciplinaridade de forma a potencializar uma visão da ação dos sujeitos através da pesquisa que desenvolvi sem estar atada aos conhecimentos fechados apenas nas áreas disciplinares e que, de um modo geral, são estanques.

Passo a seguir para a discussão conceitual sobre a História Oral.

## **HISTÓRIA ORAL E O DILEMA DO ‘REAL’**

As palavras de Thomas Fuller são essenciais para o nexos que proponho a seguir já que ele afirma que “a memória é a caixa do tesouro da mente” e é, precisamente, pelo viés da memória e do que é retido e narrado com base nela que os preceitos da História Oral se baseiam.

A julgar pelas três possibilidades que a História Oral permite adotar, em se tratando de uma pesquisa científica – metodologia, fonte ou técnica –, meu foco foi em sua aplicação como metodologia de pesquisa acadêmica. Posto que ela permite não somente selecionar a estrutura que a entrevista terá em termos de método de entrevista – temática, de história ou trajetória de vida – como desenhar as características da migração de sujeitos anglo-americanos a partir de

recursos linguísticos presentes nas narrativas, estarei utilizando esse viés para complementar a minha análise crítico-discursiva.

Desta forma, proponho a quatro ingleses e dois estadunidenses recobrem suas memórias a respeito da mudança para o Brasil e como suas trajetórias de vida se entrelaçam nesses deslocamentos. Desta forma, incorporo-me ao grupo que Marcos Montysuma (2006, p. 118) denomina de “[...] a confraria daqueles que trabalham com História Oral”. Enquanto técnica de entrevista, esta permite tanto ao entrevistador quanto ao entrevistado maior liberdade de ação e narração no que tange aos temas abordados. Enquanto técnica de análise permite visualizar os discursos individuais como unidades analíticas inseparáveis, serve para mostrar como os processos ocorreram, quando ocorreram, em quais circunstâncias e suas consequências, a partir do ponto de vista daquele que os experimentou. Como uma visão panóptica do evento narrado e suas consequências diretas na composição identitária do narrador, proporciona ênfase singular sobre cada trajetória enunciada.

Ecléa Bosi (2004, p. 20) alerta que a narrativa “colhe pontos de vista diversos, às vezes opostos, [e] é uma recomposição constante de dados”. Para tanto, estou atenta às oscilações discursivas quando estiver analisando as narrativas. Seguindo o mote de Verena Alberti (1996a, p. 05), eu recupero o “vivido conforme concebido por quem [o] viveu”. E assim, através de um exercício narrativo, os sujeitos deslocam da memória para o discurso oral detalhes sobre sua adaptação ao Brasil ontem, hoje e, quando não, arriscam projeções para o futuro.

Os recursos paralinguísticos, por sua vez, são inerentes a qualquer evento de interação social, como uma entrevista, por exemplo. São recursos que existem em paralelo à expressão verbal e fazem o discurso heterogêneo, porém natural. Alguns exemplos desses recursos são expressos através de alternância no volume da voz, de mudança de tópico (MONTYSUMA, 2006), de alteração na velocidade respiratória (FAIRCLOUGH, 2010a), dentre outros artifícios da fala.

A conceituação de Luisa Passerini para a História Oral permite um horizonte de interdisciplinaridades e interseccionalidades, além de trazer a criatividade como elemento inerente à narrativa:

a história oral preocupa-se em estabelecer um conceito de memória como um ato narrativo e mediação simbólica, a ser estudada nas suas manifestações históricas e sociais diversas. Descobrir as discontinuidades, contradições, inércias, mas também a criatividade e a fidelidade

da memória como um ato individual em contextos sociais pode ser uma contribuição em direção a ampliação e humanização do conceito de verdade histórica (PASSERINI, L. p. 116-17 apud PORTELLI, 1996a, p. 21).

Nesse sentido, o ambiente, as questões enunciadas e não enunciadas, o momento de vivência ao qual o falante se reporta, são elementos constituintes da memória composto ao longo da teia narrativa. As ‘flutuações’, ou atos criativos, as quais o falante pode trazer para sua narrativa quando a executa discursivamente, do mesmo modo, são importantes para o ato da entrevista e, conseqüentemente, para a compreensão dos fatos estudados.

A memória e a criatividade são parceiras nos momentos da vida de um sujeito. Enquanto a memória é o meio pelo qual retemos os conteúdos, a narrativa, por outro lado, converte esses conteúdos através das esferas das representações discursivas e a realidade, por seu turno, é refletida na transmissão do conteúdo, afinal, aquele/a que enuncia um discurso – em qualquer estilo– considera aquele conteúdo como real.

Meu foco aqui está depositado essencialmente no discurso oral e, por conseguinte, na transcrição do mesmo em escrito e sua relação direta com a memória. Frances Yates (1966), com base em uma seleção de filósofos que discorrem sobre imagens, infere que a mnemotécnica relaciona-se ao desejo e à força de eventos que são convertidos em imagens, técnica que ela prefere chamar de “arte da memória”. A autora articula que a capacidade de trazer os conteúdos retidos na memória é o produto da associação entre imagem e conteúdo, já que este último, uma vez guardado na memória, é ‘acordado’ através de mecanismos estimulados por palavras, imagens, aromas, entre outros. Para Yates (1966), as imagens são fatos e estes são conteúdos que representam situações, sentimentos, percepções dos sujeitos, e sobre os sujeitos e o mundo, indispensáveis a vida dos sujeitos.

Nesse sentido, a criatividade é envolvida no processo em que ocorre a construção e reconstrução da memória na criação do que chamo de construção imagética da memória para um determinado fato, isto é, a conversão do evento ou sensação, experienciado pelo sujeito, em material retido pela memória e como essa memória imagética é narrada posteriormente pelo sujeito, alavancando os elementos que lhes são mais caros. Mas, vou ajustar minha lente de aumento para a criatividade e a realidade, respectivamente.

Quando falo em criatividade, interpreto-a como a habilidade de produzir e reproduzir, de forma subjetiva os conteúdos pertinentes das



narrativas enunciadas pelos sujeitos. Em outras palavras, a criatividade seria a força motriz das identidades culturais, conceito que será retomado mais adiante. Sei que, então, surge o dilema sobre o que é, de fato, o real, ao qual Alberti (1996a) orienta que corresponde às formas, efetivamente vividas e, ao mesmo tempo, atravessadas pelas subjetividades que se realizam na intersecção do que é vivido e do que é refletido sobre essa vivência.

Alberti (1996a) situa a História Oral como o campo das ciências sociais de produção de textos teórico-metodológicos que pode discutir: a função do entrevistador, enquanto sujeito que pesquisa o que é narrado; a entrevista, no momento em que ocorre e em momento posterior, isto é, enquanto transcrição; e, por fim, e tão importante quanto os elementos anteriores, a memória e sua relação direta com os participantes dos atos narrados e da entrevista. Portelli (2005) participa da correlação exposta por Alberti e acrescenta que, além da memória, a narrativa *per si* e as questões de subjetividade são, igualmente, trazidas à baila no cenário interpretativo no contexto da História Oral.

Através dela, posso discutir os posicionamentos dos sujeitos entrevistados nos momentos descritos por eles, já que é “história evoca uma narrativa do passado; oral indica um meio de expressão” (PORTELLI, 2001, p. 10). Diferentemente das fontes orais históricas, que se reportam diretamente aos fatos sociais como eventos históricos, as fontes orais em História Oral se reportam aos sujeitos e como eles narram e fazem uso dos conteúdos retidos na memória para trazê-las à tona. Uso o termo ‘conteúdo’ já que o mesmo pode ser utilizado para representar dimensões da vida, interpretações do passado e do presente, percepções sobre o futuro, e vão além dos fatos comprováveis, verificáveis, além dos dados concretos e objetivos. Portanto são muito mais do que informações, os conteúdos são interativos porque estou trabalhando com as categorias narrativa, trajetória e memória, e estas são concepções que perpassam os mesmos caminhos analíticos. Além do fato de os conteúdos relacionarem os sujeitos entre si.

Ao descrever a História Oral, Alberti (1996a) ressalta que a utilizamos não para pôr em foco o passado, mas para estudar e compreender a constituição das memórias no passado e seus efeitos no presente. Nesse sentido, não serve apenas ao passado mas também à contemporaneidade, já que, ao relatar atos passados, os entrevistados podem permitir que o momento presente, neste caso o momento da entrevista, produza determinada interferência, seja através de sua reflexão sobre seus atos ou pela fase por que passa em sua vida, no

presente. Portelli (2001, p. 11) define-a como “o gênero de discurso no qual a palavra oral e a escrita se desenvolvem conjuntamente, de forma a cada uma falar para a outra no passado”.

O instrumento inerente à História Oral é a entrevista, na qual os participantes – mais os entrevistados do que a pesquisadora, é claro – constroem a narrativa que, conseqüentemente, torna-se um documento para a disciplina, para o entrevistado e para o entrevistador. Apesar de trazer o termo História no título, o campo de pesquisa não precisa, necessariamente, reportar-se somente aos fatos históricos.

Alberti (2005a) explica que dois são os tipos de entrevistas realizadas enquanto método de pesquisa: a “temática” ou a de “história de vida”. A primeira gira em torno de um tema específico e não precisa, necessariamente, ter mais de uma sessão, e por ser temática pode estar relacionada à trajetória do sujeito em determinado momento de sua vida ou para algum local, como é o caso da minha pesquisa. A segunda traz a história da vida de um sujeito e sua relação com algum tema investigado no centro da pesquisa, além, é claro, de implicar em um conjunto de sessões de entrevistas e sua vida pregressa, incluindo, na medida do possível, até a utilização da árvore genealógica do sujeito na busca da compreensão do evento estudado. É importante mencionar que ambas terão em seu coração o método biográfico (ALBERTI, 2005b) como instrumento norteador, pois é a vida do entrevistado e sua experiência que determinam seu modo de ver o mundo. Afora essas questões, a entrevista do tipo história de vida pode ter diversas subdivisões temáticas durante o percurso narrativo, no qual essas – caso seja do interesse dos participantes – poderão ser mais aprofundadas ou não.

Opto pela narrativa de ‘trajetória de vida’, já que considero aspectos dos caminhos percorridos para o Brasil e não aspectos de sua vida pregressa, se me valesse da técnica de ‘história de vida’. Muito embora utilize alguns elementos relativos à vida na sociedade de origem enquanto artifícios de caracterização, tanto do sujeito quanto da sociedade.

Segundo Alberti (2005a), precisar a veracidade do real não é uma tarefa fácil, porém, acredito que, enquanto pesquisadores, temos o compromisso ético de nos aproximarmos do real. Mas como fazê-lo? Em uma tentativa de verificar a ‘veracidade’ dos fatos, uma das potenciais soluções, é a utilização de outras fontes, como as escritas, na figura da mídia, para citar um exemplo. Mais adiante estarei abordando minha opção sobre fontes escritas em detalhes. Sobre o antagonismo entre o que é real e o que não é, Henri Bergson (1999) esclarece que a

ação de lembrar um fato está diretamente relacionada ao valor, à necessidade e à função desse fato para aquele que o recorda, nesse sentido, somente serão lembrados os elementos considerados, nas palavras do autor, úteis para o narrador.

Estevão Martins (2008) adverte que não devemos desconfiar da memória subjetiva somente porque esta não foi construída de forma científica ou com base em documentos oficiais. Portelli (1996b) aponta que a possibilidade de validarmos um fato descrito pelo/a entrevistado/a como sendo real é, praticamente, difícil de realizar, já que a narrativa traz à tona descrições, muitas vezes, “ucrônicas” (PORTELLI, 1993), para utilizar um termo referido pelo autor. São interpretações que preservam e descrevem o que o narrador deseja revelar, independentemente da veracidade do fato ou não, o que me levaria então ao dilema da narrativa.

É sobre esse dilema que é depositada a tarefa da História Oral: proporcionar uma visão ‘real’ de algum fato, de acordo com aquele/a que o narra. Vale destacar que essa percepção da vivência do entrevistado sobre algum acontecimento pode ser real para aquele que ouve, ainda que este não tenha vivenciado o fato.

## **RELAÇÃO PESQUISADORA-ENTREVISTADOS**

Retomo que a visão do real está, por sua vez, diretamente relacionada à subjetividade da pesquisadora e à forma como essa visão será vertida para a pesquisa acadêmica, já que o entrevistado e a pesquisadora compartilham de uma “cumplicidade controlada” (ALBERTI, 2005a, p. 14) ao produzirem a entrevista, isto é, ao produzirem o que é designado por Montysuma (2006, p. 123) como “o documento sonoro”, ou simplesmente o documento em História Oral.

Além disso, o papel da pesquisadora é científico, empírico e o de promover visibilidade à memória do entrevistado e não levantar bandeiras de lutas, isto é, não tomar partido. Muito embora, reconheço que não existe uma ‘neutralidade total’, já que, somente a busca dos sujeitos eleitos para a pesquisa já indica, por si só, uma escolha, uma tomada de partido que realizei.

Portelli (1981) alerta para o compromisso ético do respeito para com a entrevista e seus desdobramentos, isto é, a transcrição e, futuramente, a análise, além do respeito para com o entrevistado, autor e produtor da narrativa. Um exercício de apreço pelo entrevistado nas mais diversas esferas como em questões de opiniões, atitudes

(ALBERTI, 2005a), entre outras, pois são elas que determinam a narrativa do entrevistado. A estima que saiba acatar as fronteiras da entrevista e do que nela é mencionado. Deferência para com o que é revelado pelo entrevistado de forma a não distorcer fatos ou desvirtuar a atenção por meio de subterfúgios que modifiquem o discurso e, conseqüentemente, a imagem do entrevistado. Consideração pelo que é dito e pela forma como é interpretado visando não causar constrangimento naquele que, do mesmo modo, será um leitor da matéria acadêmica: o autor da entrevista.

Assim, é na relação de respeito à alteridade e às subjetividades e na produção de um conhecimento sobre mobilidade de homens na contemporaneidade e a constituição de relações afetivas destes homens na ‘nova’ sociedade em que se inserem, que o trabalho da pesquisadora torna-se científico. Nisto implica ao/a pesquisador/a adotar postura e dimensão ética na relação com a pessoa que lhe concede horas de seu trabalho, de sua vida, prestando um relato, que, por vezes, pode perdurar por mais de uma sessão.

Sobre a interpretação da narrativa faz-se necessário destacar que, ainda que o trabalho de análise em si seja subjetivo e atravessado, invariavelmente, pelas impressões daquele que pesquisa, como já assinalei, nos termos de Gilberto Velho (1978), não devo trazer uma análise partidária para a pesquisa, uma vez que produzo, juntamente com o entrevistado, aquela narrativa, um texto. Sobre essas questões, Portelli (2011) adverte que há uma relação entre fidelidade e ética na produção da transcrição, por meio da qual o entrevistador não simplesmente ‘transcreve’, mas sim ‘reproduz’ o material sonoro para o meio escrito. Assim, meu trabalho, enquanto pesquisadora, é deixar que a escrita – e aqui a escrita envolve não somente o tratamento que a transcrição recebe, mas a análise proveniente da leitura interpretativa e intertextual que faço da narrativa – valide a autoridade e a alteridade do entrevistado, sendo fiel e ética àquele que me concedeu a entrevista.

Transcrever não é uma tarefa fácil para aquele/a que se dispõe a fazê-la, pois não há um sistema ou análise do discurso que possa compreender todos os detalhes enunciados, que podem ir desde as figuras do discurso aos recursos paralinguísticos (FAIRCLOUGH, 2010a). Nesse sentido, cabe ao/à analista julgar quais características são pertinentes ao seu projeto de análise, selecioná-las e fazer uso das mesmas. Invariavelmente, o material escrito – a transcrição, neste caso – não corresponderá *ipsis litteris* ao material auditivo, já que a primeira não comporta elementos distintivos da conversação como linguagens

corporais, faciais, entre outras, presentes no segundo, como mencionei através de Portelli (2011), anteriormente. Portanto, a transcrição *per se* já compreende leves alterações que, sempre que possível, deverão ser assinaladas e, quando admissível, evitadas.

No meu caso, é importante frisar que o documento é concebido simultaneamente, pelo entrevistado e pela pesquisadora, pois é na relação de ida e vinda do ato de entrevistar que os questionamentos são interpostos e analisados – tanto pelo entrevistado quanto pela pesquisadora – e, conseqüentemente, vêm à tona trazendo a perspectiva, ou até mesmo as demandas do entrevistado em compartilhar aquele momento reflexivo. Steve, por exemplo, me convida a ouvir seu relato sobre sua época de aluno de língua estrangeira:

se [o] Brasil tivesse mantido, exatamente o sotaque, a entonação do português continental, acho que o português [de Portugal] não me atrairia tanto, essa forma de cantar, você tem que entender, não sei se é relevante. Vou contar rapidamente. Eu era péssimo na escola para aprender língua estrangeira. Péssimo. Quando chegava o professor... (STEVE, 2012)

A atenção que Steve destaca em ter dificuldades para aprender espanhol só é possível ser compreendida através das subjetividades que se interseccionam hoje nas esferas das experiências que Steve vem abraçando ao longo da sua vida. Por exemplo, sua experiência como professor lhe permite provocar reflexões linguísticas a respeito de características como entonação e localização geográfica. Por outro lado, sua preferência pela sonoridade da variante brasileira lhe confere uma aproximação por afinidade o que facilita o processo de aprendizagem.

Outro exemplo da relação interpessoal, estabelecida no ato da entrevista, está depositado no fato de que a mesma pode tornar oportuna a menção de pensamentos sobre determinados assuntos nunca antes abordado pelo sujeito. Quando questiono Peter sobre o que é ‘ser brasileiro’, ele hesita e em seguida me responde: “[r] eu não sei, eu não sou Brasileiro [pl]. É uma boa pergunta” (PETER, 2013)<sup>11</sup>. Isso significa dizer que, se jamais questionado sobre aquele tema, o entrevistado talvez não tivesse oportunidade de reter uma reflexão crítica a respeito do que foi interpelado, porque, embora viva aqui e seja casado com uma brasileira e desfrute das relações sociais, somente possíveis a quem reside no país, Peter não se considera capacitado para

---

<sup>11</sup> [r] I don't know, I'm not Brazilian [pl]. It's a good question. (PETER, 2013)

responder sobre o que é ser brasileiro.

Desta forma, entrevistado e entrevistador são autores da entrevista, apesar de a autoria da narrativa pertencer única e exclusivamente ao entrevistado. O documento de História Oral – se tomado como o conjunto de perguntas, respostas e análise sobre um determinado tema – é compartilhado pelos dois, pois está depositado na relação ação-reação, na qual a ação seria a pergunta e a reação, a resposta. Por conseguinte, essa relação coloca a entrevista como uma troca e um “experimento de igualdade”, como argumentou Portelli (1997a), em artigo homônimo, que a igualdade não depende somente da pesquisadora ou do entrevistado, mas das condições sociais estabelecidas no momento da entrevista, contidas na relação que os participantes desenvolvem diante do momento dialógico.

Não obstante, é inegável a dupla relação de poder que permeia a entrevista (MONTYSUMA, 2006). E isso fica claro nas palavras de Portelli (2011, p. 03) quando ele nos informa que “[...] o titular dos conhecimentos é o entrevistado”. De um lado, o poder depositado na voz do entrevistado, uma vez que é ele o portador dos conteúdos e conhecimentos que busco, de outro, o poder depositado na produção analítica da pesquisadora, já que sou responsável por manter um distanciamento e, ao mesmo tempo, uma posição crítica quanto à realidade que analiso.

Além disso, para que uma entrevista seja exitosa, há que existir uma relação de confiança mútua entre os participantes e um exercício da virtude do saber escutar. Em alguns momentos, posso me deparar com conteúdos narrados que não foram lançados enquanto questões, mas que, ao final, podem se destacar como detalhes pertinentes à investigação e a sua divulgação acadêmica. Em História Oral, os sujeitos que concedem relatos têm a liberdade para falar do que bem entenderem. Ainda que não sejam provocados, podem abordar livremente as temáticas que julgarem convenientes e que lhes despertam desejo e necessidade, elementos já elencados como fundamentais por Yates (1966) e Bergson (1999) no tocante aos conteúdos que são revelados via memória. Aos entrevistadores e pesquisadores cabe a tarefa de aceitar e respeitar a divulgação de tais temáticas.

Outros elementos linguísticos são trazidos à narrativa e revelam peculiaridades sobre o conhecimento do entrevistado, como foi o caso do momento em que Marina – a esposa de Steve – nos ofereceu um lanche e ele faz alusão a um trecho da canção “Cálice”, composição de Gilberto Gil e Chico Buarque (1973), para recusar de forma jocosa um

biscoito: “é afasta-me, afasta-me esse cálice” (STEVE, 2012) em referência aos versos da canção que dizem “afasta de mim este cálice”. O resultado da entrevista é que tanto entrevistado quanto pesquisadora e outros participantes, no caso Marina, saem afetados por aquela aventura investigativa epistêmica. Vou me concentrar na relação pesquisadora e entrevistado.

O afetar é aqui entendido como a relação de empatia entre pesquisadora e entrevistado, já que o vínculo pressupõe um conhecimento intuitivo ao suscitar sentimentos, como reflexões críticas, recuos na veiculação de conteúdos ou, ao contrário, um progresso na difusão de fatos que, até aquele momento, permaneciam ocultos. Quando questionados sobre o que seria ‘ser brasileiro’, Peter (2013), Robert (2013) e Steve (2013) enunciaram que essa seria ‘uma pergunta difícil’ de responder. Não obstante, eles foram em frente e lançaram o que seria, de acordo com suas experiências, a opinião sobre o tema, questão que será discutida com mais profundidade no Capítulo Três.

Essa noção já havia sido examinada por Michael Pollak (1989, p. 13) ao mencionar o “enquadramento da memória” que é, por sua vez, realizado através da entrevista, quando o narrador apresenta a sua ‘versão’, de acordo com o contexto em que a entrevista foi realizada. Alberti (2005a, p. 23) complementa que “[...] (entrevistado e entrevistadores) constroem, num momento sincrônico de suas vidas, uma abordagem sobre o passado, condicionada pela relação da entrevista, que se estabelece em função das peculiaridades de cada uma delas”. Isto posto, se determinada entrevista tomasse forma em outro momento diferente na vida de ambos – entrevistado e pesquisadora – seria incontestável que a construção da narrativa e, portanto, da perspectiva, obtivesse outro feitiço discursivo, produzindo, conseqüentemente, um material diferente do primeiro, uma outra fonte oral. Além disso, por vezes, muito do que o entrevistado narra pode ser fruto de uma memória coletiva e consolidada através dos tempos, ou de impressões advindas de fontes escritas.

Seguindo esta linha de raciocínio, destaco a seguir a relevância da investigação que une fontes escritas e orais em pesquisas sociais.

## **FONTES**

“Fonte de consulta”, nas palavras de Alberti (2005a), ou “fonte documental”, segundo Portelli (PORTELLI, 1997b, p. 26), ou simplesmente “fontes escritas”, compõem o rol de materiais que são, por

vezes, complementares ou dialógicos às fontes orais, já que, através do relato, podemos obter conteúdos sobre eventos ou fatos históricos que podem ser melhor ilustrados e detalhados através de fontes escritas como jornais, diários, panfletos, livros, dentre outras.

Não se trata de ‘corroborar’ a fonte oral através da fonte escrita ou vice-versa, mas de uma possibilidade que vai além do relato oral para mostrar como se assemelham ou se diferenciam as fontes. Uma chance de mostrar as ‘ucronias’ (PORTELLI, 1993), em outras palavras, de mostrar as alternativas para os eventos narrados e discutidos. Quando são apontadas variações, entre as fontes escritas e as orais, estas são importantes para identificar, por exemplo, como os eventos são (re)significados pelos narradores.

A utilização de fontes escritas é relevante já que, para a pesquisa em História Oral, é interessante utilizar outras fontes que não somente a fonte advinda da entrevista. O emprego de outras fontes à pesquisa acadêmica promove novos contornos analíticos, além de aumentar a possibilidade de conhecimento sobre os fatos estudados. Para tanto, faz-se necessária uma escolha, dentre as várias possibilidades, sobre que tipos de fontes escritas serão as mais proveitosas para compor a pesquisa e a análise.

Marco Morel e Mariana Barros (2003) apontam o papel da imprensa na constituição de identidades culturais. Tânia de Luca (2012, p. 15) fala na imprensa como promotora de “versatilidade e [d]as possibilidades abertas aos historiadores pelo mundo dos impressos periódicos”. Ela orienta que o uso de jornais e revistas constitui “o caráter de fonte primária relevante” e reitera essa assertiva ao apontar a imprensa como referencial em pesquisas com História Oral (LUCA, 2008). No passado, a fonte escrita era tida como o ‘único’ documento com credibilidade para análises de eventos históricos (FERREIRA, 2002). Morel e Barros (2003) enfatizam, inclusive, o caráter de privilégio que a imprensa teria no passado sendo representante da ‘verdade’. Hoje em dia, contudo, outros rumos têm levado a imprensa a ser vista também como fonte de ideias controvertidas e convertidas em políticas e ideologias, com objetivos diferentes dos fatos como realmente aconteceram.

Com o advento da História Oral como outra trilha de buscas acadêmicas em ciências sociais, a fonte escrita deixa de ser a única a materializar a pesquisa para se juntar a fonte oral em uma situação dialógica. Na esteira dos documentos que são utilizados para as pesquisas, a mídia, seja esta impressa ou virtual, compõe um dos meios



que enriquecem as investigações e, posteriormente, as análises.

Utilizo uma seleção de documentos escritos e veiculados na mídia, pois estes permitem uma visão do cenário para o qual os sujeitos se deslocaram, como pude ilustrar na Apresentação ao apresentar a cidade de João Pessoa e algumas características que se fazem pertinentes quando da caracterização. Além disso, os jornais, do mesmo modo, podem auxiliar em uma melhor caracterização de eventos citados pelos entrevistados, como foi o caso de John, que em dado momento cita eventos decorridos de embates terroristas na sociedade de origem. Assim, pude compreender por quais motivos eles se lançavam em viagens, para fora de suas terras, para o Brasil, e perceber as temáticas que tangenciavam suas vidas, que, por algum motivo, não eram mencionadas durante as gravações.

Bosi (2004, p. 15) acrescenta que “a história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”. Seguindo esta linha de pensamento, Pollak (1992) não vê primazia de uma fonte sobre a outra, mas que devem ser consideradas igualmente importantes para a pesquisa em História Oral, já que ambas documentam a pesquisa e, posteriormente, a análise.

Para Mercedes Vilanova (1994), por meio da entrevista, a fonte oral é concebida como uma aprendizagem para aqueles que dela participam. A fonte oral, apesar de já ter sido marginalizada pela academia em decorrência da sua pretensa falibilidade e capacidade de mutação, já que poderia ser alterada a qualquer tempo pelo autor, a depender do contexto histórico, social, de visão de mundo, enfim, de uma pletera de contextos em que é enunciada, encontra na História Oral uma posição fundamental e de prestígio. Portelli (1997b) defende que

[...] a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Essas mudanças revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico (PORTELLI, 1997b, p. 33).

Além disso, Montysuma (2006, p. 123) assevera que “a fonte, nesse caso, é a palavra que adquire um caráter documental, por estar convertida em documento sonoro gravado”. Nesse sentido, a

preservação da fonte oral é um ato de conservação daquele momento histórico da entrevista e serve, igualmente, como forma de resguardar a narrativa do entrevistado acerca do conjunto de acontecimentos que ele discorre.

Para Alberti (1996a, p. 04), a entrevista, enquanto fonte oral, é vista como “um resíduo de uma ação específica”. Fazendo uma interpretação com base em Alberti (1996a) e em sua explicação sobre os conceitos de resíduo e relato de ação apoiados no argumento de Peter Huttenberger, percebo que o relato de ação pode vir acompanhado de outros detalhes que poderiam, eventualmente, remeter não somente à subjetividade da fonte oral, bem como da pesquisadora. Se um documento em História Oral produzir tanto um resíduo quanto um relato e ambos apresentarem diferenças entre si, posso atribuir essas diferenças, então, à subjetividade da pesquisadora, já que estariam imbuídas de significados outros, como as experiências e percepções da pesquisadora acerca daquele fato, diferentemente do resíduo, que, por sua vez, remeteria somente à fonte oral.

Em outras palavras, posso dizer que o resíduo de ação funcionaria como um recorte daquele momento – investigado – no tempo e no espaço e, sobretudo, nas subjetividades do narrador-entrevistado. Quer seja na forma de papel, de áudio, de vídeo, o resíduo é a representação ‘fidedigna’ do evento narrado na perspectiva do narrador. Recordo que, para o narrador-entrevistado, seu discurso é real e deve ser tratado como tal pela pesquisadora.

Através do trabalho com fontes orais, os participantes da entrevista podem visualizar as memórias através de um novo ângulo, além de conhecer os limites em que a memória é expressa. Quando pergunto a Peter em que momento ele começou a se sentir, de fato, em casa, em João Pessoa, ele não consegue informar a data exata, somente que o fato ocorreu: “eu meio que não me lembro de quando foi isso, mas há alguns anos atrás” (PETER, 2012)<sup>12</sup>. Ele pode não lembrar a data exata mas reconhece que a sensação está presente em sua vida já há algum tempo.

Não se trata da interpretação que a pesquisadora realiza sobre a narrativa, mas sim da visibilidade lídima promovida pela narrativa e posterior análise, sem transgredir os limites da interpretação. Os significados dos signos linguísticos nem sempre são claramente

---

<sup>12</sup> I kind [of] don't remember when that was, but a few years ago [...] (PETER, 2012)

enunciados pelos/as locutores/as, nesta pesquisa, pelo entrevistado. Isso significa dizer que a pesquisadora, na qualidade de intérprete daqueles discursos, pode interpretá-los de acordo com o locutor, de acordo com seu próprio entendimento ou de acordo com os dois, locutor e seu próprio entendimento. Acredito ser viável a interpretação que seja democrática e combine a participação de ambos, já que preservar o que o entrevistado menciona com sua ideia principal seria uma maneira democrática de inseri-lo enquanto participante.

Mas o quê ou quem valida o conteúdo documentado pela História Oral? *A priori*, tanto o entrevistado quanto a pesquisadora possuem autoridade para legitimar o conteúdo narrado. Uma legitimação harmonizada pela relação estabelecida no ato da entrevista, já que o entrevistado, na qualidade daquele que profere a narrativa, confere autenticidade e veracidade a sua narrativa. A pesquisadora, na qualidade daquela que transcreve a entrevista, de forma acadêmica, analisa-a em consonância com os objetivos teórico-metodológicos propostos, justificando sua visão a partir do sustentáculo teórico pré-estabelecido.

Não obstante, Portelli (2001) faz sobressair a importância da autoridade e do sentimento de consciência do narrador durante a entrevista, que pode se aperceber de aspectos nunca antes mencionados ou relatados por ele e chamá-los à baila, como ocorre com Steve ao comentar sobre o fato de ter sido ‘convencido’ a se aposentar pelo Conselho Britânico:

ah, isso me lembra uma coisa muito importante. Então tiveram que me dar um chute em mim. ‘Steve chega’. Então, me casei com Marina, você sabe, e fomos para Cuba, passamos quatro anos em Cuba e cheguei aos meus 60 anos. Compulsoriamente tive que me aposentar. Coisa que também não é possível hoje em dia, se eu tivesse tido dois meses a menos, mais jovem, eu estaria trabalhando até os 65 anos, mas escapei. [r] [...] É mas agora estão falando em 70 anos. (STEVE, 2012)

Observo uma antagônia entre os verbos ‘chutar’ e ‘escapar’ na fala de Steve, onde ao mesmo tempo em que ele se sente ‘expulso’ do mercado de trabalho, celebra o ocorrido através do uso de ‘escapei’, indicando que, na verdade, ele lucrou com a situação. Sua reflexão sobre um período mais longo em que poderia se aposentar somente pode ocorrer em momento posterior, já que Steve ‘foi aposentado’ em 1994 e

a lei sobre a aposentadoria por idade foi modificada no ano de 1995<sup>13</sup>. Esse fato é de extrema importância em se tratando de entrevistas sobre trajetórias de vida, pois, como já apontou Alberti (2005a), a História Oral não se preocupa com a consolidação de ‘uma verdade’ em detrimento de outras, afinal, o conceito de ‘verdade’ é inexistente e falível dentro dessa abordagem metodológica. Assim, levo em consideração a construção do *self* sobre como as memórias são retidas e recobradas.

Aqui, procuro dar destaque à experiência de vida do entrevistado durante o processo migratório e à forma como ela é narrada, para identificar as características subjetivas em relação às trajetórias que revelam muito em termos de atitudes sobre trabalho, adaptação, família, relações interpessoais, culturais, sobre o local e até mesmo sobre a pesquisadora e a pesquisa em si, entre outras temáticas que surgem no decorrer da entrevista.

Contudo, meu foco investigativo não está depositado nas modificações narrativas<sup>14</sup> do entrevistado sobre um mesmo fato, prática comum à História Oral quando ocorrem várias entrevistas. Ao contrário, ajusto minha lente de aumento para seis narrativas, cada uma em seu espaço, tempo e subjetividades específicas e sobre um único tema: a experiência do migrar para o Brasil retida em suas memórias.

## MEMÓRIA

Lembranças e fatos são organizados de formas variegadas de um sujeito para outro. Como os elementos são trazidos, as potenciais intenções contidas nas rememorações são gerenciadas, individual e complexamente, pelo sujeito a partir das suas vivências, experiências, sentimentos, ideias, interesses, percepções antigas e novas, modificadas, ou não, ao longo de sua vida e como o sujeito gerencia, isto é, organiza suas lembranças através da narrativa, revela seu entendimento e grau de

---

<sup>13</sup> Informação sobre a Lei 9.032 de 28 de abril de 1995 e posteriores modificações, disponível no site da Presidência da República: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9032.htm#art55iii](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9032.htm#art55iii)>. Acesso em: 17 set. 2013.

<sup>14</sup> Fairclough (2010b, p. 64) reflete que a “mudança deixa traços nos textos na forma de co-ocorrências de elementos contraditórios ou inconsistentes – misturas de estilos formais ou informais, vocabulários técnicos ou não-técnicos, marcadores de autoridade e familiaridade, mais tipicamente escritos e mais tipicamente falados em formas sintáticas, e assim por diante.”

importância sobre o que está sendo narrado.

Portelli (2005) alerta para o fato de que a memória não pode ser considerada um repositório de fatos e ações. A memória é dinâmica em sua constituição, uma vez que permite àquele que a ativa, elaborar, construir e reconstruir significados como em uma série de elementos sequenciados, ou não, com elementos semelhantes ou diferentes a cada momento em que a memória é ativada, isto é, por intermédio da manutenção da memória. Eu acrescentaria que esse processo funciona constante e ininterruptamente a despeito da vontade do sujeito.

Sobre o que é fixado na memória, Martins (2008) alerta que estão presentes sistemas de representação e significação que, uma vez internalizados pelo sujeito, podem ser refletidos nas ações do mesmo. Assim, retidas nas memórias estão complexas teias de experiências, significados, percepções, valores, crenças, imagens, ideologias, que são marcadas pelas subjetividades de suas composições. Toda essa teia complexa serve de referência e dá forma à identidade cultural do sujeito.

Estou ciente de que a memória não deve ser tomada de modo preempatório como algo encerrado somente no sujeito que a possui e a exercita. Com efeito, ela deve ser considerada “[...] como um fenômeno coletivo e social [...] como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”, como afirma Pollak (1992, p. 201), ao retomar os preceitos de Maurice Halbwachs, para quem o sujeito ativa sua memória na interação com o grupo, portanto, no coletivo. Nesse sentido, a memória, bem como as subjetividades, é moldada através das experiências individuais e no convívio coletivo, como em um processo de composição mosaicista.

As memórias coletivas são, frequentemente, estabelecidas na constituição de movimentos políticos, culturais, ideológicos, sociais, por condições melhores, entre outros objetivos, para citar alguns. Compartilhar uma sociedade ou uma cultura implica na constituição de memórias coletivas, que podem, inclusive, reforçar o pertencimento a um determinado grupo social (POLLAK, 1989), pois, uma vez constituídas no grupo, elas consolidam os laços entre aqueles que dele participam. Mas isso não significa dizer que a formação das memórias coletivas parta de um princípio de hegemonia social, ao contrário, a formação pode advir de grupos de diferentes origens sociais (LE GOFF, 1990). Portelli (1997b) observa que pontos de vista coletivos presentes nas narrativas são também elementos formadores de memórias coletivas e pré-concepções. A esta assertiva insiro o depoimento de Kevin:

[...] nos Estados Unidos todo mundo tem um carro

bom, ao passo que aqui você dá seu sangue, se acaba de trabalhar e então você pode ter um pequeno, você sabe, um carro pequeno. (KEVIN, 2012)<sup>15</sup>

No caso da narrativa do Kevin, é possível observar a consolidação do tradicional ‘sonho americano’: trabalhar arduamente para ter conforto e bons equipamentos. Ter um carro, considerado, ‘bom’ alude à simbologia de realização pessoal, de uma trajetória favorável, de que as metas pessoais de trabalho foram atingidas, com sucesso, e são refletidas materialmente na figura do carro, por exemplo. Marieta de Moraes Ferreira (2002) alerta para o fato de que o que é recordado pelo narrador nem sempre obedece à ordem dos fatos de forma análoga. Pelo contrário, por vezes, muito do que é lembrado sobre o passado é enunciado pelo momento no presente, vivido pelo narrador. Portanto, ter um carro bom faz parte da memória coletiva estadunidense, porém não faz parte da sua realidade brasileira, daí a expressão da sua indignação ao comparar as duas situações financeiras, já que no Brasil a pessoa ‘se mata de trabalhar’ para ter um carro popular.

Interpreto que os indivíduos aqui entrevistados não fazem parte de um grupo ou associação, por eles frequentado, para formar, nas referências do estado nacional, como defendem principalmente Halbwachs, Le Goff e Pollak, a noção de uma memória coletiva. Porém, ao entrevistá-los, eu os agrupei, muito embora sejam desconhecidos uns dos outros, eles habitam a mesma sociedade, compartilham das culturas brasileiras, já que unimos no território brasileiro as mais variadas nuances e experiências, e estas vêm, ao longo dos anos, constituindo suas memórias.

Assim sendo, nos meandros que suas narrativas produzem, posso dizer que elas formam uma memória coletiva do fato social contido em seus deslocamentos, pois como declara Halbwachs (2004), a constituição de memórias coletivas não necessita da presença material de sujeitos, visto que eles já estão munidos de outras visões, de outros sujeitos neles mesmos inseridos. É uma espécie de memória coletiva ex-parte, ou uma memória coletiva virtual, que não é construída nos encontros entre os sujeitos, mas que compartilha de nuances semelhantes. A breve menção a cidades vizinhas, por exemplo, pode aproximar sujeitos nas narrativas, como ocorre quando John faz alusão à

---

<sup>15</sup> [...] in the United States everybody has a nice [car] whereas here you work yourself to the bone, you work your fingers to the bone and then you can have a little, you know, a small car. (KEVIN, 2012)

riqueza cultural da sua cidade, Windsor, e, como referência, menciona Peter: “[...] aquele tipo de área, que é coincidentemente próximo de onde Peter morava, e é muito contraste [em relação ao local anterior onde ele morava]” (JOHN, 2012)<sup>16</sup>. A relação de conterraneidade, expressa na vizinhança de cidades, aproxima os sujeitos, suas memórias e vivências.

Para efeito de contraste, alguns entrevistados trazem grandes cidades do sudeste brasileiro, como Rio de Janeiro e São Paulo, e do nordeste, como Recife, no panorama de experiências e até mesmo de escolha de local para viver. Desta forma, eles moldam uma memória coletiva sobre suas experiências anteriores à chegada em João Pessoa:

hmmm, na verdade, eu acho que aqui, no Brasil, eu acho que o único lugar que eu realmente gostaria de estar é aqui, porque, para mim, São Paulo, Rio são grandes demais para mim, apesar de, profissionalmente, poder ser melhor lá. Eu não considero isso. Eu não vejo, por exemplo, nem mesmo Recife, a violência, eu apenas me sinto tão à vontade aqui, eu me sinto em casa, na verdade. (KEVIN, 2012)<sup>17</sup>

O efeito megalópole das grandes cidades brasileiras não atrai Kevin, muito embora ele tenha convivido com outras grandes metrópoles em seus deslocamentos anteriores. A noção de lar é evidenciada como o elemento que tem propriedades magnéticas para trazê-lo e fazê-lo se sentir em casa, fato relevante para a permanência.

A violência, um dos males mais evitados da contemporaneidade, une os discursos quando o tópico é a escolha por uma cidade sem constrangimentos físicos ou morais:

é eu, bom, João Pessoa, eu vou dizer o que gosto, eu gosto e tem tudo pra mim. Tem as amenidades de uma grande, de uma cidade grande mas ainda não chegou o padrão de violência e trânsito infernal como Recife, que eu não aguento mais.

---

<sup>16</sup> [...] that sort of area, which is coincidentally near where Peter lived, and it's too much of a contrast [in contrast to the previous city where he lived]. (JOHN, 2012)

<sup>17</sup> Ahm, actually, I think here in Brazil, I think the only place that I would really like to be is here, because for me, São Paulo, Rio are just too big for me, although professionally it might be good to go there. I don't consider that. I don't see, for example, even Recife, the violence, I just feel so at ease here, I feel at home, actually. (KEVIN, 2012)

Não, eu tenho uma vida muito boa aqui, muito boa, eu não reclamo de nada. (STEVE, 2012)

Kevin (2012) já havia apontado a qualidade de cidade pequena com as benesses de grande cidade, o que é focado aqui no discurso de Steve. Outros locais marcam a memória como referências de violência, grande fluxo de veículos, ao passo que a cidade escolhida ainda não atingiu os limites, considerados pelos sujeitos como inadequados, para a manutenção da sua qualidade de vida. O ato de reclamar figura o universo da insatisfação, muito provavelmente ocorrido quando da vivência em cidades como Recife, no caso de Steve.

Por outro lado, a opção pelo conceito de memória individual concebido como “[...] um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 201) se dá pelo fato de me concentrar no discurso de cada entrevistado visando ressaltar suas singularidades. Contudo, estou ciente que tais discursos se inserem em quadros sociais mais amplos sobre relações de alteridade e de afetividades entre brasileiros/as e estrangeiros/as que serão trazidos à baila e que constituem memórias coletivas, como já aponte anteriormente. A busca das motivações para a mudança, em associação com as questões sobre diversidade, alteridade e afetividades são tônicas que passam este trabalho.

A função da entrevista não deve, contanto, ser elevada à categoria de generalizadora. Como a figura de linguagem sinédoque, ela não deve considerar o todo pela parte, não deve e nem pode, afinal a parte, isto é, o indivíduo, é singular e deve ser respeitado como tal. Memórias coletivas e individuais funcionam em vias de mão dupla, uma permitindo acesso a outra, como em um *continuum*. Nesse sentido, as narrativas de cada sujeito permitem estabelecer uma proporção coletiva com base no individual, sem que seja feita uma generalização dos fatos narrados.

Já mencionei as questões relativas ao gerenciamento da memória, isto é, a forma como o fato é contado e recontado diversas vezes, ainda que com elementos diferentes da ‘realidade’, o que Alistair Thomson (2002, p. 355) chama de “peculiaridades da história oral” e eu vou chamar aqui de nuances subjetivas.

Uso o termo ‘realidade’ entre aspas para indicar que a realidade *per se* representa um fato subjetivo, uma vez que, se tomo um fato como real, como verdadeiro, o/a interlocutor/a, ou nesse caso, o/a leitor/a, pode não compartilhar da mesma opinião e considerá-lo irreal ou não verídico. Ainda que quando for recontado, o fato dê origem não a uma



‘nova’ narrativa, porém a uma narrativa diferenciada, ou por ter detalhes outros não mencionados anteriormente, ou por deixar de detalhar algo já registrado, esse fato não pode ser considerado uma inverdade. Ao contrário, esse fato será considerado inegavelmente uma realidade tanto para o entrevistador quanto para a pesquisadora que relata a entrevista. O que é retratado pela memória torna o fato real e, tomá-lo como tal, possibilita compreender significados passados e como estes são (re)significados no presente, auxiliando na compreensão de ações correntes (ALBERTI, 1996a). Reforço que tomar uma memória narrada como fato é representá-la como uma verdade para aquele que a narra.

As narrativas, sempre que recontadas, são plurais e experimentam constantes transformações e (re)ajustes. A associação entre memória, criatividade, realidade, subjetividades – através do relato evidenciado no discurso – mostra, na visão de Alistair Thomson, que “nossas lembranças de quem fomos e de onde viemos moldam nosso sentido do ‘eu’ ou de identidade no presente e, dessa forma, afetam as maneiras como construímos nossas vidas” (2002, p. 358), e como nos percebemos.

Para Martins (2008), lembrar é uma exigência social. A partir daí, infiro que ao lembrar o sujeito se situa e é situado perante seus ouvintes e interlocutores, no tempo e no espaço, promovendo a constituição de atributos de referência como local de origem, língua mãe, formação ocupacional, entre outros elementos que o identificam. Seguindo esse raciocínio, trago o excerto de Kevin quando este se localiza enquanto sujeito produtor de conhecimento no ambiente escolar: “é dessa forma que eu gosto de dizer aos meus alunos o quão importante é a leitura, para a educação deles, e então o quão importante ela é para a formação deles também, isso é alguma coisa, é meu sonho” (KEVIN, 2012)<sup>18</sup>. Se em algumas narrativas alguns conteúdos são construídos para serem esquecidos, Kevin ressalta a importância de seus alunos lerem, o que revela seu posicionamento profissional enquanto professor incentivador da leitura. Seu sonho, seu sentimento de autossatisfação é ajudar os outros a perceberem a importância da educação.

Retomo que, dificilmente, o entrevistado irá lembrar-se de algo que não queira. E caso, de fato, se recorde, a ele é facultada a narração

---

<sup>18</sup> That’s how I like telling my students how important reading is, to their education, and then how important it is to your formation as well, that’s something, that’s my dream. (KEVIN, 2012)

desse fato. Ao lembrar-se, o sujeito pode lançar mão de mecanismos, estratégias de organização discursiva, através das quais ele depura sua memória, seleciona o que quer e pode ser lembrado e trazido à superfície narrativa, e o que não deseja compartilhar com seus interlocutores. Nesse sentido, ao narrar sobre sua experiência na Colômbia, Steve organiza seu discurso imageticamente, construindo para seus ouvintes a reprodução visual que retém na memória até a presente data:

e o primeiro dia, com um pouco de exagero, eu olhava [ao] meu arredor, eu via as cores da casa, a estrutura dos prédios, eu lembro disso tudo, a fiação, na rua, coisa que era muito diferente, mas familiar, eu me sentia em casa, eu me sentia aliviado. (STEVE, 2012)

A narração é a representação da realidade vivida por aquele que a narra. Consequentemente, este acontecimento torna-se um fato, e possui um significado para aquele narrador. Sua vivência havia preparado seu olhar para notar o diferente, por conseguinte, cores, estruturas e elementos os quais não eram, ou não estava presentes, no seu cotidiano na terra natal foram fixados e impressos em sua memória. Nesse sentido, quando promovo a investigação linguística dos discursos desses sujeitos na localidade de João Pessoa, passo pelo meu microscópio epistêmico as vidas e as experiências desses sujeitos, relatadas através de suas narrativas, no local em que estão inscritos, geográfica e cognitivamente.

Para uma descrição sobre a constituição de determinados elementos da memória, expressos na narrativa discursiva, adoto a posição de Pollak (1992, p. 201-2) sobre a qual agrupei os “elementos constitutivos da memória”, seja ela individual ou coletiva, em três critérios de análise: (i) “os acontecimentos vividos pessoalmente” e os acontecimentos “‘vividos por tabela’, isto é, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa sente pertencer”; (ii) as “pessoas, [os] personagens”, que podem ter feito parte do dia a dia ou não, mas não precisam necessariamente ter feito parte do mesmo tempo-espaço; e (iii) “os lugares”, já que “existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”. Os lugares serão mais profundamente abordados em breve.

Os três critérios – acontecimentos, personagens e lugares – podem existir tanto como parte do tempo-espaço do sujeito quanto fazer parte de outros eventos, outros fatos sociais. Na minha pesquisa, esses

três critérios servirão para interpretar como os sujeitos, em seus deslocamentos, constituem suas características subjetivas. Em outras palavras, os indivíduos, enquanto autores e atores, constroem suas identidades culturais configurando personagens que vão se formando, ao longo de suas existências, a partir das memórias retidas.

Para interpretar as estratégias discursivas utilizadas pelos entrevistados, evidencio a noção de Pollak (1992, p. 203-204) sobre “memória como fenômeno construído”, a que ele esclarece: “o que a memória [...] grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”. Ferreira (2002) ressalta que as construções imagéticas rememoradas, individual ou coletivamente, são, inevitavelmente, influenciadas pelas práticas sociais vividas à época do evento rememorado e, do mesmo modo, podem ser influenciadas pelas práticas sociais vividas no ato da rememoração.

## **LOCAL DE PESQUISA E LOCAL DE MEMÓRIA**

Raphael Samuel (1989-1990, p. 220) aponta que a pesquisa de uma “[...] História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado”. Isto posto, infiro que uma pesquisa com foco em uma localidade menor possibilita um olhar mais atento às subjetividades do grupo entrevistado e a identificá-los como constituidores de uma determinada prática social.

Já apontei anteriormente que acredito que João Pessoa possa ser vista como uma mini cidade cosmopolita onde processos de internacionalização e globalização ocorrem sem fazer com que a cidade perca sua identidade. Em meio a esses processos, operações transnacionais também fazem parte. Para ilustrar, trago um exemplo da revista inglesa *The Economist* que cita os investimentos estrangeiros e coloca a Paraíba como o quinto melhor estado do nordeste para investimentos estrangeiros (ARGENTINA ..., 2013). Neste mesmo artigo, João Pessoa figura como uma das maiores cidades no mercado imobiliário, ao lado de Campina Grande, e, segundo a reportagem, a cidade já teve um crescimento de 154% em seis anos, tendo previsão de ter seu maior boom imobiliário nos próximos dez anos.

Essas ‘mini’ cidades cosmopolitas se inserem, enquanto espaços urbanos menores, com menor densidade demográfica e geográfica, no quadro semelhante ao de uma cidade global (SASSEN, 2005) com funções e dinâmicas adequadas aos cidadãos que lá habitam,

ou que para lá carregam suas demandas, tornando-as parte do novo cotidiano, como já destacaram Kevin (2012) e Steve (2013) anteriormente ao elencarem que a cidade pequena tem todas os privilégios de uma grande cidade, porém sem as desvantagens que, muitas vezes, acompanham-nas, como violência e engarrafamentos.

Enquanto estratégia, pessoal e financeira, destaco a ação entre Steve e o Conselho Britânico para trazê-lo de volta ao Brasil oportunizando uma oferta de emprego, o que o coloca no rol de uma categoria de imigrante diferenciada, a do *guest worker*, categoria que será abordada mais amplamente no Capítulo 2. Assim, ele estaria munido dos meios necessários para o regresso junto a sua família, a despeito da impressão que tinha sobre localidade que estava lhe sendo oferecida:

então, eu pensei, Bahia, deve ser fim do mundo e Recife muito pior, mas é um contrato do Conselho Britânico, pagam bem, é uma garantia, é um emprego. Eu quero voltar, minha esposa, era, é, meus filhos estavam chegando perto da educação secundária, temos que voltar pra Brasil. Então, [a] contragosto para Recife e me custou reconhecer que eu gostava. (STEVE, 2012)

O compromisso profissional da instituição transnacional possibilitaria a ele realizar o retorno ao Brasil o que, conseqüentemente, seria vantajoso para sua família. O reconhecimento do apreço viria a partir da vivência. Mais uma vez o discurso revela a reflexão que só é possível hoje na voz do Steve do ano de 2013, que se permite olhar para trás e perceber que apreciava a vida aqui, muito embora reconheça que prefere João Pessoa à Recife.

A dinamização do espaço que dispõe de operações e estratégias é abordada por Alejandro Garcês (2006, p. 17) como “*polifuncionalidade do espaço*”. Alguns exemplos podem ser elencados: o comércio que aproxima cidadãos da mesma cultura, formando ou tecendo teias agenciadoras; grupos de trocas de experiências e vivências; monumentos ou áreas que unem grupos e articulam relações e, potencialmente, podem inibir a presença de outros grupos ou moradores locais; e locais de trabalho onde podem ser encontrados cidadãos da mesma cultura, como é o caso citado por Robert quando eu o questiono sobre o que é ser um britânico em João Pessoa:

ahan, um britânico, eu acho que você se sente um pouco diferente, um pouco único, nesse sentido, porque você não encontra muitos britânicos em

João Pessoa e se você os encontra, eles estão todos no mesmo lugar [r] na escola. Eles vão estar em algum tipo de escola de língua [ ] mas, certamente, existem **britânicos** vivendo aqui, eu acho [ ] (ROBERT, 2013)<sup>19</sup>

No sentido destacado por Robert, não vejo esses locais como polos de segregação espacial em que há uma divisão social entre moradores locais, os chamados ‘nativos’ e os estrangeiros. Pelo contrário, vejo o espaço da escola de língua inglesa ‘polifuncional’. Muito mais no sentido de estabelecer relações com o outro brasileiro que ali frequenta em busca de conhecimento linguístico do que promover a localização de um ‘reduto’ de estrangeiros. De fato, o espaço da escola serve-lhes apenas como um ponto de encontro e de referência da existência de conterrâneos, nada mais que isso.

Ressalto que, apesar de ser uma pesquisa que tem na cidade de João Pessoa o cenário de atuação, uma abordagem local não pode, e não deve obliterar os aspectos de constituição do local. Afinal, o local é permeado por outro local, que é permeado por outro local e numa infinita teia de nexos eles se misturam através dos mais diversos fenômenos como os fluxos de visitantes, de moradores, de trabalhadores, de sujeitos de passagem para outra localidade, meios midiáticos. Daí a utilização que faço das vivências dos sujeitos em outras cidades brasileiras e no exterior, como forma de ilustrar o nexo que une esses sujeitos na busca do local ideal para viver.

Sassen (2003) aponta que, ao tomar uma determinada localidade como referencial para a pesquisa, esta não pode ser reduzida à dinâmica que se concentra na globalização como elemento único de constituição do local. Assim, deve-se pensar na relação entre a cidade, enquanto espaço de constituição de espaço social urbano (GARCÊS, 2006), de cultura e, conseqüentemente, dos sujeitos e suas identidades culturais, o que permite visualizar como as diversidades e as identidades fundem-se e diferem-se, possibilitando novas formas de relações interpessoais. É estabelecida, portanto, uma relação cultural e de significação entre o sujeito e o local, como pode ser verificada através da vontade de conhecer o Brasil, expresso nas palavras de Steve, a

---

<sup>19</sup> Ahan, a British man, I suppose you feel a little different, a little unique, in that respect because you don't find many British people in João Pessoa and if you do they are all in the same place [r] at the school. They will be at a language institution of some kind [ ] but **British** people are certainly living here, I think [ ]. (ROBERT, 2013)

seguir:

[...] mas numa dessas viagens, eu cheguei a Leticia, na Colômbia. No outro lado do Rio Amazonas, tem uma, eu não lembro o nome, uma cidade brasileira, e na rádio eu ouvia música brasileira, eu olhava o horizonte, Brasil, Brasil. Uau, deve ser interessante, não vejo a hora de conhecer Brasil. Então fiquei [com] esse desejo. (STEVE, 2012)

A escolha pelo local não é aleatória. Ela advém de uma configuração espacial imaginada e almejada pelos sujeitos que o ressignificam a partir de suas experiências e anseios. Os espaços escolhidos como novos locais de habitação são apropriados, delimitados e definidos em termos das funções, relações e sentimentos que para os sujeitos importam ter, estabelecendo assim a noção que Garcês (2006, p. 08) chama de “lugares *relacionais*”, pois com estes lugares os sujeitos estabelecem relações de desejo, inspiração, anseio e, até mesmo, repúdio.

Seguindo esta linha de raciocínio, posso inferir que as relações sociais constituídas pela escolha do espaço urbano, por parte do sujeito estrangeiro, lhes permitem organizar posicionamentos de sujeitos diferentes daqueles da sociedade de origem. O local passa a ser um espaço de constituição de relações sociais, culturais, simbólicas, de identificação, de pertencimento, de reconstituição de identidades culturais, de práticas discursivas, sociais e culturais. E da mesma forma que o local atrai, ele pode exercer uma força contrária, de rejeição ou que, simplesmente, impeça a aproximação do sujeito, ainda que esse local seja seu país de nascimento:

eu lembro que, depois do certificado de *Education, Post Graduate in Education*, eu lembro que num momento me encontrei numa agência de viagens, na metade do curso, perguntando como podia chegar a Barranquia [Barranquilla], Colômbia. [...] esse, essa grande como eu diria? Desejo, esse grande desejo de voltar. Eu não me sentia bem na Inglaterra, na minha própria cultura. Eu queria voltar. (STEVE, 2012)

Ao narrar suas viagens e sua passagem pela Colômbia, anterior a chegada ao Brasil, Steve relata que desejava um retorno, pois a Inglaterra não mais o ‘acolhia’. Ainda que esse retorno representasse, no futuro, uma ameaça a sua própria existência física e, conseqüentemente,

levando-o a um desejo de mudança para outro local que pudesse lhe oferecer melhores condições de vida e de sensações, como apontarei mais adiante, a realização pessoal e o desejo eram sentimentos imanentes nos momentos em que retornava à terra natal. O destino social em permanecer no local de nascimento é antagonizado pelo desejo físico e mental de sentir-se bem.

Saliento que, embora meu foco não se dirija, exclusivamente, à abordagem sobre a relação entre os sujeitos e o local, contudo, encontrei traços das experiências locais evidenciadas nas entrevistas, o que faz do local e dos elementos que o compõem, relevantes na constituição e análise das memórias, como destaca Pierre Nora (1993), ao apontar a motivação dos narradores em apontar os lugares onde a memória se cristaliza, onde ela se forma, onde ela marca seu território. Peter demonstra como o local, e os locais que frequenta, demarcam territórios diferentes e, até conflitantes, em sua memória:

e isso é um pouco estranho, um pouco esquisito dizer isso, eu não sei, isso me apareceu, eu vou frequentemente ao Rio à trabalho, e fui com minha família por algumas semanas [ ] e sabe, é como um país diferente, era muito mais, eu acho que é bem mais europeu, bem mais, eu diria primeiro mundo, multicultural, mas eu acho que João Pessoa eventualmente vai chegar lá, é somente, o motivo pelo qual eu gosto de João Pessoa é, porque estar ela ainda está por ser descoberta, exótica, e deserta, e meio que simples, um jeito simples de viver, mas que ao mesmo tempo, às vezes esse jeito simples de viver me deixa frustrado [ ]. (PETER, 2013)<sup>20</sup>

A alusão a um clima e um estilo mais europeu de vida para com a cidade do Rio de Janeiro ao mesmo tempo divide e sedimenta sua opção por João Pessoa, em face da possibilidade de que um dia a cidade ‘alcance’, de alguma forma, o conjunto de recursos que a aproxima do

---

<sup>20</sup> And that’s a bit weird, it’s a bit strange to say that, I don’t know, and it was brought on to me, I go to Rio with my work quite often, and went with my family for a few weeks and [ ] yeah it’s like a different country, it was much more, I think much more European, much more, I was gonna say first world, multicultural, but I think João Pessoa will get there eventually, it’s just, the reason I like João Pessoa it’s ‘cause it’s undiscovered, exotic, and deserted, and kind of simple, a simple way of life, but at the same time, sometimes that simple way of life frustrates me [ ]. (PETER, 2013)

Velho Continente.

Segundo Jacques Le Goff (1990, p. 440), a noção de “local de memória” advém da narrativa do poeta Simônides de Céos (cerca de 556-468), sobre um banquete em que era convidado e durante o qual houve um acidente em que todos os presentes foram vítimas, fazendo de Simônides o único sobrevivente e testemunha que identificaria, através do conteúdo imagético retido em sua memória, o posicionamento de cada convidado à mesa, já que não fora possível identificá-los fisicamente. Seguindo esta via de raciocínio, os conteúdos retidos de forma imagética seriam também “*lugares da memória*, onde se pode por associação dispor os objetos da memória [...] e as imagens, formas, traços característicos, símbolos que permitem a recordação mnemônica” (LE GOFF, 1990, p. 440-441). Além disso, o autor sinaliza que representações como a de Inferno, Purgatório e Paraíso, para citar algumas, da mesma maneira, podem indicar ‘lugares de memória’.

Ao criticar movimentos contemporâneos como globalização, massificação, midiaticização e descolonização, Nora (1993) destaca a relação direta estabelecida entre a continuidade e o local, isto é, o lugar permite que um fato histórico ou uma ação perdurem, pois àquele espaço é atribuído o valor ou a memória do fato ou da ação, ligando um ao outro. Desta forma, percebo que ao narrar uma trajetória, ou uma anedota, o sujeito poderá estar atrelando sua narrativa a um determinado local que possa ter marcado os eventos relatados, ou simplesmente por associar àquele local a sua narrativa.

Outra possibilidade é ter um local atrelado à determinada imagem em função do discurso social ao redor, como é o caso dessa fala de Steve sobre a capital pernambucana: “Recife era interessante. Eu como migrante, morador de São Paulo, eu ouvia a palavra ‘baiano’ [com sotaque diferente] como um termo de ofensa, né?” (STEVE, 2012). O local passa a ser ‘local de memória’ porque desperta lembranças que não precisam, necessariamente, estarem atadas ao tempo cronológico (POLLAK, 1992), ou porque despertam sentimentos percebidos à época, ou ainda reflexos de pensamentos posteriores, ou reflexos de pensamentos de outros sujeitos que podem não ser compartilhados por aquele que enuncia a informação sobre o lugar. Se ele ouvia a expressão ‘baiano’ e a reproduzia com o sotaque, que se aproxima da variação de pronúncia que no estado da Bahia é realizada, é porque outros sujeitos a reproduziam para ele, demonstrando a percepção sobre a conotação pejorativa do termo, para fazer referência aos cidadãos brasileiros de determinada região do nordeste.



Outra função do local seria a ‘incumbência’ de retomar e materializar a memória através de mecanismos que a ativam e promovem a sensação de ser levado de volta ao local. Nora (1993) destaca que a associação com o local pode sinalizar pertencimento com o mesmo ou com o grupo que aquela localidade representa. Ou em sentido oposto uma ausência de pertencimento, como foi o caso de Steve na Colômbia:

eu sofri um pouco na Colômbia [...] meu sotaque, não conhecer a cultura, não falar bem o espanhol, também era um período de nacionalismo, neonacionalismo, na Colômbia. *Gringo, gringo*. Na rua, os meninos de rua, quando me viam, já era um alvo para gritar. Eu sofria muito com isso. Sofria muito, apesar de todo o bem que eu acabo de expressar, de me sentir em casa, na segunda vez na Colômbia, era muito difícil para mim. Muito difícil. Tanto assim que, quando saí de Colômbia, não podia pronunciar a palavra Colômbia, sem gaguejar. (STEVE, 2012)

A experiência dele, durante o período em que lecionava, fez do vocábulo ‘gringo’ um termo que o incomodava, que lhe causava mal-estar. Costumeiramente pejorativo, o termo é utilizado pelos brasileiros ao fazerem referência aos estrangeiros, caucasianos de um modo geral, ou em situação diversa, no sul do Brasil, aos descendentes de italianos. Norbert Elias e John Scotson (2000) observam em estudos sobre relações de poder entre os grupos, por ele denominados, de estabelecidos e *outsiders* que terminologias como ‘gringo’, ‘crioulo’, entre outras, somente tem o poder de ‘ferir’ aqueles que são referidos como tal a depender da consciência dos interlocutores. Nesse sentido, e em situação posterior, já morando no Brasil, Steve sinaliza que fez as pazes com o termo e hoje em dia não se sente mais importunado.

A identificação é pessoalizada já que nem todos os sujeitos identificam-se da mesma maneira com determinados lugares, ou objetos, ou termos, entre outros, pois ‘local de memória’ representa “um fio invisível que liga objetos sem uma relação evidente [...]” (NORA, 1993, p. 27). Além de ser um fio ‘invisível’, é um fio que liga de forma subjetiva sujeito e local. A relação pode não ser evidente para o outro, mas para aquele que estica o fio é mais do que manifesta, é uma relação imanente entre a memória e o local de memória. Outros exemplos são enumerados pelos autores, indo desde grandes locais públicos como museus, monumentos, bibliotecas, parques, casas, pequenos objetos

como medalhas, fotos, álbuns de fotografias até eventos como celebrações, festas de aniversário (LE GOFF, 1990; NORA, 1993). Na esteira dos significados do local, Nora (1993) distingue os três efeitos do local: material, simbólico e funcional.

Material na forma física que apresenta; simbólico através da designação emblemática que uma estátua, celebração ou moeda, para citar alguns elementos, retrata; e, funcional, quando apresenta alguma utilidade ou serventia, como no caso de um manual, para nomear um exemplo. Em sua passagem, pela primeira vez, na cidade de Recife, Steve traz o seguinte relato que reúne significados materiais e simbólicos:

eu tinha passado por Recife. Eu fiz uma viagem com um amigo a dedo, chegamos ao Recife. Foi uma aventura e passamos por Recife. Meu diário, *my diary*, tem uma expressão, uma frase sobre Recife 'parece medieval'. [...] Porque a gente ia nos hotéis mais baratos, no centro da cidade, tudo sujo, prostitutas e, na rua, uma, uma coisa extremamente triste. As nossas impressões dos lugares, eram, digamos, tintadas, *painted*, com isso. (STEVE, 2012)

Em termos de significações materiais destaco as referências aos locais frequentados por ele e seu amigo. A associação entre o centro da cidade e o baixo custo, por outro lado aparece como representação de significado simbólico, em paralelo à descrição da viagem que é concebida como uma 'aventura', já que emblema um momento em sua vida que, muito provavelmente, jamais será repetido. O que ficou retido na memória sobre aquele evento é simbolicamente 'colorido' pelo local e o marca por intermédio da tristeza que a situação do local despertou.

Caroline Brettell (2003) advoga em prol da perspectiva da trajetória de vida de sujeitos individuais, uma vez que a compreensão do percurso experiencial de um sujeito admite a compreensão não somente daquele indivíduo, mas também de um contexto mais amplo na história e na cultura em que ele se insere. Desta maneira, coloco em foco seis sujeitos em um universo de muitos outros estrangeiros, que não são trazidos aqui, mas que, certamente, possuem trajetórias similares. Não por acaso situo essas trajetórias, mas por opção, já que minha intenção não é generalizar e sim prover destaque ao que se apresenta como mais singular nesses processos migratórios individuais, tendo em vista que o foco no particular não privilegia o micro em detrimento do macro.

Os sujeitos transitam no universo da memória, da memória

coletiva e da cultura, ligando-os à análise local, já que o local – não somente o local físico, mas também o local da narrativa – materializa a análise.

Com isso em mente, considero a elaboração imagética sobre o deslocamento, na figura da narrativa, um instrumento de (re)posicionamento subjetivo que auxilia a compreensão das histórias individuais sobre cada deslocamento e experiência. Para tanto, aproximo a História Oral dos estudos migracionistas, destacando a importância relacional entre eles em pesquisas sociais.

## **HISTÓRIA ORAL E ESTUDOS DE MIGRAÇÃO**

De um modo geral, as pesquisas que associam História Oral e migração pautam-se na utilização de entrevistas – individuais ou não – com grupos advindos da mesma localidade e investigam sobre as mudanças sociais promovidas pela convivência com moradores do local de origem. Meu interesse, contudo, se estende à percepção da alteridade, ao alcance das mudanças subjetivas, às relações afetivas, entre outros efeitos acarretados pelo deslocamento de cada sujeito entrevistado, já que, como bem elaborou Thomson (2002), se valendo das palavras de John Bodnar,

[...] a história oral é uma ferramenta importante para entender [...] os ‘mundos internos’ dos imigrantes, para explorar como a ‘subjetividade’ e sonhos – de indivíduos família e comunidades informam e moldam a experiência da migração em todos os seus estágios, e é por sua vez transformada por essa experiência (THOMSON, 2002, p. 349).

Para tanto, concentro-me no testemunho pessoal sobre a experiência do migrar (THOMSON, 2002), pois aquele permitirá uma visualização do processo de imigração individual na sua forma mais peculiar: a partir do ponto de vista singular daquele que migra. A contribuição, nesse caso, do campo da História Oral em associação com os estudos sobre mobilidades jaz no ato de conceder visibilidade à narrativa de imigração através das produções de fontes orais, isto é, através das lembranças dos seus deslocamentos posso reconstituir as trajetórias dos sujeitos e contar suas histórias. Alberti (1996b) alerta para o vínculo intrínseco entre experiência e língua, já que a segunda é o veículo de transmissão da primeira. Estarei retomando mais adiante, sobre a influência da língua nos relatos.

Segundo Joan Wallach Scott (1999, p. 42) a “experiência é uma história do sujeito. A linguagem é o local onde a história é encenada”. Assertiva essa corroborada por Norman Fairclough (2010, p. 93) quando este elenca que os discursos são “[...] formas de significar áreas da experiência a partir de uma experiência particular [...]”. Logo, os discursos enunciados nos remetem às experiências individuais, nos oferecendo nuances do que a pessoa experimenta e, deslindam aspectos acerca da construção imagética, via memória, sobre os percursos de suas vidas.

Em muitas situações, a História Oral, enquanto ferramenta metodológica de investigação, ajuda no momento do “grupo de relacionamento” (PORTELLI, 2005), a revelar a tomada de consciência do entrevistado em relação, no caso da pesquisa que realizo, à ação do migrar, como se ele refletisse sobre suas ações de forma crítica e em relação à coletividade, como é o caso de Steve ao trazer, de forma histórica, uma reflexão sobre seus conterrâneos:

um comentário que eu acho interessante para você e que demonstra a minha diferença com a maioria dos, digamos, migrantes. Bom, não com a maioria dos britânicos migrantes a essa região. Eu vou voltar um pouco no tempo, no século XIX chegaram muitos britânicos, não sei se você sabe eu estudei, eu dei palestra, eu escrevi sobre essa matéria. Por exemplo, Recife, Recife, na segunda metade do século XIX, as primeiras duas décadas do século passado, os britânicos mandaram tudo lá e pouca gente sabe disso. (STEVE, 2012)

Ao mesmo tempo em que Steve se coloca no ponto de intersecção com os conterrâneos ‘enquadrando-se’ na categoria ‘migrante’, ele se distancia dos mesmos apontando ser diferente. Não posso obliterar o fato de Thomson (2002) relatar sobre a continuidade da experiência de migração, já que a mesma não se encerra quando da chegada ao lugar onde se pretende ir. Pelo contrário, uma vez iniciada sua jornada, o sujeito estará sempre construindo a sua experiência migratória, ainda que se considere estabelecido na sociedade-lar. Além disso, a experiência migratória sofre grandes contribuições daqueles que a antecedem no que tange semelhanças e diferenças, como bem destaca Steve.

Através dessa ponderação de Thomson (2002), noto que a relação entre a memória e a experiência do migrar não deve ser considerada como tendo um ponto de conclusão, afinal, tanto a memória

quanto a experiência do migrar são subjetivas. Apesar de poder indicar, sem muita precisão, uma época para seu início, o seu fim é, ‘precisamente impreciso’, indeterminado pela própria circunstância de estrangeiro que migra, pois por mais longa que seja sua estadia no país de estabelecimento, ele se vê na condição de estrangeiro. O relato de Peter sobre se, em algum momento, ele já se sentiu, ou se sente alienado, reflete isso:

hmm, às vezes, não é, é difícil, é um pouco frustrante, eu acho que sempre, como um estrangeiro vivendo no exterior, você sabe, eu aqui ou você na América, ou qualquer um, por mais que saiba a língua e faça amigos, e entenda a cultura, eu acho que você vai sempre ficar, ligeiramente, de fora, se isso faz sentido, porque você não cresceu aqui, você não frequentou a escola aqui, eu não sei. Como, por exemplo, hoje eu fui à academia, pela manhã, e eu tenho um grupo de amigos lá, eles são bons amigos e nós fazemos piada, mas, às vezes as piadas, eu não compreendo completamente, ou eu não acho tão engraçado quanto o resto do pessoal acha, são as pequenas coisas, eu acho, mas não tanto. (PETER, 2013)<sup>21</sup>

Sua narrativa traduz o viver físico na cultura, mas não o viver mental que fora construído por intermédio da convivência e do passar dos anos. Seus anos de experiência desde a mudança e o estabelecimento talvez não sejam suficientes para lhe dar a base e o conhecimento de mundo que lhe permita compreender piadas, comportamentos e usos vocabulares. Desligar sua mente – e, conseqüentemente, todo o seu conhecimento cultural – por completo e começar do zero não seria uma estratégia válida, portanto lhe resta observar e refletir, além do constante aprendizado ao que é exposto.

---

<sup>21</sup> Ahm, sometimes, it is not, it’s difficult, it is a little bit frustrating, I think always, as a foreigner living abroad, you know, me here or you in America, or anyone as much as like know the language and make friends, and understand the culture, I think you will always gonna be slightly outside, if that makes sense, because you haven’t grown up here, you didn’t go to school here, I don’t know. Like, for example, today I go to the gym, in the morning, and I have a group of friends there, they are good friends and we joke around but sometimes the jokes, I just don’t fully understand or I don’t think of it as funny as everyone else thinks it’s funny, it’s little things, I think, but not too much. (PETER, 2013)

Ainda que seja naturalizado de acordo com as leis do país, um estrangeiro estará constantemente exposto ao aprendizado de novas tradições e costumes, agregando à sua identidade cultural novas visões de mundo, como em um *patchwork* identitário. Saliento que tal fato não ocorre somente com estrangeiros, mas igualmente com brasileiros de diferentes regiões do país que, ao se deslocarem dentro do Brasil, se encontram em uma situação favorável à apropriação de outros costumes e tradições do local para onde se deslocam ou podem passar por experiências semelhantes.

Na esteira da vertente italiana que proporcionou uma visão da História Oral como uma metodologia e uma teoria munida de sofisticação e que alia os estudos de subjetividade, aos de memória e aos aspectos linguísticos da narrativa (PORTELLI, 1996a), nada mais natural do que associá-la à Análise Crítica do Discurso, metodologia de investigação linguística que, a meu ver, complementa a análise em História Oral, uma vez que possibilita uma apuração minudente das nuances linguísticas, presentes nas escolhas lexicais, elementos que evidenciam as características subjetivas dos sujeitos em suas trajetórias.

## ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Já indiquei que a metodologia de seleção, produção e condução do material de pesquisa é a da História Oral, que mostra ser plural e interdisciplinar. Isto posto, me inspiro na metodologia de investigação linguística da Análise Crítica do Discurso para refletir a respeito dos discursos, uma vez que “o discurso contribui [...] para a construção do que é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições subjetivas’ para os ‘sujeitos’ sociais e tipos de ‘self’” (FAIRCLOUGH, 2010a, p. 64), categorias que são caras para essa pesquisa, que tem os sujeitos como ponto central.

É importante deixar claro que uso o conceito de *self* com base nas reflexões de Anthony Giddens (1991, p. 75) que o destaca como um projeto de responsabilidade do sujeito, afinal “somos o que fazemos de nós mesmos”. Para o autor, o processo de reflexividade do *self* envolve relações contínuas entre o passado e o futuro, que permitem ao sujeito se “auto atualizar” e perceber e ‘agarrar’ novas oportunidades de experiências. As mobilidades aqui descritas estariam em conformidade com o pensamento de Giddens já que os sujeitos aproveitam a chance de deslocamento para outro país e, a partir dela, geram mudanças – não só físicas como também do *self*.

As narrativas contadas pelo sujeito e que compõem suas identidades, são as narrativas do *self*, do sujeito reflexivo que recupera seu passado no presente e reflete sobre ações futuras com base nas experiências vividas. São essas narrativas, vistas na forma de discursos que analiso pelo viés linguístico.

A Linguística, em consonância com outras disciplinas da área de Ciências Humanas, não representa uma disciplina exata. Ela configura o estudo das linguagens e suas evoluções no decorrer dos tempos, conseqüentemente, não pode ser entendida como uma episteme estática, hirta, não passível de transformações. Destarte, o que se compreende ao analisar um discurso pode variar de linguista para linguista, a depender da sua ‘mala de mão’, noção que será abordada no próximo capítulo, quando as reflexões teóricas sobre deslocamentos são apresentadas.

Através da Análise Crítica do Discurso, o enfoque se volta para a organização linguística do discurso e como esta toma sentido quando inserida no contexto da prática social. Carmen Rosa Caldas-Coulthard (2008, p. 29) afirma que “comportamo-nos através da linguagem”, então, abordar as questões discursivas está no escopo de ação de segmentos no exercício da análise social. Falar sobre os significados que os sujeitos atribuem aos fatos e às experiências transcorridas na história e nas suas vivências é considerar os dispositivos linguísticos presentes na oralidade, alguns transferidos para a escrita, e que permitem fazer interpretações acerca do tema pesquisado.

A análise inspirada na metodologia proposta por Fairclough (1989) dispõe de variadas ferramentas que partem desde o texto, passando pela interação do texto com seus interlocutores, até atingir o contexto social que esse texto pode proporcionar. Além disso, o texto pode ser analisado por meio de três estágios: descrição, interpretação e explicação.

Faz-se mister ressaltar o fato de que, se fosse me valer somente das palavras e seus significados isolados, não poderia contar com o aparato sociocultural que cerca as palavras no discurso e promove a presença da “representação de mundo” (FAIRCLOUGH, 2010b, p. 46), de conhecimentos, das experiências e vivências dos sujeitos sobre temas diversos – o *background* – os quais, por sua vez, são elementos refletidos nos discursos. Fairclough (1989) ilustra que o *background* representa uma ferramenta que serve aos participantes do ato comunicativo em múltiplas formas, já que tanto serve ao narrador, na produção textual quando leva sua percepção de mundo, como serve ao

interlocutor que, a partir do material enunciado interpreta o texto de acordo com a sua percepção de mundo.

Como exemplo de *background*, utilizo o excerto de Robert que, ao falar da origem dos seus pais (Dominica<sup>22</sup>), é questionado por mim se já esteve naquele país: “sim, sim! Eu já estive lá, eu gosto deles, mais uma vez, a cultura lá, me lembra muito a do Brasil, até um certo ponto, em uma escala menor, você entende?” (ROBERT, 2013)<sup>23</sup>. A proximidade e, por assim dizer, afinidade com o Brasil parece ter tido no país de origem de seus pais, como também as semelhanças culturais que o entrevistado mencionou, sem especificar quais, a princípio. Enquanto ferramenta de interpretação percebo que a empolgação e o apreço de Robert pelo país (Dominica) demonstra sua percepção positiva quanto à localidade, o que favorece a aproximação com o local. Além disso, a utilização da expressão de confirmação ‘você entende?’ busca no interlocutor interatividade e corroboração da informação o que, nesse caso, refere-se à semelhança cultural entre os dois países.

A forma como o texto é enunciado pelo narrador pode guiar o interlocutor em uma via de interpretação que segue o posicionamento do primeiro. No caso do enunciado de Robert sobre a semelhança cultural entre Dominica e Brasil, sou levada a crer que as culturas de fato se assemelham. Inicialmente, pelo meu modesto conhecimento sobre as Antilhas, o qual já trago comigo em decorrência de leituras e experiências anteriores, e posteriormente, através da representação que Robert descreveu sobre elementos culturais, exemplificados em música e comida. A reprodução ideológica, ou não, de visões de mundo, através das interpretações do interlocutor, dependerá da capacidade crítica deste em se posicionar, sempre que possível, de forma neutra, objetivando munir um tratamento coerente com os objetivos propostos.

Já mencionei que três são os elementos essenciais na análise crítico-discursiva: o texto, o discurso e a prática social, caracterizando a perspectiva tridimensional. Uma análise que não considera tais elementos pode levar a uma interpretação limitada, no mínimo, ou de

---

<sup>22</sup> A Dominica não deve ser confundida com a República Dominicana. A primeira pode ser referenciada como Comunidade das Nações de Dominica e está localizada na porção oriental do arquipélago caribenho, ao passo que a segunda está localizada ao norte do Caribe. Informações disponíveis em: <<http://www.dominica.dm>> Acesso em: 13 jan. 2014.

<sup>23</sup> Yes, yes! I have been there, I like them, again, the culture there, it reminds me a lot of Brazil to a certain extent, on a smaller scale, you know? (ROBERT, 2013)



pouca intensidade semântica para o contexto investigado. Fairclough (2010a), ao descrever o percurso histórico da Análise do Discurso e da Análise Crítica do Discurso, assevera que não há um sistema ou uma análise do discurso que possa compreender todos os detalhes, os quais podem variar desde o uso de figuras do discurso à paralinguística. Aqui, analisei quais critérios, características e elementos, pertencentes à metodologia de análise, são pertinentes ao projeto de pesquisa. Então, selecionei-os e incorporei-os à abordagem interdisciplinar para aplicá-los. Sabendo da amplitude analítica que a Análise Crítica do Discurso dispõe, acompanho a sugestão do autor e disponho, a seguir, os critérios que transformei em ferramentas úteis para a minha investigação.

Para a análise que segue esta ótica, sigo os procedimentos analíticos através da perspectiva *bottom-up*, isto é, parto da menor unidade para a maior, isto é, do que o sujeito experimenta de maneira individual para as suas semelhanças, ou diferenças, com outros sujeitos, em situações análogas. Apesar de ser uma análise tridimensional, seria muito difícil segmentá-la. Por isso, considero que a análise textual conduz, automaticamente, às inferências nas dimensões textuais, discursivas e sociais simultaneamente, já que, ao analisar textos são realizadas avaliações de formas e de significados (FAIRCLOUGH, 2010b). Assim, não me detenho em analisar as características formais ou as unidades gramaticais isoladamente, mas sim a importância das mesmas no contexto enunciado pelo sujeito. Quando considerarei necessário, fiz apontamentos e interpretações sobre especificidades vocabulares enunciadas.

Ao iniciar pelo texto, analiso a lexicalização realizada pelo entrevistado e como tais escolhas lexicais podem revelar características subjetivas e sua prática discursiva e social; investigo ainda quais valores esses vocábulos possuem para os narradores (FAIRCLOUGH, 1989); e aproveito a oportunidade para identificar utilizações pronominais e a relevância destas para a compreensão discursiva. Nesta fase, a descrição e a interpretação desses termos auxiliam a compreensão das maneiras diferentes de utilizar o léxico, as quais identificam posições e ou sistemas ideológicos diferentes (FAIRCLOUGH, 2010a), levando-me à prática discursiva. Para ilustrar, ofereço o seguinte excerto de Robert, quando ele descreve a saída de cidadãos das Antilhas para a Grã-Bretanha: “[...] voltando [ao assunto], nós falamos, eu falei contigo sobre várias pessoas vindo para Londres, os ingleses depois da Segunda

Guerra Mundial [...]”(ROBERT, 2013)<sup>24</sup>. Fairclough (1989) fala sobre o uso do “nós inclusivo”, quando o pronome serve ao propósito de acrescentar ao discurso a presença do ouvinte, ou do leitor. Se inicialmente, Robert reconhece que o contexto situacional é dialógico – ‘nós falamos’ –, logo adiante ele reforça que é ele quem detém o conhecimento das informações que me fornece – ‘eu falei contigo’ – e reivindica a sua autoridade enquanto entrevistado.

A prática discursiva, por sua vez, representa a percepção da sociedade e como o sujeito absorve ou ignora os discursos, interagindo textualmente (FAIRCLOUGH, 2010a). Aproximo-me mais dessa prática, ao fazer referência ao plano das ideias daquele falante e como as subjetividades são representadas. Nesse aspecto, os discursos enunciados pelos falantes podem refletir ideias próprias ou, em uma esfera amplificada, noções advindas de discursos propagados na esfera societal, o que corresponde à prática social. Durante a conversa sobre as Antilhas, pergunto ao Robert sobre a língua falada no local ao que ele me responde:

eles falam o que é chamado de *pidgin* francês, um francês quebrado. Então o francês que eles falam, gramaticalmente, pode estar incorreto, mas é a língua que é usada na ilha. Mas eles falam aquilo com inglês também. (ROBERT, 2013)<sup>25</sup>.

Sua noção sobre a variação linguística nascida do contato entre os nativos da região das Antilhas e os colonizadores franceses é a de uma língua ‘incorreta’, fraturada por não obedecer, legitimamente, às regras léxico-gramaticais do francês, noção provavelmente difundida pelos franceses entre os cidadãos do local. Se ao mesmo tempo ele defende a prática social sobre uma língua ‘quebrada’, em paralelo, ele mostra-se resignado em reconhecer que aquela é a língua usada pela população, se posicionando enquanto sujeito crítico e que não aceita a noção de língua ‘quebrada’.

Mais adiante, quando pergunto se seus pais e irmãos falam inglês, ele me responde: “sim, eles falam em inglês é claro. Aquela [*pidgin* francês] seria a primeira língua para a qual eles se voltam. É

---

<sup>24</sup> [...] just going back, we talked, I talked to you about a lot of people coming over to London, the British after the second World War [...] (ROBERT, 2013)

<sup>25</sup> They speak what is termed as a pidgin French, a broken French. So the French they speak, grammatically, it might be incorrect but it is the language that it is used on the island, but they speak that with English as well. (ROBERT, 2013)

conhecida como *patoá*, você já ouviu falar desse termo?” (ROBERT, 2013)<sup>26</sup>. A utilização da expressão ‘é claro’ se dá em decorrência do local de habitação da família – Londres – refletindo o contexto linguístico de vivência da família e, portanto, a língua a qual podem recorrer. Contudo, é na figura da variante linguística francesa, o *patoá*, que eles se apoiam. Durante a entrevista, menciono que, por uma escolha lexical pessoal, prefiro não utilizar a terminologia *pidgin* e sim o *patoá*, ao que ele me confirma: “sim, é uma expressão depreciativa, não é? P-A-T-O-I-S [e então soletra]”(ROBERT, 2013)<sup>27</sup>, o que mostra a crítica de práticas sociodiscursivas acerca da utilização do termo *pidgin*.

Ao alcançar a prática social, vários contextos (FAIRCLOUGH, 2010b) são trazidos à baila como o de situação, fazendo referência ao momento em que o discurso é enunciado; o contexto institucional, que se remete à institucionalização do discurso como ideologias e pensamentos políticos, para citar alguns; e o contexto social mais amplo, que combina, mescla, inclui ou exclui ideologias, percepções, tudo isso face à cultura em que os discursos são proferidos. A visão de mundo do sujeito é traduzida no seu discurso e revela seu posicionamento:

[...] os ingleses, depois da Segunda Guerra Mundial, os ingleses precisavam de muitas pessoas para vir para Londres para trabalhar e a Dominica era uma dessas ilhas que eles haviam colonizado na época e eles pediam para as pessoas virem e trabalharem em Londres e meu pai aproveitou aquela oportunidade para vir. (ROBERT, 2013)<sup>28</sup>

A Grã-Bretanha exerceria certa influência na requisição de mão de obra laboral durante o período do pós-guerra na região da Dominica que, muito provavelmente, não dispunha de um mercado de trabalho amplo. A saída da ilha, localizada na região das Antilhas, e mudança para outra ilha, mas desta vez, parte do continente europeu, significou uma ‘oportunidade’ para o pai de Robert, oportunidade de mudança não

---

<sup>26</sup> Yea, they speak in English of course, that would be the first language that they would turn to. It’s known as **patois**, have you heard that term? (ROBERT, 2013)

<sup>27</sup> Yes, it’s a derogatory term, isn’t it? P-A-T-O-I-S [spelling it].(ROBERT, 2013)

<sup>28</sup> [...] the British after the Second World War, the British needed a lot of people to come to London to work and Dominica was one of these islands that they had colonized at that time and they asked a lot of people to come and work in London and my father took that opportunity to come. (ROBERT, 2013)

só de ares, mas financeira e cultural. Enfim, uma plethora de outras situações as quais a família estaria envolvida em uma nova fase da vida, conferindo a tipicidade migracional de sair da região menos favorecida financeiramente para outra região que, ou se encontra em fase de crescimento, ou já se encontra estabelecida. Noto um fato curioso nesta fala de Robert ao utilizar o verbo *to come* – vir – para fazer referência a ida para a Inglaterra como se lá ele ainda estivesse. Textual e semanticamente, entendo que o sujeito se mostra conectado a sociedade de origem através dos recursos linguísticos que utiliza.

Concentro-me no contexto social mais amplo, pois este me auxilia a identificar o momento social que o entrevistado vivia ao migrar, além de poder identificar o momento social que ele experienciou no ato da entrevista diante da sua vivência cultural. Assim, tenho as ferramentas para explicar as estratégias utilizadas pelos sujeitos na estruturação discursiva e social. Afinal, a prática social não é um conceito pré-concebido, mas algo construído, dia após dia, através da interação discursiva e social entre os sujeitos e, assim como as posições subjetivas, é constantemente modificada ou remodelada, para servir ao propósito individual ou da sociedade, tornando-a um elemento fluido e contingente. É importante ressaltar que a prática discursiva e a prática social não se anulam ou se excluem mutuamente, ao contrário, a primeira é o veículo através do qual a segunda se manifesta.

## **CONDUZINDO A PESQUISA**

As fontes orais são capazes de revelar as nuances de significados que não estão aparentemente escritos, mas repousam na percepção do observador. São significados unidos por uma ponte entre a análise linguística e a análise social. A associação entre História Oral e Análise Crítica do Discurso, de forma interdisciplinar, permite a travessia dessa ponte, concedendo uma análise social da língua. Dessa forma, entender a ordem social e os discursos sociais é, acima de tudo, posicionar-se criticamente, não para julgar, mas para atribuir uma atitude de observação, uma atitude de análise da conjuntura em foco, no meu caso, da experiência do migrar. A intersecção dessas esferas promove uma visão interpretativa do discurso no momento em que é produzido, sobre outro momento no tempo e no espaço, não obliterando o fato de que é uma interpretação permeada pelas subjetividades da pesquisadora e do entrevistado, como orientam Alberti (2005) e Portelli (1996b).

Utilizei-me dos procedimentos aplicados em História Oral no que tange a busca do entrevistado em mais de uma ocasião, com o objetivo de preencher lacunas que, porventura, poderiam ter sido deixadas, ou por minha inexperiência com entrevistas, ou mesmo, por questionamentos que tivessem surgido no decorrer da primeira fase de análise. Assim, quando foi possível, realizei dois momentos de produção de fonte orais, o primeiro no ano de 2012 e o segundo, subsequente à fase da qualificação, no ano de 2013. Não obliterei, de modo algum, a possibilidade de, em momento posterior, o entrevistado fornecer detalhes outros, diferentes daqueles revelados no primeiro encontro.

Estou atenta para a necessidade de trazer a fonte oral transcrita de acordo com o enunciado pelo entrevistado, mesmo sabendo que a transcrição em si – e realizada por mim – contém traços de subjetividade. Ressalto ainda que, apesar de não retratar verbalmente todos os elementos não verbais ocorridos durante a entrevista – como gestos ou movimentos que remetem à linguagem corporal –, esse serão, quando necessário, inseridos. Assim, não assumo o ponto de vista ingênuo de uma transcrição perfeita, afinal esta não existe.

Sobre as temáticas e o que elas podem revelar, Fairclough argumenta que

os tópicos de conversas e as formas pelas quais as pessoas, de fato, conectam os tópicos uns aos outros, podem prover muitos *insights* sobre as preocupações da vida cotidiana e o senso comum de estruturação da vida no mundo. (FAIRCLOUGH, 2010a, p. 155)

Desta forma, as análises seguem a orientação das seguintes categorias temáticas: a memória do passado, os deslocamentos entre países e cidades, processos decisórios que envolveram a mudança, a escolha pela cidade de João Pessoa, por que desejam permanecer no Brasil, as conexões de trabalho estabelecidas por eles na sociedade em que se fixam – no Capítulo Três; as visões da sociedade de origem e da sociedade em que se fixam, as visões sobre o outro brasileiro e o outro estrangeiro, percalços e sucessos em meio aos processos de adaptação, formação das díades conjugais e, conseqüentemente, a relação familiar, bem como as percepções e os sentimentos que os envolvem (re)constituindo suas identidades culturais – no Capítulo Quatro.

Outros temas podem surgir no decurso da análise e eles serão trazidos à luz do panorama textual analítico. A orientação das temáticas nos Capítulos Três e Quatro não significa dizer, contudo, que as mesmas apresentaram-se nessa ordem durante a entrevista. Faço uso apenas de

uma disposição organizacional que procuro dar buscando unir sequencialmente as categorias.

Acho importante inserir marcadores sociais como grau de instrução – posição socioeconômica e ocupação – uma vez que estes situam socialmente os sujeitos aqui entrevistados. Outrossim, o uso de marcadores é suporte de controle na metodologia e nos procedimentos de análise, uma vez que cerca a pesquisa e a pesquisadora auxiliando-a a compor o quadro analítico. Marcadores como país de origem e local de destino, vão além de uma tipificação do deslocamento, eles servem, por exemplo, para estabelecer critérios de seleção e balizar as fronteiras da pesquisa, além de proporcionar visões comparativas sobre as culturas e suas singularidades.

Outros marcadores, desta vez linguísticos, são, igualmente, relevantes para uma análise que toma como inspiração a análise crítico-discursiva, como é o caso de termos ou expressões ditas em língua diferente da que está sendo enunciada pelo entrevistado. Para ilustrar, utilizo o momento em que Steve deseja mudar o tópico da conversa e se vale do termo *tangent* para identificar um desvio do propósito original da entrevista: “então um *tangent*, no meu, uma experiência que eu tive, eu não estou exagerando o que vou contar” (STEVE, 2012). Steve, enquanto ator social e produtor de significados em conjunto com o contexto situacional em que se encontra, atribui significados representativos para o termo em inglês utilizado em meio a língua portuguesa.

O uso de termos em outra língua, que não a qual a entrevista está sendo enunciada, constitui uma ocorrência muito comum em contextos híbridos de conversação, isto é, com aprendizes ou falantes de língua estrangeira que se valem de estratégias linguísticas particulares com o objetivo de se comunicarem. A transferência linguística, no sentido aqui abordado, não se aplica aos termos utilizados em língua estrangeira em materiais acadêmicos ou de leitura em geral – jornais, revistas. Nesses casos, o uso dos termos estrangeiros ocorre, normalmente, ou pela ausência de termo equivalente na língua de redação, ou por se tratar de termo técnico referente ao assunto abordado.

Muitas vezes a transferência linguística não prejudica a comunicabilidade ou a inteligibilidade do ato comunicativo, pois pressupõe que, dentre os interlocutores, aquele que enuncia tem o conhecimento de que o ouvinte detém a mínima, se não total, percepção do significado da palavra ou expressão empregada. Quando necessário, trago algumas traduções ou no corpo do texto, em meio a análise, ou em

notas de rodapé.

Relembro que o objeto de análise é a entrevista de fonte oral transcrita. Contudo, vou valer-me de outras fontes escritas na forma de jornais, impressos ou disponíveis na mídia virtual, para demonstrar semelhanças ou diferenças, através de exemplos externos às narrativas, mas que se associam às falas dos meus entrevistados, ou que servem para ilustrar fatos descritos ou mencionados por eles com maior riqueza de detalhes ou referências. O levantamento dessas fontes foi realizado quando havia necessidade de expor mais detalhes. No caso da publicação da entrevista com Andrew Barlow, filho de David Barlow, inglês que também migrou para a cidade de João Pessoa em 1963, a matéria proporciona visões semelhantes às dos entrevistados e que serão exploradas com mais profundidade no Capítulo Três.

Portelli (1996b, p. 09) faz-me perceber que a sociedade pode ser vista como uma colcha de retalhos, um *patchwork* cuidadosamente tecido nas entrelinhas das singularidades dos sujeitos e de seus discursos, pois “[...] cada fragmento (cada pessoa) é diferente dos outros, mesmo tendo muitas coisas em comum com eles, buscando tanto a própria semelhança como a própria diferença”. Vou um pouco além do pensamento do autor e acrescento que, no *patchwork* da vida, a união de fragmentos, em suas semelhanças e diferenças, é o que compõe a sociedade, tornando-a sempre plural e interdisciplinar, respeitando as singularidades e alteridades, favorecendo os sujeitos a um eterno aprendizado do que há em comum ou do que diferem um do outro – o que deve ser eminentemente respeitado –, como podem melhorar, ainda que isso signifique dar um passo recuado.

A seguir, passo às considerações que dão forma ao sustentáculo teórico para embasar a análise de questões que levam em conta campos do conhecimento nos estudos de subjetividades, gênero, masculinidades e deslocamentos humanos.







CAPÍTULO 02

---

---

*Socrates ... said he was not an Athenian or a Greek, but a citizen of the world.*  
(Plutarch, 46 D.C.)

---

---



## **O PERAMBULAR HUMANO: SUBJETIVIDADES, IDENTIDADES CULTURAIS E MASCULINIDADES**

### **RESUMO DO CAPÍTULO**

Reúno neste capítulo reflexões teóricas, ainda que não pelo viés metodológico e sim teórico-filosófico, que auxiliam a interpretação de categorias como subjetividades, identidades culturais, gênero e masculinidades, seguidas pela necessária inserção de reflexões selecionadas para tratar do tema que envolve esta pesquisa de forma central: o deslocamento humano. Para tanto, exponho, de forma breve, quando possível, quatro concepções acerca do fenômeno migratório sob a ótica dos/as autores/as que considero mais eminentes e que procuram explicar, a partir de seus locais de fala, as motivações, as consequências e as experiências que levam as pessoas a ‘perambularem’ pelo mundo, ou em um local se fixarem. Transnacionalismo, migração internacional, cosmopolitismo e migração por estilo de vida são trazidos à baila para discutir os meandros que envolvem as articulações transatlânticas dos sujeitos que entrevistei. Coloco em evidência as categorias de análise e os contextos sociais, geográficos, históricos, de que os/as autores/as se valem para desenvolver e aplicar suas reflexões teóricas. E a partir delas, identifico os elementos que podem contribuir para a análise amalgamando-os de forma híbrida e adequando-as à investigação acadêmica.

### **SUBJETIVIDADES**

Seria utópico falar em uma pesquisa livre de subjetividades, em um/a pesquisador/a imparcial. O que pode haver, em se tratando de um trabalho de pesquisa acadêmica, seja antropológica, linguística ou histórica, é a necessidade de um distanciamento com o que se pesquisa. Não estou falando em um cerceamento total da capacidade crítica da pesquisadora, mas em um distanciamento que permita a ele/a ver além da esfera pessoal, enxergar o que “pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido” (VELHO, 1978, p. 39). O que o autor chama de ‘estranhar o familiar’. Estranhar a vinda de estrangeiros para o Brasil como uma simples aventura e tentar observar para além da aventura e divisar outras motivações inerentes às viagens realizadas pelos sujeitos.

Remeto-me a uma vigilância epistemológica que admita ver o

que os olhos aparentemente já conhecem, porém através de um novo prisma: através do olhar daquele que produz o ‘familiar’. Enquanto pesquisadora eu torno-o ‘desfamiliarizado’, singular. Reforço, seguindo a premissa de Velho (1978), que não objetivo classificar ou rotular discursivamente, mas apenas conceber a minha versão interpretativa sobre aquele sujeito naquele determinado momento investigado.

As pesquisas elaboradas através da História Oral, por meio da qual experiências, memórias e trajetórias de vida são abordadas, ocorrem já que as subjetividades são incorporadas na busca do conhecimento. Tais pesquisas têm como base os relatos orais e além de possibilitarem um registro das experiências de forma singular, também representam prováveis estudos acerca das identidades culturais e suas respectivas mudanças ao longo da história. Neste sentido, percebo outros desfechos para a história. Trajetórias de vida contempladas pela perspectiva da História Oral inevitavelmente serão permeadas por questões de subjetividades, como afirma Portelli:

[...] recordar e contar já é *interpretar*. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. (PORTELLI, 1996a, p. 02)

O autor, atento para esta questão, alterca sobre a capacidade contributiva da subjetividade e não apenas uma mera interferência interpretativa.

Eu poderia descrever somente as trajetórias profissionais dos sujeitos, contudo, opto por inserir, além destas, as subjetivas, pois as experiências individuais são registradas, armazenadas e, até, *historicizadas* através de conteúdos retidos na memória, como foi abordado no Capítulo Um, e são importantes para a compreensão dos sujeitos e das suas formas de ser e agir. Explicar os processos de construções, formações e sobreposições subjetivas é essencial para a compreensão da composição identitária do sujeito. Portanto, quando as investigo, possibilito um desvelar de camadas de experiências sobrepostas e que, juntas, compõem os sujeitos e, conseqüentemente, suas identidades culturais, conceito que será abordado posteriormente.

Stuart Hall (1997) assere que a formação das subjetividades está na relação intrínseca com o outro através do diálogo e da troca de conteúdos que completam os sujeitos participantes. Kathryn Woodward (2000), ao estudar discursos de imigrantes por meio da História Oral, aponta que os termos subjetividade e identidade são, por vezes,

permutados e sobrepostos. De fato, na vasta teia da existência do sujeito, as subjetividades estão entrelaçadas às identidades. Para Woodward (2000), subjetividades estão ligadas ao *self*, aos pensamentos, às emoções, ao ‘quem sou’ e ao ‘como sou’, reveladas discursivamente e posicionando o sujeito quanto à escolha política, à posição financeira e à formação moral e educacional. Assim, revelar sua formação profissional faz parte da trilha que o traz até o Brasil, o que, no caso de Gary, é traduzido como uma ‘história interessante’:

ok, essa, essa é uma história interessante. Pelo menos eu acho que é. De 1968 a 1975 eu estava fazendo meu doutorado na Universidade do Estado da Pensilvânia, esse é o meu doutorado em Inglês, e durante aquela época eu conheci uma senhora do Rio de Janeiro, e nós nos tornamos bons amigos. Ela sabia que eu estava interessado em trabalhar fora dos Estados Unidos depois de terminar meu doutorado [...] e, além dessa senhora do Brasil, existiam outras pessoas que eu conhecia que também sabiam do meu interesse em trabalhar fora dos Estados Unidos, hmm, por exemplo, havia um casal, marido e mulher, que haviam ido para o Irã, durante a época do Xá, e eles tiveram uma experiência muito boa, eles tinham conhecimento de uma oferta de trabalho em Teerã e eles sugeriram que eu me candidatasse ao emprego [...] (GARY, 2012)<sup>29</sup>

É justo dizer que, quando peço a Gary para me contar um pouco da sua trajetória de deslocamento ao Brasil, ele recorre à formação acadêmica como o elemento primevo, para a partir daí localizar como esse *leitmotiv*, associado ao seu capital educacional, possibilitou o alcance das metas pessoais, como trabalhar em outro país, ao mesmo tempo em que revela as conexões que o levariam para outros países no

---

<sup>29</sup> Ok, that, that is an interesting story. At least I think it is. From 1968 to 1975 I was studying for my PhD at the Pennsylvania State University, this is my PhD in English, and during this time I met a lady from Rio de Janeiro, and we became good friends. She knew that I was interested in working outside the United States once I finished my doctorate [...] and besides this lady from Brazil there were other people I knew who also knew of my interest of working outside the United States, ahm, for example, there was a couple, a husband and wife, who had gone to Iran, during the time of the Shah, and they had a very good experience, they knew of a job possibility in Tehran, and they suggested that I apply for the job [...] (GARY, 2012)

exterior, os sentimentos de amizade, o desejo de ampliar os conhecimentos sobre outros países, ou como ele descreve ‘um desejo de aventura’. No caso dele, ter uma formação acadêmica seria a porta de saída do país de origem e permitiria constituir a carreira e o capital pessoal que possui na atualidade.

Mara Lago (2008) esclarece que apesar da polissemia, a concepção de subjetividades em vários campos das ciências humanas pode estar relacionada à singularidade do sujeito. E essas subjetividades não podem ser reduzidas ao plano da representatividade, como alerta Suely Rolnik (1998), já que seria uma falácia tomar a representação como único plano de significação, pois limitaria os sujeitos a somente a visão do que está diante dos olhos. A mesma autora propõe uma “guerra contra a redução das subjetividades” (ROLNIK, 1998, p. 67), na qual o Brasil já estaria em uma posição de vantagem em decorrência da história de mescla com a qual fomos forjados, uma vez que somos híbridos de berço e, segundo Sérgio Rouanet (2009), temos uma experiência bem sucedida nesse panorama de mescla. Para fugir de noções estáticas e reducionistas é necessário pensar em representações que enxerguem o sujeito como relacional, mutável ao incorporar e mesclar subjetividades e identidades culturais, dispondo de subjetividades híbridas.

Ao pensar subjetividades como processos de encadeamento do *self*, elas podem ser compreendidas como os espaços da essência de cada sujeito, que a ele pertence e que nele está depositada em suas fímbrias. Contudo, a subjetividade não ‘vem pronta de fábrica’ com o sujeito pois, para que sujeito e subjetividades se constituam, há que haver uma relação entre o mundo externo – o chamado mundo social – e o sujeito. Então, a relação vibrátil entre mundo e sujeito promove a constituição das subjetividades, as quais vêm baseadas em crenças e valores compartilhados nas mais diversas dimensões relacionais nas quais o sujeito se insere.

Dentre outros aspectos, é importante ressaltar que as subjetividades são forjadas considerando as histórias e trajetórias de vida dos sujeitos, tomando assim o modo e a percepção por meio dos quais eles passam por experiências e situações as quais foram submetidos. E nesses espaços de essência onde os sujeitos se posicionam ou são posicionados, ocorrem reações, produzindo identidades culturais, de forma contingente, relacionais e, eventualmente, contraditórias.

## IDENTIDADES CULTURAIS E IDENTIFICAÇÕES

Seguindo a via na qual a composição subjetiva ocorre de forma relacional, contingente e intersubjetiva, o sujeito se constitui na linguagem e na cultura na qual interage, promovendo a formação de sua identidade cultural. O caráter relacional estabelece, *parti pris*, uma produção identitária, sendo constantemente negociada e renegociada a partir da interação com outras expressões identitárias, utilizando-se das situações que se desenvolvem no mundo ao redor.

Tomando como inspiração os escritos dos teóricos aqui reunidos, não considero as identidades como fixas, mas como parte de um processo identitário, dinâmico que se atualiza de acordo com as circunstâncias apresentadas a cada momento e situações. Reflito então *que o que foi, já não o é mais e o que é agora pode não ser no momento seguinte*. Seria dizer que identidades ‘não são’ mas, na verdade, ‘estão’, pois assim entendo que elas se encontram, ainda que temporariamente, naquela condição, naquela expressão social, tecendo subjetivamente suas nuances, mas que não estão subordinadas incondicionalmente a elas, não estão presas e nem desejam estar. A qualquer momento, os posicionamentos subjetivos são ajustados de acordo com as situações e contextos sociais em que os sujeitos se encontram (WOODWARD, 2000), fazendo-os assumir novas feições, novas atitudes, novos modos de agir e pensar, (re)ajustando suas identidades culturais. São posicionamentos de sujeito quase impossíveis de serem separados uns dos outros, afinal, muitas vezes, se sobrepõem, a depender dos contextos e necessidades em que se inserem.

Avalio ainda que não devo falar na constituição de **novos** sujeitos, o que é enfatizado por Hall (2011), afinal, o sujeito não é simplesmente constituído a partir de um momento zero (0), organiza-se sim em uma ação constante de convergências e divergências que lhes perpassam sua vida inteira, possibilitando um processo contínuo de **reconstrução subjetiva** a cada momento experimentado, resultando em um posicionamento subjetivo atualizado e, porque não, sempre em processo de atualização, em meio ao local, a cultura em que se encontra.

Hall (2003, p. 44) relembra que “a cultura é uma produção” e, para tanto, nós somos capacitados a nos construir, reconstruir, visitar e revisitar, produzindo “novos tipos de sujeitos”. É importante ressaltar o fato de que o autor não fala em um ‘novo sujeito’, mas sim em um “novo **tipo** de sujeito”, permitindo sempre uma nova camada diferenciada e renovada do que ele/ela era. Ou até mesmo a retomada do

que era antes a partir dos contatos culturais.

Ainda seguindo o viés de Hall, ele afirma que a identidade cultural “não pode ser definida apenas por sua presença positiva e conteúdo. Todos os termos da identidade dependem do estabelecimento de limites – definindo o que são em relação ao que não são” (2003, p. 85). Nesse sentido, as questões subjetivas são definidas para além do que é observável no mundo físico, constituídas na dinâmica entre presença e ausência, o que não pode ser considerada nem antagonica, muito menos dualista, mas sim dicotômica, pois é a presença de um elemento que determina a ausência de outro, e assim por diante. Para ilustrar, posso dizer que a presença do imigrante em terras brasileiras lhe concede a circunstância – quase permanente – de estrangeiro, seja ele naturalizado ou não, mas sem que ele reclame, necessariamente, uma identidade cultural brasileira.

A mesma relação de ausência e presença ocorre quando um sujeito ausenta-se de seu país de origem e viaja para o Brasil. Assumindo a *condição* de estrangeiro, ele experimenta o que Woodward (2000, p. 46) chama de binarismo entre a identidade de “forasteiro” e a identidade de “habitante local”. O retorno à origem não implica, necessariamente, uma retomada da *condição* de pertencimento àquele país, como foi o caso de Steve quando voltou à Inglaterra depois de um período na Colômbia, na situação por ele descrita a seguir:

[...] quando eu comecei a voltar, dois anos na Colômbia, voltei, outros dois anos, voltei, México, dois anos, voltei, nos pubs, por exemplo, com meus grandes amigos de escola, eles diziam, mais ou menos, mas não é grande exagero, ‘E Steve, você estava lá em [ ] onde que você estava?’ No Brasil, ou perdão, na Colômbia. ‘Colômbia? [ ] Ahhhhh’. [mt] ‘Ooo Frank, vem cá, vamos tomar uma cerveja?’ Não era de interesse, porque ele não, Colômbia, onde fica? O que eu fiz lá não diz nada para eles, então não é uma crítica, é uma realidade [...] (STEVE, 2013)

Aqui Steve expõe como seus amigos confundiam o lugar onde ele estivera, além de mudarem o tópico da conversa convidando outra pessoa para tomar uma cerveja e completamente ignorar o tópico iniciado acerca do local de estadia de Steve. Ao que posso perceber ele não manifesta, na oportunidade da entrevista, nenhuma angústia com a situação. Pelo contrário, ele aponta o fato como uma constatação de que não havia interesse por parte do grupo de amigos em obter maiores



detalhes sobre suas atividades em terras estrangeiras, o que chega a indicar uma situação de ressentimento ou desinteresse por parte dos amigos sobre suas viagens.

Tomaz Tadeu da Silva (2000) aponta que, ao viajarmos, ficamos sujeitos ao binarismo estabelecido pela *condição* de estrangeiro, pois, temporariamente, somos o outro estranho àquele país em que nos encontramos. E enquanto o ‘ser inglês no Brasil’ revela um matiz que distingue e valoriza o sujeito, o ‘ser brasileiro na Europa’ é atomizado por visões arraigadas, representando mais dificuldades para os/as brasileiros/as. O relato de Peter ilustra tal situação:

[...] [a] Inglaterra por um longo tempo, e até mesmo hoje em dia, a União Europeia, eu por ser inglês, eu poderia ir e viver em qualquer lugar da Europa muito, muito facilmente, e viajar livremente, e para os brasileiros é muito mais difícil [...]. (PETER, 2013)<sup>30</sup>

Não obstante, com os sujeitos da pesquisa, observo situação contrária, com a ressalva de que passam mais tempo convivendo com um potencial ‘binarismo’ da condição de estrangeiro do que os cidadãos em trânsito, isto é, os turistas – se é que, algum dia, os sujeitos estrangeiros e moradores conseguem desvencilhar-se desse binarismo. Sobre essa temática Steve relata:

e ele [professor de linguística] tava explicando, expressando a noção de que é melhor não chegar a parecer em termos gerais um nativo de uma língua estrangeira, que não é a sua língua materna, porque você não comparte [compartilha] a cultura com, por exemplo, no Brasil, se as pessoas me tomarem como estrangeiro, eu não compartilho [compartilho], e muitos anos, são vinte e quatro anos no Brasil, e muita coisa que eu não compartilho [compartilho] com brasileiros. (STEVE, 2012)

Muito embora Steve desenvolva um processo de identificação forte com a cultura, se sentindo praticamente um cidadão ‘local’ e, em alguns casos, agindo como tal, é o ‘habitante local’ que nem sempre o enxerga dessa forma, colocando-o sempre na ‘condição’ de estrangeiro. Diferença e alteridade estão imbricadas na produção e na constituição de identidades culturais híbridas e nos processos constantes de

---

<sup>30</sup> [...] England for a long time, and even today, the European Union, me being English, I could go and live anywhere in Europe very, very easily, and travel freely, and for Brazilians it’s much more difficult [...] (PETER, 2013)

identificação que os estrangeiros desenvolvem no decurso da sua vivência com, nesse caso, a cultura.

Segundo Woodward (2000), identificações são processos iniciados ora pela inexistência do que é percebido como diferença, ora pela proximidade entre os sujeitos, a cultura, a ‘raça’, o gênero, a sexualidade, a idade, a (in)capacidade física, a (in)justiça social e outras preocupações que a contemporaneidade gera. Sérgio Costa (2009) alerta que generalizações não se aplicam a esses processos e, portanto, as identificações somente podem ser estudadas *ad hoc*. Assim, estar em um país que se apresenta culturalmente diferente desperta novas formas de relações interpessoais, a despeito de lacunas indicadas anteriormente e que Steve acredita não compartilhar como é ilustrado pelo fragmento: “é, como, eu gosto quando num bar, por exemplo, chega alguém ‘Ah, tudo bem? Beleza, como vai? Rapaz, você anda desaparecido, rapaz!’ Eu gosto disso. Eu não sei o equivalente” (STEVE, 2013). Ser reconhecido, ou ainda ter sua ausência reconhecida, são elementos que marcam e conquistam a fixação do estrangeiro como morador da *Terra Brasilis*. Relações interpessoais, que não necessitam ser de familiares ou de amigos, estabelecem pontes de identificação e, conseqüentemente, derivam em sensação de acolhimento e bem-estar.

Se em alguns momentos as diferenças são marcadas por exclusões, como é o caso da formação de guetos nos Estados Unidos ou no Reino Unido, para citar alguns países, na situação dos sujeitos aqui entrevistados as diferenças aparecem no sentido de acrescentar valores, comportamentos e sentimentos até então ‘desconhecidos’ deles e que são incorporados aos seus modos de agir. Se a aparência física pode denunciar-lhes e causar dissabores como a inflação de determinados produtos, é na cultura comportamental, no modo como outros cidadãos locais dirigem-se a eles – sujeitos estrangeiros –, no modo como interagem que as aproximações e fusões relacionais ocorrem.

Segundo este mote, Costa (2009) relembra sobre a capacidade de autonomia do sujeito que, autônomo o suficiente para se desprender de fazeres e práticas culturais da origem e, ocasionalmente do destino, pode ser incapaz de estabelecer conexões com seu *self*. Contudo, é igualmente autônomo para se ligar às práticas locais, identificando-se, tornando-se parte daquele fazer social, pertencendo, ainda que de forma híbrida, a um pouco lá e a um pouco cá, daquela cultura e da sua cultura.

Pertencimento à cultura local é um termo chave nas relações subjetivas e de composições identitárias entre os sujeitos que migram e a cultura local. Hall (1997) aponta que pertencimento, muitas vezes, é

expresso no compartilhamento de universos culturais e linguísticos. Acredito que, em alguns casos, o sentimento de pertença pode ser ambivalente, com fronteiras borradas, não demarcadas criteriosamente pelos sujeitos, nas quais eles transitam entre uma divisa e outra, de acordo com as suas aspirações e estratégias pessoais, manifestadas em contextos e com propósitos específicos. Para ilustrar, trago o momento em que Steve conta sobre a pesquisa realizada acerca da história da rede ferroviária em Pernambuco. Ao buscar um tipo de locomotiva inglesa movida a vapor, ele percebeu como sua cultura e lugar ocupado na instituição internacional eram valiosos para alcançar seus objetivos:

mas, inglês e diretor do Conselho Britânico? Isso abriu muitas portas, muitas. Um exemplo, eu, você sabe que eu estudei a história da rede ferroviária, Great Western do Brasil, antes disso eu estava estudando, por casualidade mas gostei, a sobrevivência das Marias Fumaças [ ] no nordeste do Brasil, principalmente. Eu criei uma certa reputação, ‘Oh Steve eu vi uma locomotiva nesse jardim.’ ‘Ah é? Eu vou lá’. Nesse usina, eu conheço todas as usinas de quatro estados nordestinos, todos, todos, eu fui lá. Então, ao chegar na usina, eu podia colocar o cartão de inglês e também o cartão de Conselho Britânico [ ] então me mostraram a Maria Fumaça e também tentaram me vender máquinas agrícolas [r]. (STEVE, 2013)

Steve poderia posicionar-se somente como inglês, contudo seu posicionamento enquanto diretor do Conselho Britânico conferiu-lhe prestígio e atenção maior por parte dos seus interlocutores. A criação de vantagens culturais que destacam sua ‘estrangeiridade’/‘inglesidade’ em benefício próprio, ou em favor de outros, faz com que os sujeitos saiam de suas zonas de conforto, se apropriando de estratégias baseadas no capital humano, construído ao longo de suas existências e reajustado para os contextos e práticas brasileiras, já que são vantagens que somente os estrangeiros desenvolvem em nosso país.

Traços identitários podem ser utilizados para compor identidades culturais e classificar os sujeitos, como afirma Silva (2000). Por analogia, Woodward (2000) menciona o corpo como pano de fundo no estabelecimento de fronteiras e definidor de identidades culturais. Elias e Scotson (2000, p. 32) apontam-no como um “aspecto periférico das relações”, mas que pode ser definidor das posições de poder entre os grupos. Nesta linha de raciocínio, Costa (2009) mostra que o corpo é

território constituinte de relações de alteridade, diferença, racismo, preconceito, poder e dominação. Miriam Goldenberg (2010) argumenta que existem construções culturais sobre a estrutura física do ser humano e que podem valorizar ou desvalorizar comportamentos em sociedades diferentes.

Acima de tudo, reflito que o corpo pode ser elemento identificador. No caso de Peter, é identificador e, como tal, serve a função de dispositivo de reconhecimento. Fato que pode configurar propósitos negativos, pois cidadãos locais se utilizam dos marcadores físicos para tirar proveito, por exemplo, de estrangeiros. Na exposição feita por ele, ao descrever a ida ao mercado, ele se sente ‘denunciado’:

[...] eu costumava ir, nós vamos algumas vezes ao *mercado*, em Cabedelo, para comprar peixe ou algumas vezes para comprar frutas e agora, eu não vou, eu fico longe e minha esposa compra o peixe e a fruta porque se eu for [ ] o preço, quer dizer, minha esposa diz: ‘Quanto você pagou por isso?’ E eu digo: ‘20 reais’. ‘Nãooooo Peter, você pode pagar 10 reais por isso!’ (PETER, 2013)<sup>31</sup>

Os hábitos dele são modificados por conta da força das relações interpessoais na situação comercial do mercado público, onde não há controle de preços. Seu corpo o codifica, auxiliando na atribuição simultânea entre identidade e a assunção de alto poder aquisitivo através do recurso imagético que o representa, neste caso, homem branco europeu, mas que poderia ser da América do Norte, da Austrália, e de outros países que têm cidadãos com aparências físicas semelhantes. Por sua esposa apresentar aparência física diferente da sua e dispor do aparato linguístico da língua portuguesa, é ela que agora realiza esta atividade comercial, em um jogo que permite o uso de recursos de gênero – facilitados pela díade amorosa – e da cor da pele enquanto estratégias de economia financeira.

Gênero, assim como as identidades culturais, é uma categoria de análise que provoca discussão e reflexão. Segundo Joana Maria Pedro (2011), vários/as estudiosos/as ilustram que, por volta da década de 60, inspiradas e estimuladas pela segunda onda do feminismo, as

---

<sup>31</sup> I used to go, we go sometimes to the *mercado* in Cabedelo to buy fish or go sometimes to buy fruit and now, I don’t go, I stay away and my wife buys the fish and the fruit because if I go [ ] the price, I say, my wife says: ‘How much did you pay for that?’ And I say: ‘20 reais’. ‘Noooo Peter, you can get that for 10 reais!’ (PETER, 2013)

pesquisadoras estadunidenses, feministas ou não, começaram a utilizar como categoria de análise ‘mulher’ (década de 70), passando depois a ‘mulheres’ (década de 80). Somente na década de 90 é que os termos ‘gênero’ e ‘relações de gênero’ foram adotados. A emergência do termo gênero é resultado do debate feminista e de historiadores/as feministas em oposição aos séculos de invisibilidade das mulheres em uma história que era escrita de forma falocêntrica (SCOTT, 1996).

Miriam Grossi (1998) adverte sobre a mutabilidade da categoria gênero, já que, por ser contingente, pode mudar constantemente, principalmente quando auxiliada pelas ações e representações do que é ser masculino e do que é ser feminino. Judith Butler (1990) situa a entrada do gênero na teoria feminista dentro do campo político e do mundo acadêmico e social na forma de uma linguagem.

A linguagem de gênero ultrapassa os sentidos vocal, escrito e auditivo pelos quais ela normalmente transita. E, segundo Marilyn Strathern (2006), ela é uma linguagem com base em ações e reações entre os sujeitos, a partir dos quais as identidades de gênero vão sendo construídas de forma relacional, considerando os atributos que a elas são conferidos. Penso, então, que tal linguagem vai além para representar mulheres, homens, *gays*, lésbicas e transgêneros, através de outros sentidos como visão, tato, sensação, emoção, afeto, entre outros, lhes permitindo uma maior amplitude no que concerne suas visibilidades enquanto sujeitos singulares e, no caso do presente estudo, nas relações ocorridas no cenário migratório.

Articular a linguagem de gênero e, portanto, as questões que giram em torno das masculinidades, ao contexto migratório é pensar nas representações e auto representações de homens estrangeiros em território brasileiro e as construções pictóricas negativas ou positivas destes homens ao estabelecerem relações interpessoais e de gênero. É pensar, por exemplo, nas vantagens que os homens estrangeiros podem desempenhar em relação aos homens brasileiros, é pensar nas relações de poder entre o sujeito nativo e o estrangeiro.

Enquanto espaço de relação de dominação, observo que Peter não escapa ao seu corpo. Ou não consegue, ou torna-se impraticável, eliminar aquilo que o identifica, que o destaca na multidão dos habitantes locais; e ele fica subjetivado à visão do outro, exposto indefensável e culturalmente de ações contra ele. O corpo e a consequente identificação são naturalizados e ‘objetificados’ (ELIAS & SCOTSON, 2000) juntamente com as ações que o acompanham. Se o valor da mercadoria é elevado em decorrência da origem do comprador

é porque ele é ‘de fora’ e ‘pode pagar mais’. As características exteriorizam o sujeito, impingindo-o uma segregação em determinados contextos. Inevitavelmente, a identificação através de marcadores físicos será precedida por um sem número de negações do que o sujeito é e não é, estabelecendo-o no campo das semelhanças e diferenças e, como no caso supracitado, estabelecendo mais um binarismo entre o sujeito estrangeiro e o outro ‘habitante local’. Neste caso, uma relação de poder instaura-se, na qual o último exerce domínio, praticamente, ‘desleal’ sobre o primeiro, somente desaparecendo quando do desenvolvimento da estratégia do casal.

Sob ponto de vista semelhante, existe a criação no ideário popular de um mito de interseção entre gênero e nação, como ilustra Suzana Maia (2011). Se digo ‘sou brasileira’, o faço com base em pontos que me identificam como tal: cor da pele, dos olhos, do cabelo, língua mãe, local de nascimento, etc.. Mas, aos olhos de um estrangeiro, tenho minha nacionalidade associada ao mito de uma pretensa sensualidade. Categorias como ser mulher ou homem, brasileiro/a e jovem, são unidas no imaginário estrangeiro, construindo imagens pré-concebidas da mulher e do homem brasileiro. Eu acrescento a categoria ocupação, ocasionando a ‘criação imagética’ de uma identidade social brasileira, pretensamente, ‘comum’ a homens e mulheres. Ocorre uma construção de uma essencialização no imaginário internacional e imagens são produzidas, e até associadas a personalidades, retratando – e sexualizando – mulheres brasileiras como mulatas dançarinas de samba e homens brasileiros como jogadores de futebol. Estes são alguns exemplos que circulam nas redes sociais, nos veículos midiáticos, para citar alguns meios de comunicação.

Por outro lado, as imagens podem ser produzidas e reproduzidas acerca das identidades culturais brasileiras em outras esferas relacionais, a saber: comidas, música, hábitos, festas comemorativas, relações interpessoais, entre outros, como a noção de nordeste. Em entrevista, Durval Muniz de Albuquerque Junior (CAMPOS, 2009) defende o ponto de vista de que as noções de regiões são formuladas, propagadas e reproduzidas pela sociedade que vive na região e que não vive também. Nas palavras dele, o termo Nordeste seria uma “invenção” dos primeiros anos do século XX. Para ilustrar trago este excerto de Peter:

eu acho que os brasileiros são diferentes em todos locais, por exemplo, no nordeste, ou na Paraíba, eu acho que eles são diferentes dos *cariocas*, e

também dos *gaúchos*. Mas eu realmente acho que os brasileiros são, em geral, abertos, se comparados ao povo inglês, eu acho que eles são mais abertos, eles são mais receptivos, [ ] é, eu não sei, eu acho que os brasileiros, você não pode ir contra o estereótipo clássico: então os brasileiros gostam de dançar, gostam do *Carnaval*, e eles gostam de música, o quê mais eu não sei, futebol. (PETER, 2013)<sup>32</sup>

Como base no excerto de Peter, seria uma posição essencialista considerar os brasileiros enquanto sujeitos estereotipados e com posições fixas, uma vez que, vivemos em um país com diversas regiões que se subdividem em outras mais, cada uma produtora de singularidades e especificidades culturais e identitárias próprias. Acrescento ainda que o mesmo deve ser aplicado às noções de masculinidades estrangeiras – homens sempre educados, polidos, imperialistas, dentre outros atributos associados, por exemplo, aos anglo-americanos – que, por vezes, são tidas como estáveis nos cenários de diferenças culturais. Em sentido oposto, a interação entre culturas é terreno fértil para a promoção de novos posicionamentos subjetivos e de outras expressões de masculinidades que deixam de ser estáticas para se flexibilizarem nos cenários de contatos culturais.

Utilizando essa abordagem como fio condutor, a relação entre sujeito e sociedade é uma via de mão dupla, onde tanto o sujeito constitui a formação da prática social quanto a sociedade constrói a prática discursiva dele, o que reflete em suas ações e vice-versa. São ações realizadas através do estabelecimento de símbolos que, por sua vez, são associados aos sujeitos e às identidades culturais, como aparece no relato de Steve ao mencionar que durante sua experiência na Colômbia e, na sua opinião, ele acreditava chamar atenção em relação aos habitantes locais: “[...] com esses traços de *viking*, alto, branco, cabelos ruivos, não tão comprido eu tava [...]” (STEVE, 2012). A percepção do *self* é atravessada pelo marcador físico – de um *viking* – e este não pode ser obliterado nas relações migratórias, afinal, referem-se

---

<sup>32</sup> I think Brazilians are different everywhere, for example, in the northeast, or in Paraíba, I think they are very different to *carioca*, and also to *gaúchos*, as well. But I do think Brazilians are open, in general, compared to English people, I think they are more open, they are more welcoming, [ ] yeah, I don't know, I think Brazilians, you can't fight the classic stereotype: so Brazilians like to dance, they like *Carnaval*, and they like music, I don't know, football. (PETER, 2013)

a pessoas que chegam falando inglês, com atitudes diferentes dos habitantes locais, alguns possuidores de pele e olhos claros. Ademais, muito raramente, os imigrantes irão se desligar por completo dos traços de sua cultura de origem e, em algumas situações, estarão impossibilitados de esconder suas características físicas que podem, potencialmente, ligá-los a determinado grupo, uma vez que, em minha visão, a pele pode ser vista como a fronteira cultural entre o eu e o outro.

No universo migracional categorias não podem ser dissociadas, portanto, Hall (1989, p. 16-8), muito sabiamente, associa identidade cultural, sociedade e etnia ao postular que as pessoas

agem, falam, que podem criar, que podem vir das margens e falar, podem começar a refletir sobre suas próprias existências [...] [pois] vêm de algum *lugar*, elas vem de alguma história, elas herdaram certas tradições. (HALL, 1989, p. 16-8)

Seguindo este mote, Gisela Brinker-Gabler (1997) expõe, de forma modesta, porém clara, que a compreensão do conceito de etnia está atrelada a categorias como língua, costumes e história, partilhadas por um grupo de indivíduos entre si, no local de origem deles ou não.

Etnias podem ser requisitadas por grupos como formas de coesão social ou estratégias de união (BRETTELL, 2000). Todavia, existem as situações de enclaves étnicos (BRETTELL, 2003) que, por serem muitas vezes estabelecidas no âmbito político, podem ter duas faces: ou auxiliam ou bloqueiam a integração social, cultural, econômica, política, educacional dos imigrantes. Roberto Cardoso de Oliveira (2000) aponta que as articulações entre etnicidade, identidade e nacionalidade são comuns em situações de migração e servem, muitas vezes, às investigações acerca dos mecanismos de identificação, relações de alteridade e manipulações pessoais estratégicas nesses cenários. Um exemplo de estratégia laboral já foi citado por Steve (2012, 2013) e sua relação com o Conselho Britânico.

De um modo geral, acredito que a etnia é dinâmica, processual, dependente de contextos e de um jogo de identificações, no qual a apropriação de um passado em nome da produção identitária, ou simplesmente com o intento de produzir identificações, é comum aos sujeitos. Robert ilustra tal fato relacionando o Brasil à Antilhas:

eu acho que mencionei antes para você, meus pais são das Antilhas e a cultura de lá é um pouco semelhante, é semelhante e a herança africana, os maneirismos, eu acho que eu também tenho isso em mim, então não é, eu acho que me adaptei



muito bem. (ROBERT, 2013)<sup>33</sup>

As diferenças étnicas são, muitas vezes, trazidas à baila na forma de marcadores distintos, não para aludir às dicotomias de superioridade ou inferioridade, mas para ressaltar suas existências e convivências harmoniosas e identificações com as culturas e, no caso de Robert, para mostrar como são facilitadores no processo de adaptação. Acredito, contudo, que são as diferenças culturais que falam mais alto nos discursos.

Em minha pesquisa observo que há, na verdade, uma aversão à formação de uma comunidade ou agrupamento de estrangeiros por parte dos meus entrevistados. Quando pergunto ao Robert se ele faz parte de algum grupo na cidade, ele responde enfaticamente:

não, mas eu nunca fiz, nãooooo, nãoooo, eu não faria isso, isso não sou eu, não faz parte da minha natureza. Sabe, você conhece pessoas e fala, e você conversa e isso é suficiente [r], triste, não é? [r]" (ROBERT, 2013)<sup>34</sup>.

Essa mesma atitude é compartilhada por Peter, John, Kevin, Gary e Steve, todos anglo-americanos que procuram, de uma certa maneira, ou a todo custo, não se relacionarem **somente** com indivíduos da mesma origem, ou promover, através de qualquer tipo de auxílio, social, humano ou financeiro, a vinda de conhecidos e/ou familiares. O único elemento representativo de associação que pode ser mencionado é o fato de trabalharem para empresas ou companhias relacionadas aos seus países de origem ou língua. Como uma 'organização' transcultural institucional que promove relações de trabalho entre cidadãos de origem semelhante (BRETTELL, 2003), tópico que será abordado mais adiante.

Em geral, as pessoas dispõem de um local de fala, seja esse um lugar físico ou imaginário, seja esse local uma experiência vivida ou uma herança familiar, ou mesmo um pouco dos dois, no caso do Robert. O relato dele reitera a vinculação entre identidades culturais, identificações e alteridades, indicando que tais elementos são relacionais e processuais, no sentido de estarem em constante desenvolvimento em

---

<sup>33</sup> I think I said to you earlier, my parents are from the West Indies and the culture there is a bit similar, it is similar and the African heritage, the mannerisms, I think I have that in me as well, so that's not, I think I've adapted pretty well. (ROBERT, 2013)

<sup>34</sup> No, but I haven't been, noooo, noooo, I wouldn't do that, that's not me, that's not in my nature, you know, you meet people and you talk and you have a conversation and that's enough, [r], sad, isn't it? [r] (ROBERT, 2013)

decorrência do contato e, igualmente, são questões de escolhas, afinal, o sujeito opta por se identificar, ou não, com aquela cultura.

Hall (2000) aponta que as identidades culturais estão diretamente ligadas às práticas discursivas, revelando a constituição do sujeito através da narrativa pessoal, que é singular a cada indivíduo. Os entrevistados contam histórias que servem como um dispositivo discursivo que atualiza suas singularidades. Hall (2003) ilustra, igualmente, que a relação entre identidades e migrações no cenário da contemporaneidade vem possibilitando uma diversificação e multiplicação das identidades culturais ao redor do globo. Ao contrário do que muitos pensavam em relação às expansões e aos deslocamentos mundo afora, os quais poderiam provocar a fragmentação das identidades culturais, hoje temos a mescla plural de identidades culturais impulsionando mais e mais identidades culturais híbridas e cosmopolitas.

Levo em consideração, nesse sentido, que o sujeito, ao se deslocar, encontra-se cercado e exposto a uma outra cultura que, para ele, apresenta-se como nova. E se não é nova, pode em algum momento anterior ter sido apresentada a ele de formas outras que não as que ele vivencia no dia a dia. Contextos urbanos e sociais moldam as identidades culturais e suas manifestações estratégicas, muitas vezes, em um contato profícuo para o reposicionamento subjetivo ou, em direção oposta, visando a manutenção ou reforço das identidades culturais da origem.

Novas formas de pensar, de agir, de ser, de se relacionar interpessoalmente e de enxergar o mundo tomam conta do sujeito estrangeiro. As diversas manifestações de culturas brasileiras passam a ser, naquela situação, culturas dominantes para o estrangeiro recém chegado. Contudo, esse domínio não ocorre no sentido de se impor, ou de um exercício de autoridade, mas no sentido de estar ao redor dele, de colocá-lo em uma situação de imersão cultural. Tal imersão pode até ser validade pelo discurso do outro, como foi o caso do testemunho de Steve sobre uma matéria publicada em um jornal pernambucano em decorrência das suas pesquisas sobre a rede ferroviária no nordeste:

e eu gostei muito disso. Uma entrevista comigo ao sair do país. ‘Pernambucano com sotaque inglês’. Então, como eu, com a minha sorte, quando eu moro no Brasil, igual no Chile, era mais maduro e comecei a escrever de verdade, pensando, ‘bom, eu acho que posso fazer isso’. Comecei a estudar aspectos da história desses lugares, né, como você

sabe. E isso ajuda. Então, esse ‘pernambucano com sotaque inglês’ era porque sabia, e mencionei naquela entrevista, meu interesse na história da rede de [ ] rede ferroviária no nordeste e outros aspectos ligados a presença britânica mais elementos da história pernambucana, né. Então, era como reconhecer o valor da minha contribuição, ser um estrangeiro, mas demonstrando grande interesse nas raízes da cultura onde eu estava morando. (STEVE, 2013)

Analisando o excerto acima, percebo que Steve foi ‘abraçado’ e também ‘abraçou’ a cultura da localidade em que morava. A publicação que brinca com os vocábulos referentes à língua, à nacionalidade e ao local onde se encontra matiza e, por certo, legítima e autêntica sua inserção cultural.

A noção de identidades culturais produzidas ao longo das trajetórias de vida alinha-se inteiramente com a proposta desta pesquisa e o aporte teórico escolhido, que tem como foco de pesquisa as entrevistas temáticas sobre deslocamentos. Desta forma, Lago (1999) relembra que os sujeitos constroem identidades de gênero para si e para seu relacionamento com o mundo social e cultural em que estão inseridos. São identidades masculinas, femininas, de homens ou de mulheres. Por serem marcadas culturalmente, estão diretamente ligadas à diversidade que cada cultura detém, como expõe Peter, quando o questiono sobre como se sente enquanto cidadão de origem britânica no Brasil:

eu acho que é um pouco mais, eu acho que é tipo, de um ponto de vista empregatício, ou educacional, as pessoas acham que eu sou da Inglaterra, logo devo ser inteligente ou ter tido uma boa educação, o que não é provavelmente o caso, que existe um estereótipo, e o oposto, e minha esposa vai para a Inglaterra e não são muitas pessoas que sabem muito sobre o Brasil e certamente não sabem nada sobre João Pessoa e é muito mais difícil para um brasileiro na Inglaterra do que é aqui, mas é bom [ser britânico no Brasil], eu não ligo, mas isso também, tem também algumas desvantagens [ ] (PETER, 2013)<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> I think it's a bit more, I think it's like, from an employment point of view, or an education point of view, people think that I'm from England so I must be

Assunções elaboradas acerca dos cidadãos ingleses no contexto brasileiro são, em sua visão, positivas. Contudo, e em especial para as cidadãs brasileiras na Inglaterra, as suposições e até mesmo, porque não dizer, as impressões, correm em sentido oposto. Identidades de gênero com atributos relacionados à inteligência, à civilidade e à polidez, podem ser geradas a partir dos (pré)conceitos sobre as culturas inglesas e, paralelamente, em relação às culturas que aqui se manifestam. As representações sobre dificuldades percebidas por Peter nos deslocamentos familiares entre Brasil e Inglaterra mostram a composição de um campo de força binária que estabelece diferenças culturais, de gênero e relações de poder entre o que é percebido pelo outro e o que de fato o outro pode realizar. Diante do exposto, é muito mais confortável ser um inglês no Brasil do que uma brasileira na Inglaterra, a despeito das desvantagens por ele já mencionadas e que são facilmente contornadas pelas manobras familiares.

Com base em uma perspectiva que aconselha a necessidade de pluralidade e diversidade, Lago (1999) observa que representações de feminilidade e masculinidade não são homogêneas, muito menos fixas ou iguais. Os estudos sobre masculinidades proporcionam uma compreensão das representações, expressões e adaptações dos sujeitos entrevistados no cenário dos deslocamentos.

## MASCULINIDADES QUE CRUZAM FRONTEIRAS

Assim como os estudos de gênero, os estudos sobre masculinidades bebem da fonte dos movimentos feministas, movimentos de *gays* e lésbicas, como mostra Claudia de Lima Costa (2001), passando por uma forte influência que tem por base os conceitos de poder, opressão, chegando as questões dos transgêneros (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2005). O conceito de masculinidades passou por reformulações e críticas, alcançando hoje, no século XXI, uma noção mais ampla e que permite pesquisas e debates não somente sobre masculinidades hegemônicas, mas, do mesmo modo, sobre as não hegemônicas, sempre tomando por base as relações de gênero e não

---

intelligent or I had a good education, which is probably not the case, that there is a stereotype, and the opposite, and my wife goes to England and not many people know that much about Brazil and certainly nothing about João Pessoa and it's harder for Brazilian in England than if it is here, but it's good, I don't mind, but it is also, it has some disadvantages [ ] (PETER, 2013)

somente as relações estabelecidas entre homens. Dentro desse contexto, é possível uma abrangência mais democrática, abarcando, nesse caso, relações entre homens, mulheres, masculinidades, feminilidades, com características hegemônicas ou não.

Os trabalhos sobre homens, posteriormente denominados de estudos sobre masculinidades, datam da década de 70, século XX, segundo Margarita Zárate Vidal (2005). A autora faz uma revisão teórica de autores como Malinowski, Evans-Pritchard, Margareth Mead, O. Lewis e Lévi-Straus, que discutem a temática à época enquanto problematização da questões de feminilidade e masculinidade. Raewyn Connell e James Messerschmidt<sup>36</sup> (2005) acrescentam que, durante as décadas de 80 e 90 do século XX, o campo de estudos sobre homens consolidava-se e passava a ser conceituado como “masculinidade hegemônica”, gravitando por áreas que buscavam entender as dinâmicas de sala de aula, os padrões de resistência, o *bullying* e a representação da figura masculina nos esportes, nas guerras, na apreciação pelos riscos, nos estudos organizacionais, burocráticos e de locais de trabalho.

Dos anos 1980 aos anos 2000, o conceito passou de ‘masculinidade’ a ‘masculinidades’, pois estudá-lo como plural é considerar não somente as relações patriarcais e as diferenças de gênero, mas incluir noções como relações de poder, de submissão, de controle, de relações hegemônicas ou não, de gênero e outros marcadores – nem todos abordados nesta pesquisa, mas que auxiliam na constituição e compreensão das masculinidades contemporâneas. Para Connell e Messerschmidt (2005) há ainda uma ampliação no escopo de pesquisas debatendo e estudando não somente formas hegemônicas, mas de contra-hegemonia em estudos de gênero.

Connell e Messerschmidt (2005, p. 836-844) historicizam o conceito de masculinidades hegemônicas e, ao mesmo tempo que o fazem, realizam críticas sugerindo o que a noção de masculinidades deve contemplar enquanto categoria analítica relacional, a saber: considerar questões de poder e dominação; produzir uma tipologia que assumira a posição de um sujeito com masculinidades mutáveis, que tanto podem ser modificadas, quanto modificáveis, pois são “construídas, desdobradas e mudam através do tempo”; inserir questões sobre

---

<sup>36</sup> A publicação de “Hegemonic masculinity. Rethinking the concept”, em 2005, trouxe uma nova forma de abordar os estudos do ponto de vista relacional sob a ótica da ‘masculinidade hegemônica’. Os autores são pioneiros nos estudos sobre masculinidade que tiveram grande impacto na academia brasileira.

diferença e exclusão; fugir de uma visão que naturalize os corpos, tanto o masculino, quanto o feminino, afinal, é um conceito relacional; não assumir posturas reificadas ou homogeneizadoras; concentrar em uma abordagem relacional, sem dicotomizar as relações; não tornar o sujeito invisível em detrimento da estrutura externa do mesmo; expandir do plano discursivo para a dimensão social de análise; e, por fim, mas no mesmo patamar de importância dos anteriores, investigar masculinidades é não assumir posições dualistas, isto é, hegemônica, não hegemônica, subordinada e dominante.

É importante, então, pensar em masculinidades como processos. Por isso, adoto aqui o termo no plural, pois tenho em mente a diversidade presente nas masculinidades e não tenho que submeter um modo de masculinidade a uma posição hegemônica ou a uma noção que pode ser associada a abordagens patriarcais, já que estas favoreceriam a ideia de uma hierarquia entre as masculinidades.

Além disso, questões locais, regionais e globais são impossíveis de serem deixadas de fora do campo de estudos das masculinidades (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2005; ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008). Aqui, analiso empiricamente o local, porém, são os sujeitos e suas relações com os locais em que estão inseridos, ou que já estiveram inseridos, e um contexto mais complexo e amplo, que me permitem materializar uma visão, ao mesmo tempo global e singular, da experiência do migrar nas vidas desses homens.

Quando questiono Robert se, em algum momento da sua vida e no decorrer do seu processo de adaptação, ele se sentiu alienado a sua resposta ilustra conexões que refletem seu local de fala e sua passagem por São Paulo:

alienado? Hmm [h] eu acho que sim, mas eu acho que isso é por mim mesmo, que é quando eu não estou integrado, eu acho. Quando eu estava vivendo em São Paulo eu não me integrei muito com as pessoas, eu saía procurando bater papo, eu ia para a feira, mas eu não, eu não me entregava aos encontros sociais, entende? Isso não sou eu, não é parte de mim, eu acho isso muito difícil, eu não seria capaz de organizar um encontro social, por exemplo. Então, minha esposa é muito boa nisso [...] (ROBERT, 2013)<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> Alienated? Ahmm [h] I think so yes, but I think that's through my own, that's when I'm not integrated, I think. When I was living in São Paulo I didn't

Por meio da fala de Robert percebo que a alienação seria fruto da vivência no local de habitação, sinalizando que a vida na capital paulista, apesar de favorecer em termos de espaços públicos para a prática linguística – no caso da feira –, não o motivava para tal, ao passo que em João Pessoa ele, talvez, se sintia mais à vontade. As identidades de gênero também são trazidas à baila por meio do imaginário que mostra as mulheres como sendo mais propensas a organização de encontros sociais, refletida na fala dele quando diz que a esposa desempenharia esse papel com destreza.

Para exemplificar uma manifestação de masculinidade expressa de forma relacional nas conjugalidades, Andrew Barlow assim relata: “[meu pai] tentou morar na Inglaterra, mas minha mãe não se deu bem com o frio e eles retornaram”. Mais adiante, sobre a vinda para a cidade de João Pessoa ele adiciona que “o salário é ‘x’. Não era lá grande coisa, mas pela esposa, ele resolveu fazer isso” (BARLOW, 2013). As masculinidades de homens estrangeiros sugerem outros angenciamentos, insinuam mobilidades agenciadas pelas relações afetivas. A díade amorosa e a formação conjugal aparece neste cenário como elemento motivador da vinda e consolidador para a permanência<sup>38</sup>.

Se, inicialmente e até bem pouco tempo atrás, isto é, no início do século XX, o ‘padrão’ seria o de ‘inatividade’ da mulher que aguardava o marido na sociedade de origem, ou a clássica movimentação, em que a esposa acompanhava o marido no deslocamento, é no cenário de motivação pela felicidade da mulher e suas insatisfações com o local de origem do esposo, a Inglaterra, que ocorre um retorno ao local de origem da esposa, neste caso, João Pessoa. Há um deslocamento da mulher passiva que acata as decisões do marido para a composição de uma relação conjugal dialógica, na qual as decisões são discutidas e avaliadas pelo casal em benefício de ambos, ou nesse caso, da saúde e do estado de espírito da esposa.

Sobre as masculinidades, enquanto produções de gênero e relacionais, estas não fazem parte de um processo inerente aos sujeitos, mas de um processo de construção, como diz Raewyn Connell (1996),

---

integrate too much with people, I would go out looking for conversation, I would go out to the street market but I wouldn't, I wouldn't indulge in social meetings, you know? That's not me, that's not part of, I find that very difficult, I wouldn't go out and arrange a social meeting, for example, so. My wife is very good at that [...] (ROBERT, 2013)

<sup>38</sup> No Capítulo Quatro devoto a seção “Depois me casei, entrei nesse mundo brasileiro” para discutir tais questões.

tomando como fonte inspiradora Jean Paul Sartre. Sendo assim, o sujeito, ao entrar em contato com determinadas situações e instituições, pode incorporar, de imediato e por completo, atitudes que reproduzam a masculinidade dominante, por outro lado, pode entrar em conflito e até mesmo rejeitá-la. A aceitação, ou não, de um modelo de masculinidade hegemônica pode ocorrer tanto na forma coletiva em consonância com o cônjuge, como na forma de um projeto individual. No caso de Peter, que ressalta ser um ‘dono de casa’, observo o compartilhar das tarefas domésticas como uma forma de reprodução de masculinidade não hegemônica:

é, eu gosto de pensar que eu sou bem domesticado. Eu sou um dono de casa. Nós não temos, e isso é outra coisa, e mais uma vez, isso é uma coisa cultural, nós não temos uma empregada ou um *secretário* [ ]. (PETER, 2013)<sup>39</sup>

Outro detalhe interessante é o fato de usar o termo ‘secretário’, ao invés de secretária, sinalizando, talvez, que as profissões não estão relacionadas ao gênero.

Nos primórdios dos estudos de gênero, havia uma maior concentração nas questões relativas às mulheres e à luta política do movimento feminista, obliterando um pouco as evidências de que as mudanças sociais permitem – e têm – efeitos transformadores sobre as masculinidades e os estudos que se voltam para suas constituições na contemporaneidade. Atualmente, quando, em estudos de gênero, o termo ‘masculinidades’ aparece, muitas vezes é associado ao estudo de violências psicológicas ou físicas (VIDAL, 2005; CERDA & BUSTOS, 2005; CONNEL, 1996; MONTESINOS, 2005) – contra homens ou mulheres –, a atos de violência homofóbica, ao estudo de masculinidades hegemônicas ou não hegemônicas e suas associações com criminalidades e machismo, pesquisas sobre a dominação masculina (BOURDIEU, 1998), ou ainda sobre a ordem patriarcal, a misoginia e a família (ESCORCIA, 2005). Vidal (2005) elabora sobre o caráter heurístico das masculinidades e que, por não ser possível conhecê-las em suas completudes, faz-se necessário um estudo amplo e transdisciplinar.

Aqui minha proposta se alia a de Vidal (2005) e traz uma abordagem interdisciplinar e relacional, que não pode ser estudada de

---

<sup>39</sup> Yeah, I like to think that I am quite domesticated. I am a househusband. We don't have, there is another thing, and again it's a cultural thing, we don't have a maid or a *secretário* [ ]. (PETER, 2013)



forma isolada e necessita não apenas de homens, bem como de mulheres, em sua constituição. Noção esta que se alinha à reflexão de Óscar Cerda e María Bustos (2005) ao mencionarem as masculinidades como escopo dos estudos sociais que vem se ampliando cada vez mais. Schiebinger (2001) ilustra sobre a inexistência de significados universais acerca dos referenciais sobre masculinidades e feminilidades pois, a cada momento, histórico e social, estes irão captar novos significados e significantes. Além disso, feminilidades e masculinidades são complementares. Logo, não é possível elaborar sobre uma sem a presença da outra.

É importante pensar em masculinidades não de uma forma ideologizada, isto é, não enquanto dispositivo de uso de poder de um grupo sobre outro, ou como referência dominante já que, quando imposta a primazia de um significado, ou conceito, em detrimento de outro, perde-se a comunicação de significados (CERDA & BUSTOS, 2005). A ideologização de conceitos faz com que ocorra um processo de sistematização conceitual e, conseqüentemente a retirada da característica mutável do conceito, prescrevendo características hegemônicas.

A discussão sobre masculinidades emerge no cenário da migração como um tema interseccional, já que as construções de interpretações sobre elas lidam com várias abordagens e categorias de diversas disciplinas, como representações de si e do outro, noções de diversidade e identidades culturais, para citar algumas. Considero-as expressivas sobre mais diversos posicionamentos de sujeito que os homens podem apresentar discursivamente e que, por serem mutáveis, dependem das relações, interações e até mesmo dos conflitos para forjarem nesses sujeitos suas expressões e posições. Hall (1997), ao discutir questões acerca das representações culturais, aponta que a representação, por ser uma prática de significação, pode ser muito complexa e envolver uma vasta gama de categorias como atitudes, sentimentos, além de mobilizar os participantes. Sob ponto de vista similar, a interpretação das representações implica em uma multiplicidade de significados a depender daquele que a interpreta. O autor procede indicando que os significados são ‘flutuantes’ e, portanto, não existem condicionantes de certo ou errado, pois sujeitos diferentes apreendem os significados a partir do seu local de fala.

A figura de um homem estrangeiro, advindo de um país com histórico imperialista, para um país da América Central, o qual enfrentava à época crises políticas e econômicas com o país vizinho,

igualmente influenciado pelo imperialismo, imprimiu uma experiência negativa na memória de Steve:

no México era diferente, as pessoas me ignoravam, até um certo período os estudantes, porque eu lecionava em uma universidade em Guadalajara, os estudantes queriam botar pra fora todos os americanos e os estrangeiros, e com violência ... e com violência. Alguém jogou uma pedra contra mim do topo de um prédio de três andares, pedra desse tamanho [mostra tamanho de um mamão papaia], bateu no meu joelho. Então isso é muito perigoso. Eu subi lá porque era forte na época. ‘Quem foi que fez isso?’ Mas de todo jeito eu era o único estrangeiro que eles deixaram trabalhar. Pelo menos nessa faculdade de História e Letras. O único, o único. (STEVE, 2012)

Representações são residuais e podem, ou não, ser incorporadas aos sujeitos, na forma de práticas discursivas, sociais, de identificações e de sentimentos, de pertencimento ou de exclusão, como foi o caso Steve no México. Se naquela ocasião ele sentia-se ameaçado, a situação agora era traduzida por outros sentimentos ao chegar ao Brasil, a despeito de seu desconhecimento linguístico e de suas atribuições de trabalho:

quando cheguei em São Paulo e eu não falava nada Português. Eu lembro que no segundo dia, um inglês, ele era chefe, digamos do departamento [mt] Eu cheguei a ser chefe do departamento de treinamento de professores, 352 professores, e eu conheci todos, os nomes inclusive. Bom é outra coisa. [mt] Esse chefe queria me mostrar como chegar em Santo André. Santo André fica na periferia de São Paulo, tinha que pegar o ônibus até a Estação Luz e de Estação Luz pegar o suburbano. Então, chegamos, ‘amanhã’ – ele disse – ‘você vai fazer isso’. E chegamos na Estação Luz, no [na] plataforma, não tinha ninguém, esperando o trem, de repente chega um trem desse lado [aponta para a direita] e do outro lado da plataforma. Eu juro, que quase todos adolescentes, de escola, de uniforme, um mar de jovens. Eu fechei os olhos, porque eu, só me passava esse mar de adolescentes, eu esperei esse momento ‘gringo gringo gringo gringo’. Abri os olhos e nada. Passaram por mim sem nem

sequer olhar. Eu disse ‘eu acho que vou amar Brasil’ [r]. (STEVE, 2012)

Passar despercebido, ser o outro ‘viking’ – como ele havia se referido antes – sem sê-lo, praticamente ser um sujeito de traços físicos marcantes, mas sem ter destaque, é essa a sensação de disjunção que o faz se sentir bem e vislumbrar a futura vida no Brasil. Seu relato é contraposto ao relato da experiência no México onde se sentia ameaçado pelos conflitos e até vítima de violência física, como ele foi. Se não tivesse a experiência anterior ao Brasil, com os outros países latinos, talvez não dispusesse dessa ‘nova’ percepção quando do seu momento na estação de trem.

A recorrência do termo ‘gringo’ não vem por parte de um reconhecimento em ser gringo, como Thadeus Blanchette (2011) mostra em suas pesquisas com homens no Rio de Janeiro. O autor adverte que a categoria ‘gringo’ corresponde a uma maneira que o/a brasileiro/a adotou para fazer referência a qualquer estrangeiro, *a priori*, turista e não imigrante, cujo sotaque sobressaia em sua fala quando enunciando em português. É um termo classificado como ‘não pejorativo’, porém baseado na relação com o outro brasileiro que se coloca como nativo em oposição ao gringo, que é estrangeiro. Por outro lado, no estado do Rio Grande do Sul, o termo ‘gringo’ é, recorrentemente, utilizado para fazer referência aos descendentes de italianos. No panorama urbano da cidade de João Pessoa, os entrevistados são reconhecidos como gringos. O próprio Steve, em entrevista posterior, revela que havia feito uma descoberta sobre o termo que o satisfiz:

descobri também que no estado de, na cidade de São Paulo, pelo menos, gringo é argentino. Quando descobri isso [ ] ahhhhh ótimo, escolhi o país. [r] Paraíso. [r] Sim foi uma vez, eu lembro, a situação não importa e eu nem me lembro mas [ ] depois de pouco tempo de ter me casado pela primeira vez, né? Uma paulistana, e um amigo do meu sogro na atualidade, ele diz ‘ei gringo’. Eu disse ‘gringo? Por que você me chama de gringo?’ E ele disse, literalmente ele disse, ‘bom você é argentino ou é paraguaio, ou o quê?’ ‘O quê?’ E esse ‘ou o quê?’ foi fantástico para mim. Esse ‘o quê’ era colombiano, mexicano, era qualquer coisa [diferente] que aquele gringo da Colômbia ou do México, né? [r] (STEVE, 2013)

O uso social de certos termos pode iconizá-los, transformando-os em símbolos positivos ou negativos, a depender do contexto de

situação em que são expressos e também a depender da interação social e linguística daqueles que compartilham do conteúdo discutido. A constituição das ‘marcas’ sociais e físicas que os estrangeiros podem apresentar no ideário do/a brasileiro/a, ao serem representados pela figura do ‘gringo’, por sua vez, possibilita a produção de ‘fantasias’ sobre o ‘ser homem e anglo-americano’. Desta forma, infiro que a pesquisa que traz estrangeiros no cenário de estudo pode tanto oportunizar a visão do que é ser homem e brasileiro para os sujeitos, como igualmente a impressão que os sujeitos estrangeiros desenvolvem sobre o que é ser um ‘homem gringo’ em terras brasileiras, a partir do olhar e da interação social com brasileiros e brasileiras.

Assim as relações de gênero são percebidas como processos, mostrando que tais categorias são mutáveis, passando por transformações e não podendo ser consideradas fixas. Além disso, são contingentes por não serem previsíveis, podem ser construídas nas mais diversas esferas sociais e interacionais e não precisam dos mesmos elementos para serem concebidas, podem se amalgamar através de variadas combinações e originar novas nuances e posicionamentos subjetivos em diferentes espaços, histórias, contextos. Tal perspectiva permite investigar as relações entre homens e mulheres no cenário migratório e como as mudanças e os posicionamentos subjetivos são modificados, ou não.

A seguir, traço um panorama geral de algumas concepções teóricas, clássicas e contemporâneas, no que tange à abordagem sobre movimentações humanas no entorno do globo terrestre. A partir desse panorama teórico, seleciono os critérios expostos pelos autores para propor uma reflexão teórica sobre as memórias das trajetórias dos sujeitos que trago nesta pesquisa.

## **O PERAMBULAR HUMANO**

Hoje sozinho não sei pra onde vou  
É o caminho que vai me levando ô ô  
(Caminho de Pedra – Vinícius de Moraes, 1958)

Os versos da canção de Vinícius de Moraes podem ser desconhecidos para muitos sujeitos na forma de canção, porém, já devem ter sido enunciados, talvez não com as mesmas palavras, mas em vocábulos com sentidos semelhante, nas mentes de muitos viajantes. Pessoas essas que compartilham, ainda que não estejam juntas no mesmo tempo e no mesmo espaço, de um mesmo fenômeno global: a

migração. Pessoas que fazem parte de um grupo de sujeitos reunidos em uma categoria de análise: os imigrantes.

O fenômeno migratório não é uma circunstância do século XX ou XXI. Muitos anos antes da formação das comunidades e, por conseguinte, das sociedades, e até mesmo antes da linguagem ser desenvolvida como elemento primordial de comunicação entre os povos, os deslocamentos já faziam parte da realidade na vida do ser humano, de forma coletiva ou individualizada, sistematizada ou nomádica.

No passado, e em algumas situações contemporâneas, as razões para esses deslocamentos eram depositadas nas mais diversas escolhas, que poderiam estar diretamente ligadas às necessidades pessoais ou coletivas. As escolhas envolvendo as mudanças entre regiões poderiam ser: em busca de alimento, uma vez que os recursos alimentícios no local de seu estabelecimento já não bastavam para a sobrevivência; ou em busca de abrigo, de proteção contra os elementos naturais, afinal mudanças climáticas na temperatura poderiam impelir os sujeitos, acompanhados ou não de outros sujeitos, a se deslocarem de um local descampado para uma caverna, onde estariam mais protegidos contra as intempéries e, até mesmo, contra os animais que porventura ameaçassem sua vida ou a vida de suas famílias e companheiras/os de deslocamento.

Barry Chiswick (2000) elenca alguns tipos de imigrantes: os econômicos, que se deslocam em busca de melhores condições financeiras; os refugiados, que se mudam em decorrência de guerras, perseguições, etc.; os ideológicos, que saem motivados por convicções políticas, entre outras. Como não desejo tipificar os sujeitos entrevistados, menciono tais exemplos apenas como forma de ilustrar as diferentes motivações que, muitas vezes, podem ser interseccionais. É importante ter em mente que o movimento de migração que aqui exploro, pressupõe a entrada em um país diferente do país de origem do sujeito e a, potencial, fixação de residência naquele país, escopo da minha pesquisa.

Migrações, sejam de curta ou longa distância (TILLY, 1990), envolvem, invariavelmente, possibilidades de riscos nas mais variadas esferas, como a segurança pessoal e da família, incertezas quanto a possibilidade de ter emprego ou não, além de potenciais dificuldades em estabelecer relações interpessoais com os cidadãos da sociedade de destino. É importante não julgar os deslocamentos em relação às características individuais pois, muitas vezes, as características individuais são movidas por elementos externos como política,

economia, entre outros como o fenômeno da globalização.

O que se convencionou chamar de globalização, na realidade, não comporta um fenômeno da atualidade. Vivemos, de fato, uma nova onda de globalização, na qual outros mecanismos tecnológicos tanto privilegiam as comunicações, como *internet*, telefones celulares, etc., quanto favorecem os fluxos de pessoas, como viagens mais rápidas e de custos mais baixos, facilitando as relações – transnacionais – de um ponto ao outro no globo, diferentemente dos mecanismos da primeira onda, que começou no século XV com os movimentos expansionistas onde navios e armas eram as tecnologias da época. Creio ser justo salientar que a própria colonização “[...] foi um processo global que costurou territórios e pessoas díspares” (SCHILLER & WIMMER, 2002, p. 322-3). A globalização, no mundo contemporâneo, pode (e deve) ser usada para diminuir as lacunas de desigualdades, tornando o sujeito mais ciente do que acontece no mundo.

Hall (2003) aponta que essa nova fase da globalização vem para derrogar concepções que ‘essencializam’ e homogenizam identidades culturais e manifestações diferentes. Arjun Appadurai (1996) acrescenta que o fenômeno da globalização tem sido a ponte de estreitamento entre relações sociais, interpessoais e de trabalho em níveis diversos, indicando como as relações têm se tornado mais dinâmicas e menos análogas, abrindo, constantemente, espaço para as multitudes contidas nas diferenças. Robert destaca o relacionamento com a esposa como razão principal da mudança para o Brasil, e alida a essa razão percebo, em seu discurso, o que Stephen Castles (2000) alude à responsabilidade pela migração ligada à incompatibilidade ou insatisfação com rendas percebidas, ou com a própria ocupação, além de uma procura por bem-estar:

isso é hmm, você sabe, eu conheço Londres muito bem, é ótimo para visitar, mas o trabalho é duro, como qualquer outra grande cidade, eu imagino. [p1] Eu apenas decidi. Era apenas uma oportunidade ideal, aliás eu acho que estava chegando o fim do meu contrato de trabalho, com os serviços voluntários, porque era do governo, perdão, era um contrato com o estado que durava dois anos e estava chegando ao final. ‘O que eu devo fazer agora?’ ‘O que eu faço agora?’ Entende? E sim, era uma boa oportunidade. Sim,

vir e ver como é o Brasil. (ROBERT, 2013)<sup>40</sup>

O uso de perguntas retóricas neste excerto de Robert ilustra os questionamentos que ele mesmo havia feito quando chegou o momento da mudança. Ele agrega outras motivações para seu deslocamento, entre elas, a necessidade de explorar oportunidades no Brasil. Na situação dele, as dificuldades de uma grande metrópole, em se tratando de espaço no mercado de trabalho, o fim do contrato trabalhista, a própria necessidade pessoal de mudança e, talvez, até uma pausa reflexiva, a qual vou chamar de ‘momento da virada’, aquele momento que o sujeito sente a necessidade de modificar sua rotina. Aliado a isso, observo ainda características e intenções emocionais como elementos constituintes dos deslocamentos, mas não essencialmente determinantes das razões para a procura de um novo espaço habitacional, empregatício e de relações interpessoais.

Sejam migrações do hemisfério sul – em desenvolvimento – para o norte – já, potencialmente, desenvolvido – ou vice-versa, em ambas as situações posso apontar que o bem-estar, não somente físico, proporcionado, muitas vezes, pelo quê a cidade pode oferecer em termos de lazer ou termos de saúde, física ou mental, pode ser um dos indicadores preponderantes para o deslocamento do sujeito, a exemplo de Robert:

boa pergunta. Eu, eu ainda não sei agora. Estando aqui agora, eu consigo ver, o clima aqui é fantástico, ele faz maravilhas para a minha saúde, entende? É ótimo, é brilhante, então essa é [a razão] número um, essa é uma ótima razão. (ROBERT, 2013)<sup>41</sup>

Clima, saúde e motivação se interacionam na fala de Robert quando o questiono sobre sua vinda para a cidade. A utilização do

---

<sup>40</sup> That’s ahm, you know, I know London pretty well, it’s a great time to visit, but working is tough, like any other big city, I would imagine. [pl] I just decided. It was just an ideal opportunity, I think as well I was coming to the end of my working contract, with the voluntary services, because it was a government, sorry, it was a state contract that lasted for two years and I had come to end of it. ‘What should I do next?’ ‘What do I do next?’ You know? And yeah, it was a good opportunity. Yeah, come and see what Brazil is like. (ROBERT, 2013)

<sup>41</sup> Good question. I, I still don’t know now. Having been here now, I can see, the weather here is fantastic, it does wonders for my health, you know? It’s nice, it’s brilliant, so that’s number one [reason], that’s a great reason. (ROBERT, 2013)

adjetivo ‘brilhante’, normalmente usado em inglês para fazer referência a alguma ação relacionada ao intelecto, aqui é aplicado no sentido do brilhar, do reluzir do sol que o agrada e o faz sentir-se bem. O bem-estar é apenas uma designação, e nem todas as causas podem ser listadas, ou nem todas as migrações podem ser cartografadas e agrupadas em categorias para servirem de modelos futuros. Mais notável é que muito do deslocamento humano parte das motivações subjetivas daquele que se desloca, e a subjetividade não é uma categoria que possa ser colocada em pormenores, afinal ela não existe isoladamente, mas se constitui como um processo complexo de intersecções que pressupõe a consideração de variadas categorias: cultura, ideologia, faixa etária, gênero, entre outras.

Além disso, a movimentação territorial de sujeitos contemporâneos pode ser fruto de conflitos políticos, como é o caso de exilados/as ou refugiados/as políticos/as. Muitos brasileiros/as foram vítimas do regime ditatorial implantado com o golpe militar em 1964 e tiveram que se deslocar para diversos países, não só da América Latina como da Europa. Os deslocamentos de exilados ora figuram na esfera voluntária ora na involuntária.

Vê-se, pois, que diversos são os motivos apresentados para as migrações. Eu poderia relacionar um sem-número de exemplos relativos às razões que impulsionam homens e mulheres, anônimos ou célebres, em fuga ou não, a se deslocarem de seus locais de nascença para outras regiões. Contudo, me proponho a investigar um pequeno grupo de homens que migraram voluntária, legal e individualmente, da Inglaterra e dos Estados Unidos para a cidade de João Pessoa, na região costeira do estado da Paraíba, nordeste brasileiro, do final da década de 60 do século XX até o final da primeira década do século XXI. As razões epistêmicas para a escolha desse grupo já foram referidas anteriormente.

Convém destacar que, apesar de agrupar esses homens por meio do termo ‘sujeitos’, nem todos se conhecem e cada um migrou em seu momento e com sua motivação particular. Todavia, duas particularidades os unem, em princípio: o fato de compartilharem a mesma língua mãe, o inglês; e a ocupação que possuem – são professores de Inglês, ou por formação acadêmica ou pelo que decidi chamar ‘conveniência ocupacional’<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> Optei por denominar conveniência ocupacional o fato de que, por vezes, os sujeitos se valem da sua origem, do seu conhecimento linguístico e cultural para trabalhar em escolas de língua ou como professores particulares de língua



hmmm, nem sempre. Eu **já** ensinei Inglês aqui no Brasil, entre 1999 e 2004, e fiz alguns treinamentos em Londres em 1997 e tinha um pouco de experiência em Londres. [...] No Reino Unido, na época, eu estava trabalhando, eu trabalhei com serviços voluntários em Camden, na verdade foi lá que eu fiz o treinamento para ser professor de Inglês, na mesma área, na mesma região, eu trabalhava como funcionário remunerado em serviços voluntários, eu trabalhei lá por [ ] três anos, voltei, voltei para o Brasil, fiquei no Brasil até 2004, retornei para Londres de novo, e trabalhei em Camden de novo [ ] [sorrindo] com trabalho social. (ROBERT, 2013)<sup>43</sup>

No caso de Robert, várias outras áreas do mercado de trabalho já foram por ele experimentadas, como trabalho voluntário e, no decurso da sua trajetória de vida, ele se aproximou da área de ensino e aprendizagem e foi a partir daí que decidiu desenvolver-se mais neste campo no Brasil.

O fato de pertencerem a países que, em algum momento, foram – ou ainda são – potências econômicas imperialistas, capitalistas e/ou colonialistas ou colônias, como foi o caso dos Estados Unidos, que têm o Inglês como língua mãe, funciona como um dispositivo facilitador no momento da busca de emprego. Porém, isso não significa dizer que eles concordem com essa posição vantajosa que possuem no mercado de trabalho brasileiro:

eu era o único [professor estrangeiro], eu estava numa posição boa, eles gostavam, as pessoas que

---

estrangeira. Isso configura uma conjuntura favorável e adequada quando eles se encontram em situação de desemprego e também é oportuna para os cidadãos do país em que os sujeitos se encontram, uma vez que estes têm a oportunidade de estudar com um falante nativo e, potencialmente, aprender nuances culturais com um sujeito que as conhece de forma inata.

<sup>43</sup> Ehhmm, not always, I **have taught** English here in Brazil, between 1999 and 2004 and I did training courses in London in 1997 and I had some little experience in London. [...] In the UK at that time I was, I was working, I worked in the voluntary services in Camden, in fact that's where I trained as an English teacher, in the same area, the same region, I worked as a paid employee for the voluntary services, I worked there for [ ] three years, went back, came back to Brazil, stayed in Brazil until 2004, returned to London again, and worked in Camden again [ ] [smiling] in social care. (ROBERT, 2013)

estão aprendendo inglês frequentemente preferem um falante nativo, eu não acho que isso é uma boa coisa, mas, então eu acho que isso acontecia, e eu acho que hoje em dia, as pessoas ainda têm essa opinião, mas existem muito mais estrangeiros agora, é mais competitivo [...] (PETER, 2013)<sup>44</sup>

Nas palavras de Peter, observo a percepção de estar em uma posição financeira confortável, proporcionada pelo mercado de trabalho, não somente pela relação entre demanda e oferta como também por uma necessidade difícil de ser suprida, a experiência e o conhecimento do ‘professor nativo’. Peter destaca que não vê o papel do nativo como essencial, muito provavelmente, fazendo referência aos estrangeiros que não possuem a formação acadêmica e, portanto, não dispõem do aparato linguístico-didático de ensino da língua estrangeira.

Vale salientar, contudo, que os nativos da língua inglesa chegam em situação muito diferentes dos imigrantes haitianos, bolivianos, africanos, cubanos e muitos outros, que têm no Brasil o seu território de fuga de uma realidade difícil e injusta.

Visando localizar o movimento migracional dos sujeitos aqui entrevistados, devo me cercar de um conceito que me é caro e basilar em se tratando da compreensão desses deslocamentos – a migração – e expor brevemente sobre a importância da localização dos sujeitos, não nos termos da geografia mas nos termos das ciências sociais.

## LOCALIZANDO OS TERMOS SOBRE OS DESLOCAMENTOS HUMANOS

Ao explorar a relação entre o campo social da história e o estudo das migrações, Hasia Diner (2000, p. 27) identifica nas primeiras obras que trazem o tema da migração como seu escopo principal a propensão a evitar a existência de um “corpo teórico acadêmico que poderia ser chamado de *teoria de migração*”. Portanto, acredito ser apropriado falar em migração não como uma teoria única, mas como um conjunto orgânico e social o qual funciona como um guarda-chuva, que se abre, contendo outras abordagens acerca das movimentações,

---

<sup>44</sup> I was the only one, I was in a good position, they liked, people who are learning English often prefer a native speaker, I don't think that's a good thing, but, so I think that happened and I think nowadays, people still have that opinion but there's a lot more foreigners now, it's more competitive [...] (PETER, 2013)

motivações, especificidades e nuances.

Nesse sentido, diversas são as palavras ou expressões utilizadas para fazer referência à migração, as quais podem ser associadas a algum/a autor/a, que, por sua vez, podem ser associadas a uma localidade. Quando uso o termo localidade, não me refiro somente a uma localização meramente física, geográfica ou política. Na verdade, aqui me valho da compreensão de localidade como o lugar de enunciação, de onde fala cada autor/a, quais experiências foram acumuladas ao longo dos tempos e que proporcionaram ao momento da escrita da sua abordagem a perspectiva em questão. Posso, então, considerar que cada um/a desses/as autores/as estará propondo uma definição, a partir de seu local de enunciação.

A escrita, a fala, enfim, a reflexão, estará permeada pelo que vou chamar de ‘mala de mão’, a qual não é uma embalagem lacrada a vácuo, portanto, não é impossível ser aberta. Ainda que seja uma mala de mão, ela não precisa ser, necessariamente, pequena e pode nem ter um fundo físico e finito, propriamente dito. Detalhe: ela pode até ficar invisível aos outros olhares, mas, para o/a dono/a, sempre estará lá, a postos e ao alcance imediato. A ideia compreendida em ser uma mala de mão encerra-se no fato de que ela pode ser levada para onde seu/a dono/a queira. Nela são depositadas, às vezes com pressa, às vezes cautelosamente, experiências diárias, leituras, sonhos (alcançados ou não), angústias, sucessos, desejos, memórias (em formato de filme, de foto, de áudio e até em dimensões gustativas ou olfativas), enfim, uma infinidade de momentos estarão ali guardados e possibilitam determinar o local de onde o sujeito fala. Em outras palavras, a mala de mão configura um conhecimento de mundo que vem sendo acumulado desde o nascimento de quem a possui até o momento da escrita ou fala daquele/a que a carrega.

Reforço, ao mencionar o vocábulo local, que este não precisa ser necessariamente um ponto possuidor de coordenada geográfica, com longitude e latitude marcadas em mapas. Appadurai (1996) assinala que a produção de localidade pode emergir de práticas globais ou locais. Susan Friedman (2001) segue esse fio condutor e mostra que as localidades não possuem um ponto específico, por estarem em constante movimento no tempo e no espaço. Assim, não há possibilidade, propriamente dita, de fixar a localização de uma teoria, mas sim sua existência pelos locais por onde transitamos, constantemente nos dobrando e desdobrando, adquirindo novas traduções. Para Hall (2003),  
o ‘local’ não possui um caráter estável ou trans-

histórico. Ele resiste ao fluxo homogeneizante do universalismo com temporalidades distintas e conjunturais. Não possui inscrição política fixa. [...] Seu impulso político não é determinado por um conteúdo essencial [...] mas por uma articulação com outras forças. Ele emerge em muitos locais, entre os quais o mais significativo é a migração planejada ou não, forçosa ou denominada ‘livre’, que trouxe as margens para o centro, o ‘particular’ multicultural disseminado para o centro da metrópole ocidental (HALL, 2003, p. 61-62).

Então, percebo que a localidade, ou a localização de um sujeito, associa-se antagonicamente à dupla noção de semelhança – nas práticas produzidas pelos sujeitos – e diferença – por serem diferentes de outros sujeitos.

Adrienne Rich (2002), em conferência intitulada “Notas para uma política da localização”, traz o papel ambíguo da localização: situar cartograficamente como em um mapa, mas localizar histórica e socialmente, política e religiosamente, enfim, nas mais variadas esferas, o sujeito. Ela expressa sua preocupação sobre a compreensão dos vários locais ocupados pelos sujeitos, os quais, simultaneamente produzem o sujeito e que por ele são produzidos.

Entendo que a localização, enquanto produção subjetiva, não se configura como uma benesse concedida pelo outro. A localização vem de dentro do sujeito, mas, do mesmo modo, pode ser constituída na relação com o outro. Na verdade, é o sujeito quem primeiro se localiza através da subjetividade e é ele quem autoriza o outro a localizá-lo dentro de sua singularidade. Rich (2002) cita várias ações (e eu infiro, porque não, reações) que localizam o sujeito: a cor da pele, o gênero, a religião, a política que segue, a sociedade que frequenta ou não frequenta, a posição financeira, a leitura que faz, enfim, um sem-número de inscrições cartográficas no sujeito que o fazem ser o que é e como é, além de suas representações pelo outro.

Algumas dessas ações já foram anteriormente exemplificadas em relatos nos quais os sujeitos mostram como eram identificados pela aparência física, por suas impressões sobre as relações de gênero de brasileiras na Europa, entre outras ações que vieram acompanhadas de reações e que, constantemente, se configuram em experiências e moldam suas subjetividades. Vou um pouco além e adiciono outras inscrições que o sujeito pode fazer no próprio corpo, como o uso de

brincos, anéis, colares, a tatuagem e a forma de vestir-se e de usar o cabelo, os quais podem ser pontos de localização subjetiva.

Rich (2002) enfatiza que, uma vez localizado, o sujeito assume responsabilidade sobre seu ponto mapeado na sociedade, e ele se preocupa com seu ‘novo’ local, como é o caso de Peter, quando o questiono sobre o que pensa acerca das culturas brasileiras:

hmm, eu gosto, eu acho, você sabe, eu gosto dela, eu acho que está mudando, eu acho que vai mudar, eu estou interessado em ver o que vai acontecer nos próximos anos, você sabe, os protestos, a Copa do Mundo, as Olimpíadas, provavelmente vão ocorrer mais protestos, mas a cultura, eu gosto da cultura, eu acho, é aberta e [ ] eu acho que João Pessoa poderia ter mais eventos culturais, tipo teatros e, eu não sei, mas eu acho que as pessoas, eu acho que os brasileiros gostam disso. (PETER, 2013)<sup>45</sup>

O novo local geográfico e de inscrição pessoal preocupa Peter e o instiga a querer desvendar o futuro. Ele articula um *topos* sobre os acontecimentos já ocorridos e os que estão por vir, associando-os a um modo de ser brasileiro, que por ele é apreciado e criticado. O sujeito localizado tem agora sua própria coordenada de latitude e longitude, mas não depende exclusivamente dela, pelo contrário, promove a interação da sua coordenada de origem com a de destino atual. E a localidade inscreve-se diretamente na concepção de pertencimento, pois, como bem assevera Hall (2003), é através dos nossos vínculos, nossas visões de mundo, que nos revelamos e somos revelados.

Após me debruçar sobre uma pequena seleção de autores/as, que muito esclareceram sobre o deslocamento humano, trago aqui um recorte da minha compreensão acerca de alguns termos que tentam explicar as razões que levam as pessoas a deslocarem-se. A partir dessa exposição, procuro ser crítica para salientar o que utilizo como inspiração das reflexões teóricas na parte analítica. Ao longo da revisão destas, estarei apresentando mais elementos que ajudarão a caracterizar

---

<sup>45</sup> Ahmm I like it, I think, you know, I like it, I think it’s changing, I think it will, I am interested to see what happens in the next few years, after, you know, the protests, and the World Cup, and Olympic Games, there will probably be more protests, but the culture, I like the culture, I guess, it’s open and [ ] I think João Pessoa could have more cultural things, like theatres and, I don’t know, but I think the people, I think Brazilian people are quite into it. (PETER, 2013)

o grupo que entrevisto.

De um modo geral, as tipologias (BRETTELL, 2000) desenvolvidas ao longo dos anos, por teóricos que realizam pesquisas no campo dos deslocamentos, procuram ‘encaixar’ os movimentos migracionistas em um quadro teórico pré-estabelecido, no qual um indivíduo ou um grupo, que desempenha características semelhantes no seu percurso de migração, é ‘enquadrado’, de acordo com determinadas características em uma dada teoria. São teorias que têm o foco de estudos moldado pelas economias – locais, regionais, nacionais e internacionais –, pelas conexões entre as sociedades, além das conexões estruturais familiares e outras estratégias domésticas formadas ao longo do trajeto migratório.

Mobilidades, fluxos migratórios, transnacionalismo, migração internacional, cosmopolitismo, migração por estilo de vida, migrações de retorno ou de fixação são as várias taxonomias empregadas para compreender um fenômeno que faz parte da vida do ser humano há muito, muito tempo. Algumas delas entrelaçam-se na vasta teia terminológica. Outras, contudo, dizem respeito a formas bem específicas no que tange o estilo, os processos e os espaços do deslocamento humano.

Procurei selecionar reflexões teóricas que não engessassem os sujeitos dentro de categorias específicas e pré-determinadas. Porém, somente uma reflexão teórica não daria conta das especificidades e nuances contidas nas narrativas dos sujeitos entrevistados, daí minha seleção pelos pressupostos teóricos abordados a seguir. Faz-se mister elucidar o que cada um desses representa, para, então, elencar os elementos contidos nas reflexões que se adequam a minha proposta investigativa.

Começo pelo transnacionalismo, o qual permite estratégias de mobilidade utilizando redes e diversos mecanismos de conexão.

## **TRANSNACIONALISMO**

O transnacionalismo é uma perspectiva que parece ter o perfil do século XXI, ainda que não reflita um fenômeno recente, pois as características transnacionais mais salientes, como o envio de remessas e o fluxo migratório, eram, de fato, elementos inerentes aos movimentos europeus de expansão do século XIV que, segundo Nina Schiller e Andreas Wimmer (2002), movimentariam objetos e ideias. Eu acrescentaria o fato de que, tanto os objetos, quanto as ideias eram

deslocados por, nada mais, nada menos, que as pessoas, o que implicaria, por conseguinte, em um fluxo humano.

Objetos, ideias, mulheres, homens, crianças, animais, incorporavam-se às viagens em uma época na qual documentos para viajar de um ponto ao outro, vistos para entrar e ou permanecer em um país – a trabalho, de férias, para estudar, fazer tratamento hospitalar – não eram requisitados. Os processos transnacionais eram encorajados pelas nações em curso de industrialização e desenvolvimento. Desta forma, tais processos representavam benefícios econômicos, tanto para aqueles que recebiam as remessas, quanto para aqueles de onde as remessas partiam e para os países que dispunham dos cidadãos estrangeiros em tais condições.

Na sociedade contemporânea, as nações deixam de corresponder a uma unidade fronteiriça de língua, de povo, de cultura e passam a ser transnacionais, frente à movimentação humana ao redor do globo, elas vão além do que se pode ver e pegar, pois não se atém às fronteiras físicas dos territórios. Pensar ingleses e estadunidenses no exterior é talvez pensar uma potencial continuidade de suas nações na produção, por exemplo, de comunidades imaginadas.

Benedict Anderson (1990) alerta que as comunidades imaginadas não podem ser validadas a partir de suas características autênticas ou alteradas. Pelo contrário, devem ser distintas com base na maneira como são imaginadas, local ou virtualmente, pelos sujeitos, individual ou coletivamente. Nesse sentido, os sistemas culturais e de representação são essenciais na definição do que é imaginado, de onde é imaginado, de que forma é imaginado, a qual mundo essa imaginação faz parte, que conexões com outros mundos são estabelecidas, quais representações visuais são elaboradas, além, é claro, se essa imaginação remete a um conceito de nacional ou a um estereótipo de nacional, estando conectada à nação, de origem ou destino.

Uma comunidade imaginada, para Avtar Brah (2003), manifesta-se através da presentificação da noção de lar, isto é, materializar aquele local como sendo o lar, o que pode ser realizado através de sistemas de representação sobre famílias, redes familiares, colegas de trabalho, entre outros. É no estabelecimento de um lar que as jornadas se realizam, e são finalizadas, e por meio de seus discursos observamos como esses sujeitos assumem posições subjetivas outras em relação ao novo lar:

é, eu sinto que os problemas de João Pessoa são os meus problemas, e, às vezes, eu fico frustrado

porque eu sinto que tem tanta promessa, mas é uma espécie de, ninguém realmente luta, se empenha para tentar trazer melhorias e, então, em alguns momentos, eu meio que reflito como as coisas poderiam ser modificadas [...] (KEVIN, 2012)<sup>46</sup>

Desta forma, na constituição das narrativas é possível acompanhar, em meio a nuances discursivas, como as características subjetivas em relação aos percursos e ao local de estabelecimento são produzidas e reproduzidas, à medida que os sujeitos vivenciam a cidade ou revivem suas jornadas, via memória individual ou coletiva, construindo suas comunidades imaginadas.

No caso de alguns entrevistados, a ideia de uma comunidade imaginada brasileira pode ser investida de expectativas quanto às identidades culturais, nas quais há uma encenação de identidades e identificações, como um jogo de culturas manifestado num contexto de contato, relacionados, por exemplo, a um ‘fazer a América’ fora da América: “[...] às vezes eu digo que a minha contribuição seria trazer uma livraria realmente legal, igual as dos Estados Unidos, onde as pessoas podem entrar e sentar e ler e relaxar” (KEVIN, 2012)<sup>47</sup>. Ao refletir sobre os problemas da cidade, necessidades e lacunas a serem preenchidas, Kevin traz uma visão do sonho estadunidense de ser independente, de ter seu próprio negócio, de ser um empreendedor que, ao mesmo tempo, contribui para o engrandecimento cultural do local que habita.

Dentro desse contexto, são sujeitos que não atribuem uma condição saudosista, quase que nostálgica, em relação à pátria e nem aos seus familiares, que permaneceram no local de origem. Tampouco se apropriam totalmente das características e identificações locais na sociedade-lar, selecionando, dentre muitas, as que lhes são mais convenientes, interessantes e ou importantes incorporar. Destacam também as ausências e ressaltam que, através do seu *background*, podem auxiliar no preenchimento dessa carência. Desprendem-se de

---

<sup>46</sup> Yeah, I feel João Pessoa’s problems are my problems, and then sometimes I get frustrated because I feel there is so much promise and it just sort of, nobody really fights, struggles to try to bring in improvements and so at times I sort of wonder how things could be changed [...] (KEVIN, 2012)

<sup>47</sup> [...] sometimes I say my contribution would be to bring in a really nice bookstore, just like in the United States, where people could go in and sit down, and read and relax. (KEVIN, 2012)



ligações com a sociedade de origem, mas não de uma forma total, deixam laços simbólicos, familiares, deixam fronteiras de relações que compõem linhas tênues nas composições subjetivas.

Paul Gilroy (2006) acrescenta outros significantes de destaque na composição de uma comunidade imaginada como a manutenção de línguas, memórias e histórias contadas, ou passadas de um sujeito para outro, além da reprodução de rituais e comportamentos na sociedade de destino. Quando pergunto ao Robert sobre seus pais, ele me traz o relato que nos transporta às origens dos mesmos:

eu vou te dar um exemplo: meus pais são de uma comunidade pequenininha nas montanhas da Dominica. As montanhas, a comunidade é chamada Delice, e muitas pessoas dessa comunidade, teriam um membro da sua família se mudando para Londres, então eles ficavam todos juntos e todos eles se mudavam juntos para a mesma região dentro de Londres, então é tipo uma família dentro de uma família, eles ainda mantêm contatos hoje, muitas pessoas estão idosas hoje, muitas pessoas já faleceram, morreram, mas eles ainda se reúnem em casamentos, funerais, esses tipos de coisas, eles [estão] sempre juntos, eles sempre mantêm esse contato e eles falam uns com os outros afetuosamente, são como irmão e irmã, tipo, um relacionamento. (ROBERT, 2013)<sup>48</sup>

No caso dos pais de Robert, somente a possibilidade de reproduzir eventos que retomassem o espírito da terra natal os unia, os tornava uma família, ainda que os laços consanguíneos não existissem. A manutenção da comunidade imaginada de Delice em Londres realiza-se através dos eventos que os membros dão forma, põem em prática e reproduzem. É justo dizer que, em meio a essas reuniões, os sujeitos,

---

<sup>48</sup> I will give you an example: my parents were from a small little community in the hills in Dominica. The hills, it's called Delice this community, and a lot of people from that community they would have one member of their family move to London, so they all kept together and they all moved to the same region within London together, so it's like a family within a family, they still have this contacts today, a lot of people are older today, a lot of people have died, passed on, but they still reunite at weddings, funerals, these kind of things, they [are] always together, they always maintain that contact and they speak to each other affectionately, it's like brother and sister, kind of, a relationship. (ROBERT, 2013)

herdeiros dessa comunidade londrina de Delice, aqueles já nascidos no território inglês, sejam frequentadores, proporcionando uma transferência da rotina de vivência e costumes para aqueles que participaram *in loco*, mas que dela são sucessores. Assim, o termo ‘imaginado’ não é aleatório, pois a constituição pode ocorrer na esfera mental do sujeito, lhe proporcionando uma sensação de alívio, conforto e talvez até desalienação, quando em situação de estresse causada pela vivência na sociedade-lar.

Estudar deslocamentos em uma perspectiva transnacional é ter uma ferramenta que auxilia a visibilidade dos processos políticos, históricos e subjetivos, os quais as teorias migratórias até então não haviam entrevisto, especialmente pelo fato de estarem pautadas no paradoxo dicotômico da atração e da repulsão (ISOTALO, 2012), dominante até a década de 70, nos Estados Unidos e Europa, e década de 80, no Brasil. Isto é, os/as migrantes seriam atraídos pelas novas possibilidades – a atração – e, uma vez satisfeitos econômica, social, culturalmente, retornariam à origem – a repulsão.

O movimento entre fronteiras é estudado a partir do ponto de vista do/a transmigrante em relação às conexões por ele/a realizadas, desde o momento de partida, ao momento da chegada, fazendo constar o percurso até seu estabelecimento, suas batalhas pessoais e coletivas e, talvez até, caso ocorra, o momento do retorno. Na qualidade de ação transnacional não advém de modo indispensável de conexões estabelecidas na sociedade de origem e pode, em algumas circunstâncias, ocorrer no local onde o sujeito já se encontra:

eu peguei uma carta do Sr. Barlow, que informava à Polícia Federal que, você sabe, que a Cultura [Inglesa] iria me empregar, você sabe, ele foi muito prestativo, ele me deu uma carta dizendo ‘nós vamos empregar Peter blá blá blá’. (PETER, 2013)<sup>49</sup>

No caso dele, suas conexões foram estabelecidas com outro cidadão inglês que possui uma escola de línguas na cidade, o que lhe possibilitou a entrada no mercado de trabalho brasileiro.

Tais ligações laborais permitem visualizar as redes sociais de comunicação e migração instauradas tanto na sociedade de origem

---

<sup>49</sup> I took a letter from Mr. Barlow saying that he would, you know, that Cultura [Inglesa] would employ me for the Polícia Federal, you know, he was very helpful, he gave me a letter saying ‘we will employ Peter bla bla bla’. (PETER, 2013)

quanto na sociedade-lar, identificando o fato de que o/a transmigrante concede, muitas vezes, uma expansão do seu movimento transnacional, ao trazer consigo, ainda que tempos depois da sua primeira viagem, familiares, amigos, para morar e trabalhar. Tal característica não corresponde à situação descrita por meus entrevistados, os quais apontaram somente ter influência turística sobre amigos e familiares:

João Pessoa, sim eu tive [pessoas motivadas que vieram]. Há alguns anos atrás, um casal veio, eles vieram para o Brasil em lua de mel, e eles queriam vir e me visitar e eu disse ‘sim venham me visitar’ e eles vieram aqui e eu passei alguns dias com eles, mostrando o local e fomos a alguns lugares e mostrei para eles, e fomos a Coqueirinho, e eles realmente gostaram e eles vivem me dizendo ‘ahh nós queremos voltar’ e eu espero que eles voltem. (KEVIN, 2012)<sup>50</sup>

Em termos textuais o uso do verbo *to come* na fala de Kevin sinaliza a sua conexão com a cidade de João Pessoa. A influência que ele exerce em relação aos amigos alude a uma percepção do local enquanto ponto turístico, para relaxar e aproveitar os momentos das férias. Observo que o fato não é recorrente e ele, resignado, espera que eles retornem.

Nem todas as migrações podem ser caracterizadas como processos transnacionais, uma vez que nem todos os migrantes mantêm vínculos financeiros simultâneos com suas sociedades de origem e de destino. No caso dos entrevistados, as conexões transnacionais transitam em esferas referentes ao emprego exercido de forma virtual, às formas como chegam ao Brasil e à aposentadoria, que, em alguns casos, não tenha vindo do local de origem. A pensão de Steve, porém, origina-se de empresa com sede na Inglaterra, através da qual foi funcionário:

e como você sabe fiquei no Recife, era uma série de contratos [com o Conselho Britânico]. Fiquei doze anos. Eles tiveram que dizer, Steve, ‘nunca ninguém fica trabalhando como estrangeiro num país e você é brasileiro e com toda essa

---

<sup>50</sup> João Pessoa, well I had. A couple of years ago I had a couple of that, they came, they came to Brazil on their honeymoon, and they wanted to come visit me and I said ‘yes come visit’ and they came here and spent a couple of days with them, showing them around and went to a couple of places and showed them around, went to Coqueirinho, and they really enjoyed and they always keep saying ‘ohh we want to come back’ and I hope they will. (KEVIN, 2012)

comodidades, as compensações’. Eu tive um visto semi-diplomático, ganhando em libras esterlinas – depois de 94 não era grande vantagem com o Real, sofri com isso. E com um apartamento, tudo gratuito, um carro, podia comprar um carro, uma só vez, podia [ter] essas regalias para compensar, para compensar quem não é do país, pelos certos sacrifícios, eu falava português, minha esposa brasileira, meus filhos brasileiros, conhecia o país, sabia já que minhas raízes eram brasileiras. (STEVE, 2012)

O relato de Steve indica que ele trabalhou para o Conselho Britânico durante um longo período e por intermédio dele se aposentou. No decurso do período em que trabalhava, destaca as benesses que aquele emprego proporcionou-lhe, salientando que seriam medidas compensatórias para o ‘sacrifício’ que seria para o inglês estar em outro país, diferente do que nasceu e viveu. Observo que ele emprega o recurso da ironia para a utilização do substantivo ‘sacrifício’ e a finalização da sua fala, na qual ele se percebe cercado pela ‘brasilidade’ nos mais diversos níveis – desde o emprego até a família. A relação antagônica entre discurso e a realidade também merecem destaque quando ele enciona que suas raízes seriam brasileiras. Muito embora não esteja referindo-se às raízes enquanto origem, acredito que ele exprime aqui a relação de identificação com o país onde ele fixou seus rizomas.

Nesse sentido, os entrevistados são imigrantes sim, mas assentados e sem o desejo de retorno ou necessidade de conexão financeira com a família na sociedade de origem, pois, ao contrário, suas famílias estão na sociedade-lar. Nas palavras de Steve (2012), ele e a família são ‘enraizados’ na sociedade e na cultura.

É com o intuito de desvelar esse processo de fixação estrangeira que passo à próxima abordagem: migração internacional.

## **MIGRAÇÃO INTERNACIONAL**

A migração internacional está diretamente ligada a um dos fenômenos mais descritos na atualidade, a globalização, que serve como pano de fundo para repensar os deslocamentos e os processos complexos envolvidos neles, já que as abordagens até o final do século XX eram dominadas por dois grandes paradigmas (CASTLES, 2002): as migrações temporárias – *temporary* ou *guestworker* – e as migrações permanentes ou de fixação – *settlement*.

As migrações temporárias, ou mobilidades, como prefere chamar Charles Tilly (1990), são refletidas na figura do/a trabalhador/a convidado/a, o *guestworker* em inglês, *gastarbeiter* em alemão (BRETTELL, 2000). Terminologias que surgiram na Alemanha durante a década de 60 do século XX (CASTLES, 2000), como uma ‘solução’ para limitar e reduzir a entrada de imigrantes, já que estabelecia ‘perfis’ em relação ao tipo de mão de obra desejada pelos países que a requisitavam (BRINKER-GABLER, 1997). Os/as trabalhadores/as convidados/as seriam os/as estrangeiros/as que vêm ao país a pedido de uma empresa, de um governo, enfim, de alguma organização que necessita dos seus serviços e, potencialmente, não consegue encontrá-los de forma local ou, no caso de Steve, que deseja conceder uma experiência diferenciada para os consumidores daquela sociedade:

é em parte, começou [a carreira com o Conselho Britânico] na Colômbia, foram eles que eram garantes [garantidor] do contrato que eu tive com a universidade colombiana. Mas, em México, dois anos também, comecei uma carreira que hoje em dia é impossível repetir, não existe mais esse tipo de trabalho com o Conselho Britânico, com o respaldo do Conselho Britânico. (STEVE, 2012)

São empresas que estabelecem relações de trabalho com cidadãos que possuem habilidades laborais específicas, ou pertencentes a um determinado grupo, determinada nacionalidade, ou que falam determinada língua (BRETTELL, 2003), exemplificadas aqui através de duas instituições: a Cultura Inglesa, mencionada anteriormente, e o Conselho Britânico. Às empresas contratantes, em alguns casos como o do Conselho Britânico, ficam responsabilidades de necessidades básicas como prover moradia, transporte – já relatado por Steve (2012) como exercícios de compensação – e garantir, em especial no caso de trabalhadores estrangeiros, o visto que lhes concede o direito de trabalhar e viver no país durante período determinado, que pode ser prorrogado a pedido do empregador.

Em se tratando da possibilidade de permanência no país convidado, no início do recrutamento temporário de trabalho nos meados dos anos 60, tais trabalhadores não poderiam permanecer no país além do período pré-determinado, pois sua estadia estaria integrada a um ‘prazo de validade’, daí a noção de ‘trabalhador temporário’. Pouco tempo depois, na Alemanha, a situação dos convidados que desejavam permanecer começou a ficar difícil de ser controlada pelo governo e este iniciou o processo de concessão de visto por dois anos,

posteriormente por cinco anos, e, ao fim, permissões sem limites de tempo aos que desejassem permanentemente se estabelecer no país (CASTLES, 2000). Hoje em dia, não somente na Alemanha, mas em outros países que se valem desse sistema de recrutamento, a situação é diferente e aqueles que desejam permanecer no país, têm, muitas vezes, mais facilidade em se tornar cidadãos legais do que imigrantes em situações diferentes.

Entretanto, nem sempre as relações de trabalho são explícitas ou promovem a formação de guetos, os chamados enclaves étnico-econômicos ou sub-economias étnicas que, segundo Ewa Morawska (1990), empregam somente cidadãos que compartilham a mesma origem étnica. No caso de empresas supracitadas, acredito que há uma ‘transculturalização da mão de obra’ no sentido de empregar sujeitos de origem anglo-americana, sendo, contudo, empresas que empregam cidadãos locais nas localidades onde se encontram instaladas, o que incapacita a visão de um grupo fechado de trabalhadores ‘étnicos’.

É importante ressaltar que o ato de cruzar fronteiras não é o indício peremptório de uma migração. Na verdade, “migração significa tomar residência por um certo período mínimo – vamos dizer de seis meses a um ano” (CASTLES, 2000, p. 270). Ainda que se deslocar do país de nascença para outro, completamente diferente, nos dias de hoje, represente um desvio do padrão, pois “[...] permanecer no país de nascença é ainda visto como normal e se mudar para outro país o desvio” (Idem.). Assim sendo, é com o olhar de quem se dedica a pesquisar o que é visto como “desvio” que dou ênfase às experiências dos sujeitos que entrevistei.

As migrações permanentes ou de fixação (CASTLES, 2002) se referem aos deslocamentos de migrantes que se assentam no novo local, preferencialmente um país ou localidade que esteja em ascensão econômica, se este for o objetivo primordial do sujeito, gradualmente se incorporando à economia, à política e à cultura, consolidando relações interpessoais, de trabalho, familiares, entre outras. Brettell (2003) deduz que migrações transatlânticas tendem a sinalizar permanência por força da logística entre origem e lar, principalmente nas condições econômicas atuais que países como os Estados Unidos e os do continente europeu têm enfrentado.

Castles (2000) adiciona que as migrações estão sendo naturalizadas não somente no âmbito local, no caso daquelas entre cidades próximas, mas no âmbito regional, de um estado para outro, e no âmbito global e intercontinental, de um país para outro, atravessando

oceanos e cruzando continentes. O deslocamento do ‘velho mundo’ para o ‘novo mundo’, muito comum durante o século XIX e início do século XX, seria advindo das crises econômicas e financeiras (BRINKER-GABLER, 1997), e das guerras ocorridas na Europa, daí a mudança para as ex-colônias na busca por melhores condições de vida. Peter, ao mencionar que seu tio havia sido o primeiro na família a migrar para a Nova Zelândia, destaca:

eu acho que hoje em dia, eu ouço que é bem comum [migrar]. O mundo é tão pequeno. Eu acho que era bem impressionante ele fazer isso lá pelos idos de 1960 ou 70, eu acho que era mais raro, eu acho que na época, na Nova Zelândia, eles queriam que os professores viessem, e ele foi e ele tinha um emprego, e era tudo organizado, eu acho. Mas hmm, talvez um pouquinho, um pouquinho inspirado [nele], eu não sei. (PETER, 2013)<sup>51</sup>

O panorama que situa o planeta em uma situação globalizante encurta distâncias e reduz a dimensão do globo terrestre através do progresso de tecnologias logísticas. Por exemplo, na aviação houve melhoramentos: o desempenho das aeronaves aumentou, o tempo de voos foi diminuído e, no campo institucional, a ampliação das malhas áreas e consequente aumento nas opções de destinos. Foram medidas que, em longo prazo, tornaram ‘o mundo pequeno’, usando a expressão de Peter. No caso do tio dele, esse deslocamento era expresso na necessidade da Nova Zelândia, à época entre os melhores padrões de vida do mundo, apesar de ter desenvolvimento econômico estrutural, de expandir sua ‘mão de obra acadêmica’ em um cenário de pós-guerra e desejo de competição com o mercado mundial<sup>52</sup>, ‘importando’ professores recém-formados e que, potencialmente, teriam alta motivação no início da carreira. Hoje em dia, a movimentação deixa de provocar um grande estranhamento para ser mais naturalizada.

Ao contrário do que alguns autores já articularam sobre o deslocamento humano – como sendo um mecanismo que enfraquece o

---

<sup>51</sup> I guess nowadays I hear it’s quite common [to migrate]. The world is so small. I guess it was quite impressive him doing it then in 1960s or 70s, I guess it was rarer, I think the time New Zealand were, they wanted teachers to come, and he went and he had a job, and it was all organized, I think. But eh, maybe a little bit, a little bit inspired [by him], I don’t know. (PETER, 2013)

<sup>52</sup> Segundo informações disponíveis no site: <<http://eh.net/encyclopedia/article/Singleton.NZ>>. Acesso em: 30 out. 2013.

desenvolvimento, seja da sociedade que envia ou da que recebe migrantes, além de estimular a desigualdade (como relatado em SCHILLER & FAIST, 2012; ISOTALO, 2012; SCHILLER & WIMMER, 2002) –, Castles (2000) mostra o fenômeno migratório como positivo para o desenvolvimento de ambas as sociedades. Afinal, enquanto cidadãos que vêm a convite, ou não, suas ocupações contribuem para o crescimento da localidade em que trabalham.

De uma maneira ou de outra, todas as formas de deslocamento humano – transnacionalista, migração temporária, de fixação, de retorno ou por aposentadoria – terão algum tipo de resultado financeiro, ora com mais ênfase na economia de origem, como é o caso dos transmigrantes, ora na economia de destino, como é o caso dos imigrantes que não desejam retornar<sup>53</sup>.

As justificativas para os deslocamentos são as mais variadas e podem incluir as chamadas “migrações de retorno” (CASTLES, 2002), como é o caso dos filhos de imigrantes italianos da cidade de Criciúma, sul de Santa Catarina, que se valeriam da possibilidade da cidadania italiana dos pais, ou para retornarem à Itália ou para adentrarem os Estados Unidos munidos de passaporte italiano, o que facilitaria seu processo de permanência no país (ASSIS, 2005) e a obtenção do tão desejado *greencard*.

É importante ter em mente que, a despeito das tipologias que se referem à permanência ‘temporária’ ou ‘definitiva’ dos sujeitos que se deslocam, estas se tornam limitadas quando pensamos nos sujeitos como atores sociais, isto é, pessoas que moldam suas decisões a partir da liberdade de ação e estas, por serem subjetivas, são sempre passíveis de mudança. Nesse sentido, posso dizer que, até o momento em que as entrevistas foram concluídas, os sujeitos se apresentaram sem expressão de retorno, trazendo a categoria lar como elemento que sedimenta seu desejo de fixação.

Appadurai (1996) alerta que, em alguns casos, a noção de lar pode ser fruto da imaginação do cidadão que se encontra fora do seu território de origem. Em sentido contrário, a categoria ‘lar’, em vários momentos utilizada pelos entrevistados, aponta sim para uma conexão de imaginação, não fantasiosa, mas de desejos e anseios futuros que

---

<sup>53</sup> A única potencial exceção seria o caso citado por Castles (2002) de migração *post-mortem– posthumous* –, mas que, ainda assim, geraria algum tipo de renda para o país que envia e para o que recebe, tanto no setor de funerárias quanto no transporte de esquifes.



podem ser realizados. Na visão de Brah (2003), o ‘lar’ realiza-se por meio das relações que incluem ou excluem o sujeito, fazendo com que ele desenvolva pertencimento com o novo local ou retome o pertencimento com o local anterior. A autora apresenta ainda que existem duas posições na figura do lar: o ‘sentir-se em casa’ e o ‘declarar-se em casa’. Entendo que a primeira estaria relacionada a situações físicas de conforto, como a realização profissional, isto é, um aparato que promova o bem-estar físico do sujeito, ao passo que a segunda implicaria diretamente a noção de pertencimento e até, porque não, o enraizamento com o local, como já declarou Steve (2012) sobre suas raízes brasileiras. Para ilustrar mais uma das formas como o lar é retratado nos discursos, trago o relato de Kevin:

bem, eu acho que João Pessoa é o meu novo lar e eu não considero, pelo menos não nesse momento, eu não tenho nenhuma consideração de ir para nenhum outro lugar. Muito pelo contrário, eu quero me estabelecer aqui, eu tenho meus amigos aqui agora e eu também tenho muitas ideias sobre o futuro e as pessoas têm me encorajado a desenvolver essas ideias e planos e coisas, então eu acho que vai ser algo, então eu acho que eu vou ser um membro permanente aqui. (KEVIN, 2012)<sup>54</sup>

O que define a permanência dos sujeitos até esse momento é seu desejo de se conectar ainda mais com as culturas brasileiras, com os negócios brasileiros, de se realizar profissional e pessoalmente no local que escolheu para habitar. A constituição do lar, entretanto, não é imediata e faz parte do processo de estabelecimento como ele declara. Não obstante, a presença de amigos também parece sinalizar um elemento que auxilia na composição física e sentimental do lar. Do mesmo modo, Steve (2013) já havia mencionando esse elemento. ‘Lar’ é uma categoria chave nesse relato pois é através dela que Kevin exprime sua afinidade e pertencimento com o local. A expressão de permanência é, do mesmo modo, legitimada pelo desejo futuro de realizações. Como a afiliação a uma corporação, ele ‘adere ao Brasil’, à

---

<sup>54</sup> Well, just I think that João Pessoa is my new home and I don’t consider, at least at the moment, I don’t have no considerations of going anywhere else. Quite the contrary, I want to establish myself here, I have my friends here now and I also have a lot of ideas about the future and people have been encouraging me to develop these ideas and plans and stuff, so I think it’s gonna be something, so I think I’m gonna be a regular member here. (KEVIN, 2012)

cidade de João Pessoa, sendo membro e fazendo parte dela.

Ao privilegiar uma categorização sistemática do deslocamento, em uma tentativa de levantar dados genéricos e propor uma universalização dos fenômenos migratórios, a migração internacional não se mostrou de todo útil para o que desejo priorizar: uma abordagem que revele as características subjetivas presentes nas narrativas e as motivações que os levaram a tomar a decisão de migrar, que priorizando a trajetória subjetiva, em detrimento da generalização. Mesmo assim, a abordagem que traz a migração internacional como pano de fundo, auxiliou-me a compreender as motivações que levam os sujeitos a se fixarem na sociedade-lar.

Passo, então, a uma abordagem que pressupõe um sentimento prazeroso entre as pessoas, no que tange os deslocamentos humanos, ainda que aquele que assim se sente – cosmopolita – mantenha algum tipo de raiz ou peculiaridade social.

## **COSMOPOLITISMO**

Gustavo Lins Ribeiro (2005, p.22) inicia o seu artigo com uma questão básica que ‘preocupa’ muitos dos sujeitos que habitam o nosso planeta: “os seres humanos estão sempre querendo saber de onde as pessoas vêm”. Anthony Kwame Appiah (2006), por sua vez, acrescenta que essa curiosidade que as pessoas têm, de um modo geral, pelo que o outro faz, para onde o outro vai, ou, simples e basicamente, pela vida dos outros – ao que o autor sutilmente aponta como sendo ‘fofoca’ – “tem sido uma poderosa força para a conversa entre as culturas” (APPIAH, 2006, p. 07). Essa preocupação à qual os autores fazem alusão está presente na minha investigação, porém sigo uma motivação acadêmica que vai além de saber a origem das pessoas, busco, pois, desvendar as motivações e os meios de estabelecimento na sociedade-lar e como se dá essa ‘conversa cultural’ em meio a esse processo de adaptação.

O cosmopolitismo não é uma abordagem nova. Ao contrário, ele tem sua origem em uma das sociedades consideradas um dos pilares culturais: a grega. O vocábulo advém da locução grega, kosmo polites, termo cunhado pelo filósofo Diógenes, cuja tradução para o português corresponde a: cidadão do mundo. Nas palavras que abrem este capítulo, a fala de Sócrates sobre não ser nem ateniense, nem grego, mas um cidadão do mundo ilustram esse pensamento. Hoje, no século XXI, a noção contemporânea desse termo é reproduzida por Appiah (2007) ao

articular as ideias desenvolvidas por Diógenes, sobre o perfil de um/a cidadão/ã cosmopolita, propondo a seguinte definição:

[...] (1) não precisamos de um único governo mundial; mas (2) devemos nos preocupar com o destino de todos os seres humanos dentro e fora de nossas sociedades; e (3) nós temos muito a ganhar a partir de conversas uns com os outros sobre nossas diferenças. (APPIAH, 2007, p. 2376)

Vê-se, assim, que sob a ótica cosmopolita, três posicionamentos são essenciais: a noção da diversidade, a aceitação da mesma e a, conseqüente, presença da alteridade. Cidadãos cosmopolitas possuem o discernimento para reconhecer a diferença e com ela conviver, como relata Kevin:

[...] era sempre uma grande diferença vir da Europa, e de Portugal, às vezes da Itália, às vezes era quase como um grande choque. Quando eu vim para cá [João Pessoa] eu senti quase que eu estava no meu habitat, até as coisas simples, para começar, a pronúncia, a forma como as pessoas falam aqui, não era tão difícil, em outras partes do Brasil, *verdade* [...] (KEVIN, 2012)<sup>55</sup>

‘Estar em seu habitat’ traduz, simultaneamente, noções de pertencimento e alteridade. Desta forma, a posição singular dos sujeitos não pode ser generalizada, sendo mescla plural de experiências vividas pelos mesmos. Na identificação do/a cosmopolita, o sentimento de pertencimento a um local não representa uma necessidade imanente. Ele/a apenas se encontra naquela localidade e, embora viva e respire a localidade, ao mesmo tempo não tem a obrigação metodológica e sistemática de incorporá-la à sua maneira de ser. A localidade para o/a cidadão/ã cosmopolita é a localidade do mundo. Se ele/a está em um local geográfico, ele/a faz uso de uma multitude de outras localidades simultaneamente, em função das experiências que vivenciou. Um bom exemplo dos significados apreendidos é relatado por Kevin ao tratar da aprendizagem linguística:

é, apenas as situações, a vida ajuda você a entender o que as palavras significam. E um dos

---

<sup>55</sup> [...] it was always a big difference coming from Europe, and Portugal, sometimes from Italy, sometimes it was quite a big shock. When I came here [João Pessoa] I felt really like almost in my element, just simple things, just to start with, the pronunciation, the way people talk here, it was not so hard, in the other parts of Brazil, *verdade* [...] (KEVIN, 2012)

problemas era que eu estava com a classe baixa, os trabalhadores. Eles não tinham o melhor vocabulário. Eu tive que, com o tempo, eu tive que corrigir isso, mas era fácil, porque eu fiz muita leitura em português. Eu tento ler, sabe? Sempre que eu posso. E eu também estava com os alemães, então eu estava, e com os alemães eu tive que, na verdade, traduzir um bocado para os alemães com quem eu estava alojado e isso me deu outras motivações para realmente trabalhar no meu português, então isso foi, para mim, isso foi importante. De qualquer forma, eu adoro línguas e eu tive a oportunidade. Eu falo seis línguas, então quando eu estava na Itália eu aprendi italiano, quando eu estava na França eu aprendi francês, eu vivi com os alemães, então eu aprendi alemão, espanhol eu aprendi na escola, mas eu não uso muito, somente para leitura e português por estar em países falantes, foi uma oportunidade para que eu aprendesse. E então eu sempre estive nos países onde, a vida ensina você. Você tem que aprender: é aprender ou morrer. Então eu aprendi. (KEVIN, 2012)<sup>56</sup>

E o sujeito não descarta suas experiências, elas vão sendo conservadas na sua ‘mala de mão’, e incorporadas às subjetividades, aos seus conhecimentos, compondo as identidades culturais, enfim a sua aprendizagem. A despeito das dificuldades aparentes e dos locais em que ele se encontra, qualquer experiência resulta em conhecimento adquirido. A diversidade é o terreno profícuo para acentuar seu

---

<sup>56</sup> Yeah, just situations, life helps you understand what words mean. And one of the problems was that with the lower class, the workers. They didn't have the best vocabulary. I had to, with time I had to correct it but it was easy because I did a lot of reading in Portuguese. I try to read, you know? Whenever I get a hold of and also I was actually with Germans as well, so I was and the Germans I had actually to translate a lot for the Germans with whom I was staying and that also gave me another initiative for really working on my Portuguese so that was, for me that was important. Anyway, I love languages and I had the opportunity to. I speak six languages, so when I was in Italy I learned Italian, when I was in France I learned French, I would live with Germans so I would learn German, Spanish I learned at school, but I don't use much just for reading purposes and Portuguese for being in speaking countries it was a given that I should learn and so I was always being in the countries where, life teaches you, you have to learn, it's do or die. So I learned. (KEVIN, 2012)

aprendizado.

Embora ser cosmopolita signifique estar no mundo sem ter uma localidade propriamente dita, meus entrevistados consideram a cidade de João Pessoa como sua localidade, como a sua morada, seu lar, exemplificado na fala de Kevin (2012), de Steve (2012) e de Peter (2013).

Após realizar as entrevistas, observei que estava lidando com cidadãos que vivem harmoniosamente na sociedade-lar, em meio a um mundo acadêmico de ensino e aprendizagem – pois todos são professores de língua inglesa – e que não apresentam uma necessidade imanente de se localizarem em uma nação. São, portanto, pessoas orientadas pela noção cosmopolita de vida, alteridade, diversidade e compartilhamento de conteúdos e aprendizagens.

Acima de tudo, eles prezam o conhecimento sem limite de fronteiras e buscam, no outro, essa fonte de conhecimento, que pode ser atravessada pelas mais diversas experiências, dentre viagens e contatos cotidianos nos círculos de amizade e trabalho. É um cidadão que aceita e compartilha a diferença e que está ciente de que ele é diferente do outro habitante local, porque ele é um cidadão do mundo.

Observei ainda que todos os sujeitos entrevistados fazem parte da diversidade que estimula os meios para a pluralidade dos (re)posicionamentos subjetivos. Apesar do cosmopolitismo ter muito em comum com meus entrevistados, existe um elemento particular aos deslocamentos deles que as teorias até agora abordadas não mencionam em profundidade: o estilo de vida.

Para tanto, e buscando avançar nessa linha de raciocínio, trago a migração por estilo de vida, a qual auxiliará na compreensão dos elementos que exercem forças de atração e ou permanência na cidade de João Pessoa.

## **MIGRAÇÃO POR ESTILO DE VIDA**

Em meio ao cenário dos deslocamentos na contemporaneidade, alguns autores vêm dedicando suas pesquisas aos sujeitos que migram estimulados por uma característica que foge aos modelos tradicionais, modelo esse que vem sendo chamado de ‘estilo de vida’. A categoria pode aludir à maneira de viver que os sujeitos já possuem na sociedade de origem ou, em sentido oposto, a uma maneira que almejam ter, mas em outra sociedade, preferencialmente no exterior. Sobre esta última, Giddens (1991), ao refletir sobre a imagem do *self* e o desenvolvimento

de novos estilos de vida, assere que a fuga de modos opressores de vida leva o sujeito, que vive tal situação, à criação de novos estilos de vida, opostos ao que lhe desagradava.

Seguindo a linha de pensamento de Giddens (1991), Mari Korpela (2011) situa que a ida para um país, ou local, diferente do seu, pode remeter a uma tentativa de se desprender de um possível caos vivido no local de nascença ou de trabalho. Todavia, nem sempre os primeiros deslocamentos completam o desejo de mudança dos sujeitos. Na tentativa de buscar outros estímulos para sua vida, Robert se deslocou do Reino Unido para São Paulo, entretanto, a mudança causou-lhe mal-estar, físico e mental:

exatamente, eu estava naquela rotina, e então ficou cansativo, e cansado e fastidioso, e eu, particularmente, não gosto daquela vida em São Paulo, isso afetou a minha saúde, afetou a minha [h] saúde mental também, até um certo ponto [...]. (ROBERT, 2013)<sup>57</sup>

Assim, a partir do resultado da primeira migração (de Londres para São Paulo), ele vislumbra a necessidade de um novo deslocamento, para uma localidade onde sua saúde não seja prejudicada. A vida em São Paulo é colocada na esfera de uma rotina prejudicial e que, talvez, lhe relembresse a vida em Londres, da qual ele tentava escapar.

De um modo geral, a migração por estilo de vida pode ser associada a um “escape, um escape *de* algum lugar e de algo, enquanto, simultaneamente um escape para a auto-realização e uma nova vida [...]” (O’REILLY & BENSON, 2009, p. 03). Para Michaela Benson (2009), essa concepção tem circulado no meio acadêmico como referência aos sujeitos que se deslocam por razões que diferem das tradicionais – melhor condição de trabalho e financeira, por exemplo – e que circulariam na esfera de uma vida com melhor qualidade. Na perspectiva de Karen O’Reilly & Michaela Benson (2009), o conceito é visto de forma dinâmica, ampla e empiricamente aberto a atualizações, além de indicar indivíduos que se deslocam parcial – retornando ocasionalmente à terra natal para passar meses com a família – ou definitivamente. Apesar das autoras fazerem menção a grupos, nem todos os sujeitos que optam por esse deslocamento o fazem

---

<sup>57</sup> Exactly, and I was in that routine, and so it became tired, and tiring and tiresome, I don’t particularly like that living in São Paulo, it affected my health, it affected my [h] mental health as well, to a certain extent [...] (ROBERT, 2013)

coletivamente.

Outros estudos mostram que esse tipo de deslocamento seria característico da classe média ou de grupos mais abastados, como é o caso da pesquisa de Maria Casado-Diaz (2009) sobre ingleses que migraram para a Espanha. Casado-Diaz (2009) orienta que a expressão ‘migração por estilo de vida’, muitas vezes, indica um movimento de sujeitos aposentados, a chamada *International Retirement Migration* (IRM – migração internacional de aposentados), que vem crescendo desde a década de 60 do século XX e constituiu um elemento comum àqueles/as que optam por migrar para outro país, estado, região ou cidade ao se aposentarem. A narrativa de John deixa clara a escolha, apesar de ser colocada na esfera da sujeição, em ‘aceitar’ a aposentadoria, conforme ele narra: “[...] então em 2002 eu decidi aceitar minha aposentadoria antecipada e me aposentar no Brasil [...]” (JOHN, 2012)<sup>58</sup>. A decisão pela aposentadoria, *a priori*, mostra um John resignado, que se conforma em se aposentar ‘cedo’, a despeito da economia do seu país. Sua aposentadoria ocorre em virtude do que pode prover para sua família quando da mudança para o Brasil, onde pode dar-lhes saúde e segurança. Outras razões, como inconformidade com o tratamento recebido e, conseqüente, anseio de maior valorização pessoal, além do desejo de um local para envelhecer bem, são alguns motivos apontados.

A migração é enaltecida pelos sujeitos, enquanto atores sociais de suas próprias vidas, agenciando suas decisões sobre onde ambicionam envelhecer (BENSON, 2009). Casado-Diaz (2009) relata que muitos vivem em comunidades de estrangeiros, e podem se engajar em atividades com conterrâneos, como é o caso do grupo por ela entrevistado e que faz parte da Universidade da Terceira Idade. Esses sujeitos, têm no lazer, em variadas atividades, uma espécie de grupo de apoio, como um constituidor de laços afetivos – tanto para os recém-chegados quanto para os que já fazem parte do grupo –, além da formação de um sentimento de pertencimento – com o grupo ou com a comunidade local –, a partir das atividades desenvolvidas.

A formação do grupo, ou o estabelecimento de relações de amizade, funciona como um dos meios para aumentar o que Casado-Diaz (2009) menciona como “capital social”, isto é, as redes de relações interpessoais e de interação dos indivíduos, imigrantes ou não. A

---

<sup>58</sup> [...] so in 2002 I decided to accept my early retirement and retire in Brazil [...] (JOHN, 2012)

percepção de um local melhor para envelhecer permeia os ideais desses sujeitos, como demonstra John:

[...] me mudar para o Brasil e aproveitar um estilo de vida, o mais confortável que eu jamais poderia imaginar na Inglaterra. [...] então eu estava pensando na minha vida e eu acho que seria um bom lugar para envelhecer [...] (JOHN, 2012)<sup>59</sup>

Estilo, conforto, velhice circulam o campo semântico de discurso de sujeitos que almejam o bem-estar quando a carreira profissional não mais se fizer necessária.

Outros pesquisadores mostram que esse tipo de migração poderia configurar um movimento de contraurbanização, quando os sujeitos se deslocam do meio urbano para o meio rural, em busca de uma vida melhor. Brian Hoey (2009), que investiga o movimento do meio metropolitano para áreas rurais no nordeste do Michigan, EUA, identifica que, em algumas dessas situações, os indivíduos buscam o local personalizado na forma de refúgio, ainda que não seja totalmente ‘rural’, mas que, de alguma forma, seja oculto aos olhos da sociedade contemporânea, agitada e estressante.

Hoey (2009) e Korpela (2011) mostram que esse tipo de deslocamento emerge como pano de fundo para sujeitos que desejam ‘começar de novo’ ou ‘encontrar-se’ – no sentido de uma busca espiritual –, podendo indicar pessoas que passaram por algum tipo de crise pessoal, ou profissional, e que desejam escapar do estresse das grandes cidades. Aliás, o local representa um elemento significativo para o imigrante por estilo de vida que, nessas situações, procura-o como refúgio ou asilo (HOEY, 2009). A necessidade de um ‘local refúgio’ nem sempre alude à vontade sistemática de permanência nele e pode, surpreendentemente, provocar sentimentos ambivalentes motivados, talvez, pelo excesso de quietude do local:

eu estava pensando sobre isso quando você, disse que iria voltar [a entrevistar], o que falamos antes, eu gosto de João Pessoa porque é meio que pouco explorada, tem um bom clima, tem um estilo de vida bom, eu gosto das pessoas, mas, ao mesmo tempo [ ], o que sinto falta da Inglaterra é por causa das mesmas razões. Eu sinto falta das grandes cidades, eu sinto falta do multicultural,

---

<sup>59</sup> [...] move to Brazil and enjoy a more comfortable lifestyle than I could ever imagine in England. [...] so I was thinking of my life and I think this would be a good place to grow old [...] (JOHN, 2012)



eu, às vezes, sinto falta, você sabe, quase que sinto falta do estresse, eu acho. (PETER, 2013)<sup>60</sup>

Peter explora a dimensão da cidade na perspectiva de refúgio, de um local pouco explorado e com uma população que o faz se sentir acolhido, ao mesmo tempo em que explora suas angústias, muito provavelmente resultantes das experiências com sua sociedade de origem, por maior agitação na cidade.

Ao analisar alguns relatos, Hoey (2009) descobriu que alguns dos seus entrevistados corporificaram o local, personificando-o através do uso de nomes ou associando-o a pessoas. Pessoas e lugares coexistem e se inter-relacionam no cenário das migrações por estilo de vida e, juntos, transformam-se socialmente ao se instalarem (O'REILLY & BENSON, 2009). Hoey (2009) opta por trazer uma designação peculiar de lugar como “paisagem terapêutica”, que vem a ser uma área que permite o recomeço, o encontro ou o reencontro do *self*, um descanso da correria do mundo moderno que não para e que prejudica a saúde, como relatado por Robert (2013) sobre sua estadia em São Paulo.

O local, pois, enquanto paisagem terapêutica, funciona como um método de tratamento para os males pelos quais o sujeito se vê cercado. Na trajetória do deslocamento, o encontro com o local de destino desperta no sujeito um outro olhar, uma outra forma de ser, de relacionar-se. O local passa a ter novos significados, passa a ser um local de (re)construção de memórias e de recomeço, passa a ser, simultaneamente, identificador (GARCÊS, 2006) e ‘identificante’ de lar, por exemplo, como afirma Peter:

nós retornamos à Inglaterra para as férias e depois voltamos. O que foi interessante foi que, quando estávamos na Inglaterra eu queria voltar para casa, eu senti falta de João Pessoa e foi nesse momento que eu percebi que, você sabe, aqui é meu lar, e eu estava sentindo falta de João Pessoa. (PETER, 2013)<sup>61</sup>

---

<sup>60</sup> I was thinking about when you were, said you were gonna come back, what we talked before, I like João Pessoa because it is kind of undiscovered, it has a good climate, it's a nice lifestyle, I like the people, but at the same time [ ], what I miss about England is kind of those same reasons. I miss big cities, I miss multicultural, I miss sometimes, you know the, almost like the stress, I think. (PETER, 2013)

<sup>61</sup> We went back to England on holiday and then came back. What was interesting, when we were in England I wanted to come home, I missed João

O local antes tido como ponto de contato para o intercâmbio, passa a local de nascimento da esposa e finalmente atinge a categoria local-lar, isto é, passa de apenas o mero local de residência para ocupar a importância de um lar, um local de acolhimento para o sujeito, e sua família, que, por isso, sente-se ali realizado e pare ele deseja retornar.

A noção de vida “mais recompensadora” (BENSON, 2009) e em oposição às experiências vividas na sociedade de origem é recorrente nas narrativas estudadas por Benson sobre bretões que se mudaram de centros urbanos para a França rural e nas minhas também. Além disso, a autora, ao elencar ações que os sujeitos realizam, aproximando-os dos moradores locais ou, simplesmente, diferenciando-os dos compatriotas, observou que, por vezes, alguns deles agrupam-se ou procuram distinguir-se de seus semelhantes. Nesse sentido, Gary é taxativo quanto a sua relação com outros estadunidenses:

e existiam outros americanos aqui que eu acredito terem se adaptado muito inadequadamente ao Brasil. Eu não faço ideia porque vieram. Eu não tive nenhum desejo de trabalhar com eles e, por essa razão, eu mesmo não tentei fazer nenhum contato com outros, especialmente com outros americanos, por causa da minha experiência quase que completamente negativa, com outros americanos. (GARY, 2012)<sup>62</sup>

O isolamento de Gary é reflexo de experiências mal sucedidas com outros estadunidenses e até mesmo outros estrangeiros com quem teve contato. Ele não revela detalhes sobre a adaptação desses outros sujeitos, indicando apenas sua insatisfação e até mesmo estranhamento quanto à motivação de deslocamento dos mesmos.

A distinção entre os compatriotas, ou membros de outras culturas é, muitas vezes, realizada através da construção de imagens estereotipadas sobre o outro e serve para revelar o quão próximo os cidadãos estão, ou da sociedade de origem ou da sociedade-lar, através do sentimento de pertencimento que desenvolvem. Benson (2009) assevera que essas formas de representar o outro dizem mais sobre

---

Pessoa and that was the time when I realized, you know, this is my home, and I was missing João Pessoa. (PETER, 2013)

<sup>62</sup> And there had been other Americans here who also I think have adapted very poorly to Brazil. I have no idea why they came. I did not have any desire to work with them and for that reason I myself have not attempted to make contact with other, especially with other Americans, because of my experience almost entirely negative, with other Americans. (GARY, 2012)

aqueles que falam do que sobre os outros propriamente ditos. Ao comparar o Brasil aos Estados Unidos, Steve promove a sua percepção sobre os países em relação à Inglaterra:

eu acho que existe [hospitalidade para com os estrangeiros]. É como eu costumo dizer que o Brasil é como os Estados Unidos, é uma nação de crianças né, metaforicamente. Brasileiros são como os americanos, em geral, são, são mais inocentes no sentido que, o país é tão grande que a primeira pergunta não é ‘de qual país você vem?’ senão ‘de que parte do Brasil você vem?’ (STEVE, 2013)

Aqui temos a dimensão da constituição da comunidade imaginada inglesa em um padrão superior. A imagem que Steve tem de si, enquanto representante da Inglaterra, advém de um quadro cultural construído, vamos dizer, pela nação bretã, no qual a representação sobre o outro traça um paralelo entre Brasil e Estados Unidos, demonstrando a sua percepção de uma Inglaterra anciã e, portanto, com muitos anos de conhecimento adquiridos, em se tratando de experiência cultural e dimensão geográfica.

Tilly (1990) reflete que as relações de percepção entre o sujeito migrante e o outro, sujeito nativo, podem estar relacionadas ao posicionamento social e geográfico desses. Elias e Scotson (2000) acrescentam que a autoimagem vem cercada de determinadas implicações do próprio *self* e também de impressões construídas ao longo dos tempos. Seria o que Eunice Nodari (2009) alude a um agrupamento dicotômico entre o ‘nós’ e o ‘eles’, quando realiza estudos sobre descendentes de imigrantes no Sul do Brasil. Retomo, então, a relação de ausência e presença, já anteriormente citada. Nela, discursos sobre o ‘nós’ e o ‘eles’ seriam orientados pelas características que existem no ‘nós’, mas não existem no ‘eles’ e vice-versa. Por um lado, a percepção de si e dos outros pode variar em decorrência do grau e frequência de interação entre os sujeitos e, quando não há tal interação, muito da percepção sobre o outro vem à superfície narrativa a partir de observações estilizadas. Por outro lado, se há uma ação recíproca de troca de conhecimentos e experiências, muito da percepção sobre o outro partirá do que é vivenciado. O relato de Peter ilustra como a vivência com o ‘eles’ é relevante para a construção da relação com o ‘nós’:

e [ ] mais uma [anedota]. Fim de semana passado. Nós temos uma senhora que lava nossas

roupas, então ela vive no Recanto do Poço, então bem humilde, muito humilde, família pobre e eu, então eu levo as roupas para eles e eles lavam e então eu vou buscar e eu os pago. Então eu liguei para eles: ‘Você está em casa? Posso levar minhas roupas?’ ‘Sim, sim, pode vir’. Foi um sábado, elas pegam as roupas no sábado e as lavam na segunda e depois eu busco. Então eu fui lá e haviam carros na rua toda e eles estavam fazendo tipo uma festa. Foi terrível. Eu fiquei super envergonhado, ‘entra aí Peter’, ‘Peter’, ‘entra aí, entra aí’. Então eu entrei, e eu não conhecia ninguém. Eu conheço as moças que lavam as roupas, porque elas lavam as roupas da família da minha esposa há anos, então as eu conheço bem, mas eu não conhecia nenhum dos outros convidados e ‘entra aí, entra aí, toma uma ... você quer uma cerveja?’ [...] Então eu tive que comer. [beber] Duas cervejas, em cerca de meia hora, eu bebi duas latas de cerveja, e comi dois pratos de *ensopado de camarão e marisco*. (PETER, 2013)<sup>63</sup>

Aqui, no relato de Peter percebo que a interação permite-lhe uma aproximação e uma compreensão de práticas sociais as quais ele não tinha experiência, nem muito menos esperava ter, pois afinal não possuía relações interpessoais de afeto com as pessoas, somente relações de trabalho. A partir desse contato ele promove observações e relações no que tange as situações sociais com determinados grupos. Ele usa o adjetivo ‘terrível’, mas não para descrever o local ou as pessoas e sim a

---

<sup>63</sup> And [ ] another one [anecdote]. Last weekend. We have a lady who washes our clothes, so she lives in Recanto do Poço, so quite humble, very humble, poor family and I, so I take the clothes to them and they clean them and I go and pick them up and I pay them. So I ring them up: ‘are you at home? Can I bring my clothes?’ ‘Yeah, yeah, come round’. It was on a Saturday. They take them on a Saturday, and they wash them on a Monday and then I pick them up. So I went round and there were cars all out the street and they were having like a party. It was terrible. I was really embarrassed: ‘come in Peter’, ‘Peter’, ‘come in, come in’. So I went in, and I didn’t know anyone, I know the the ladies who wash the clothes, ‘cause they wash my wife’s family’s clothes for years, so I know them quite well, but I didn’t know any of the guests and ‘come in, come in, have a ... do you wanna a beer?’ [...] So I had to eat, [drink] two beers, in about half an hour, I had two cans of beer, and two plates of *ensopado de camarão e marisco*. (PETER, 2013)

circunstância em que ele se viu: rodeado e sem perspectiva de ‘escape’ do convívio social com pessoas que desconhecia. Ao final, contudo, o uso do adjetivo é contrastado com a experiência cultural – e gustativa – que ele teve.

Além disso, Peter faz questão de destacar a posição financeira dos sujeitos da narrativa, atentando que, para ele, é o contraste entre a ausência de recursos e a presença de bens de consumo que podem apresentar um valor um pouco mais custoso, como é o caso do camarão:

e de novo, sei que isso é pouco estereotipado mas, essas são muito, são pessoas muito pobres. Então foi isso, um bom exemplo e [ ] eles, apenas, você sabe, estas pessoas e as festas e o que nós estávamos conversando. Eles não tinham a mínima ideia de quem eu era e me deram sua comida. E toda hora eu [pensava] ‘eu vou embora’, e eles ficam ofendidos se você sair, então eu tive que ficar. (PETER, 2013)<sup>64</sup>

É possível perceber pelo trecho acima que Peter está atento às práticas sociais referentes à aceitação de convites, de alimentos, de permanência no local durante determinado período de tempo em respeito ao ritual de festa ou confraternização em que se encontra, o que convencionou-se chamar no vocabulário popular de ‘fazer a social’.

O fato é que em meio aos contatos, tais deslocamentos, individuais, com família ou em grupos maiores, emergem no cenário da vida de sujeitos que desejam e buscam melhor qualidade de vida, estar bem cotidianamente, satisfação pessoal e para seus familiares, além é claro, de uma ampliação na expectativa de vida que pode ser gerada a partir do alcance dessas metas. É importante lembrar que o deslocamento gira em torno do estilo de vida, como destacou Peter, mas são estilos de vida diferentes que cada cidadão teve na sua sociedade de origem e está apto a desenvolver outros na sociedade-lar, os quais devem ser considerados em suas particularidades e não como um bloco homogêneo.

Apesar de muito se aproximar do que as narrativas dos meus entrevistados revelam, o quadro teórico da migração por estilo de vida

---

<sup>64</sup> And again this I know it’s a bit stereotypical but these are very, these are poor people, and so that was it, a good example and [ ] they just , you know, these people, and the parties and what we were talking to me. They didn’t have a clue of who I was and they were giving me their food. And I was all the time ‘I will leave’, and they get offended if you walk out, so I had to stay. (PETER, 2013)

não acomoda de uma forma total as experiências vividas pelos sujeitos entrevistados, isto é, ainda existem algumas lacunas que precisam ser preenchidas, por exemplo para a compreensão das trajetórias subjetivas desses homens e a noção de serem afetados pela cultura. Por esse viés, apresento a necessidade do amálgama entre os conceitos selecionados sobre o transnacionalismo, a migração internacional, o cosmopolitismo e a migração por estilo de vida associados ao empirismo que a análise das narrativas permite na busca de uma reflexão teórica que melhor caracterize os sujeitos aqui entrevistados e seus deslocamentos.

Para tanto, tomo a direção do que Montysuma (2006, p. 125) denomina o “espaço da elaboração”, o local de escrita da tese onde ocorre a união entre o universo de teorias, entre as reflexões teóricas e metodológicas, entre as vozes dos sujeitos entrevistados e a minha discussão acadêmica, como leitora e estudiosa dessas entrevistas, as quais busco compreender e analisar, à luz das categorias elencadas.

---

## CAPÍTULO 03

---

---

*Most of the change we think we see in life is due to truths being in and out of favor.*  
(Robert Frost, 1915)

---

---





## **MEMÓRIAS, ESPAÇOS E TRAJETÓRIAS QUE OS TRAZEM PARA O *BRAZIL***

### **RESUMO DO CAPÍTULO**

Antes de continuar a análise, considero importante recapitular as proposições aqui abordadas. Faz-se necessário conhecer brevemente de onde falam esses sujeitos, para então elencar suas concepções acerca das razões que os envolveram no processo de mudança do seu país de origem para o Brasil, desde o primeiro contato com o Brasil até a chegada, ulterior em alguns casos, à cidade de João Pessoa, e como isso é percebido nas trajetórias pessoais; após a aproximação com a localidade, desencadeiam-se (des)construções outras que promovem um novo capítulo em suas vidas, isto é, a motivação e a decisão de mudar, nas quais estão inseridas as estratégias dos processos decisórios, as construções de explicações no discurso de escolha da cidade de João Pessoa, tais como elementos físicos, afetivos, entre outros acrescentados as suas vidas e que motivam a permanência. Por fim, mas não menos importante que os anteriores, observo a inscrição da localidade em suas memórias, fundamental na composição do quadro pictórico das suas trajetórias.

### **O PASSADO DE QUE FALAM**

A organização narrativa do passado e a reconstrução deste via memórias propicia um desenhar de comunidades imaginadas a partir de vivências. Passados construídos com impressões pessoais delineiam imagens sobre mundos econômicos, religiosos, culturais e linguísticos. O falar de seus passados, suas origens familiares, comportamentos e modos de pensar reflete o esboço de experiências afetadas e modificadas pelos percursos passados e possibilita um conhecimento do interior desses sujeitos e, posteriormente, no decorrer da leitura, um acompanhamento de como foram reorganizadas. Desde descrições simples que tomam por base a formação acadêmica até as mais íntimas, atingindo membros familiares, os sujeitos passeiam pelo tempo anterior à chegada, revelando como suas memórias constroem e refletem sentimentos e reposicionamentos subjetivos.

O lugar de fala parece tomar proporções profissionais quando é feito a partir da formação acadêmico-profissional: “[...] e meu mestrado é da Universidade do Missouri no Kansas. Mas meu PhD é da

Universidade Estadual da Pensilvânia”(GARY, 2012)<sup>65</sup>. Sinalizando uma posição acadêmica que transmite cosmopolitismo dentro do próprio país e fora dele, no caso de Kevin: “bem, sim [cursei a graduação aqui], e porque meus estudos de pós-graduação eu fiz na Europa. Eu cursei na Itália, em Roma”(KEVIN, 2012)<sup>66</sup>. O destaque para os estudos de graduação realizados no Brasil mostra como a relação de afetividade para com a *Terra Brasilis* não surge de um momento para o outro, mas é construída a partir do contato com a nação. Ressalto que a academia proporciona, de um modo geral, situações multiculturais tendo ao considerar a convivência entre as os participantes de intercâmbio e os estudantes, professores e servidores locais.

Woodward (2000) esclarece que, na relação entre passado e presente – e eu acrescento o futuro –, as relações identitárias são buscadas, muitas vezes, no passado, tanto em situações de contestação quanto em situações de reafirmação. A base familiar parece ser um recurso desses (re)posicionamentos:

eu acho que, em grande parte [o desejo de voltar para a América do Sul], minha mãe era galesa, do país de Gales, aliás ela aprendeu Inglês como segunda língua. E ela, e os galeses, talvez você não saiba, são os latinos. São poetas, cantam, recitam, choram. Meu irmão, somos dois, eu e meu irmão, meu irmão seguiu meu pai, um tipo muito *stiff upper lip* em inglês, ele não chora em público, ele não demonstra emoção, é muito mais interior. Eu gosto de exterior, então eu me sinto muito melhor nos países latinos por motivos que só um psicólogo possa desvendar. Minha mãe. (STEVE, 2012)

Sua percepção de *self* no mundo de hoje advém das representações de membros da família. O diálogo entre passado e presente revela a forte influência materna, muito provavelmente, na força que o atraiu, inicialmente, para a Colômbia e, posteriormente, para o Brasil, em decorrência da proximidade entre os galeses e os latinos. Demonstrar emoções aproxima-o das identidades culturais latino-americanas. O uso da expressão idiomática ‘stiff upper lip’ – compreendido nesse contexto como uma pessoa que forte, normalmente

---

<sup>65</sup> [...] and my Masters Degree is from the University of Missouri at Kansas City. But my PhD is from the Pennsylvania State University. (GARY, 2012)

<sup>66</sup> Well, yes, and because my post-graduate studies I did in Europe. I did it in Italy, in Rome. (KEVIN, 2012)

associado com descrições sobre bretões que se mostram sem emoções ou que não deixam transparecer suas fraquezas – revela as diferenças entre Steve e seu irmão. Ao final, o uso de ‘minha mãe’, embora pareça descontextualizado, serve para consolidar e validar seus sentimentos e ações.

O espaço de nascimento mostra-se importante na construção de identidades culturais em consonância com a influência familiar. Steve relata diferença semelhante presente na sua família:

meu pai, tipicamente da minha cultura, da região dele, nunca vi ele chorar, nunca vi ele me abraçar, não pode não querer, é a cultura, isso não se faz, cada cultura tem suas características. Mas eu herdei da minha mãe, eu acho, essa parte emocional, que agora reconheço a importância, da experiência de descobrir, onde eu podia abraçar, chorar, gritar, todas essas coisas que eram proibidos culturalmente, digamos na região onde eu nasci. (STEVE, 2012)

O legado familiar paterno ele preferiu não manter, se apegando à possibilidade materna, a qual lhe permite uma parte emocional menos reservada e mais aberta aos sentimentos. No seu novo espaço físico de morada ele encontra o espaço social para agir como desejava, para exercitar seus sentimentos que antes ficavam guardados. Aliás a figura da mãe é buscada nas descrições da família na sociedade de origem em meio as narrativas:

minha mãe é de Surrey, que é um ... outro condado [soletra o nome] e meu pai é de Berkshire [soletra o nome] e eles são vizinhos, eles são da mesma área, é tipo, é difícil uma correspondência com o Brasil, mas é tipo se você fala do *Nordeste*, eles são todos do Sul, quase uma hora uma hora e meia, semelhante, a grande parte da minha família, minhas tias e tios e primos estão lá, do lado paterno, do lado materno, estão no exterior. (PETER, 2013)<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> My mother is from Surrey, which is a ... another county [spelled the name] and my father is from Berkshire [spelled the name] they are neighboring, they are from the same area, it's like, it's difficult to equate to Brazil, but it's like if you talk about *Nordeste*, they are all from the South, right about an hour an hour half way, similar, most of my family, my aunts and uncles and my cousins are there, on my father side, my mother side, they are abroad. (PETER, 2013)

As regiões indicam que as famílias se formaram a partir da proximidade entre os condados. O lado materno da família transpira uma aura liberadora e que sugere o novo e o diferente. Se no caso de Steve (2013) foi através da mãe que ele percebeu a possibilidade de revelar seus sentimentos, na situação de Peter (2013) o lado materno sinaliza a aventura pela migração. Porém, alguns membros da família da mãe de Peter optaram por deixar o local de nascença e irem para o exterior, talvez aí uma fonte de inspiração para o próprio Peter. Se a proximidade entre as famílias sinaliza segurança e conforto no deslocamento, por exemplo, para visitas, o distanciamento das famílias que no exterior moram demonstram a busca de um novo horizonte a ser explorado e também conhecido pelos outros familiares que os visitam.

As culturas e os comportamentos, por sua vez, levam em consideração a vida anterior ao Brasil e as raízes como pontos de partida e de motivação para os (re)posicionamentos subjetivos:

meu pai era sapateiro, mas ele trabalhava na garagem da casa, e, realmente, depois da gente nascer, eu e meu irmão, teve pouco trabalho, né? Começaram a vender sapatos baratos, que não precisavam novas solas, então ele dispunha de muito tempo. Às vezes a gente não via, de criança, a minha mãe durante dois, três dias, porque ela chegava tão tarde e saía cedo. Ela trabalhava mais ou menos assim: trabalhava três dias, mais o horário, muitas horas, e um dia [ ] ela não trabalhava. (STEVE, 2013)

Os relatos, igualmente, funcionam para localizar as narrativas no tempo e o espaço como no caso desta de Steve em que posso perceber como o processo de industrialização prejudicou a manufatura – atividade do pai – mas, por outro lado, facilitou as aproximações e a relação entre pai e filhos. As relações familiares auxiliam a legitimação e autenticação das identidades culturais através dos jogos de ausência e presença: que comportamento ou característica um membro familiar tem que eu desejo e qual comportamento ou característica um membro familiar tem e que eu não desejo. As práticas do cotidiano familiar, do mesmo modo, apontam para a constituição de sujeitos independentes, porém demonstram o apreço pela formação de família. A percepção de passado não pode, pelo menos não de forma concreta, ser mantida intacta, ela é uma percepção abstrata e é guiada consciente ou inconscientemente pelo desejo do que deseja ser lembrado.

No decorrer das descrições de passado, percebo uma busca de

sentido no passado para as decisões do presente: “embora eu tivesse gostado muito da oferta da Universidade do Teerã, eu decidi aceitar a oferta do Brasil”(GARY, 2012)<sup>68</sup>. A figura maternal aparece no relato de Gary:

além disso, minha mãe me deu bons conselhos, o que eu acho que foi muito bom. Ela disse: ‘Gary, não importa onde você for, existe a possibilidade de você ser infeliz e eu acho que seria muito mais prazeroso ser infeliz no Brasil do que no Irã’. (GARY, 2012)<sup>69</sup>

A mãe é preponderante para a tomada de decisões entre o deslocamento, que poderia ir para o Oriente Médio, ou a América do Sul. A possibilidade de visões candidamente colocadas, denotando a imagem de um Brasil onde, independentemente da situação vivida, sempre pode haver a possibilidade de felicidade é veiculada nas palavras da mãe. A mãe surge como figura de referência e aconselhamento na decisão que mudaria o local de moradia para o resto da vida de Gary. Brasil e Irã são antagonizados no cenário de busca de felicidade, onde o primeiro poderia ser mais profícuo do que o segundo. As palavras de Robert Frost que abrem este capítulo se entremeiam à fala de Gary que proporciona uma visão positiva sobre as mudanças que ele encontrou na nova sociedade, se foram desagradáveis, ele as tomou como elementos de aprendizagem.

Outros membros familiares são alocados através das memórias e, muito embora, os sujeitos não se deem conta, existem influências desses familiares em suas trajetórias de vida:

não, meu tio, o irmão da minha mãe, vive na Nova Zelândia, e ele vive lá, desde que eu, toda a minha vida ele vive lá, e ele migrou direto da faculdade nos anos 60 ou 70, e ele tem estado lá toda a sua vida, ele voltou recentemente quando minha av[er], quando a mãe dele morreu, quando minha avó morreu, então a família dele, então todos os meus primos estão lá, na Nova Zelândia e aí, de lá da Nova Zelândia um dos meus primos vive agora na

---

<sup>68</sup> [...] although I much appreciated the offer from the University of Tehran, that I had decided to accept the offer in Brazil. (GARY, 2012)

<sup>69</sup> Also, my mother gave me some good advice, which I think it was very good. She said: ‘Gary, no matter where you go there is a possibility that you will be unhappy and I think it would be much more pleasant to be unhappy in Brazil than to be unhappy in Iran’. (GARY, 2012)

Tailândia, e outro vive na Austrália [pl] mas é, do lado paterno, eu acho que eu fui o primeiro [ ] eu acho, é... (PETER, 2013)<sup>70</sup>

A construção de passado gera heranças comportamentais para o presente e para o futuro do sujeito. Muito embora Peter não julgue a mudança do tio como influencial em suas decisões migratórias, é fato que a existência do deslocamento do parente é lembrada em meio às trajetórias familiares e, em paralelo, torna ele o primeiro a se deslocar em referência ao lado paterno.

A relação com o passado migratório, de uma forma mais direta e consanguínea, através da migração dos próprios pais, é destacada por Robert, que vive uma experiência cosmopolita:

meus pais vieram para Londres em 1958, meu pai em 1958, minha mãe em 1960, respectivamente, isso foi quando eles chegaram. Então eles viveram na Grã-Bretanha, em Londres, durante a maior parte dos 50 anos até agora, você sabe, por um longo tempo. Então, você sabe, eles **são Bretões** e eles **são do Caribe**, eles são das Antilhas. Eles são da Dominica, é perto da Martinica. (ROBERT, 2013)<sup>71</sup>

A trajetória das mobilidades dos pais aponta um duplo e simultâneo pertencimento, tanto à cultura britânica, quanto à caribenha, reforçado, verbalmente, na ênfase que ele coloca em ‘Bretões’ e ‘Caribe’. A proximidade da cultura caribenha fica evidente com a presentificação do verbo *to come* – vir em português – mostrando como ele entende que seus pais – e ele – estariam ligados por um fio invisível – e sentimental – à Inglaterra. Já a proximidade com a brasileira e os

---

<sup>70</sup> No, my uncle, my mother’s brother, lives in New Zealand, and he’s lived there, ever since I’ve been, all my life he’s lived there, and he migrated straight from teacher college in the 1960s or 70s, and he’s been there all his life, he came back recently when my grand[/], when his mother died, when my grandmother died, so his family, so all my cousins are there, in New Zealand, and then from there in New Zealand one of my cousins now lives in Thailand, and another one lives in Australia [pl] but yeah, on my father side I guess I was the first [ ] I think, yeah. (PETER, 2013)

<sup>71</sup> My parents came to London in 1958, my father in 1958, my mother in 1960, respectively, that’s when they arrived. So, they’ve lived in Britain, in London for the best part of 50 years now, you know, for a long time so, you know, they **are British** and they **are from the Caribbean**, they are from the West Indies. They are from, Dominica is next to Martinique. (ROBERT, 2013)

aspectos climatológicos são descritos por Robert como elementos de ligação entre ele e sua vinda para o Brasil. Longe de querer atribuir uma perspectiva essencialista, acredito que essa dualidade de pertencimento, em termos de representação cultural, molda a herança comportamental do sujeito, compondo um hibridismo cultural e identitário, como se a relação familiar de sujeitos migrantes pudesse produzir capital social propício nos herdeiros, em se tratando de potenciais mobilidades futuras.

O detalhamento do ambiente familiar, não somente no âmbito privado, mas no público, em termos socioeconômicos. Ao descrever a ocupação do pai, ele possibilita uma visão da comunidade imaginada bretã à época dos deslocamentos da família:

ele fez uma variedade de trabalhos, entende? Ele sempre me dizia que era fácil encontrar emprego naquela época, porque havia uma demanda, e você conseguia sempre encontrar um emprego, trabalhar por três, quatro meses e depois pegar algo por seis meses. Então, ele estava sempre mudando, ele fez uma variedade de bicos. Ele diz, é o termo que ele usa, bicos. Eu acho que nos últimos vinte, eu diria que nos últimos vinte anos da sua vida de trabalho, ele, provavelmente, teve um emprego mais fixo, ele teria que ter um emprego mais fixo, porque a Grã-Bretanha estava passando por uma crise econômica, problemas. E, então, ele trabalhou em fábricas, fábricas de papel, ele trabalhou em posto de gasolina e um monte de outras coisas, só para manter, para sustentar a família, para manter a família ativa. (ROBERT, 2013)<sup>72</sup>

A descrição do mundo socioeconômico no passado está diretamente ligada às consequências deste no meio familiar. Observo

---

<sup>72</sup> He did a variety of jobs, you know, he always said to me it was easy to find work at that time because there was a demand for it, but you could always find a job, do it for two three four, months, and then get something for six months. So he would always change, he did various types of odd jobs, he say, it's the term he used, odd jobs. I think in the last twenty, I'd say the last twenty years of his working life he probably had a more settled job, he would have to have had a more settled job 'cause Britain had gone from economic crisis, problems. And so he worked in factories, paper factories, he worked at petrol station and a hell of other things and just to keep, to keep the family sustained, to keep the family going. (ROBERT, 2013)

também a importância da figura paternal no discurso de Robert, destacando que, a partir da sua renda, a família era mantida. Sua escolha pelo termo ‘ativa’ demonstra ao mesmo tempo sutileza, na descrição da fonte de renda familiar, e dinamismo, em meio à crise econômica que o país enfrentava à época.

As dificuldades para os pais imigrantes ilustram as estratégias aplicadas pela família no decorrer de sua constituição:

minha mãe da mesma maneira, embora minha mãe tivesse, de fato, muitos empregos de meio período ela fazia, tinha sempre o aspecto de tentar cuidar da família, também o que foi sempre [ ] como posso dizer? Difícil, ela não conseguia sempre fazer isso. Então, por exemplo, meu irmão mais velho, você sabe, meu irmão maior, ele teria aquela responsabilidade quando minha mãe e meu pai não estivessem em casa, sempre que eles estivessem trabalhando, em outras palavras. Então sim, era muito duro, muito difícil, para muitos muitos imigrantes era [pl]. (ROBERT, 2013)<sup>73</sup>

Enquanto herdeiro de imigrantes, Robert apresenta uma necessidade de manutenção das memórias que auxiliam na composição do retrato de vida familiar. Através delas, as raízes não são esquecidas, muito menos, escondidas. O orgulho da origem, ainda que seja, uma pseudo-origem, pois advém dos pais, é motivo da narrativa. Os pais dele provém de famílias simples, mas conseguiram conduzir os filhos a uma vida de oportunidades novas, munidos de rico capital social. Tais origens servem como elementos de mediação e legitimação das decisões no presente. Entender de onde o sujeito fala permite a percepção das práticas sociodiscursivas para além da construção dos processos decisórios, à guisa de mostrar a forma pela qual os espaços geográficos perpassam as fronteiras físicas e políticas em meio a construção de posicionalidades.

O registro das narrativas, enquanto eventos dos percursos, é uma forma de ‘congelar’ o testemunho social e cultural de jornadas

---

<sup>73</sup> My mother likewise, although my mother did have a lot of part time work she would do, there was always the aspect of trying to look after the family as well which was always [ ] how can I say? Difficult, she couldn't always do that. So, for example, my eldest brother, you know, my oldest brother, he would have that responsibility when my mother and my father were not in the house, whenever they were working, in other words. So yes, it was very tough, very difficult, for many many immigrants it was [pl]. (ROBERT, 2013)



subjetivas cognoscentes. Para tanto, abordo a seguir os trajetos dos deslocamentos realizados pelos sujeitos e como esses trajetos (re)modelam suas subjetividades.

## PERAMBULANDO PELAS FRONTEIRAS

As determinações que envolvem os deslocamentos entre países, atravessando fronteiras físicas ou oceânicas, são, muitas vezes, bordadas nos mapas pessoais com outros deslocamentos. Quase como um ‘perambular’ entre localidades, os sujeitos percorrem diferentes trajetos até atingirem aqueles com os quais mais se identificam. Os eventos marcantes dessas trajetórias são retidos na memória, e através da lembrança, são trazidos à tona. As perguntas são as mesmas, porém as respostas diferem, afinal, recordações são subjetivas.

Representações de si em relação ao local do passado, quando ocorrem, organizam-se de formas diferentes, remetendo a sujeitos com origens semelhantes, como pequenas localidades, porém de grupos abastados no caso de Peter:

eu sou de um pequeno vilarejo [ ] [...] perto, cerca de uma hora de Londres, então a cidade mais próxima é Londres, hmm, a cidadezinha mais próxima é chamada High Wycombe, e é bem no meio entre Oxford e Londres. [...] [o vilarejo de onde venho é] muito pequeno, é do tamanho de, eu não sei, eu não sei, talvez de Intermares, é um local pequeno, um local pequeno. [...] sim [r] ok. É nesse condado chamado Buckinghamshire, no sudeste, é calmo, como uma boa parte do país, é bem verde, rural, e é bem afluente, eu creio, a maioria das pessoas que vive lá, muitas pessoas que vivem lá trabalham em Londres [...] (PETER, 2013)<sup>74</sup>

Características como vir de uma cidade pequena, que é calma e

---

<sup>74</sup> I’m from a small village [ ] [...] near, about an hour from London, so the nearest city is London, ahm, nearest town is a place called High Wycombe, and it’s pretty much in the middle of Oxford and London. [...] very small, it’s like the size of ... I don’t know, I don’t know, maybe like Intermares, i’ts a small place, a small place. [...] yeah [r] ok. It is in this county called Buckinghamshire, it’s in the southeast, it’s quiet, as a nice part of the country, it’s very green, rural, and it’s quite affluent, I suppose, most people live there, a lot of people who live there commute to London to work [...] (PETER, 2013)

oferece uma relativa proximidade com o local de trabalho são apontadas por Peter na descrição da sua cidade de origem e que a aproximam das características de João Pessoa, já que muitas pessoas vivem em Intermores e trabalham em João Pessoa. Outro interessante ponto apontado por ele é sobre a associação entre a cor verde e a ruralidade da localidade de origem, uma vez que a cor pode ser utilizada como a cor da esperança, força e vida longa (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996). Vir de uma cidade que detém tais simbolismos sinaliza que ele também carrega consigo esperança, força e o desejo de vida longa, muito embora esta última não se realize no ponto de origem e sim em outra localidade. Mais à frente, outro entrevistado – Robert – também faz uso da cor verde como referência, porém desta vez para a sociedade-lar.

O perambular pelas fronteiras pode ser fruto de relações de afeto. Adriana Piscitelli (2011), ao abordar a temática dos casamentos transnacionais e que são atravessados pelas relações de afeto, de interesse, entre outras, aponta que a formação das díades amorosas ocorre agenciada por viagens turísticas, de cooperação entre agências internacionais e convênios entre universidades. Meus entrevistados estão inseridos nesses universos aos quais eu acrescento o do trabalho voluntário e também o do trabalhador que se desloca a convite. A possibilidade de uma viagem ao exterior, como voluntário, poderia abrir portas e ajudar na superação de dificuldades pessoais, como mostra Steve:

[...] eu era muito tímido, gagueja [gaguejava] muito, gagueja [gaguejava]. Pra mim essa profissão [de professor] era a última coisa que ia pensar. Mas alguém, nos últimos dias, do último ano, dessa primeira universidade, mencionou que uma organização chamada *Voluntary Services Overseas* tava fazendo entrevistas para serviço voluntário no exterior. Eu me interessei. Eu fui na entrevista. Eu gostei do que estavam me explicando e chegou uma carta depois. A carta me convidou a trabalhar como voluntário em Colômbia. Meu primeiro pensamento era: eu não sabia que Canadá era um país em desenvolvimento. Entendeu? (STEVE, 2012)

Apontada de forma crítico-reflexiva pelo próprio Steve, a timidez é destacada como um comportamento com o qual ele não estava satisfeito e, por isso, gostaria de modificá-lo, bem como o tartamudear

que, igualmente, o afligia. Em suas próprias palavras, a escolha do magistério não estaria em conformidade com suas dificuldades pessoais. Não obstante, acredito que a opção profissional permitiu-lhe uma reconstrução do seu futuro, uma fuga da condição pessoal e possibilidade de mudança comportamental, já que hoje em dia, Steve não mais gagueja e, a julgar pelas entrevistas realizadas, considero-o um sujeito bem extrovertido. Além disso, o convite de trabalho, voluntário nesse caso, funciona como um dispositivo facilitador no processo de motivação do deslocamento e da aclimatação no novo local, afinal, ele está indo a convite daquela nação, isto é, sua presença é interessante para a nação.

Outro aspecto que chama atenção no relato de Steve é a momentânea confusão territorial entre o país, Colômbia, e a província canadense, Colúmbia Britânica. Apesar disso, ele não se deixa deter, pois afinal, a necessidade de mudança pessoal, de expansão de conhecimentos e horizontes é latente:

[r] eu saí, eu nasci no noroeste da Inglaterra, no campo, meu horizonte era muito reduzido a um vale, muito bonito, perto dos distritos dos lagos, mas eu sempre senti uma ansiedade de conhecer o mundo [...]. (STEVE, 2012)

Percebo que o entrevistado desloca-se do campo para a cidade, um deslocamento habitual em várias épocas e países, porém suas escolhas lexicais demonstram que a mudança vai além do deslocamento ocupacional. Ciente do seu lugar de origem, contudo inconformado com esta condição, um desejo ontológico de mudança é desencadeado pela possibilidade do serviço voluntário, e realizado por intermédio deste. Fica claro que seu ‘horizonte reduzido’ não seria capaz de deter sua vontade de conhecimento, já que ele buscaria os meios e as estratégias para atingir suas metas. Sendo assim, sair do noroeste da Inglaterra representa um desafio social já que não mais deseja ser o mesmo ou seguir o que o destino ou a família ‘lhe reservara’.

Se não são de regiões distantes das grandes cidades então o meio urbano e, em especial, um local com cenário e histórico de imigrantes, é o ponto no espaço que marca, ou talvez, influencia, a trajetória de Robert:

eu fui educado no Leste de Londres. É carinhosamente conhecido, historicamente [ ] como *cockneys*, você já ouviu falar de *cockneys*? Sim, é, é uma área de Londres que é reconhecida pelas gírias inglesas que estão em uso e agora são

corriqueiras em Londres. Mas tem uma história maravilhosa, tem uma história legal. O Leste de Londres, desde a virada do século, muitas pessoas migraram, imigrantes que vieram para a Grã-Bretanha, especificamente para trabalhar em Londres. O Leste de Londres foi um local que atraiu muitos imigrantes e ainda é o caso hoje em dia. Continua a ser o caso. (ROBERT, 2013)<sup>75</sup>

As descrições dos locais onde nasceram, ou de onde partiram, falam de passados estruturados de forma factual, mas ao mesmo tempo com representações simbólicas que têm em seu corolário a mudança para o Brasil. São estratégias narrativas que tomam o local de origem como ponto de partida, e referencial de motivação para a mudança. Isto se deve ao fato de que, os habitantes do local de origem também são elementos interseccionais na rota de mudança, pois, no caso de Robert, por ser de uma família de imigrantes e habitar um local que recebeu – e ainda recebe nos dias atuais – um grande volume de imigrantes, acredito ser justo dizer que consciente ou inconscientemente, Robert pode ter sido influenciado pelo ambiente em que morava. A herança migratória é construída na memória coletiva daqueles que estão ao seu redor estimulando – talvez inconscientemente – a sua mudança.

Os elementos constitutivos das memórias, compostos de acontecimentos, de pessoas e ou de personagens, pelos sujeitos referenciados em suas narrativas, e os lugares por eles descritos, são naturalmente trazidos nos discursos. Relações são estabelecidas entre o conjunto de razões que levam os sujeitos a viajar e, em paralelo, com a profissão que exercem para o lugar que se destinam:

então, na Colômbia, quando cheguei lá, pra me convencer que podia aprender mais ou menos o espanhol. Era difícil pra me convencer e eu acho que também, quando me caí como casualidade, nessa carreira de professor, e de professor de língua estrangeira, eu fiquei mais que tudo pela,

---

<sup>75</sup> I was brought up in the east end of London. It is affectionately known, historically [ ] cockneys. Have you heard of cockneys? Yes, it's, it's an area of London that's renown for the slangs of English that is in use and now is common throughout London. But it has a wonderful history, it has a nice history. The East End insofar as the turn of the century a lot of people that migrated, immigrants that come to Britain, specifically to London to work. The East End of London was a place that attracted lots of immigrants and it is still the case today. Very much the case. (ROBERT, 2013)

pela razão de que queria ajudar alunos a aprender, ajudar a professores a ensinar melhor e não passar a humilhação e a péssima experiência que eu tive e milhões. A maioria dos alunos, sejamos realistas, no mundo inteiro, enfrenta, é um fracasso. Melhor não ensinar, melhor não ensinar com esses métodos. (STEVE, 2012)

A crítica à metodologia de ensino que ele havia experimentado com a língua espanhola proporciona um reposicionamento subjetivo no sentido de poder propiciar uma maneira menos frustrante de aprendizagem. A ocupação profissional pode não ter sido uma ‘escolha’ propriamente dita, mas seu desempenho, a partir daquele momento, é regido pelas experiências prévias e com elas é redesenhado o percurso da profissão de Steve. A permanência na carreira é motivada pela necessidade de mudança no panorama da aprendizagem e, potencial, bloqueio de que outros aprendizes tenham experiências infrutíferas semelhantes.

Algumas das primeiras viagens são agenciadas pela intersecção entre religião e assistencialismo:

ele era seminarista das Testemunhas de Jeová nos Estados Unidos e veio ao Brasil como missionário. Chegou ao Recife aos 25 anos de idade e trabalhou como missionário por cinco anos. (BARLOW, 2013)

Uma vez instalados no território brasileiro são levados a perambular pelo Brasil ou em decorrência das ocupações ou via curiosidade de ver o que os outros horizontes têm a oferecer. A igreja funciona como o mecanismo transnacional do pontapé inicial para os sujeitos, contudo, depois que eles se fixam no país a igreja deixa de ser mencionada. John, do mesmo modo, se deslocou para o estado do Rio de Janeiro, no sudeste do Brasil, no ano de 1993, como parte de um projeto pessoal e social, associado à igreja da qual é membro:

eu vim pela primeira vez ao Brasil em 1993, em junho, como parte de um projeto de uma igreja para construir uma *creche* para crianças de rua em uma *favela* chamada Xavantes, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. (JOHN, 2012)<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> I first came to Brazil in 1993 and it was in June, and it was part of a church project to build a *creche* for street children in a *favela* called Xavantes in Belford Roxo, in Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. (JOHN, 2012)

A conexão transnacional Norte-Sul estabelecida, nessa situação pela igreja, enquanto congregação que auxilia os mais fracos, ou aqueles em situações de risco ou vulnerabilidade, pode sinalizar uma atitude colonizadora e europeia de assistencialismo para com o Brasil. Uma relação de poder é instaurada entre aqueles que podem doar o conhecimento, o capital financeiro e o capital humano, e os beneficiários de tais doações. Ser membro de uma congregação religiosa que presta serviços voluntários ou assistências pode sinalizar uma afinidade com aqueles para os quais os serviços são prestados.

A vontade, individual, de ajudar aliada tanto à formação profissional quanto à necessidade coletiva de serviços sociais básicos que a localidade, a favela de Xavantes, em Belford Roxo, apresentava, une cidadãos de diferentes países, como ilustro no exemplo a seguir: “sou um engenheiro civil, então, por três semanas, ajudei a construir a *creche*” (JOHN, 2012)<sup>77</sup>. O elo entre ele é a igreja, que de forma transnacional estabelece relações sociais, assistenciais e estruturais, aqui refletidas na construção de uma instituição que acolhe, cuida e socializa através de recreação crianças moradoras da favela.

Observo que os objetivos nesse primeiro momento poderiam estar relacionados de forma assistencial e ligaram-se a produção de uma satisfação pessoal do *self*, a qual parece transparecer e transferir um retorno do conhecimento que possui tanto para aqueles que, potencialmente, não o possuem, quanto para aqueles que do seu trabalho colhem os frutos. A creche, portanto, seria um local para as crianças passarem parte do dia, enquanto seus/as genitores/as trabalham ou executam outras tarefas, e que não poderiam fazer se tivessem que cuidar dos filhos.

Quando falo que os beneficiários ‘potencialmente’ não possuem conhecimento, faço-o tendo em mente a possibilidade de uma participação dos sujeitos locais através da mão de obra, do conhecimento local: ensinando a John as expressões culturais daquele espaço urbano, estabelecendo uma relação de mútua realização na qual um dispõe de conhecimento e recursos técnicos e financeiros, na forma da sua representação da instituição religiosa da qual faz parte, e os outros da participação local.

O papel da igreja torna-se central não somente na disposição da assistência humana e profissional, na forma de trabalho voluntário, bem

---

<sup>77</sup> I’m a civil engineer so for three weeks I helped build the *creche*. (JOHN, 2012)

como da assistência financeira, como é ilustrado em:

a igreja a qual eu pertencia na Inglaterra havia doado uma boa soma em dinheiro para essa comunidade, e eles haviam feito contato com alguns brasileiros e alemães e [ ] eles vieram para a nossa igreja falando sobre todos os problemas que eles estavam enfrentando nessa favela, e eu estava na congregação naquela época e como um homem solteiro, eu senti, eu sinto, senti que poderia ajudar em algum lugar, então foi através deles que eu vim para o Brasil [...] (JOHN, 2012)<sup>78</sup>

Fazer parte da igreja não quer dizer apenas assistir missas e doações financeiras, mas implica em um envolvimento que vai além das celebrações de Eucaristia e promove construções, faz com que o seguidor daquela religião saia, literalmente, de sua zona de conforto e viaje para outros países. A Igreja, enquanto instituição religiosa, é inserida como parte integrante do sujeito pois ela é, em suas palavras, a ‘nossa’ Igreja. A ‘congregação’, como John a nomeia, promove conexões nos países onde tem representações, aqui exemplificados através das nações inglesa e germânica e, a partir daí, pode mobilizar os voluntários que assim desejarem participar dos seus projetos. A motivação de John, enquanto cidadão de um país localizado no Norte hegemônico, capitalista, com histórico imperialista e colonizador, para vir ao Brasil, um país do Sul menos favorecido, que apresenta localidades em situações vulneráveis, gira em torno do sentimento de poder ajudar, sentimento esse que se assemelha ao de um missionário.

A primeira vinda ao Brasil, enquanto projeto particular, possui um espaço que permite maior liberdade de ação: a disponibilidade pessoal. O fato de ‘estar solteiro’ favoreceu, sutilmente, um estado de espírito favorável para a ajuda, pois ‘estar solteiro’ poderia significar a disposição de tempo para com os outros, nesse caso, as crianças da favela, uma vez que não existia no cenário uma família com a qual ele deveria ocupar-se. Não oblitero o fato de que o estado civil de John agrega pessoalidade e singularidade à situação, podendo configurar um

---

<sup>78</sup> The church that I belonged to in England had donated quite a lot sum of money to this community and they made some contacts with some Brazilians and Germans and [ ] they came to our church talking about all the problems they were experiencing in this *favela* and I was in the congregation at the time and as a single man I feel, I feel, felt I could help in somewhere so it was through them that I came to Brazil [...] (JOHN, 2012)

caso específico. A mobilização no âmbito ‘emocional’ e pessoal é realizada através do relato dos ‘problemas experienciados na *favela*’<sup>79</sup>.

A recorrência do termo ‘favela’ é observada para destacar o espaço urbano e sua especificidade social onde o primeiro contato de John com o Brasil foi realizado:

quer dizer [ ], eu fiquei no Rio por muito tempo, eu estava em uma *favela*, **um ambiente muito muito difícil, um ambiente muito violento**, mas foi lá que eu primeiro conheci o Brasil [...]. (JOHN, 2012)<sup>80</sup>

John não faz uso de termos traduzidos em inglês, como por exemplo *shanty town*, *jerry-built shack* ou *slum*, mas sim do vocábulo em português, hoje já internacionalizado pela mídia, atribuindo uma força significativa ainda maior ao contexto em que prestou assistência. A ênfase adverbial na violência serve, simultaneamente, para destacar as dificuldades enfrentadas por ele e pelos moradores, mas também serve como contraponto para a cristalização da imagem sobre o primeiro local, que marca John no contato com o país.

Língua e cultura não podem ser dissociadas e, por isso, muitas vezes, os termos são utilizados no original, já que traduções tornam-se impraticáveis. A língua traduz os pensamentos e os termos são levados para o discurso que, por sua vez, materializam os pensamentos. Em outras situações, o uso de vocábulos ou expressões em línguas estrangeiras, ou que foram internacionalizados, muitas vezes reflete o peso semântico e cultural de tais expressões.

Conexões entre sujeitos e culturas podem ser estabelecidas através da língua. Entendo isto como prática social, portanto as escolhas linguísticas feitas no discurso são perpassadas por razões sociais de crenças e valores inerentes às subjetividades do locutor. Logo, a utilização do termo ‘favela’, em oposição a outras formas vocabulares em sua língua materna, configura um marcador vocabular que tem motivação social (FAIRCLOUGH, 2010a) e cultural, pois está diretamente relacionado às culturas brasileiras. Nesse sentido, a aplicação de termos em português faz da língua um dispositivo de

---

<sup>79</sup> É interessante observar que o dicionário Merriam-Webster já registra em seu banco de dados o substantivo ‘favela’ indicando a origem como o português brasileiro e o primeiro uso, em inglês, no ano de 1946.

<sup>80</sup> I mean [ ], I stayed in Rio a lot, I was in a *favela*, **very very rough environment, very violent environment**, but it was there that I first met Brazil [...]. (JOHN, 2012)



inclusão e hibridização.

Ressalto o fato de que, ainda que o termo ‘favela’ não faça parte da etimologia das palavras anglo-saxônicas de forma original, é através do uso internacional que John conecta-se à cultura, como um indicador do vínculo que o sujeito tem com aquela língua e, portanto, com aquela cultura, fazendo marcar no seu discurso que somente aquela palavra pode, de fato, expressar e dar sentido ao que ele deseja enunciar. Desse modo, a favela de Xavantes, em Belford Roxo, estado do Rio de Janeiro, mais do que figurar o espaço em que John esteve, indica um lugar que passou a fazer parte da memória dele, como um local de memória.

Na esteira dos deslocamentos agenciados por convênios acadêmicos, Peter comenta:

em 1999 eu era aluno da Universidade de Leeds, e a universidade tinha um programa de intercâmbio com a UFPB, a universidade federal aqui, e então eu vim como parte daquele programa, eu vim para João Pessoa [...]. (PETER, 2012)<sup>81</sup>

A relação entre as universidades, inglesa e brasileira, constrói um espaço transnacional e de sociabilidade entre as diferentes culturas, tornando-se multicultural e cosmopolita por intermédio das trocas ocorridas quando do contato entre os/as brasileiros/as e os/as estrangeiros/as. Percebo que esse primeiro contato é fundamental para estabelecer a força de atração, ou não, entre os sujeitos, o que pode ser explicado na ênfase de Peter ao apontar que veio diretamente para a capital paraibana.

Vir para o Brasil pode ocorrer através do intercâmbio acadêmico, via universidade, como relatado por Peter (2012, 2013) e Gary (2012), ou por meio de instituição internacional, no caso de Steve (2012, 2013). As conexões religiosas foram apresentadas por John (2012) e Barlow (2013), além das motivações que entremeiam as duas, estabelecendo links entre as motivações da área religiosa e os estudos, como na situação do Kevin:

eu vim aqui para trabalhar, mas antes eu tinha vindo para estudar, posteriormente, eu trabalhei como professor também. Eu, na verdade, ensinei em uma universidade, mas com propósitos

---

<sup>81</sup> In 1999 I was a student at Leeds University and the University has an exchange programme with UFPB, Federal University here, and so I came as part of that programme, came to João Pessoa [...]. (PETER, 2012)

religiosos. Então, na verdade, eu ensinei na área de Teologia, naquela época. Então, eu estava na Europa, aí eu vim pra cá, me formei e, posteriormente, eu fiquei na Europa por um bom tempo. Eu ficava indo e voltando para ensinar, mas era sempre entre a Europa e o Brasil. (KEVIN, 2012)<sup>82</sup>

Kevin, inicialmente, veio ao Brasil para estudar, já mencionado anteriormente, mas sua experiência positiva o motivou para o retorno a trabalho e, embora tenha passado algum tempo entre idas e vindas, o tráfego entre os continentes europeu e sul-americano provocou o interesse pelo Brasil, o que levou, posteriormente, à fixação e ao estabelecimento de lar.

Além dos propósitos elencados, aparece, do mesmo modo, o sentimento gerado pelo ‘conhecer a companheira’, promovendo as viagens iniciais, que podem ocorrer na forma de lazer, muito provavelmente, despertado pela curiosidade em saber como é o país daquela pessoa:

bem, a razão principal para vir ao Brasil foi que eu conheci a Paula, antes de mesmo de pensar em vir ao Brasil. Aquela foi a minha primeira viagem para o Brasil [/] se eu estiver [/] sim, sim eu acho que vim ao Brasil em 1998 brevemente e retornei, e voltei de novo. Minha primeira vez no Brasil foi, provavelmente, por três meses, dois meses, eu acho, o tanto que o visto permitia, eu não consigo lembrar quanto tempo foi. Sim, foi de férias. (ROBERT, 2013)<sup>83</sup>

Se não tivesse conhecido Paula, a primeira viagem de Robert ao Brasil teria ocorrido em outro momento futuro ou nem mesmo ocorrido.

---

<sup>82</sup> I came here to work but before I had been here for studies, also afterwards I actually, I worked as a teacher as well. I actually taught at a university but with religious purposes. So I actually taught in the area of Theology, at that time. So, I had been in Europe, so I came here, did my formation and afterwards I was in Europe for a good while. I would come back and forth to teach but it would always be between Europe and Brazil. (KEVIN, 2012)

<sup>83</sup> Well, the main reason for coming to Brazil was that I met Paula, prior to ever thinking about coming to Brazil. That was my first trip to Brazil [/] if I'm being [/] yes, yes I think I came to Brazil in 1998 briefly and I returned and came back again. My first time in Brazil was probably for three months, two months I think, as long as the visa allowed, I can't remember how long that was. Yes, it was a holiday. (ROBERT, 2013)

Sua vinda é impulsionada pelas férias, e daí em diante, entre idas e vindas, é despertado o interesse por uma estadia mais longa, que é providenciada, dentro do que a medida legal permite, e culmina com a posterior mudança e a fixação, ainda que em cidade diferente da primeira que conheceu. O marco da primeira viagem ao Brasil, independentemente do Estado onde primeiro os sujeitos estiveram, é revivido com a força do dia em que o vivenciaram, quer seja de maneira (des)agradável ou curiosa.

A motivação de apontar os lugares pelos quais o sujeito esteve e onde a memória se cristalizou, marcando seu território, pode vir tanto na descrição de eventos considerados interessantes ou não. Robert, destaca São Paulo como uma cidade insípida e sem vida:

ééé, é tão, é quente, e você não vê o sol. Você apenas, tudo é bloqueado e branco. Muito interessante, eu sempre vou lembrar quando eu primeiro vim ao Brasil, vim primeiro para São Paulo, e eu olhei pela janela do avião que estava descendo, próximo de pouso e você vê todos esses prédios se sobressaindo e isso me lembrou um cemitério. Eu nunca vou esquecer aquilo, apenas me lembrava um cemitério, é, era tudo branco, com esses prédios de tijolo, eles eram lápides por todos os locais. (ROBERT, 2013)<sup>84</sup>

São representações pictóricas gravadas e que deixam a marca associativa de um local de memória sem vida, estanque, sem perspectiva, onde a vida fica suspensa. A princípio a junção entre ‘cemitério’ e a ‘cor branca’ pode parecer inusitada, porém, quando os termos são interpretados juntos, eles podem remeter à ausência de cores e, conseqüentemente, à ausência de vida, ao silêncio, à imobilidade. A associação simbólica entre algo que é interrompido e a cor branca remete a perda de vivacidade que a cidade apresenta no imaginário dele. Diferentes sensações que aludem ao campo térmico e também a uma noção de claustrofobia fazem da primeira memória de São Paulo um sublime prenúncio de que suas futuras experiências na capital paulistana

---

<sup>84</sup> Yeah, it's just, it's hot, but you don't see the sun. You just, everything is blocked and white. Very interesting, I will always remember when I first came to Brazil, first came to São Paulo, and I looked out of the window and the airplane was coming down, about to land and you can see all these buildings sticking up and it reminded me of a cemetery, I will never forget that, it just reminded me of a cemetery, yeah, it was all white, with all these bricks buildings they were headstones around. (ROBERT, 2013)

poderiam não ser das mais positivas. Por outro lado, é possível pensar no cemitério como um local motivador de mudança, onde há possibilidades de renovações e, nesse sentido, estar cercado pelos ‘prédio-lápides’ representaria o ponto de recomeço para Robert e também o ponto motivador de mudança, no futuro, para outra cidade onde viria a se sentir realizado pessoal e profissionalmente.

Quando comparada essa primeira memória àquela da chegada em João Pessoa, a experiência é revivida com outros sentimentos, desta vez, muito mais positivos e recompensadores, a despeito da existência de poluição que, segundo Robert, pode inclusive ser desconsiderada:

primeira vez em João Pessoa? [sorrindo] Era apenas a praia [mar] azul, era fantástico! O ar era tão limpo, Janylle, o ar era tão limpo e fresco. Existiam algumas questões de poluição [r], mas eu gosto de apenas, você sabe. Sim, apenas colocar de lado, delicadamente. (ROBERT, 2013)<sup>85</sup>

Os gestos e expressões faciais de Robert facilmente traduziam seu deleite ao relatar seus primeiros momentos na capital paraibana. Destaques para o meio ambiente e a cor azul do mar, alusão à natureza em oposição ao silencioso e sem vida branco dos ‘prédio-lápides’ construídos pelo homem em São Paulo. Comumente associada ao céu, a cor aqui é destacada na figura do mar, mostrando fluidez, movimento, mudança. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1996) apontam que o azul faz menção à calma para aquele que a visualiza. Sensação pela qual Robert ansiava, frente à correria que havia experienciado em São Paulo. Estar em João Pessoa, respirar o ‘ar limpo e fresco’, observar o azul do mar, seriam experiências que tornariam pequenos deslizes de poluição sem importância em meio à realização de estar se sentindo bem.

A linguagem enquanto elemento cultural permite um processo de inclusão ou hibridização de outros elementos como por exemplo as cores. A relação dos sujeitos com as cores emergem quando situações são antagonizadas, no caso de Robert (2013) em relação a cor branca na referência à agitação da cidade de São Paulo, ou no azul do mar de João Pessoa em relação à poluição, ou a idealização de um local para viver que tenha aquela característica, como no caso de Peter (2013) ao mencionar o verde da cidade onde nasceu.

---

<sup>85</sup> First time in João Pessoa? [smiling] it was just blue beach, it was fantastic! The air was so clean, Janylle, the air was just so clean and fresh. There was some pollution issues [r], but I like to just, you know. Yeah, just put that nicely aside. (ROBERT, 2013)

A memória da primeira viagem para a cidade de João Pessoa é um elemento marcante nas narrativas de John. A cidade não cruza seu caminho aleatoriamente, ela é ‘encontrada’: “[...] você sabe? Quer saber como eu encontrei João Pessoa? Porque eu pensei que você fosse perguntar isso [mt]” (JOHN, 2012)<sup>86</sup>. A vinda para a cidade desperta um sentimento tão agradável em John que contar sobre sua trajetória até a cidade representa um assunto que ele aprecia narrar, tanto que se esforça em trazer o tema à tona, convidando-me para ouvir a sua narrativa, na qual descreve detalhadamente o caminho percorrido. John então explica que João Pessoa foi consequência, literalmente, de um empenho na busca por uma cidade que cumprisse com os critérios estabelecidos por ele e sua família: clima mais ameno, local com mais opções culturais, dentre outros.

Representações sociais, como festas de aniversário, servem de indícios sobre modos de representação da sociedade e da cultura local. Já as relações pessoais, as formas de vestir e de auto-representação fazem parte de eventos sociais e podem desencadear diferentes sentimentos, como é expresso no excerto que, na minha opinião, sobressai enquanto expressivo no que tange a necessidade de mudança:

a coisa mais importante que acontecia naquela cidadezinha era a festa de aniversário de alguém e as pessoas, culturalmente, eu não entendia isso: as pessoas se vestiam com as roupas mais caras, as mais [ ]. Eu quero dizer, isso era bem, quer dizer, era uma festa de aniversário tudo bem, se a criança é legal, compra um presente para ela, mas não era para as crianças, era para os adultos, e essa era a grande ocasião. E eu tinha que sair daquilo, e foi assim que eu achei João Pessoa. (JOHN, 2012)<sup>87</sup>

A crítica à cultura da cidade de pequeno porte, na qual o menor dos eventos, nesse caso, a festa de aniversário de uma criança, funciona

---

<sup>86</sup> [...] you know, do you want to know how I found João Pessoa? ‘Cause I thought you might ask this [mt]. (JOHN, 2012)

<sup>87</sup> The biggest thing that happened in this small city was when there was someone’s birthday party and people, culturally I couldn’t understand this, people would get dressed up in the most expensive dresses, the most [ ], I mean. That was quite, I mean, it was a birthday party yeah, if the kid is great buy him a present, but it wasn’t for the kids it was for the adults, and that was the big occasion. And I had to get out of that, and that’s how I found João Pessoa. (JOHN, 2012)

como um evento social para os adultos, é o tipo de acontecimento social que parece despertar uma sensação de mal-estar em John, sinalizando uma necessidade de escapar desses espaços e encontrar ‘refúgio’ em uma cidade que lhe propicie um cenário relacional mais arejado e menos socialmente claustrofóbico. O estereótipo de vida no Brasil é elencado como fator motivador de migrações internas na fala de John. Porém, creio ser justo dizer que as pessoas e a cultura local são fatores que também impulsionam os deslocamentos.

Por outro lado, considero que determinadas pessoas são mais propensas a viagens, a deslocamentos, a mudanças temporárias ou fixas, entre outras questões envolvidas pelo campo das mobilidades, do que outras pessoas as quais desejam não se afastar dos seus locais de origem. Essa dualidade mostra o que seria a relação entre o ‘desvio’ e a ‘norma’, já descrita por Castles (2000). Consequentemente, os primeiros dispõem de uma maior facilidade em meio aos processos de aclimação às cidades para onde se deslocam, desenvolvendo posicionamentos críticos e, eventualmente, buscando os locais onde suas necessidades são encontradas. E essa é uma realidade vivida por John, Robert e Steve, na qualidade de sujeitos que se estabeleceram em outras localidades antes da chegada efetiva a João Pessoa.

No caso de John, entre os anos de 2002 e 2005 sua residência foi Itajubá, município localizado no sudeste do estado de Minas Gerais (MG) por motivos familiares: “[...] na verdade, nós nos mudamos para Itajubá por causa da família, uma boa parte da família da minha esposa vivia lá [...]”. Existiam, contudo, algumas incompatibilidades entre o que John ‘entendia’ por ser Brasil e o que ele estava ‘efetivamente’ vivenciando naquela localidade. O fato é que ele sentia-se descontente socialmente e com as características climáticas. Além disso, a vida não supria suas necessidades culturais, como pode ser observado no excerto a seguir:

depois de quatro anos, eu não estava mais aguentando, mas mas não era só o clima. [ ] Ela [a cidade] era culturalmente estéril, não havia absolutamente nada para fazer. E quando você vem de um lugar, eu trabalhei em Londres por quase 20 anos, 18 para ser exato, quando você vem de um lugar como Londres, Windsor, aquele tipo de área, [...] e é muito contraste. Eu precisava de um cinema ou teatro, eu precisava de concertos, corais, eu precisa de um ambiente cultural [ ], não apenas para eu mesmo envelhecer

nele, mas eu precisava disso para minhas filhas.  
(JOHN, 2012)<sup>88</sup>

Se em sua primeira viagem ao Brasil os contrastes que mais lhe chamaram a atenção faziam referência às situações de habitação, às relações pessoais e sociais entre as pessoas da favela de Xavantes (RJ), agora, em Itajubá (MG), a cordialidade e a proximidade interacional entre os indivíduos já não mais representavam estranhamento a John.

Eu poderia ter traduzido o termo ‘concert’ como ‘show’, porém optei por ‘concertos’, já que entendo que John parece apelar para esse tipo de cenário. A ausência de uma cena cultural com a qual ele estaria acostumado em sua sociedade de origem e que desejava compartilhar com suas filhas representava uma condição a ser preenchida, fazia – e provavelmente ainda faz – parte do seu processo e projeto de “identificação” (HALL, 2000). Projeto esse que exige uma articulação entre o que é vivido e o que é almejado e no qual “existe sempre ‘muito’ ou ‘pouco’- uma supra-determinação ou uma ausência, mas nunca uma adequação apropriada, uma totalidade”(Idem.). Permanecer em Itajubá, portanto, não atendia às expectativas de conhecimento, aproveitamento e aprendizado cultural para John, nem sua família, além de impossibilitar seu processo e projeto de identificação com o *ethos* brasileiro que ele desejava, afinal, durante o processo de identificação, o indivíduo esforça-se para ter o que não têm e que, em sua visão, faz parte daquilo que o completa.

Seu forte sentimento de indignação quanto ao fato de que a cidade seria desprovida de cultura, é refletido, simultaneamente, na entonação e no emprego do termo “estéril”, sendo imediatamente reforçado pela expressão “absolutamente nada para fazer”, assinalando, pois, uma posição de insatisfação total com a cidade onde vivia com sua família e, ao mesmo tempo, aludindo a uma propensão pela mudança. Enquanto projeto migratório, sua estada em Itajubá não seria profícua para o processo e projeto de identificação, já que, durante a trajetória, ocorre a constituição de variados seguimentos e ações desencadeando na identificação com o local onde o sujeito se estabelece. Na busca, que

---

<sup>88</sup> After four years I wasn’t able to stand it anymore but it wasn’t just the weather, [ ] it [the city] was culturally **barren**, there was **absolutely nothing to do**. And when you come from a place, I worked in London nearly 20 years, 18 to be exact, when you come from a place like London, Windsor, that sort of area, [...] and it’s too much of a contrast. I needed a cinema or a theater, I needed concerts, choirs, I needed a cultural environment [ ], not just for myself to grow old in, but I needed it for my children. (JOHN, 2012)

articulária a construção de uma comunidade imaginada (ANDERSON, 1990) sobre o Brasil e a efetiva vivência nessa comunidade, John desloca-se para João Pessoa.

A cidade de João Pessoa figura para John o que Hoey (2009) denomina de “paisagens terapêuticas pessoais”. É o local entronizado como um conjunto de elementos visuais que restauram funções orgânicas, mentais, motoras. Ressalto que não somente a permanência no local desponta essa função, como todo o processo de seleção do mesmo, pois sinaliza uma potencial melhora na qualidade de vida. Robert, do mesmo modo, vivenciou esse processo terapêutico, ao exprimir sua insatisfação com a vida na cidade de São Paulo e como isso o afetava, não só no plano mental, como no físico. A associação entre local e o modo de viver não é aleatória e, na visão de Hoey (2009), como também na de muitos cidadãos, estrangeiros ou não, que se deslocam, funciona como uma terapia. Desse modo, João Pessoa e seu visual ‘paradisiaco’ funcionam como uma terapia paisagística – e urbana – para os migrantes que escapam da realidade de um meio urbano conturbado.

Robert destaca, com base na experiência familiar, o apreço por um tipo de rotina a qual ele, na verdade, tentava derrogar na capital paulistana. Neste fragmento discursivo, ele ilustra o que Giddens (1991) faz alusão a um corpo que age ao invés de permanecer estático:

estressante, é, eu não sei estressante, isso estava me afetando física e emocionalmente. Eu sofro de sinusite e eu nunca tinha sofrido disso antes. E era aquele lengalenga, aquele contínuo ranger. E eu pensava: ‘é disso que, na verdade, eu tentei me afastar em Londres’ [ ] eu acho, eu acho que as pessoas, [h], a sociedade em São Paulo, a família da minha esposa, por exemplo, as pessoas gostam dessas rotinas, é o trabalho, a família nos finais de semana, [ ] e depois de volta pro trabalho, pra família, de volta pro trabalho, família. (ROBERT, 2013)<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> Stressful, yeah, I don’t know, stressful, it was affecting me physically and emotionally. I suffer from sinusitis and I had never suffered before. And it was that rigmarole, that continuous grind. And I was thinking, this is actually this is what I tried to away in London and [ ] I think, I think people, [h] the society in São Paulo, my wife’s family, for example, people like these routines, it’s work, family at the weekends, [ ] and then back to work, family, back to work, family. (ROBERT, 2013)



A troca pela metrópole *peessoense* destaca o cenário paulistano em um universo de críticas aos comportamentos sociais e rotineiros. Robert se mostra saturado, mental e fisicamente, pela sequência maquinal, automática, dos procedimentos habituais indicando por meio da sua reflexividade que seu corpo necessita de uma localidade onde possa ter uma qualidade superior de vida, um local urbano e terapêutico. A organização do tempo na sociedade contemporânea, de acordo com a sua descrição, sinaliza que não há mais disponibilidade para o momento de repouso. Tudo está relacionado ao trabalho e até mesmo o tempo livre pode envolver atividades de trabalho, e quando não, as atividades do lazer são gerenciadas pela rotina determinada externamente. Em João Pessoa, por outro lado, a agenda não seria tão regulamentada, possibilitando abertura maior para o tempo de si.

Mas como toda experiência é válida e permite a (re)modelação das subjetividades, Robert aponta, de forma positiva, o conhecimento e a troca cultural que realizou, e ainda realiza, revelando, de forma crítica, como os britânicos poderiam aprender com os brasileiros:

eu vejo a maneira como as pessoas desejam ajudar os outros sem pensar duas vezes, sem parar para pensar: ‘Hm, o que eu devo fazer?’ De um modo geral, sem pensar ‘Hmm será que eu devo fazer aquilo?’ Muitas pessoas podem aprender um bocado com isso, principalmente na minha, na sociedade britânica. Nós temos um local para isso. Nós temos os mecanismos, a infraestrutura está lá, mas não é algo natural. (ROBERT, 2013)<sup>90</sup>

Os espaços de vivência e convivência condensam-se em espaços de produção de subjetividades identificando discursivamente suas posições políticas e convicções ideológicas a favor ou contra as sociedades com as quais ele estabelece relações. A necessidade de trocas culturais e comportamentais é apontada como uma condição relevante para a melhoria da sociedade inglesa. Se por um lado Robert coloca-se como pertencente à ‘sociedade britânica’ inserindo o pronome possessivo ‘minha’, reconhece-se no conjunto de cidadãos ao usar o

---

<sup>90</sup> I see the way people are willing to help others without giving it a second thought, without stopping to think ‘Hm, what shall I do?’ In a general sense, without thinking ‘Hm should I do that?’ Many people could learn a lot from that especially in my, in British society. We have it in place. We have the mechanism, the infrastructure is in place, but it’s not something natural. (ROBERT, 2013)

pronome pessoal ‘nós’; por outro lado ele é capaz de posicionar-se criticamente e de forma exterior a esse pertencimento sinalizando a dicotomia presente entre o brasileiro que age de forma natural e o inglês de forma artificial, ele distancia-se da origem apontando-a como a ‘sociedade britânica’. A naturalidade das relações sociais brasileiras no auxílio ao outro é citada como elemento estratégico de aprendizagem e configura-se importante para uma cultura britânica menos premeditada.

Outras experiências, como a vida que tem origem no meio rural e é perpassada pelas grandes metrópoles, alavancam aspirações por uma cidade que se aproxima mais da sua origem. A mudança entre espaços urbanos conturbados é indicativo da necessidade de um ambiente citadino com traços que lembrem o meio rural, talvez no que tange dimensão e serenidade:

eu não gosto das grandes cidades, eu as odeio. Eu vivi em Roma por alguns anos, isso foi a primeira vez que eu vivi em uma grande cidade. Já que eu sempre morei no interior dos Estados Unidos, eu gosto da paz e da tranquilidade. Eu não gosto de muito barulho e, para mim, João Pessoa é o lugar perfeito. (KEVIN, 2012)<sup>91</sup>

A questão da configuração que o espaço urbano toma é ressaltada no discurso. A forma como o espaço social e urbano de João Pessoa é construído e apropriado discursivamente mostra que há uma delimitação e definição do local em termos das funções que são relevantes e que se tornam fundamentais durante o processo de escolha e deslocamento. Em sua opinião, a cidade ocupa o nível mais alto que se pode conceber e nela ele está realizado física e mentalmente.

Steve experienciou mobilidades no decorrer da sua carreira e vida, motivadas pelas ocasiões favoráveis que surgiam ao longo dos passos trilhados. Passou pela Colômbia, México, Brasil, onde esteve primeiro em São Paulo, foi ao Chile e retornou ao Brasil, para novas experiências no nordeste, nos estados de Pernambuco e da Paraíba. Sua experiência inicial na capital paulistana é positiva:

então passei oito anos em São Paulo, cheguei a ser chefe. Foi uma época de expansão da Cultura Inglesa. Foi maravilhoso, tudo crescendo, número

---

<sup>91</sup> I don't like the big cities, I hate it. I lived in Rome for a couple of years, that was the first time I lived in a big city. As I always lived in the countryside of the United States, I like the peace and quiet, I don't like a lot of noise, and for me João Pessoa, it's just the perfect place. (KEVIN, 2012)

de professores, alunos. Eu trouxe, eu acho que eu trouxe para Brasil o enfoque comunicativo. (STEVE, 2012)

Categorias como sucesso profissional e sucesso da empresa onde trabalhava são elementos destacados na esfera do crescimento de Steve. No âmbito do conhecimento acadêmico, ele aponta sua desconfiança de que talvez tenha sido responsável pela entrada de uma abordagem de ensino no país, o que, igualmente, destaca a sua importância no cenário do ensino e aprendizagem, além de demonstrar que seu desejo de melhoria nesse cenário se concretizava.

Com o passar dos anos e aumento exponencial da cidade em vários âmbitos, outras oportunidades surgem e ele as abraça em busca de melhores condições de vida para si e sua família:

e fiquei lá em São Paulo. E depois, por vários motivos, São Paulo ‘tava’ chegando a ser violento, eu calculei que estava passando três horas por dia [no trânsito], eu me casei, tinha três filhos pequenos, eu pensei, eu acho que chegou a hora de partir mas quero o Conselho Britânico. Apareceu uma oportunidade no Chile. Então fui lá e fiquei seis anos no Chile. E Chile me marcou muito, muito. Eu era diretor de uma Cultura Inglesa, tem outro nome, mas era uma Cultura Inglesa, com contrato do Conselho Britânico. Isso não existe mais. E me marcou tanto que, ao me aposentar agora, publiquei dois livros sobre Chile. Dois livros falando da história, de certos aspectos da história do Chile. Fiquei lá seis anos e descobri que tinha uma possibilidade no Recife. (STEVE, 2012)

Retomo minha assertiva anterior sobre a propensão que determinados sujeitos dispõem para o deslocamento entre cidades, países, continentes, entre outros. No caso de Steve, seu desejo era de se ater a mesma empresa transnacional e em função ocupacional de chefia, o que configurariam dispositivos facilitadores no processo de adaptação à nova localidade. Apesar de não detalhar, ele destaca que sua experiência no Chile depositou lembranças marcantes, as quais ele, posteriormente e já no Brasil, devotaria dois livros sobre o país. Contraditoriamente, a ida para outro território estrangeiro motiva o retorno para o Brasil, sinalizando que, muito embora sua experiência chilena tenha sido profícua, ainda havia um desejo latente de regressar à *Terra Brasilis*, só que, dessa vez, para a terra do Frevo.

Compreendo que, enquanto sujeitos em fase de deslocamento, eles vêm ao Brasil através de conjunturas que se assemelham: o voluntário, o estudante, o mestre. São personagens, que com o passar do tempo, passam por novas configurações e reconstituem suas posições de sujeitos atores, e agentes na escolha de seus locais de habitação e realização pessoal, que fogem ao que ‘o destino reservou’, isto é, permanecer no local de nascença. Eles se valem de suas experiências anteriores na construção de melhores perspectivas do viver para si e para a família. São agentes sociais que não se deixam sujeitar pela ‘pressão’ do permanecer no local onde nasceu e enquanto agentes sociais não são ‘consumidos’ pela cultura ao redor, ao contrário estão atentos com seus olhares críticos para as diferenças e incorporam aquelas que consideram relevantes para suas integrações harmoniosas e híbridas.

Se não estão satisfeitos com o clima, rotinas, cidade, então, são instigados pelos sentimentos de contrariedade, desprazer, decepção, entre outros, a procurar outras localidades em que alcancem seus ideais. Os processos decisórios e as estratégias desenvolvidas são trazidos a seguir.

### **DECISÃO DE MUDAR: NA ROTA DAS AFETIVIDADES**

A decisão de mudar para o Brasil e, posteriormente, de encontrar em João Pessoa o local de sua residência, mostra a passagem de uma situação temporária de estrangeiro visitante, enquanto agente voluntário, no caso de John, ou estudante de intercâmbio, no caso de Peter, ou professor, no caso de Kevin, Robert, Steve e Gary, para a situação definitiva, de estrangeiro morador no território brasileiro. Além disso, a decisão não ocorre subitamente, mas como um processo fruto do desencadeamento de novas possibilidades, relações e experiências.

O Relatório da Comissão Mundial sobre Migrações Internacionais (2005, p. 41), promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, aponta que razões econômicas são as mais prováveis a levar indivíduos aos projetos – e efetivações – dos deslocamentos. Não obstante, “muitas pessoas optam por ir para o estrangeiro a fim de poderem experimentar novos locais e novas culturas, adotar um estilo de vida diferente [...]”. A opção pelo Brasil não é casual, e situa o país em um espaço de acolhimento tanto na esfera pessoal – enquanto experiência – quanto na esfera da praticidade, o que possibilitou as viagens através das instituições transnacionais – igreja e universidade.

Nas palavras de Piscitelli (2009, p. 106), tais instituições

configurariam-se como os “espaços de agência nos processos migratórios.” Parry Scott (2011) orienta que a

decisão sobre para onde ir é fortemente influenciada pelas redes familiares no sentido de ter alguém próximo [no grau de parentesco] para receber o migrante, o que faz da adaptação ao novo local menos turbulenta. (SCOTT, 2011, p. 290)

Diante destes postulados, o deslocamento para a cidade da esposa, ou onde a família da esposa residia, seja temporária ou permanentemente (como estarei abordando em detalhes no Capítulo Quatro), representaria um momento de tranquilidade para pré-organizar-se enquanto sujeito migrante, ao dar início a uma vida em outra sociedade diferente da sua de origem.

Vários são os fatores e as razões que colaboraram para que os sujeitos efetivamente decidissem pela mudança para o Brasil e, em seguida, para João Pessoa. Motivações extrínsecas, as quais, por sua vez, podem estar diretamente ligadas aos sujeitos pela forma que os afetam – e, portanto, não podem deixar de ser consideradas intrínsecas – e aliadas a instituições governamentais – a forma como o estado gere a nação – ou à conjuntura pela qual o país passava à época da decisão, como dificuldades econômicas, políticas, religiosas, elencadas nas narrativas.

A conexão entre emprego e esposa é expressa, por exemplo, na entrevista que relata o início da Cultura Inglesa na cidade de João Pessoa, nas palavras de Andrew Barlow sobre seu pai:

ele [David Barlow], na época era professor da Cultura Inglesa de São Paulo e soube dessa escola que estava fechando [em João Pessoa]. Era casado com uma paraibana e começou a averiguar porque a escola estava fechando. (BARLOW, 2013)

Poderia dizer que os laços conjugais serviram como alavancas no deslocamento para a cidade onde uma oportunidade de empreendimento foi vislumbrada. Por ser natural da Paraíba, a esposa de David Barlow teria um ‘efeito magnético’ que o atrairia para o estado e, assim, ela teria a oportunidade de retornar ao estado onde nasceu. Aqui empreendimento e casamento unem-se aos universos de desejos individuais de cada membro da díade.

A busca por uma qualidade de vida, que não a mesma do país de origem, pode estar pautada em uma necessidade de fuga de ambientes estressantes de trabalho, sociais, e, até mesmo, familiares. No

discurso de John, observo que as motivações extrínsecas estão transversalmente ligadas às intrínsecas:

bem, eu estava próximo de me aposentar e eu trabalhava para [ ] o governo local, e no governo local você pode se aposentar quando você está com cinquenta anos de idade e eu estava próximo ao meu aniversário de cinquenta anos. E, sério, é um suicídio financeiro se aposentar cedo na Inglaterra porque é um país tão caro, especialmente quando, naquela época, minha esposa havia tido um bebê e simplesmente não era o momento correto para me aposentar. Mas eu percebi depois, que as coisas estavam indo mal na Inglaterra, socialmente, financeiramente, com o sistema de saúde, com o sistema de educação. Isso foi há dez anos atrás, isso foi em 2002. Eu reconheço que existiam uns problemas sérios e eu senti que eu não queria educar minhas filhas na Inglaterra. Eu não achava seguro ou saudável, ou não sei como dizer isso, talvez, em termos de educação, muito sensato [permanecer lá]. Então, também haviam alguns aspectos religiosos disso também [...] (JOHN, 2012)<sup>92</sup>

Ainda que ele tenha mencionado que a aposentadoria anterior à idade dos 50 anos seria “suicídio financeiro”, John ‘aceita’ essa condição, pois vislumbra uma vida com melhores condições. A família é referenciada na escolha. Aspectos pessoais, como aposentadoria, e aspectos externos, como o gerenciamento da economia, estatal e pessoal, do sistema de saúde e do sistema educacional na Inglaterra à época, não indicavam a sociedade de origem do John como o melhor cenário para educar suas filhas ou manter sua família em uma condição

---

<sup>92</sup> Well, I was coming up for retirement and I worked in [ ] local government, and in local government you can retire when you are fifty years of age and I was coming up to my fiftieth birthday. And, really, it is financial suicide to retire early in England because it is such an expensive country, especially when, at that time, my wife just had a baby and it just wasn't the right time to retire. But I recognize then that things were going very wrong in England, socially, financially, with the health system, with the education system. That was ten years ago, that was 2002; I recognize that there were some serious problems and I felt that I didn't really want to bring my child up in England. I didn't think it was safe or healthy or don't know how to say it, perhaps, educationally very wise so. There was some religious aspects of it as well [...] (JOHN, 2012)

saudável ou com segurança.

A ameaça de conflitos político-religiosos pós-11 de setembro reverberava na nação e diversos países europeus enfrentavam ameaças, quando não eram atingidos por ataques terroristas. As suspeitas de John foram consolidadas quando a própria cidade de Londres foi vítima de ataques terroristas a estações de ônibus e ao sistema de transporte ferroviário subterrâneo em 07 de julho de 2005, no qual três bombas explodiram no metrô durante a hora do *rush* matutina, matando 52 pessoas e deixando mais de 770 feridos<sup>93</sup>. Aqui, a presença da categoria cuidado (*care*), em associação à perda de atração revela uma figura masculina preocupada com o bem-estar da família.

O falar de si e o falar do outro revelam estratégias de poder nas relações afetivas. Teun van Dijk (1998) aponta que a utilização pronominal serve, muitas vezes, para identificar posicionamentos nas relações sociais. No trecho a seguir, a variação pronominal entre ‘eu’ e ‘nós’ evidencia, por um lado, o posicionamento paternal e de poder de John em relação aos filhos e, posteriormente, sinaliza a sua habilidade manual em construir tabuleiros para jogos que entreteriam as crianças. Por outro lado, o uso pronominal de ‘nós’, revela a descrição de objetos materiais como sendo uma atividade do casal:

[...] porque eu tinha duas crianças, mas nós tínhamos um carro grande [*SUV* – veículo utilitário esportivo] e nós instalamos um DVD na parte de trás. Nós tínhamos muitos **jogos**. Eu fiz tabuleiros especiais, sobre os quais as meninas podiam jogar na parte de trás [...] (JOHN, 2012)<sup>94</sup>

Até mesmo durante o trajeto entre Itajubá e João Pessoa, a preocupação com o bem-estar das filhas, no decorrer do longo percurso de quatro dias, leva John a produzir um ambiente para que as crianças utilizem confortavelmente os brinquedos durante a viagem, destacando-se ele mesmo como figura proeminente na relação pai-filhos.

Além das exposições que transitam pelas esferas do cuidado com a família e interesse pelo mundo, existem ainda aquelas em paralelo ao escape da cidade de origem:

---

<sup>93</sup> Informação disponível no site: <[http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/uk/05/london\\_blasts/what\\_happened/html/](http://news.bbc.co.uk/2/shared/spl/hi/uk/05/london_blasts/what_happened/html/)>. Acesso em: 05 jun. 2013.

<sup>94</sup> [...] ‘cause I had two children, but we had a huge SUV and we put a DVD system in the back, we had lots of **games**. I made special boards where the girls could play games in the back [...] (JOHN, 2012)

you know, you go through these periods in your life where things change and you have to make decisions and [ ] I'm quite impulsive, I think, in my character, whatever suits me I will take it, you know? I will go in different directions if I feel that way [...] And I am fed up with London right now, it's tedious. (ROBERT, 2013)<sup>95</sup>

A necessidade de mudança, de escapar à monotonia, de fugir à 'norma' e abraçar o 'desvio', é guiada por fatores subjetivos e destacada pelo entrevistado na forma da sua subjetividade. Seu modo de ser e o curso da vida, os acontecimentos gerados com o passar do tempo, são elementos elencados a favor da mudança. As insatisfações pessoais são alguns dos recursos discursivos utilizados pelos entrevistados para aludir à motivação para a mudança. A perda no poder de atração do local em relação ao habitante é uma categoria que desperta interesse, já que, muitas vezes, pode ser explicada por fatores extrínsecos ao sujeito como desemprego, violência, entre outros, mas aqui é gerada por uma insatisfação pessoal.

Por outro lado, posso dizer que o país de origem da companheira gera um campo de atração em relação ao homem, deslocando-o para o Brasil na intenção de acompanhá-la e, porque não, satisfazer desejos pessoais e motivacionais:

essa foi a razão principal para vir e, você sabe, e antes, de vir para o Brasil, nós viajamos juntos para outros países. Então, você sabe, nós tínhamos um relacionamento próximo e forte, e com ela, e naquela época e [ ] o que me trouxe para o Brasil foi Paula. Ela estava estudando em Londres, estudando inglês em Londres, e ela sempre planejou retornar ao Brasil, para São Paulo, e aquilo, você sabe, aquilo foi a motivação para eu ir, porque, você sabe, nós estávamos em um relacionamento naquela época e já havíamos feito muitas coisas juntos. Eu acho que ela já estava em Londres há um ano e meio, eu acho que ela estava em Londres por, e talvez eu a tenha conhecido seis meses antes da partida dela de Londres, seis

---

<sup>95</sup> You know, you go through these periods in your life where things change and you have to make decisions and [ ] I'm quite impulsive, I think, in my character, whatever suits me I will take it, you know? I will go in different directions if I feel that way [...] And I am fed up with London right now, it's tedious. (ROBERT, 2013)



ou dez meses antes da partida dela, eu não consigo lembrar exatamente quando. E naquela época nós tínhamos, você sabe, nós já nos conhecíamos muito bem, por todas as razões diferentes e, como eu disse, nós viajamos juntos também. Então, parecia uma coisa lógica para eu fazer isso naquela época, porque a minha vida em Londres não era muito hmm [ ] animada [g]. (ROBERT, 2013)<sup>96</sup>

Mais uma vez o discurso é marcado pelo uso do “nós inclusivo” (FAIRCLOUGH, 1989) quando Robert associa suas ações às ações realizadas na companhia da Paula e também ao descrever seu relacionamento. O uso pronominal consolida o relacionamento como se o validasse por intermédio da inclusão. Assim, a consolidação do relacionamento com o passar do tempo gera estabilidade emocional e afetiva que, por consequência, fortalece as tomadas de decisões. Aliado a isso é declarado o fato de a vida em Londres não mais despertar interesse, daí a necessidade de mudança, expressa, inicialmente, no deslocamento para São Paulo. A companheira aproxima e atrai Robert para seu país de nascença de tal forma que a viagem para a terra natal dela é naturalizada pelo relacionamento.

Grossi (1995, p. 23) aponta que “uma das características tradicionais da masculinidade é justamente a negação de qualquer sensibilidade ao homem”. A autora retoma que “a reflexão sobre sentimentos masculinos nos leva a um novo modelo de masculinidade muito presente nas camadas médias urbanas, o ‘homem sensível’” (GROSSI, 1995). Roberto DaMatta (2010), no artigo ‘Tem pente aí?’,

---

<sup>96</sup> That was the main reason for coming, and you know, and before, coming to Brazil, we travelled together to other countries. So, you know, we had a close strong relationship, with her, and at that time and [ ] what brought me to Brazil was Paula. She was studying in London, studying English in London, and she was always planning to return to Brazil, to São Paulo, and that, you know, that was the inclination for me to go, because, you know, we were in a relationship in that time and we had done quite a few things together, I think she was in London for a year and a half, I think she was in London for, and maybe I had met her six months prior to her leaving London, six or ten months prior to her leaving, I can’t exactly remember. And at that time we had, you know, we got to know each other very well, for all different reasons and as I said, we travelled together as well. So, it seemed the logical thing for me to do at that time because my life in London wasn’t very ahm [ ] animated [laugh]. (ROBERT, 2013)

articula que dentre os atributos de masculinidades estariam a eterna vigilância de emoções e dos gestos, e estas seriam um preço a ser pago pelos homens na manutenção do que é ser ‘homen com H’.

Observo que é por intermédio das relações pessoais e, posteriormente, conjugais, estabelecidas nos momentos transnacionais em que os sujeitos encontram-se no ‘entre lugares’, no trânsito entre a sociedade de origem, outra sociedade e o Brasil, ou até mesmo já empregados, mas sem uma perspectiva de fixação, que suas vindas são consolidadas: “na época meu pai era supervisor da Goodyear, tinha um bom salário e disse: minha esposa não gosta muito de São Paulo, ela tem uma alergia enorme com essa poluição”(BARLOW, 2013). A saúde da esposa de David Barlow, do mesmo modo, é destacada como elemento propulsor do deslocamento em associação com a certeza de estabilidade financeira para ele, e, conseqüentemente, para o casal.

Peter, em situação semelhante, arrola seus sentimentos como centrais para sua mobilidade. É registrada nessa narrativa a constatação de uma outra motivação fundamental: o amor. Materializar o amor romântico no discurso, como incentivo, evidencia novas formas de masculinidades que se distinguem dos atributos tradicionais e presentes no imaginário popular, de que os homens não compartilham, ou não manifestam, publicamente, seus sentimentos. Ainda que tenha havido idas e vindas entre as duas sociedades, é a figura feminina que traz Peter em definitivo a João Pessoa:

[...] no final daquele ano, conheci minha, minha futura esposa, **me apaixonei** e então quando voltei para Inglaterra, naquele, no verão de 2000, eu [ ] [breve pausa para fechar as janelas em decorrência de uma chuva que se aproximava]. Então em junho, em 2000, eu voltei para Inglaterra. Eu estava completamente **apaixonado**, com o coração completamente **despedaçado**. E então **eu trabalhei de novo**, voltei pro Brasil **de novo** por um período de tempo logo após aquele verão. Então eu tinha que terminar minha graduação na universidade. Terminei minha graduação, minha esposa veio me visitar em Leeds, em junho daquele ano, também. E, assim que eu me formei eu vim para o Brasil. Então é tipo assim o porquê, por amor, eu suponha.

(PETER, 2012)<sup>97</sup>

Apesar da razão da primeira viagem estar depositada no intuito acadêmico-profissional de aprender mais sobre a língua e a cultura do país, é no encontro com sua amada que se materializa a motivação para migrar. É interessante observar que, em meio ao discurso ministrado em inglês, a ocorrência da palavra ‘apaixonado’ é de essencial importância, já que evidencia, na língua da sociedade-lar, como Peter sentia-se à época em que conheceu sua esposa, servindo, do mesmo modo, para descrever seu estado emocional ao dar-se conta da necessidade de retorno ao país natal. Na qualidade de cidadão inglês, Peter poderia ter usado qualquer outra expressão em sua língua mãe tão representativa quanto ‘apaixonar-se’, como *fall in love* ou *to become spellbound*, para citar algumas. Contudo, optou pela expressão brasileira, talvez por essa exprimir mais ‘nacionalmente’ seu sentimento em relação à ‘futura esposa’, uma cidadã brasileira. Nesse sentido, observo que a utilização transferencial de termos em Português durante a enunciação discursiva em Inglês não é acidental, mas intencional. Os códigos linguísticos e as convenções culturais são interpretados e enunciados à luz da cultura em que os sujeitos estão inseridos.

Já salientei anteriormente que esse tipo de inserção linguística torna manifesta a relação entre o sujeito e a cultura da sociedade onde este se encontra, mas não posso obliterar o fato de que, ao verbalizá-la, Peter faz sobressair que, somente na enunciação daquele termo em português ele é capaz de expressar seu sentimento como ele os percebe. A utilização de termos em português brasileiro materializa um sentimento de pertencimento com o *ethos* linguístico brasileiro.

Assim, expressar em inglês essa palavra talvez não obtivesse a mesma articulação de valores e crenças que o termo possui e articula em português, além do fato, é claro, de Peter marcá-la de modo reforçado com sua forte entonação. ‘Estar apaixonado’ evidencia a convicção dele em relação a sua esposa brasileira, e ele não poderia evidenciá-la de

---

<sup>97</sup> [...] at the end of that year, met my, my future wife. And fell in **love** and so when I returned to England, that, in the summer of 2000 I [ ] [quick break to close the windows due to upcoming rain]. So in June, in 2000, I went back to England, I was completely *apaixonado*, completely **heartbroken**. And so **I worked again**, came back to Brazil **again** for a period of time straight way that summer. Then I had to finish my degree at university. Finished my degree, my wife came to visit me in Leeds, June that year, as well. And as soon as I graduated I came to Brazil and so that’s kind of why, for love, I suppose. (PETER, 2012)

melhor forma senão em português. Tal fato poderia ser considerado uma vantagem dos homens estrangeiros em relação à produção discursiva sobre os homens locais – nesse caso, os homens do nordeste –, já que estes seriam considerados homens violentos, que se destacam pela ‘valentia’ excessiva, pela crueldade – contra homens e contra mulheres –, os ditos “cabras machos”, e que, nos estudos de Albuquerque Junior (1999) sobre literatura de cordel, aproximam masculinidade e virilidade.

Aqui, a tênue linha entre língua, discurso e prática social é manifestada através do uso da transferência linguística e da performatização semântica de masculinidades estrangeiras (BLANCHETTE, 2011), através das quais os homens de origem diferente da local seriam mais educados, mais atenciosos e, por que não, mais apaixonados, a ponto de comunicar seus sentimentos abertamente e com maior intensidade.

Seguindo o mote do amor romântico e da expressão mais aberta sobre o *self* que sente e que ama, entendo que o casamento, enquanto figura institucional de consolidação das conjugalidades, através da legalidade, estabiliza a permanência no território brasileiro, quando existem dúvidas sobre o retorno às origens ou sobre o trânsito constante: “[...] eu vim em 2007 precisamente por causa do fato de que nós estávamos nos casando [...]” (KEVIN, 2012)<sup>98</sup>. Com a proximidade dos laços conjugais serem, de fato, atados, a mulher exerce a força que atrai o homem e o desloca para cá.

Necessidades potenciais de regularização, igualmente, apontam o casamento como dispositivo chave na manutenção, e fixação, da permanência no país, como é relatado por Gary:

então, tudo se aliou para que eu aceitasse o emprego aqui no Brasil na Universidade Federal da Paraíba. De início, eu tinha um visto por dois anos, mas eu me casei aqui, eu me casei no final do primeiro ano e recebi meu visto permanente. (GARY, 2012)<sup>99</sup>

Como em uma harmonização prevista pelo destino, as peças do quebra-cabeça se juntam na formação da trajetória subjetiva. Para

---

<sup>98</sup> [...] I came in 2007 precisely because of the fact that we were getting married [...] (KEVIN, 2012)

<sup>99</sup> So, everything came together for me to accept the job here in Brazil at the Universidade Federal da Paraíba. [...] Originally I had a visa for two years but I married here, I got married at the end of the first year and received a permanent visa. (GARY, 2012)

avançar nesse sentido, acredito que os discursos aqui analisados fazem menção a masculinidades diferentes daquelas que transitam no imaginário local, muitas vezes vistas como manifestações de virilidade extrema, violência, enfim, aludindo a um homem naturalizadamente abusivo (HONÓRIO, 2009). Ao mesmo tempo, penso que esse ‘homem romântico’ ou ‘homem sensível’ sempre existiu, contudo sua expressão seria coibida pelas práticas socioculturais de uma sociedade de representação patriarcal e inibidora. Agora, em um contexto de relações sociais e afetivas mais manifestas, os sentimentos podem aparecer com maior destaque, nas escolhas que fazem pelo Brasil como seu local de destino. Em outras palavras, posso dizer que, uma vez no Brasil, eles sentem e mostram que sentem o amor e os cuidados para com as relações de afetividade nas mais diversas esferas, sejam afetividades entre casais ou pelo local que escolheram morar.

Seguindo esta linha de raciocínio, a seguir, apresento o que os olhares e as reflexões dos sujeitos revelam sobre a cidade pela qual manifestaram preferência para tornar seu lar.

### **JOÃO PESSOA: “UMA JORNADA FANTÁSTICA”**

Muitos elementos são construídos estrategicamente nos discursos para compor a trama que leva até a cidade de João Pessoa. Além das motivações elencadas anteriormente como escape à rotina, estresse e violência, o clima figura como parte consubstancial na afirmação tropicalizada da comunidade imaginada brasileira, como relata John, a seguir:

[...] existe uma ideia estereotipada do Brasil, é o sol, é o sol é a praia, é o clima quente, e as *caipirinhas* e todos esses tipos de coisas, essa imagem. [...] mas eu não estava vivendo nada disso. (JOHN, 2012)<sup>100</sup>

A concepção da estereotipagem é traçada – e marcada discursivamente pela repetição – através da presença de um elemento: o sol. Embora o sol, no plano teórico e do senso comum, brilhe para todos, aparentemente, na porção inferior ao Equador, ele não somente brilha, mas aquece mais, configurando condições necessárias à felicidade e satisfação que John buscava para si e sua família.

---

<sup>100</sup> [...] there is a stereotypical idea of Brazil, it's the sun, it's the sun it's the beaches, it's the hot weather, and *caipirinhas* and all this sort of thing, this image. [...] but I wasn't living in any of it. (JOHN, 2012)

Assim, a escolha pela cidade se dá em decorrência de um sentimento de ausência, dentro da criação imagética feita pelo estrangeiro sobre o Brasil, e, aqui, remeto à fala de John como estrangeiro, que destaca haver ‘uma imagem’ do Brasil. Nela, todo o arquétipo que fora criado acerca de um *ethos* brasileiro, isto é, a complexa reunião de características, traços, atitudes, hábitos, crenças, valores, visões, que envolvem o ‘viver no Brasil’, não estavam sendo contempladas na localidade em que ele se encontrava.

No discurso de John, observo a idealização de um local para onde deseja ir. Ele retrata imageticamente um Brasil repleto de praias, impossível de se realizar na cidade mineira, uma vez que o estado localiza-se na porção central do país. Um Brasil de clima quente, outro ponto desfavorável para o município de Itajubá, já que o mesmo estaria ao sul do estado e em uma região montanhosa, com predominância de baixas temperaturas. Aquela combinação de região montanhosa com o clima recordava-lhe sua cidade natal, na Inglaterra.

Com relação ao sol e as caipirinhas, estas de caráter originalmente brasileiros, são itens unidos ao montante de categorias auxiliaadoras na composição de uma representação do que seria, no plano ideal para John, viver no Brasil, afinal, o sol não estaria ausente do panorama geográfico mineiro, apesar de potencialmente não ‘esquentar’ tanto quanto ele desejasse, e as caipirinhas, por sua vez, enquanto drinks nacionais, estão disponíveis em qualquer localidade do território nacional.

John considera que estaria sendo submetido à temperaturas extremas em Minas Gerais, e isso despertava o questionamento de onde estaria esse sol que é objeto de conhecimento no senso comum e imaginário coletivo daqueles que visualizam o Brasil: “eu **estava absolutamente morrendo congelado** até a morte ... Eu ficava tipo ‘onde está o sol?’ Eu estava congelando até a morte [...]” (JOHN, 2012)<sup>101</sup>. Por isso, ele desejava a mudança para um ambiente que lhe promovesse satisfação e conforto. Nessa busca, John lança-se no empreendimento de encontrar um local que pudesse trazer esses sentimentos atrelados a outras características:

eu comecei a procurar na *internet*, e de todas as cidades que eu encontrei que eram realmente onde queríamos estar, estavam no sul. Nós olhamos em hmmm, na *internet*, nós olhamos Blumenau,

---

<sup>101</sup> I was **absolutely freezing** to death... I was like ‘where is the sun?’ I was freezing to death [...] (JOHN, 2012)

Joinville, hmm, outro local próximo, entre Joinville e Blumenau [...] eu li que aquelas áreas estavam muito ligadas à chuva e ao vento, e até mesmo os websites sobre Curitiba diziam ‘Oh se você vai visitar Curitiba assegure-se de trazer uma capa de chuva’. Eu não queria aquilo, você sabe? Mas havia uma cidade que, se você olhasse nas dez melhores cidades para se viver e coisas do tipo, João Pessoa estava sempre lá e foi por causa dessa regularidade, ela aparecia em todos os tipos de listas, que eu comecei a notá-la e então, simples assim, não existe, não existe uma varinha mágica que fez plim ‘você deve ir para João Pessoa’. Foi porque eu fiz muita pesquisa por um ano e fui conscientemente selecionando as cidades até chegarmos em João Pessoa. (JOHN, 2012)<sup>102</sup>

João Pessoa é projetada numa dimensão que a coloca na posição de um ‘oásis’, não somente climático, bem como de qualidade de vida. Já as cidades do sul brasileiro são associadas a um clima de chuva, o que remeteria imediatamente ao cenário londrino e, portanto, não se encaixariam no perfil desejado. Um pouco da cultura inglesa é refletido no discurso de John quando relata sua busca pelo local ‘ideal’ para seu lar. Clima e estatísticas *online* são as palavras-chave quando associadas ao recurso tecnológico da *internet* no percurso que traz de Minas Gerais para a Paraíba. Assim, através dos *websites*, John encontra a cidade que reúne as características que ele e sua família consideravam satisfatórias para seu estilo de vida e que aparentava ser excepcionalmente agradável, quando comparada ao local onde se encontrava. E, a partir da consistência das informações, e também guiado pelo pragmatismo que é comum à sua cultura, ele opta por uma

---

<sup>102</sup> I started looking on the Internet, and all of the towns I found that were really, where we wanted to be, were in the south. We looked it ahmm, on the internet, we looked at Blumenau, Joinville, ahmm, another place near, in between Joinville and Blumenau [...] I read about those areas was linked with rain and wind, and even the websites for Curitiba said ‘Ohh if you are gonna visit Curitiba make sure bring a raincoat’. I don’t want that, you know? But there was one city which, which if you looked at the ten best cities to live in and things like that, João Pessoa, was always there and it was because of its regularity, it appeared in all sorts of lists, that I started to take notice and so it as simple as that, there is no, there is no magic wand that ding ‘you must go to João Pessoa’. It was because I did a lot of research for a year and it was a wittingly down of cities ’til we got to João Pessoa. (JOHN, 2012)

visita inicial à cidade.

A comparação com outras cidades adjacentes e de maior porte é inevitável. Contudo, a preferência pela capital paraibana aparece no âmbito de ser uma cidade com imagem exatamente contrária as suas vizinhas:

[...] eu gosto de João Pessoa porque é uma cidade que chama pouca atenção, eu ainda acho que, se eu fosse daqui, eu ficaria um pouco frustrado, porque Recife, Natal, Fortaleza, a maioria das cidades no nordeste, tem perfil melhor do que João Pessoa, mas eu acho que é porque ela chama pouca atenção, é calma [...] (PETER, 2012)<sup>103</sup>

De modo insólito e discreto, a cidade, de fato, ‘chama à atenção’ de Peter, muito embora ele utilize um discurso que parece informar o oposto. Em uma cidade que chama pouca atenção turística, comercial, etc., ele deixa de ser o estrangeiro que se destaca na multidão para ser apenas um estrangeiro transeunte. Ao esclarecer a sua compreensão do perfil da cidade, Peter indica que, para ele, é uma cidade calma, modesta, que atrai pouca publicidade e é por isso que ele a aprecia e o que o faz permanecer lá. Peter consegue distanciar-se do papel de estrangeiro para indicar que, caso fosse um nativo, provavelmente “ficaria frustrado”, uma vez que outras cidades do nordeste brasileiro como Recife, Natal e Fortaleza possuem o que ele chama de ‘perfil melhor’ do que João Pessoa. Aqui, na figura do outro que vem de fora e entra em contato com o outro que está dentro, ele apresenta sua visão e as marcas de diferença quanto às tradições, costumes e práticas sociais. É o olhar externo do outro que proporciona valor à localidade, por ser um estrangeiro, ele se permite uma simpatia diferente do morador local, uma maneira diferente de ver o local.

Aspectos estruturais da cidade, exemplificados nas condições das estradas, são elementos elencados no rol da preferência. Ainda que Peter sinta falta de um cenário mais cultural seu favoritismo é ressaltado:

eu acho que são as pequenas coisas, tipo mais cinemas, por exemplo. Existem apenas um ou dois cinemas em João Pessoa. Esse tipo de coisa, me

---

<sup>103</sup> [...] I like João Pessoa ‘cause it has a low profile, I still think, if I was from here I would get a bit frustrated, ‘cause Recife, Natal, Fortaleza, most of the cities in the northeast, have a better profile than João Pessoa, but I think it’s ‘cause it is low profile, calm [...] (PETER, 2012)



frustra. Por um lado, eu não gosto de shopping centers e eu acho que eles me entediam, por outro lado, se às vezes você quer ir a um shopping center, você, é melhor do que ir para Recife, João Pessoa [é melhor], e Recife é uma rota terrível, péssimas estradas [...] (PETER, 2013)<sup>104</sup>

O discurso de Peter cria situações dicotômicas de reflexão quanto ao seus próprios anseios e sentimentos. Se, por um lado, essa frustração configuraria uma posição eurocêntrica e focada em um centro urbano avançado e moderno, por outro lado, mostra que ele não busca essas características na cidade que escolheu para morar, mas precisamente uma imagem oposta. Aqui, a percepção quanto a uma potencial necessidade do morador local e de uma prática social denota a sua escolha pela cidade.

Outro item submetido ao julgamento e seleção do local de morada é o fator climático, já discretamente apontado nas palavras de Robert em referência ao azul do mar e, aqui, mais veementemente destacado na narrativa de John:

[ ] e o clima ajudou também [...] mas [ ] o clima [em MG] era igualzinho ao da Inglaterra e o grande problema lá era que as casas não eram adaptadas para o frio, e **eu não conseguia suportar** o frio e a chuva [...] eu nunca conseguia ir para a cama sem estar vestindo todas as minhas roupas, além disso, eu usava luvas, coisas desse tipo, cobertores, e eu nunca tinha feito isso na Inglaterra, mas é claro as casas são construídas de uma forma diferente e elas têm sistemas de aquecimento [...] uma ideia estereotipada do Brasil, é o sol, é o sol, são as praias, é o clima quente [...] então eu disse ‘Olha, João Pessoa é calor garantido, [ ] mais do que isso’ [...] (JOHN, 2012)<sup>105</sup>

---

<sup>104</sup> I guess it's like the little things, like more cinema, for example. There's one or two cinemas in João Pessoa, those kind of things that, frustrate me. On the one hand, I don't like shopping centers and I think they annoy me, but on the other hand, if sometimes you wanna go to a shopping center, you, it's better than going to Recife, João Pessoa [is better], and Recife is [a] terrible journey, terrible roads [...]. (PETER, 2013)

<sup>105</sup> [...] and the climate helped as well [...] but [ ] the climate [in MG] was just like England's and the big problem there was that the houses were not adapted to the cold, and **I could not stand** the cold and the rain [...] I never went to bed

O clima representa um dos fatores influentes na escolha pela capital paraibana, pois o que John estava vivendo em Itajubá causava-lhe insatisfação e lembranças do que lhe desagradava sobre o clima na sociedade de origem: o frio e a chuva. Condições climáticas desfavoráveis e que não estavam aliadas às estruturas arquitetônicas em que ele e sua família se encontravam foram preponderantes na decisão de mudança. A recorrência do vocábulo ‘sol’, no decorrer do discurso de John, mostra como há uma ênfase em destacar o astro-rei como fator delineador nas motivações para a mudança. Simbolicamente, o sol pode ser interpretado como elemento de fertilidade, fonte de luz, calor e vida (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996), os dois últimos itens representando exatamente o que ele não conseguia visualizar ou sentir em Itajubá. Chevalier e Gheerbrant (1996, p. 951) apresentam o sol através da carta do Tarot como a “expressão de felicidade do indivíduo que está em comunhão com a natureza”, traduzido, precisamente, na dedicação dele para com sua família ao buscar na cidade de João Pessoa a sua nova morada, a cidade onde ‘o sol nasce primeiro’.

O sol e o calor são algumas das inspirações físicas que exercem poder de atração sobre esses sujeitos para localidades como João Pessoa: “ahhh [pl] eu gostei do estilo de vida e do clima, e das pessoas. Eu gosto do estilo de vida da praia [...] eu definitivamente prefiro os climas mais quentes e a praia, então essa seria uma outra razão, talvez” (PETER, 2012)<sup>106</sup>. Além disso, diante das funções apresentadas, o local passa a ser o que Garcês (2006) chama de “identificador”, pois, não somente localiza geograficamente o sujeito como o define de acordo com as funções por ele estabelecidas, no caso, um local de clima ameno, como afirmado por Peter (2012). Discurso semelhante é compartilhado por Robert: “eu sei, como aqui, eu gosto da luz do sol [...] (ROBERT, 2013)<sup>107</sup>. Sol, luz solar, simbologias que reportam-se a um cenário que, potencialmente, não seria possível nas cidades inglesas de clima chuvoso e cinzento, de onde Robert, Peter e John vêm. Uma vez no

---

ever without all my clothes on, plus I had gloves on, things like that, blanket, and I never ever did that in England but of course the houses are built in a different way and they have heating systems [...] a stereotypical idea of Brazil, it's the sun, it's the sun it's the beaches, it's the hot weather [...] so I said 'Look, João Pessoa is guaranteed heat [ ] more so' [...] (JOHN, 2012)

<sup>106</sup> Ahh [pl] I liked the lifestyle and the climate, and the people, I like the beach lifestyle [...] I definitely prefer the hot climates and the beach and so that would be another reason, maybe. (PETER, 2012)

<sup>107</sup> I know, like here, I like the sunshine [...] (ROBERT, 2013)

Brasil, esses cidadãos tem acesso a uma fonte de energia advinda da natureza que remete à vida, à renovação, a novas experiências.

Através do meio ambiente, configuram-se as partes identificáveis da necessidade e justificativa de mudança. A cidade insere-se em um contexto que intersecciona identificação, realização pessoal e climatológica. A praia é apropriada pelo sujeito como o espaço de integração entre ele e o local:

mas é porque eu gosto da praia então eu poderia viver, por mim, onde eu vivi. De volta a sua pergunta, Prestwood, o vilarejo onde eu cresci, é o local na Inglaterra, ou é perto do local na Inglaterra que fica **mais distante** da praia no país todo e é tipo, apenas duas ou duas horas e meia. Não é, mas, porque a Inglaterra é uma ilha relativamente pequena, a maioria dos lugares em que vivemos são próximos da praia, mas onde eu vivi, por coincidência, era relativamente distante da praia, e o clima, de qualquer maneira, era terrível na Inglaterra. Mas eu gosto muito da praia e do mar, eu gosto de poder ver o mar, pacífico [/] (PETER, 2013)<sup>108</sup>

Evidentemente, ao enunciar a relação entre ‘estilo de vida’ e ‘praia’, Peter, provavelmente não se dá conta do quão relevante a simbologia do vocábulo ‘praia’ representa para a sua fala. Ao pensar semioticamente em praia como um local de lazer, remeto o vocábulo a um campo semântico e imagético que pode compreender uma localidade de águas verdes ou azuis, com uma margem de areia, branca ou escura, onde podemos nos sentar ou repousar sob o sol e fazer bom uso da sensação de relaxamento e superação de tensões. Um espaço democrático de socialização onde ricos e pobres, crianças e adultos se igualam, tanto em vestimentas, quanto no desejo de aproveitar momentos de lazer. Noto que Peter, ao final de sua fala, hesita um pouco na confirmação de que o estilo de vida e o clima foram

---

<sup>108</sup> But it’s because I like the beach so I could live, for me, where I lived. Back to your question, Prestwood, the village I grew up in, is the place in England, or it’s close to the place in England which is the **furthest** distance from the beach in the whole country and it’s only like two or two and half hours. It’s not, but, because England is quite a small island, most places we live are close to the beach but where I lived, by coincidence, was quite a long way from the beach and the climate was terrible anyway in England. But I really like the beach and the sea, I like being able to see the sea, peaceful [/] (PETER, 2013)

preponderantes na sua escolha pela cidade, deixando a impressão de que a afetividade pela esposa foi, de fato, o elemento mais influente na decisão.

Através dessa proposição pictórica, elabora-se o estereótipo do litoral Nordeste do Brasil, com suas praias paradisíacas de águas mornas e rasas, clima aprazível onde não há, potencialmente, necessidade de preocupação. A noção de um ‘estilo de vida da praia’ remete à ideia de um estilo de vida livre de grandes preocupações e estresse e que não tem, aparentemente, preconceitos. Esse estilo também é associado a uma temperatura agradável aos sentidos daqueles que já experimentaram temperaturas abaixo de zero, como os rigorosos invernos na Inglaterra.

Partindo do pressuposto de que em seu país de origem o clima impossibilita um contato maior com a luz solar, para Robert, estar em uma localidade onde a ocorrência de chuvas é baixa, configura-se em uma realização pessoal. Do ponto de vista imagético, a figura do sol representa luz, calor e vida (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996), elementos que ele necessitava em virtude da sua experiência desfavorável com sua saúde na cidade de São Paulo.

Há um *continuum* estabelecido na associação entre ‘estilo de vida’ e ‘local de circulação’, refletido na presença da praia e da luz solar como lugares que são, ao mesmo tempo, de desejo e de realização. Muito das nossas escolhas pode ser revelado, através dos nossos discursos, pela relação entre mundo interior – autorepresentações e representações de desejos – e o mundo exterior – o que almejamos.

Hoey (2009), em pesquisa com moradores do nordeste do Michigan, expõe que os relatos autodefinem-se tanto em relação às subjetividades, quanto ao local escolhido. Para o autor (HOEY, 2009, p. 34), “migrantes por estilo de vida reconhecem o papel essencial do local ao criar um senso de *self* duradouro”. Benson e O’Reilly (2009) explicam que a escolha pelo local revela muito sobre a posição social e material na construção que o sujeito promove de si. Então, era chegado o momento de conhecer a cidade que figurava nas listas dos *websites* em que John pesquisou sobre as melhores cidades para se viver:

[...] então tomamos uma decisão, nós dissemos ‘ok então, vamos passar o Natal e o Ano Novo’, seis semanas no total, e vamos investigá-la, vamos pesquisá-la em detalhes, olhar em todos os locais e vamos descobrir sobre João Pessoa. Então fomos de carro, foi uma jornada fantástica.

(JOHN, 2012)<sup>109</sup>

Durante o verão, período compreendido entre dezembro e março no hemisfério sul, a região nordeste do Brasil, onde a cidade de João Pessoa está localizada, apresenta uma temperatura que varia entre 34 e 36 graus, com céu claro e poucas ocorrências de chuvas. Um clima ameno que facilmente acolheria os anseios desse inglês e de sua família.

A narração do percurso realizado de carro transporta todo o sentimento de entusiasmo de John, que classifica-o como “uma jornada fantástica”, expressão que é retomada mais de uma vez durante a narrativa. Chevalier e Gheerbrant (1996, p. 557) asseveram que “jornadas simbolizam aventuras e buscas, que podem variar desde riqueza ao conhecimento”. De acordo com os autores, ao termo ‘jornada’, utilizado por John neste contexto, podemos atrelar à noção de peregrinação, como se a viagem para João Pessoa, partindo de Itajubá, lembrasse a busca pela ‘Terra Prometida’.

Na verdade, é o alcance do local onde ele poderia experimentar o, até então, somente expresso em desejo, também ilustrado na fala de Steve, por exemplo, “eu quero ir, porque eu fiquei com essa, esse desejo de conhecer Brasil” (STEVE, 2012). Viver aqui, cercado por uma cidade de clima ameno, onde o sol é predominante, é a manifestação física do desejo. Além disso, o uso do termo ‘jornada’ pode remeter à expressão de uma necessidade de mudança, deslocar do antigo para o novo, o que os aguarda após a viagem. Corroborando esta noção, Chevalier e Gheerbrant (1996, p. 557) citam: “jornadas são evidências de ausência de satisfação, que estimulam a busca e a descoberta de novos horizontes”. Acredito que as jornadas que Peter, Kevin, Gary, Robert, Steve e John traçaram, e vêm percorrendo ao longo do tempo com suas famílias, foram repletas de riqueza, talvez não uma riqueza material ou financeira, mas uma que lhes oportuniza saúde física e mental, bem como capital cultural.

A descoberta de novos horizontes igualmente implica em novos olhares. Desse modo, a forma como John os relata mostra uma atomização da experiência em ser afetado pelas localidades por onde passou ao descrever seu percurso. Donna Haraway (1995, p. 20) expõe que há uma “particularidade e corporificação de toda visão” e essa

---

<sup>109</sup> [...] so we made a decision, we said ‘ok then, let’s spend Christmas and New Year’, six weeks in total, and let’s investigate it, let’s run it to the ground, look everywhere and let’s find out about João Pessoa. So we drove up, it was a fantastic journey. (JOHN, 2012)

noção de particularidade é evidenciada na forma como John corporifica sua visão e experiência de viagem sobre determinados lugares por onde passou:

levou quatro dias. [...] foi uma jornada fantástica e eu vou lembrar dela pelo resto da minha vida. Eu vi partes do Brasil que eu sei que ninguém mais já viu, e apesar de estarmos nas estradas principais. **Fantástico!** Eu vou lembrar até hoje, nós chegamos à João Pessoa e nós, nós dirigimos até a ahhh estrada entre Recife e João Pessoa, e não era moderna como é agora, e então eu lembro estar dirigindo sobre um morro e eu vi a cidade à distância e existia uma pequena estrada secundária. Eu vou lembrar até hoje a primeira vez que eu saí do carro, e lembre-se que nós estávamos em um carro com ar-condicionado, e o calor fez-me sentir como se estivesse em uma **explosão atômica**. (JOHN, 2012)<sup>110</sup>

John personaliza o momento de sua chegada de tal forma que exclui a possibilidade de qualquer outra pessoa ter tido aquela mesma experiência. O que posso inferir nessa situação é que, embora outros possam ter transitado por aqueles espaços, as experiências não podem ser comparadas as que ele teve quando as vivenciou, já que se considera uma espécie de ‘desbravador’. Assim, a materialização do desejo realizado de um novo horizonte ocorre quando ele relata o primeiro momento em que sente o calor. A sensação é de contraste ao sair do veículo climatizado e deparar-se com o ambiente quente externo que, ao seu ver, já corresponde a um calor extremo, já que ele alude à manifestação intensa de calor de uma explosão, para descrever a sensação que teve ao deixar o interior do veículo.

Avistar ao longe a cidade de João Pessoa é a concretização visual, e física, da sua chegada. A memória da chegada é relembrada por

---

<sup>110</sup> It took four days. [...] it was a fantastic journey and I will remember it for the rest of my life. I saw parts of Brazil I know no one else has seen, and though we were on the main roads. **Fantastic!** I will remember to this day, we got to João Pessoa, and we, we drove to the ahhh the road between Recife and João Pessoa, and then, it wasn't modern like it is now, and then I remember driving over this hill and I saw the city in the distance and there was little a road side calf. To this day I will remember the first time I got out of the car, and remember we were in an air-conditioned car, and the heat it felt like I was standing in an **atomic blast**. (JOHN, 2012)

ele com muito regozijo no momento presente e enfatizada durante o discurso. Ao contrário do que ele havia recusado, ao citar que não havia uma “varinha mágica” no processo de escolha por João Pessoa, a chegada à cidade indicava, como num passe de mágica, a resolução para seus descontentamentos, a despeito do calor “atômico” que o recepcionava.

Apesar de declarar não ter um explicação, que não seja a esposa, Robert usa os contatos como uma das justificativas para a vinda:

por que João Pessoa? Eu acho que a Paula tem alguns, não, Paula tem alguns amigos aqui, eu tenho alguns contatos aqui, e pareceu, eu acho que [João Pessoa] tem um histórico de atrair aposentados [r]. Ééé, eu não sei porque, eu gosto daqui, João Pessoa. Aqui é Cabedelo, você sabe. Mas é bem ao lado de João pessoa. (ROBERT, 2013)<sup>111</sup>

Além disso, a localidade parece atrair o sujeito que procura um estilo de vida de aposentadoria, isto é, uma vida menos turbulenta, mais relaxada. Ainda que o sujeito não esteja aposentado, como é caso de Robert, ele se antecipa e procura o local que satisfaça suas futuras necessidades. Por estar localizado na região chamada Grande João Pessoa, o município de Cabedelo alia os benefícios de uma localidade com praia e calma, à proximidade da cidade maior.

Para Peter, a ida para João Pessoa foi uma concorrência de interesses pessoais e circunstâncias acadêmico-profissionais estabelecidas entre ele, enquanto estudante de Letras da Universidade de Leeds, e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizada na capital do estado paraibano, com a qual a Universidade de Leeds mantém relações de permuta acadêmica: “[...] o curso que fizemos era, no curso funcionava assim, eu fiz Letras, e eu estava cursando Francês e Português [...]” (PETER, 2012)<sup>112</sup>.

Steve, por outro lado, esteve, durante muito tempo, dividido entre as cidades de Recife, em decorrência de sua ocupação, até a aposentadoria, do Conselho Britânico, e João Pessoa, devido ao vínculo

---

<sup>111</sup> Why João Pessoa? I think Paula has some, no Paula has some friends here, I have some contacts here, and it just seemed, I think it has a history of attracting [ ] retirees [r]. Yeah, I don't know why, I like it here, João Pessoa. This is Cabedelo, you know? But it's right next to João Pessoa. (ROBERT, 2013)

<sup>112</sup> [...] the course we did was, I did languages, and I was doing French and Portuguese [...]. (PETER, 2012)

empregatício da esposa. Quando pergunto sobre sua vinda em definitivo, ele explica que havia passado três anos executando o percurso entre as cidades, porém e é corrigido por Marina, sua esposa, que informa que o período foi de dois anos e meio. Após o comentário de Marina, Steve retifica e detalha mais sobre os deslocamentos entre as cidades:

dois e meio. E a gente ficava no apartamento, aqui perto, da irmã da Marina. E quando ela começou a ter mais horas, assumiu outras responsabilidades aqui em João Pessoa, a gente continuava lá, e era cômodo, né? Mas, por vários motivos que tem que ver com a família da Marina, a mãe dela, né? Tínhamos que [ ], bom, já tínhamos esse apartamento, mas ‘tava’ alugado [ ] então começamos a morar, parcialmente, em João Pessoa em 2006, quando voltamos, e de vez, de vez, no começo do ano passado. Um ano e meio, ou seja, é só morando aqui. E não, não, eu acho que foi uma excelente decisão, estivemos agora no Recife e Recife não dá mais, realmente. (STEVE, 2013)

A cidade, enquanto espaço urbano de funcionalidade e habitação, também orbita a sociabilidade, já que a família da esposa de Steve lá mora. Estratégias familiares como o suporte que a irmã de Marina provia através da permanência do casal em seu apartamento, o emprego da esposa na cidade de João Pessoa, os cuidados com a família da esposa, o fato de já possuírem um apartamento que pertencia ao casal são alguns elementos que exercem força de atração. A mudança em definitivo reflete uma necessidade baseada na conjugalidade e, por extensão, na família, na forma de apoio aos familiares da esposa e suas necessidades intrínsecas. Além disso, são ressaltadas, igualmente, características negativas em relação à permanência na cidade de Recife que, conseqüentemente, reforçam o apelo afetivo por João Pessoa.

É interessante ressaltar a percepção de que vir para o Brasil, independentemente da região, estado ou cidade, apresentaria uma marca de aventura, um entusiasmo em relação a um país que figura no imaginário europeu como o país ‘exótico’ e, assim, desperta a curiosidade dos cidadãos que desejam visitá-lo. Reúno agora vários relatos que dispõem do termo ‘aventura’ associado ao deslocamento:

[...] eu tenho esse senso forte de um pouco de aventura, só um pouco de aventura, você sabe?



Por que não o Brasil? (ROBERT, 2013)<sup>113</sup>

[...] eu podia escolher ir para um país por um ano e um país por um semestre e eu escolhi ir para o Brasil por um ano simplesmente porque eu nunca havia ido e eu achei que era emocionante [...] (PETER, 2012)<sup>114</sup>

[...] minha motivação inicial era por aventura, eu queria ir para um país diferente, ter experiências diferentes [...] (GARY, 2012)<sup>115</sup>

[...] me juntei com dois – foi uma experiência fenomenal – me juntei com dois amigos, construímos uma casa, com teto de palha, numa, num lugar como Costinha, de, digamos, de 30 anos atrás. Não era favela, era uma vila de pescadores. Construímos um barco e fomos. Nos lançamos a pescar, na boca do rio Madalena, meu interesse era aventura e também, eles disseram sempre: ‘Depois de pescar um pouco, vamos montar [juntar] um pouco de dinheiro e vamos para Brasil’. ‘Vão para Brasil’, eu achei, ‘é, eu acho que Brasil deve ser interessante’. Esse espírito de aventura [...] (STEVE, 2012)

Viver em um país estrangeiro parece satisfazer o desejo inerente em fazer algo diferente, em ser diferente, em desviar da norma. Escolher viver no Brasil, para Peter, por exemplo, simultaneamente promove esse desejo de aventura e proporciona a sensação de segurança, uma vez que seria apenas por um ano e, se ao final desse período não desse certo, ele teria o regresso à Inglaterra garantido, como um porto seguro. Para Gary e Steve, as representações inglesas e estadunidenses do Brasil estariam pautadas no exotismo e no desconhecido, que, por sua vez, expressam e clamam ousadia e emoção, produzindo um saber estilizado. São construções de uma comunidade imaginada brasileira repletas de simbolismos, alguns frutos da imaginação do narrador, outros baseados em realidades, e que, muitas vezes, são significados compartilhados com outros grupos sociais. Um saber que somente pode

---

<sup>113</sup> [...] I have that strong sense of a little adventure, just a little adventure, you know, why not Brazil? (ROBERT, 2013)

<sup>114</sup> [...] I could choose to go to one country for a year and one country for a semester and I chose to go to Brazil for a year purely because I'd never been before and I thought it was exciting [...] (PETER, 2012)

<sup>115</sup> [...] my motivation primarily was adventure, I wanted to go to a different country, have different experiences [...] (GARY, 2012)

ser verificado *in situ*, quando do estabelecimento do contato com seus habitantes e, inexoravelmente, com as culturas brasileiras. Vir para cá é um empreendimento que envolve sonhos e, a princípio, incertezas, mas que com o passar do tempo revela sucesso e realização.

Enquanto John (2012) coloca sua memória de chegada à cidade como uma experiência individual, Peter, por outro lado, posiciona sua memória na esfera coletiva e imanente, inserindo no discurso aqueles que o acompanharam na viagem para a cidade:

eu sempre lembro que nós, a primeira vez que vimos, voamos para cá, tínhamos que voar de Londres para o Rio ou São Paulo e de lá subir para João Pessoa. E naquela época havia pouquíssima informação sobre João Pessoa no guia turístico, ainda não tem muita. (PETER, 2012)<sup>116</sup>

No trecho acima, noto que críticas são realizadas quanto ao longo trajeto, apontando que, para chegar ao Nordeste do país, os voos advindos de Londres primeiro tinham que se deslocar para algum aeroporto do Sudeste do Brasil – Rio de Janeiro ou São Paulo. Do mesmo modo, a ausência de informações turísticas em guias sobre a cidade é alvo da crítica de Peter: havia pouca informação turística e substancial que ‘daria conta do recado’, no que tangia a missão “emocionante” de vir para João Pessoa. Ressalto que a cidade está situada no corredor turístico entre dois estados de grande destaque em meio à seara do turismo, um ao norte e outro ao sul da Paraíba: Rio Grande do Norte, com a capital Natal, e Pernambuco, com a capital Recife. Mesmo assim, de acordo com a visão dele, as informações seriam ‘incipientes’ sobre a cidade que, no futuro, ‘cativaria’ a atenção de estudantes e dentre eles, o próprio Peter:

[...] mas nós sabíamos que era na praia. Nós sabíamos que deveria ser hmmm [ ] bonita [ ] mas quando aterrisamos no aeroporto de João Pessoa, meio que nos perguntando ‘onde diabos estávamos?’ Esse aeroporto muito pequeno, no continente, não conseguíamos ver a praia, e, eu vou sempre lembrar que foi um pouco, um pouco,

---

<sup>116</sup> I always remember when we, the very first time we came, flying in, you had to fly from London to Rio or São Paulo and then up to João Pessoa. And then the tourist book, there is very little information about João Pessoa, still is not very much at all. (PETER, 2012)

um choque. (PETER, 2012)<sup>117</sup>

A informação sobre a cidade, que é passada a Peter, constitui-se em uma imagem associada a um cenário paradisíaco praiano que parece, momentaneamente, ocultar-se quando da chegada no aeroporto<sup>118</sup>.

A digressão expressa na hesitação seguida de pausa, representa, enquanto recurso linguístico, uma forma de evitar a afirmação decisiva sobre a beleza da cidade, ainda que, posteriormente, em outra fala, a hesitação seja abandonada em detrimento à preferência pela cidade. A chegada de avião é, indiscutivelmente, diferente da chegada de carro (realizada por John). Aqui ela é representada pelo aparente choque de um aeroporto pequeno e pela impossibilidade de captar o elemento visual que estaria conectado à imagem da cidade: a praia.

Outro detalhe é que a primeira viagem de Peter foi realizada no ano de 1999 e, a despeito dos notáveis avanços da *internet*, parece-me que, como viajante, ele preferiu ater-se ao guia turístico, enquanto dispositivo provedor de informações, ao passo que, em 2005, quando John decidiu deslocar-se, a passeio, para João Pessoa, a *internet* foi o seu dispositivo primevo de dados, com sucesso.

Eleger uma localidade diferente da que foi vivenciada em boa parte da sua vida pessoal e profissional, parece ser a opção dentre cidadãos que se aposentam na faixa etária compreendida entre 50 e 60 anos, considerada economicamente ativa<sup>119</sup>, segundo informações do IBGE e da AARP<sup>120</sup>. João Pessoa parece deixar a impressão de um espaço que atrai aposentados:

peças com cabelo grisalho, e que estão buscando se estabelecer, pode soar como um

---

<sup>117</sup> [...] but we knew it was on the beach, we knew it was meant to be eeehhh [ ] beautiful [ ] but when we came to land into João Pessoa airport, kinda wondering 'where the hell are we'? This very small airport, in land, couldn't see the beach really, and, I always remember that was a bit of, a bit of a shock. (PETER, 2012)

<sup>118</sup> Vale ressaltar que o Aeroporto Internacional Presidente Castro Pinto (JPA) atende a cidade de João Pessoa, mas não se encontra nesta, estando localizado no município de Bayeux, adjacente àquela cidade e parte do que é chamada Grande João Pessoa.

<sup>119</sup> Informação disponível no site: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadore\\_sminimos/conceitos.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadore_sminimos/conceitos.shtm)>. Acesso em 12 jul. 2013.

<sup>120</sup> *American Association of Retired Persons* – Associação Americana de Aposentados. Informação disponível no site: <[http://assets.aarp.org/rgcenter/il/migration\\_2.pdf](http://assets.aarp.org/rgcenter/il/migration_2.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2013.

cliché, mas, desde que eu vim para cá e comecei a falar com as pessoas e a praia, muitas pessoas gostam de se aposentar aqui. (ROBERT, 2013)<sup>121</sup>

Seguindo este viés, o migrar, na situação descrita por John, não significava encerrar as atividades profissionais, ainda que estas sejam diferentes das originalmente por ele ocupada na Inglaterra, já que se aposentou como engenheiro civil e, hoje, em João Pessoa, trabalha como professor de inglês. Na visão de Robert, o deslocamento, de um país para o outro, sinaliza também uma oportunidade de envelhecer ativamente, isto é, com uma ocupação profissional.

Até mesmo o deslocamento de uma cidade para outra, no caso de Steve, após a aposentadoria, não traduz-pela interrupção das atividades:

não [trabalhava quando cheguei a João Pessoa]! Bom, depende. Eu me classifico como escritor agora, né? Então para mim, isso é trabalhar. Aliás, trabalhar mais que antes. Não existe fim de semana. (STEVE, 2013)

O fato é que, ao se aposentarem, os indivíduos procuram um lugar onde possam realizar suas tarefas diárias sem preocupações com trânsito, violência, clima instável. É uma busca de um espaço que se assemelhe quase a uma ‘estação de férias’ constante, onde possam ter lazer e, provavelmente, olvidem o estresse da vida profissional que levavam.

O deslocamento por estilo de vida desfoca as fronteiras entre migração, na forma clássica, e turismo, enquanto período de viagens para o lazer e entretenimento. As identificações dos sujeitos estrangeiros misturam-se entre moradores e turistas, muito embora os primeiros tenham residência fixa, já que se deslocam procurando locais que vão lhes proporcionarão uma qualidade de vida semelhante à vida em um momento de férias. Esses são quesitos que João Pessoa vem preenchendo nos últimos anos.

As memórias de John, Peter, Kevin, Gary, Steve e Robert, quer seja de forma individual ou coletiva, trazem o que há de mais subjetivo na percepção de chegada: o prazer em estar em uma localidade onde eles querem estar. Tanto é que vem a ser descrita por John como “[...] algo

---

<sup>121</sup> People who got gray hair, and are looking to settle down. It might sound like a cliché, but since coming here and talking to people, and the beach, a lot of people like to retire here. (ROBERT, 2013)

que realmente mudou a minha vida [...]”(JOHN, 2012)<sup>122</sup>. Independentemente dos percalços que tiveram para alcançar essa chegada, é na nova cidade em que os sujeitos são recompensados mental, física e interpessoalmente.

Ainda que a cidade conte com o inevitável crescimento populacional, é nela que eles desejam permanecer, como será abordado em detalhes adiante.

### “EU PREFIRO FICAR AQUI”

Há uma constante analogia estabelecida entre o Brasil e ‘clima quente’ nos discursos. O clima temperado e o – suposto – estilo de vida brasileiros figuraram em posições semelhantes: elementos representativos dentre os fatores elencados como motivadores na seleção e permanência em João Pessoa, a cidade em que desejam morar. A busca por uma cidade com essas características, eventualmente, pode sinalizar um escape do clima instável para um clima menos propenso a temperaturas variáveis. Muito embora alguns tenham considerado a possibilidade há algum tempo atrás, em virtude de pequenos abalos profissionais, noto um escape bem sucedido já que nos dias de hoje todos residem em João Pessoa e não desejam retonar. Quando questiono Gary (2012) se já considerou um retorno aos Estados Unidos ele responde que sim, muito embora “não com muita seriedade”<sup>123</sup> e que os motivos seriam decorridos de relações pessoais de trabalho que lhe causaram mal-estar.

Além do clima e das relações pessoais, outras razões podem despertar um potencial anseio pelo retorno ao país de nascença, o que eu vou chamar de ‘fantasma do retorno’. O ‘fantasma do retorno’ é um ‘sentir falta’, uma espécie de saudosismo que não representa, necessariamente, um desejo veemente de retorno à sociedade de origem. Uso o termo ‘fantasma’ pois entendo que este possa refletir um sentimento que ‘paira’ nas vidas desses sujeitos em algum momento de suas trajetórias e, muitas vezes, não é encarado como real e, na qualidade de lembrança de uma possibilidade, ele é negado diante da família ou amigos. O ‘fantasma do retorno’ é um dilema advindo de experiências transnacionais e alguns fatores o desencadeiam como:

---

<sup>122</sup> [...] something that really changed my life [...] (JOHN, 2012)

<sup>123</sup> Yes, but not very seriously. [...] Oh, partly, problems caused by certain colleagues at the university. (GARY, 2012)

dissabores pessoais, o choque cultural e local com a nova sociedade, a política migracionista e as necessidades familiares de regresso. Porém, ao longo do processo de convivência e experiência, o ‘fantasma’ é abandonado à medida em que as situações são contornadas e em detrimento da realização pessoal:

hmm, às vezes [penso em retornar] mas eu prefiro ficar aqui. Mas às vezes é uma questão de, as coisas aqui, são tantos os sacrifícios [...] Mas eu sinto, eu sinto que aqui eu posso viver pelo resto da minha vida, e fico completamente em paz comigo mesmo, porque eu gosto tanto daqui. (KEVIN, 2012)<sup>124</sup>

A vida no Brasil parece aludir a momentos de sacrifícios, mas que se mostram compensadores no final do dia. A despeito dos sacrifícios por Kevin mencionados, a mudança promove a sensação de satisfação pessoal, como se a busca por um local idealizado para morar, diferente dos locais de nascimento e de outras estadias, tivesse alcançado um fim. As trilhas percorridas até a fixação e o recomeço traduzem um cruzar de fronteiras pessoais, como em um empenho que os empodera, uma vez que não seria apenas de forma física, mas espiritual, promovendo a articulação do local com o sujeito na apreensão de harmonia interior, formando uma relação entre migração e transformação do *self*, transformação no sentido de apagar as experiências negativas passadas, através da vivência, por vezes, desagradável, para ser uma pessoa com novas experiências, uma pessoa diferente.

O que faz o estrangeiro permanecer na cidade vai além das insatisfações geradas e superadas. O posicionamento histórico e cultural que a cidade ocupa globalmente funciona como o peso que equilibra a balança, como destaca Kevin:

muito embora, às vezes, aquilo possa ser mal interpretado, porque as coisas meio que se atrofiam, as coisas meio que congelam. As coisas poderiam desenvolver-se, mas eu acho que existe muita cultura, de sua história, e é isso que eu gosto muito. E também o fato de que não existe muita violência aqui, é um vilarejo relativamente

---

<sup>124</sup> Ahm, sometimes but I would prefer staying here. But sometimes it's a question of. Things here, there is so much of sacrifice [...] But I feel, I feel that I can live here for the rest of my life, and feel completely be at peace with myself, because I like here so much. (KEVIN, 2012)

pequeno, uma cidade [...] (KEVIN, 2012)<sup>125</sup>

A representação do local permite uma investigação conceitual, social e física das relações espaciais estabelecidas pelos sujeitos. Observo aqui uma relação entre tempo nacional e global, envolvendo tanto o presente quanto o futuro, de forma antagônica. Se por um lado Kevin destaca que a cidade tem capacidade para se desenvolver, muito provavelmente econômica e politicamente, ele também aponta, por outro lado, que a cultura e a história são fatores que despertam seu interesse. O espaço urbano é social e linguisticamente produzido num campo semântico de características negativas (atrofiar, congelar) e positivas (desenvolver, cultura, história, ausência de violência) que se sobrepõem ao discurso, porém sem afastar o narrador do local.

Além disso, processos de significação e ressignificação do espaço, isto é, as constituições simbólicas que o espaço representa para o sujeito, desencadeiam relações de identificação e de pertencimento com a localidade. No decorrer da sua estadia, são observados detalhes sobre a cidade, como sua evolução desde a época de chegada até o momento da entrevista, o que traduz uma vontade de permanência:

[...] ainda hoje, João Pessoa, cinco anos atrás, existe uma diferença incrível, entre a João Pessoa de cinco anos atrás e a João Pessoa de hoje, mas nós gostávamos da João Pessoa de cinco anos atrás [...] (JOHN, 2012)<sup>126</sup>

Sobre a cidade de João Pessoa de cinco anos atrás, quando comparada a do ano de 2012, John identifica vários sinais de diferença, provavelmente, no sentido de ter aumentado em volume populacional, e de mudanças arquitetônicas e na malha urbana. Ele destaca uma grande variação, porém salienta que foi a imagem da cidade de João Pessoa do passado que atraiu a ele e a sua família e que, ainda hoje, eles encontram-se satisfeitos.

Através das narrativas, percebo que espaço e sujeito não podem ser dissociados; na verdade, eles devem ser posicionados no âmbito

---

<sup>125</sup> Although, sometimes that can be misunderstood, because I think things have sort of atrophy, things have sort of frozen up, things could develop but I think there is a lot of culture, from its history, that's what I like it a lot. And also the fact that there is not a lot of violence here, it's a relatively small town, a city [...] (KEVIN, 2012)

<sup>126</sup> [...] even now, João Pessoa, five years ago, there is an incredible difference, between the João Pessoa of five years ago and the João Pessoa of today, but we liked the João Pessoa of five years ago [...] (JOHN, 2012)

relacional, afinal, um está em constante interação com o outro, ainda que seus efeitos não sejam, em alguns momentos, fisicamente visíveis, ambos são afetados pelas relações de vivência ao longo do tempo em que estão em contato.

É mister ressaltar que, na fala de John acerca da comparação entre a João Pessoa de hoje e a de cinco anos atrás, observo o que Émile Benveniste denomina como o “tempo do locutor”, isto é, “duas referências temporais, que estão necessariamente explicitadas num significante e fazem aparecer o presente à sua volta como uma linha de separação entre o que já não é presente e o que irá sê-lo” (1965 *apud* LE GOFF, 1990, p. 184). De modo sucinto, poderia indicar que, a despeito das mudanças que a cidade tenha passado, para ele, John e locutor, é a cidade com tempo cronológico de cinco anos atrás que desperta a sua atenção até os dias atuais.

A existência de um maior volume de estrangeiros é apontada como um fator que parece aproximar a melhoria da cidade e sua popularidade, além, é claro, de um acréscimo na competitividade nesse nicho ocupacional. Peter demonstra isso ao mencionar:

[...] João Pessoa tem mudado muito e para melhor no tempo em que estou aqui. E eu acho que existem, cada vez mais e mais, estrangeiros aqui. Eu acho que está se tornando mais popular, especialmente em Intermares que está cheia de *gringos*” (PETER, 2012)<sup>127</sup>.

A presença, cada vez mais constante e crescente, de estrangeiros em sua vizinhança parece funcionar como um dispositivo que auxilia Peter na reafirmação da escolha do seu novo território de moradia, representando a escolha correta, uma vez que outros estrangeiros também a fizeram, fato que funciona como uma validação do outro em relação à manifestação da sua preferência. Nessa situação, em oposição à anteriormente apresentada pela narrativa de Steve (2012), ao termo ‘gringo’ é demarcada uma carga semântica positiva e sua utilização levanta a questão da identificação de Peter com o outro, não com o outro brasileiro, mas com o outro estrangeiro que opta por João Pessoa como local de residência. Seria afirmar que é na preferência e presença do outro que a sua escolha é legitimada.

Não obstante, a ausência ou a partida de estrangeiros retoma o

---

<sup>127</sup> [...] João Pessoa has changed a lot for the better in the time I’ve been here, and I think there’s now more and more foreigners here. I think it’s becoming more popular, especially in Intermares is full of *gringos*. (PETER, 2012)



‘fantasma do retorno’ e como este ‘assombra’ aqueles que permanecem: [...] muitas pessoas que eu conheci em 2006, 2007 não estão mais aqui, eles voltaram para a América, Noruega, Finlândia, Irlanda, Inglaterra, Escócia, eles voltaram, eu, praticamente, não vejo ninguém agora, e, de 5 anos atrás, eu, na verdade, não consigo nesse momento, eu não consigo pensar em nenhuma pessoa, não tem nenhum que venha instantaneamente à minha mente, eu não consigo dizer ‘tal pessoa ficou’, porque eu não saberia [...] (JOHN, 2012)<sup>128</sup>

Descrições de estrangeiros que retornam, se por um lado reforçam o ‘enraizamento’ e a força do retorno destes que para lá regressam, por outro simbolizam o afastamento dos que aqui perseveram em relação a sociedade de origem. Além disso, percebo na fala de John que nos primeiros anos de moradia na cidade ele possuía contatos com diversos estrangeiros, sinalizando que ele possa, nesse momento da adaptação, tê-los procurado em busca de uma rede de conhecimentos sobre a cidade ou, até mesmo, capital cultural.

Seguindo a linha de raciocínio das relações sociais constituídas espacialmente no meio urbano pelos migrantes, percebo que estas permitem-lhes estabelecer posicionamentos de sujeitos em relação aos espaços e aos grupos em que coexistem apontando, através da alteridade, diferenças nas relações de permanência e de retorno:

é, mais uma coisa, eu acho que relevante, muito importante, lá em São Paulo, trabalhando na Cultura Inglesa, e éramos vários professores com contrato do Conselho Britânico e eu lembro um deles, me disse: ‘Steve eu sinto tanta falta da Grã-Bretanha, eu sou casado com brasileira como você mas, eu sei, eu sinto falta da Grã-Bretanha’. E sabe que Grã-Bretanha tem essas coisas, ‘eu vou voltar’. Eu achava, olhando essas pessoas que, e é também no Chile, no México. E eram pessoas assim divididas, à deriva, um pouco à deriva, porque estavam num lugar que gostavam, se

---

<sup>128</sup> [...] a lot of the people I met in 2006, 2007 are no longer here, they’ve either gone back to America, Norway, Finland, Ireland, England, Scotland, they’ve gone back, I hardly see anybody now, and, from 5 years ago, I can’t in fact, try at this moment, I can’t think of one person, there is not one comes instantly to mind that I can say ‘such and such stayed’, ‘cause I wouldn’t know [...] (JOHN, 2012)

casaram, falavam bem português ou qualquer, o espanhol, caso, mas não era[m], não se consideram plenamente brasileiros, e estavam com essa ‘ânsia’ de voltar. E quando olhava os filhos deles, eu achava que não era justo, porque criança gosta de uma certa, certeza, conservadores, as crianças, eles se adaptam mas querem essa certeza. (STEVE, 2012)

A convivência no meio profissional provoca reflexões que vão além do trabalho acerca do regresso à Grã-Bretanha e envolvem as consequências dessa volta para a família e, principalmente, para as crianças, herdeiras do casamento entre os ingleses e as brasileiras. O outro estrangeiro, que tem dúvidas sobre sua permanência é apontado como o outro hesitante, talvez até um pouco egoísta, pois desconsidera os sentimentos dos filhos nos processos decisórios. O sentir falta da sociedade de origem é antagonizado na fala de Steve como não se sentir brasileiro. O verbo sentir matiza diferentes sentimentos no sujeito que ao se encontrar dividido é posto na berlinda decisória perante a família e os amigos. O ‘fantasma do retorno’ paira de modo difuso no discurso, ora em decorrência de ordem profissional, ora por motivos alheios à vontade do sujeito e que possam ocorrer em momentos futuros mas que não foram definidos ainda.

Embora haja a possibilidade de retorno ao país de origem, sempre existirá o desejo de regresso ao Brasil, o que é reforçado na fala de Robert:

em algum momento no futuro eu considero retornar. Eu não sei. Eu realmente não sei. No momento não, mas você nunca sabe, você nunca sabe. Se a situação ditar que eu tenho que voltar, então eu vou voltar. Mas eu não iria querer ficar lá por muito tempo. [g] Eu gosto da ideia de viver aqui. Eu acho. Eu acho que gosto. (ROBERT, 2013)<sup>129</sup>

A oscilação entre a dúvida e a certeza evidencia a indecisão de Robert quanto a sua permanência no país, muito embora ele seja detentor dos documentos necessários que asseguram sua estadia e direitos no território brasileiro. O risco de modificação no sistema legal

---

<sup>129</sup> I do at some point in the future. I don't know. I really don't know. At the moment no, but you never know, you never know. If situation dictates that I have to go back, then I will go back. I wouldn't want to stay there for too long. [laugh] I like the idea of living here. I think. I think I do. (ROBERT, 2013)

quanto à condição de estrangeiro é perene e ele está ciente disso, apesar de não verbalizar. Não obstante, viver no Brasil figura o plano das ideias e mostra o reposicionamento do espaço desejado para morar, criando um efeito magnético a favor do país.

Conflitos pessoais gerados pela formação da família na sociedade-lar são trazidos à baila durante os processos de decisão de permanência, quando são questionados sobre a possibilidade de retorno:

hmm, não mesmo, meu, nosso filho, nosso filho sente muita falta da Inglaterra, eu acho. Agora ele está mais estabelecido aqui do que no começo, mas ele sente falta da Inglaterra mais do que, eu acho, eu ou minha esposa. Mas não, eu acho que não [consideraria retornar à Inglaterra], eu não sei o que aconteceria em relação ao meu emprego, não sei bem o que eu faria, se algo mudasse lá. (PETER, 2013)<sup>130</sup>

Sentimentos e preocupações têm na instiuição familiar o centro de referência e modelam o ‘fantasma do retorno’, possibilitando mais dúvidas em relação às possibilidades do mercado de trabalho e até mesmo da ocupação. Porém, a família<sup>131</sup> passa a ser elemento fortalecedor da permanência, visualizada como dispositivo agenciador de contatos e facilitador de práticas sociais e burocráticas, para aqueles que se encontram em uma situação categorizada por Ribeiro (2005) como “extraterritorial”. A extraterritorialidade, por sua vez, apresenta-se em uma esfera enigmática para os governos do século XXI. Ainda que os cidadãos estejam em um território diferente do de origem, eles, muitas vezes, não fazem parte, do ponto de vista legal e documental, daquele território e, por vezes, nem desejam fazer, pois almejam continuar na condição de ‘estrangeiro’, ainda que documentado<sup>132</sup>. E

---

<sup>130</sup> Ahm, no not really, my, our son, our son misses England the most, I think. He is now more settled here, than he was in the beginning, but he misses England more, I think than me or my wife. But no, I don’t think so. I don’t know what would happened work wise, don’t know quite what I would do, if something changes there. (PETER, 2013)

<sup>131</sup> No Capítulo Quatro devotei a seção “Minha esposa tem uma família enorme” para as relações familiares.

<sup>132</sup> O Departamento de Polícia Federal emite o documento denominado “Registro Nacional de Estrangeiros” (RNE), um documento que permite ao cidadão estrangeiro “na condição de temporário, permanente, asilado ou refugiado” permanecer e ser identificado no território brasileiro. Informações disponíveis no site:

isso poderia configurar um obstáculo a sua permanência.

Discursos associados às obrigações de cidadania que envolvem o sufrágio, isto é, a participação das decisões políticas do país, são realizados de forma crítica e, do mesmo modo, porque não como um indício de subjetivação cidadã, afinal em suas sociedades de origem o voto não constitui atividade obrigatória. Daí o desejo de prolongar a identidade documental de estrangeiro:

eu acho que eu poderia ser [naturalizado], mas eu teria que abrir mão do meu passaporte britânico, eu não quero fazer isso, nem quero particularmente votar, pelo menos por enquanto. (PETER, 2013)<sup>133</sup>

O processo de naturalização poderia implicar, potencialmente, na privação da sua liberdade de ação política e da sua associação identitária com a sociedade de origem, afinal, as noções de identidades nacionais e afiliações culturais e partidárias estão sujeitas as construções feitas pelos sujeitos acerca das nações de forma local ou virtual, em outras localidades fora dele.

A presença do imigrante em sociedade estrangeira envolve, essencialmente, duas percepções sobre sua condição legal: ou é estrangeiro, com permissão temporária de turista, ou é estrangeiro, com permissão temporária de trabalho. Não há possibilidade de meio termo, a menos que esteja na ilegalidade. Contudo, a identidade social, por vezes visível, já que características inerentes são evidenciadas de alguma maneira – física, linguística, cultural, religiosamente, etc. –, de ‘estrangeiro’ promove a percepção do *self* como não sendo de fora, não sendo um *outsider*, e torna mais estável a preferência pela continuidade no país. Entretanto, a despeito da virtual possibilidade de melhora de vida que a naturalização pode lhe conferir, a burocracia fala mais alto:

eu não [me considero um estrangeiro], eu acho que agora que eu ensino inglês o tempo todo as pessoas me veem como um estrangeiro. Pessoalmente, eu me sinto absolutamente parte da sociedade aqui em João Pessoa, Brasil e tal. Às vezes, as pessoas dizem que eu deveria me naturalizar e, na verdade, eu me naturalizaria aqui,

---

<<http://www.brasil.gov.br/para/servicos/documentacao/registro-nacional-de-estrangeiros>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

<sup>133</sup> I think I could be [naturalized], but I have to give up my British passport, I don't wanna do that, I don't particularly want to vote either so, for the time being. (PETER, 2013)

passar pelo processo de naturalização brasileiro, mas existe tanta burocracia, é infinito, e eu acho que existem tantos processos diferentes pelos quais você tem que passar, para fazer, e os benefícios, você sabe, seria legal, mas talvez um dia. Todo mundo vive dizendo que eu deveria, já que eu tenho um Mestrado e um Doutorado, então eu poderia, possivelmente, entrar na universidade federal. E todo mundo diz ‘você é burro se não fizer isso, porque você poderia ter uma vida muito mais fácil e tudo o mais’, mas... (KEVIN, 2012)<sup>134</sup>

O entendimento de que seus diplomas de aperfeiçoamento podem levar a uma vida ‘melhor’ – possivelmente aqui, esse advérbio pode ser compreendido no âmbito da estabilidade, quando comparada a vida no setor privado de ensino – está diretamente associado ao emprego público federal, que traduz uma prática social de vida sem muitas incertezas.

Muito embora a burocracia desencadeie sentimentos de frustração, as manobras estruturadas pelos órgãos responsáveis, que visam a legalização e estadia não representam empecilhos:

não, eu não acho que isso é dado aqui, você não tem dupla nacionalidade. Eu acho que minha esposa tem, mas eu não posso. Eu tenho apenas o, eu estou aqui por dez anos e então eu tenho que renová-lo de novo. (ROBERT, 2013)<sup>135</sup>

Muito embora à naturalização seja configurada uma imagem negativa e que implicaria em obrigações de cidadania as quais eles não desejam se envolver, após trinta e seis (36) anos de João Pessoa, ela

---

<sup>134</sup> I don't [consider myself a foreigner], I guess now that I teach English all the time people they see me as a foreigner. Personally I feel very much a part of the society here in João Pessoa, Brazil and such. Sometimes people say would you naturalize, and actually I would naturalize here, to undergo the Brazilian naturalization but there is so much paperwork, it's unending, and I think there are so many different processes that you have to undergo, to do, and the benefits, you know, it would be nice, but maybe one day. Everybody keeps saying I should, as I have a Masters degree and a Doctorate, then I could possibly get into the federal university and everybody says 'you're stupid if you're not doing it because you could have a much easier life and everything' but... (KEVIN, 2012)

<sup>135</sup> No, I don't think that's given here, you don't get dual nationality. I think my wife has, but I can't. I just have the, I am here for ten years and then I have to renew it again. (ROBERT, 2013)

aparece como uma forma de reconhecimento: “e eu fiquei e, no início desse ano, eu me tornei um brasileiro naturalizado” (GARY, 2012)<sup>136</sup>. A expressão de Gary mostra, em paralelo, um sentimento de satisfação com a nova situação. Caso o retorno seja eminente ou, de fato ocorra, paira no ar a noção de ‘estar sem rumo’ na sociedade de origem:

eu achava ‘puxa, eu acho que não vou voltar não, mas tenho que tomar uma decisão’. Só eu, internamente, não falava com ninguém. Eu acho que quero que meus filhos me considerem um acidente genealógico, que eu sou um pai que fala a língua deles com sotaque, que tem uma história estranha que chegou aqui no Brasil, mas que ficou, para dar o norte, digamos, na vida deles. E também para me sentir relaxado, quanto o meu futuro. Posso sair sim, posso ir pro Chile, mas volto, posso ir pra Cuba, mas volto, e erradicar essa noção que é romântica, que não existe, você não vai voltar para Grã-Bretanha. Para começar, vai ser um desastre financeiro, você não teria condições de comprar uma casa lá na Grã-Bretanha, você não teria os amigos que compartilham [compartilham] algo, as tuas experiências, a tua vida, vai ficar à deriva. Então esqueça disso. Eu realmente, eu acho que ajudou, como migrante, ajudou. Nas minhas características ajudou, porque dava um norte para a minha vida e para a vida dos meus filhos e assim foi. (STEVE, 2012)

Independente dos trânsitos, das circulações, o Brasil seria o porto seguro, o local de retorno ao qual, Steve e seus filhos poderiam recorrer. A expressão do retorno à origem é colocada na esfera de insucessos, afinal, toda uma carreira profissional, social e familiar havia sido construída na sociedade-lar. O regresso poderia significar mudanças drásticas que não representariam, necessariamente, solidez no reestabelecimento ocasionando um sujeito sem rumo, desgarrado da sociedade onde, curiosamente, havia nascido.

No Brasil, em situação oposta, Steve possui rizomas espalhados na figura de amigos, empregos, e, principalmente, filhos. O retorno é visto apenas na esfera do lazer ou com alguma função objetiva:

---

<sup>136</sup> And I stayed, and earlier this year I became a naturalized Brazilian. (GARY, 2012)

não [nunca pensei em retornar]. Nem gosto, e passar férias e fomos lá agora em, e quando me casei com Marina, meu alvo com ela, e se ela concordar claro, era visitar cada região da Grã-Bretanha e já fomos 5 vezes, cada dois anos. Bom o Conselho Britânico me dá a passagem e, se eu tiver que pagar, eu não vou. Juro que não vou. A última vez foi em fevereiro, para visitar um dos meus três filhos, ele mora na Irlanda do Norte, a última região que Marina não conhecia, então fomos visitar ele, e também lançar meu último livro em universidade. Então fomos a Grã-Bretanha. (STEVE, 2012)

Somente o fato de pensar em retornar mostra-se como uma ameaça à serenidade de Steve que repele a ideia de retornar para lá viver. As visitas aos familiares são unidas às necessidades funcionais, a partir do fornecimento da passagem e do lançamento do livro, acrescentando-se a participação da esposa tanto no tocante ao conhecimento gerado pela visita aos locais quanto aos processos de decisão das viagens.

Por outro lado, a alusão à uma potencial alienação para com o país de origem por estar em uma nação que já foi considerada periférica e hoje está em desenvolvimento, portanto, aparentemente, não parece garantir os mesmos serviços e regalias de países desenvolvidos, não assemelha-se a um obtáculo, tendo em vista o advento da tecnologia:

eu lembro, e também, é interessante, anedotalmente, eu pensava na época, ‘mas Steve você vai sentir falta dos jornais britânicos que chegavam’. Eu lembro que teve um semanário do *Guardian Weekly* que chegava com todas as notícias britânicas, ‘uau’, com todas as notícias, da televisão britânica, ‘uau que qualidade!’ É, mas apesar disso, ‘Steve teu futuro é aqui’. E não é que eu posso ligar a televisão agora, eu to vendo a BBC aqui, eu ligo a internet, eu vejo os jornais. (STEVE, 2012)

A globalização e a expansão dos meios de comunicação e tecnologias responsáveis pela disseminação midiática podem ser elencados como elementos alavancadores e mediadores nos processos decisórios e, igualmente, contributórios para a permanência dos sujeitos, pois tornam as barreiras de comunicação e locomoção mais escassas e estreitas.

Ainda que possam haver dúvidas, ao percorrer as trilhas na sociedade-lar, outras vantagens surgem:

aliás, eu tenho televisão melhor aqui que nos canais populares na Grã-Bretanha. Tenho, pra mim. Porque eu gosto de notícias, gosto de debates, gosto de coisas sérias, esse canal *high definition* da BBC tem tudo o que eu gosto. Um pouco surpreso porque eu pensei ‘bom vai ser um sacrifício sim, mas tudo bem, tudo bem, eu fico com o Brasil’. (STEVE, 2012)

O substantivo ‘sacrifício’ já havia sido salientado por Kevin antagonicamente à permanência, mas em ambos os excertos observo que o ‘sacrifício’ paira apenas inicialmente nos discursos e, posteriormente, é eliminado destacando as vantagens da persistência em residir e trabalhar no Brasil. Por meio do panorama midiático, os sujeitos podem se ligar social, cultural e politicamente à origem, se assim o desejarem. Assim, eles cruzam as fronteiras do conhecimento sem sair de casa e equilibram as possibilidades de qualidade de vida, ressaltando que no Brasil estão em melhor posição. Existem, contudo, princípios inerentes ao *self* que auxiliam no processo de tomadas de decisões, manifestas em suas subjetividades. Diante da fala de Steve percebo que, na visão dele, nem todos estrangeiros detêm os atributos mentais que os direcionam para a permanência depois do deslocamento.

As fronteiras interconexas, possibilitadas pelo advento dos avanços diários tecnológicos, no que tange aos meios de comunicação em massa, são, do mesmo modo, destacadas como artifícios que borram as fronteiras e globalizam o conhecimento:

três, duas semanas atrás na primeira página do *The Guardian*, eu não sei se era a primeira página *per si*, a primeira página na internet era de uma cantora brasileira chamada Anitta que é bem famosa no Rio de Janeiro, aparentemente. Ela é das *favelas* do Rio, ela é um grande estrela agora no Rio. Eu não sei quanto ao resto do Brasil. Ela canta um tipo diferente de funk, música funk, você conhece? Então, a história era relacionada à tonalidade de pele dela. [...] Então, esses são tópicos interessantes, mas eu fiquei chocado, surpreso ao ver na primeira página do *The*



*Guardian*. (ROBERT, 2013)<sup>137</sup>

Sentimentos adversos – choque e surpresa – são trazidos à baila, revelando visões e posições que modalizam as relações transculturais veiculadas no panorama midiático, como se o espaço do jornal inglês possuísse fronteiras territoriais e, destacar na primeira página uma notícia sobre uma cantora brasileira, funcionasse como um ato de desterritorialização, fruto da globalização. A reação de Robert à publicação demonstra uma inclinação à territorialização, ao menos da primeira página, do famoso jornal inglês, com a publicação de notícias que remetessem ao território inglês, muito embora ele retifique através da troca adjetiva (de ‘chocado’ para ‘surpreso’) e assinala que o assunto seria interessante. Na situação descrita entendo que o papel da mídia é o de cosmopolitizar a informação.

Ao longo do processo de adaptação na sociedade-lar, o sujeito desenvolve visões sobre sua cultura de origem:

ahm, agora eu penso, se você, se alguém me dissesse ‘Steve eu li no teu jornal que você não vai voltar para Grã-Bretanha nessa vida.’ ‘Ah, é? Talvez volte, talvez não’. Eu acho, depois de tomar essa atitude, de debater comigo mesmo sobre meu futuro, meu norte, Grã-Bretanha, e tem certas coisas da Grã-Bretanha, quando eu ouço certos sotaques, certas atitudes, não me atraem, não tenho apetite não. E melhor assim, né? Porque muito melhor, porque se eu tivesse esse afã, afã em espanhol, né? Esse afã de voltar, essa ansiedade, eu acho que seria muito difícil, emocionalmente muito difícil. (STEVE, 2012)

Alguns artefatos abstratos, como atitudes e sentimentos, são conectados em meio à construção de significados e percepções sobre o outro estrangeiro, que é realizada com base na experiência pessoal. Mais uma vez, retomo, através do discurso de Steve, a perda no poder de atração da sociedade de origem. A percepção do outro estrangeiro, ou até mesmo do outro inglês, que tem sede de regresso é apontada como

---

<sup>137</sup> Three, two weeks ago on the front page of The Guardian, I don’t know if it was on the front page *per se*, the front page on the internet was of a Brazilian singer called Anitta who’s very big in Rio de Janeiro apparently. She’s from the *favelas* in Rio, and she’s now a big star in Rio. I don’t know the whole of Brazil. She sings a particular type of funk, music funk, you know? But the story was related to her skin tone. [...] So, these are interesting subjects, but I was so shocked, surprised to see that on The Guardian, front page. (ROBERT, 2013)

elemento que prejudica as relações sociais e a fixação, promovendo um quase distanciamento de Steve em relação à sociedade de origem.

A distância entre a sociedade eleita como lar e a sociedade de origem pode ser indício de uma potencial tentativa de escape em situações atípicas, como por exemplo a de uma guerra:

hmmm, não, eu não sou patriota. Eu sempre brinquei, você sabe, se algum dia [batendo na parte de madeira da parede] bate na madeira, Deus me livre, exista uma outra guerra, eu acho que estar em João Pessoa é um local muito bom para estar. E se a Inglaterra quisesse que eu me alistasse eu iria, provavelmente, tentar evitar isso, [r], para ser honesto. Eu não sei bem como isso iria funcionar, mas se, você sabe, se existisse uma guerra, e a Inglaterra, quem quer que seja, tivesse que juntar todos os ingleses para se alistarem, o que eu acho que aconteceu na Segunda Guerra Mundial, eles levariam um tempo para me encontrar [r]. (PETER, 2013)<sup>138</sup>

Gentilmente Peter comunica que não dispõe de envolvimento patriótico profundo. Não há um investimento pessoal em lutar pelo seu país em um evento de guerra, porém ele reconhece que existe um laço burocrático e militar entre ele e a Inglaterra estabelecido através da sua cidadania. Através de seu gesto corporal, o ‘bater o na madeira’, observo o simbolismo que remete a uma matéria prima – a madeira – de poderes naturais (e, quiçá, supernaturais) associados à sabedoria e ao conhecimento (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1996) e que distanciam aquele que nela bate de qualquer energia ou efeito negativo. Costumes gestuais pagãos são associados aos costumes verbais católicos – “Deus me livre” – em um esforço, ao mesmo tempo jocoso e sério, de afastar a possibilidade de envolvimento dele em situação bélica na representação por seu país.

O escapismo é inerente ao movimento migratório, mostrando

---

<sup>138</sup> Ehh, no, I’m not patriotic. I was often joking, you know, if there is ever a [knocking on the wood part of the table] touch wood, but if God forbids, there is another war, I think being in João Pessoa is quite a good place to be. And if England wanted me to join the army I would probably try and avoid it, [r] to be honest. I don’t know quite, I don’t know quite how it will work but if, you know, if there was a war, and England, whoever it is, had to get all the Englishmen to join the army, which I guess is what happened in the Second World War, it would take them some time to find me [r]. (PETER, 2013)

uma fuga ao meio urbano frenético, metropolizado, repleto de movimento para o meio urbano menos tenso, mais descontraído, menos propenso aos regimes imperialistas e às ameaças de conflitos armados. Aliado a esse escape e legitimando-o está a possibilidade de habitação em uma localidade imageticamente criada como um paraíso: o Brasil.

Memória e espaço sempre estarão conectados e os sujeitos, inevitavelmente, estabelecerão associações entre o espaço onde a memória concretizou-se ao lançarem mão de suas recordações, interpretando aquele espaço de maneiras distintas do olhar comum. Vários são os espaços que criam os meios para a constituição de novas relações pessoais e, posteriormente, afetivas: locais onde primeiro tiveram contato com a cidade ou onde tiveram momentos de epifania, ou ainda espaços abstratos, mas que, de uma forma ou de outra, constituem espaços nas memórias dos sujeitos em relação ao Brasil e a João Pessoa. São cenários espaciais que deslizam por suas memórias, muitas vezes durante os trânsitos entre os locais, mas que, são marcados na lembrança e quando associações vem à tona, promovem ligações pictóricas.

A construção de uma creche em uma favela no estado do Rio de Janeiro faz John perceber o quão diferente as relações culturais e pessoais desenrolam-se no Brasil. Em circunstâncias ulteriores, já na cidade de João Pessoa, o Busto do Almirante Tamandaré<sup>139</sup> e a praia, como pano de fundo, conectam-o à cidade. Passar por esse lugar hoje em dia funciona como uma prova de reafirmação da sua decisão de se mudar:

[...] a única coisa , aquela coisa que estará sempre comigo, é que eu parei no Busto de Tamandaré e eu olhei a praia de cima a baixo, e **eu não conseguia pensar** em uma boa razão para voltar para Minas [Gerais]. **Nenhuma**. Não havia absolutamente nenhuma razão para que eu sáisse daquele local. E todas as vezes que eu passo pelo Tamandaré, mesmo hoje, porque eu caminho por lá, aquele mesmo pensamento passa pela minha cabeça, aquele pensamento exato [...] (JOHN, 2012)<sup>140</sup>

<sup>139</sup> O monumento Busto de Tamandaré, como era conhecido o Almirante Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré, patrono da Marinha do Brasil, fica localizado à beira-mar da Avenida Almirante Tamandaré, no encontro dos Bairros do Cabo Branco e de Tambaú, em João Pessoa.

<sup>140</sup> [...] the one thing that another thing that will always stay with me is that I stood at the bust of Tamandaré and I just looked up and down the beach and I

Em meio às narrativas, alguns espaços vão se constituindo enquanto locais de memória para os sujeitos entrevistados. São espaços indesejados e que despertam a procura de um novo espaço, no caso de John e Steve. Ou, por outro lado, são memórias de locais que os marcaram de alguma forma. Para Peter (2012), por exemplo, dois espaços em dois momentos diferentes: primeiro a chegada ao aeroporto e o aparente ‘choque’ entre as informações que ele tinha sobre a localidade e o que de fato visualizava não correspondia; segundo na universidade, onde primeiro teve oportunidade de firmar laços com outros colegas acadêmicos, ter aulas de português e conhecer mais um pouco sobre a cidade, sobre as pessoas, sobre o *modus vivendi* brasileiro, sobre a cultura, enfim sobre o novo.

Na narrativa de Steve, o espaço da plataforma ferroviária da cidade de São Paulo representou seu ponto de encontro com o Brasil, um local onde ele não seria visto como ameaça, onde ele seria o estrangeiro anônimo: “eu acho que esse país deve ser fantástico. Ninguém me olhava. Ah foi um alívio tão grande, um alívio tão grande”(STEVE, 2012). Além da plataforma, os espaços de trabalho – Conselho Britânico e Cultura Inglesa – foram núcleos de novas experiências e realizações profissionais e pessoais:

voltei por dois anos [à Colômbia] e depois fui pra México. E começou agora minha carreira com o *British Council*, o Conselho Britânico. Eu ‘tô’ falando do ano 1976, porque no Mestrado que eu fiz, eu trabalhei com linguistas lá, no enfoque de *functions*, o *functional approach*, funcional. Ninguém falava disso no Brasil antes de mim. E, na Cultura Inglesa, eu dei uma palestra, primeiro sobre minha pesquisa, depois vários *workshops* e, bom, alguns anos, poucos anos depois, começaram a chegar os livros de textos para aula, enfocando nas *functions*, *social functions*, o enfoque mais social do ensino de língua. Então foi um laboratório dentro da Cultura Inglesa, tinha um departamento de ensino. (STEVE, 2012)

Gary, por outro lado, toma a produção cinematográfica ‘Orfeu Negro’, de 1959, uma adaptação ítalo-franco-brasileira da peça teatral

---

**could not think** of a good reason to go back to Minas. **Not one.** There was absolutely no reason why I should leave that very spot. And every time I past Tamandare even today, ‘cause I walk there, that very thought crosses my mind, that exact thought [...] (JOHN, 2012)

Orfeu da Conceição de Vinicius de Moraes, como elemento de ligação inicial com o Brasil, antes de para cá se deslocar: “eu acho que aquele filme [Orfeu Negro] somado aos brasileiros que eu conheci na Universidade do Estado da Pensilvânia foram fatores importantes” (GARY, 2012)<sup>141</sup>. É provável que filmes, de um modo geral, romanticizem a imagem dos países, tanto na situação de filmes nacionais quanto na situação de Gary que assistia a um filme estrangeiro. Porém, os elementos espaciais, físicos ou não, enfatizados em sua narrativa, merecem especial destaque e força de atração, o que para outros sujeitos, talvez, não teriam a menor importância. São os elementos do passado que o auxiliam a reviver a memória daquele dia especial em sua vida.

Na visão de Halbwachs (2004, p. 72), esses elementos ulteriores são as “ilhas do passado”. Entendo essas ilhas como ícones, sensações, imagens, acontecimentos, espaços, dentre outros componentes que para a memória são transportados pelos interlocutores do dia em que os acontecimentos foram vivenciados, representando um ponto de conexão que a memória recobra, discursivamente, durante a entrevista. São dispositivos sensoriais, pois auxiliam a memória por meio de associações, e físicos, já que, enquanto espaços públicos ou acesso público, permitem a sua visualização, ainda que de forma abstrata, no caso daquele que escuta a sua descrição. Os sujeitos valem-se das ilhas no ato em que a memória está sendo constituída por meio da associação com um elemento que, a princípio, pode não ser tão significativo, mas que, para aquele sujeito, no momento de sua atualidade, representa o âmago daquela vivência. Quando ativam a memória daquela ocasião, esses espaços são retomados e concedem uma cor peculiar à narrativa.

Desejo de aventura e de explorar o desconhecido, anseio por uma vida melhor em situações climáticas mais aprazíveis, a constituição da família, um escape às situações potencialmente perigosas, são alguns dos elementos que compõem o quadro que fixa os sujeitos na sociedade-lar. Não obstante, a fixação, para ser completa, salutar e bem sucedida, demanda encargos financeiros que, por sua vez, requerem a necessidade de atividade ocupacional remunerada. Nesse sentido, o desejo de não retornar é reforçado pelo empreendimento, e garantias, no mercado de trabalho brasileiro.

Sobre as estratégias, individuais ou coletivas, que entremeiam a

---

<sup>141</sup> I think that that movie [Black Orpheus] plus the Brazilians I met at the Pennsylvania State University were very important factors. (GARY, 2012)

entrada no mercado de trabalho, discorro a seguir.

## CONEXÕES TRANSCULTURAIS

Frente às dificuldades econômicas, financeiras e políticas mundo afora, o Brasil tem sido visto no cenário mundial como uma nova terra de oportunidades pujantes no mundo contemporâneo e pós-colonial. E diversas podem ser as razões disso: talvez por ser uma economia emergente, talvez por ser veiculado no panorama midiático como um país sem conflitos étnicos, religiosos e políticos, aparentes, ou talvez ainda pela infinidade de facilidades – subsídios, linhas de crédito mais baratas, entre outras – que vem vendendo para companhias estrangeiras, na busca de uma fatia no mercado internacional participativo, desde o início dos anos 2000<sup>142</sup>.

As conexões transnacionais, muitas vezes, abrem os caminhos para a vinda dos estrangeiros para a cidade: “a primeira Cultura do Nordeste foi a de João Pessoa” (BARLOW, 2013). Em meio ao discurso são apresentadas visões estratégicas e geopolíticas da Inglaterra em relação à posição da instituição ‘Cultura Inglesa’ na porção Norte/Nordeste brasileira:

na época, a Cultura Inglesa tinha uma relação muito forte com o *British Council*, uma entidade cultural da Inglaterra. Eles estavam preocupados que, se a Cultura Inglesa saísse de João Pessoa não ficaria no Nordeste nenhum representante no Norte/Nordeste, nenhum representante cultural da Grã-Bretanha [...] (BARLOW, 2013)

Aqui são destacadas as relações entre instituições com objetivos semelhantes de disseminação cultural. A manutenção da escola de inglês em João Pessoa, por exemplo, é fruto do interesse transnacional e da relação entre duas entidades: o Conselho Britânico e a Cultura Inglesa. Uma vez instalada na cidade, a Cultura Inglesa seria a trilha que vários estrangeiros percorreriam e um local de conexões entre eles. Outro ponto a destacar é o fato de que, através da escola de língua, a cultura bretã estaria sendo mantida como presente nesta porção geográfica do país, assegurando as possibilidades de contato.

Conhecido pela terra do futebol, do carnaval e do samba, agora o Brasil passa a ser a terra das possibilidades, principalmente em se

---

<sup>142</sup> Segundo matéria publicada na revista eletrônica *The Economist* em 18 de fev. 2000.

tratando de pessoas qualificadas, como é o caso dos entrevistados. Desenvolver negócios ou fazer parte do mercado de trabalho é uma tarefa complexa e desafiante, mas com mercados promissores. Nas palavras de Robert, o país exerce uma força de atração:

o Brasil atrai os negócios, é bem flexível, é bem flexível na forma que opera com as pessoas que tem que operar com, com a sociedade, com outros países. (ROBERT, 2013)<sup>143</sup>

Com isso em mente e uma bagagem de desejos, estrangeiros, e empresas estrangeiras, deslocam-se na busca por alcançar essa participação. Alguns vêm munidos de certezas financeiras, para ilustrar com um exemplo, John relata que o momento econômico era propício para a libra frente ao real, no início dos anos 2000:

mas eu tenho que dizer que haviam decisões financeiras também, na época. E o Real estava na proporção de 6 para a Libra Esterlina, então, financeiramente, estava muito muito a meu favor me mudar para o Brasil [...] porque eu tenho meu emprego [em escola de língua inglesa] e eu tenho minha aposentadoria, mas quando eu primeiro vim para o Brasil, em 2002, [existiam] vantagens de viver aqui, por ser financeira ou pecuniariamente recomendável, as vantagens de viver aqui eram enormes. Agora vai na direção oposta, o Brasil é um lugar **incrivelmente** caro para se viver [...] (JOHN, 2012)<sup>144</sup>

Aliada a essa vantagem, havia também a aposentadoria no exterior e outros elementos a serem compilados em meio as decisões. A escolha pelo Brasil relaciona-se ao estilo de vida cuja noção de ‘morar no Brasil’ parece refletir e proporcionar, principalmente em se tratando de um cidadão inglês aposentado e destinatário de um salário em libras

---

<sup>143</sup> Brazil attracts business, it's very flexible, it's very flexible in the way it operates with people it needs to operate with, with society, with other countries. (ROBERT, 2013)

<sup>144</sup> But I have to say there were financial decisions as well, at the time. And the Real was 6 to the Pound, so financially it was very very much in my favour to move to Brazil [...] because I have a job [at a language school] and I have my pension, but when I first came to Brazil in 2002, the advantage of living here financial or pecuniary advices, advantages of living here were enormous. Now it's the other way around, Brazil is an **incredibly** expensive place to live [...]. (JOHN, 2012)

esterlinas<sup>145</sup>, uma sensação de satisfação pessoal e conforto. João Pessoa, enquanto cidade brasileira localizada em uma região costeira, espelha a noção de uma área *resort*<sup>146</sup>.

A esse respeito, Casado-Diaz (2009) ao fazer uma análise exploratória de cidadãos ingleses aposentados que migraram para Calpe, na costa da Espanha, conclui que

lazer, apresentado na forma de múltiplas atividades e práticas, é uma característica dos estilos de vida daqueles migrando do norte para o sul em idade de aposentadoria na Europa. (CASADO-DIAZ, 2009, p. 89)

Os deslocamentos dos sujeitos aqui entrevistados espelham que, ao migrar do Norte, Europa e América do Norte, para o Sul, América do Sul, de um meio urbano agitado para um meio urbano mais ordenado e situado em região costeira, os sujeitos dispõem de opções ao ar livre para o lazer, como um *resort* público.

Outros visualizam propostas de emprego e, mal saem de seus países, já dispõem dos empregos propriamente ditos no destino, como foi o caso de Gary (2012) e Steve (2012, 2013). O primeiro com contrato firmado através da Universidade Federal da Paraíba, e o segundo com convênio pelo Conselho Britânico. Nas palavras de Steve:

fiz o meu Mestrado e vi essa, uma oportunidade em São Paulo, com a Cultura Inglesa, então eu cheguei em São Paulo já com o emprego, contrato, garantor [garantidor] [...] Nesse aspecto, minha vida foi muito fácil. Era só folhear o jornal, não existem esses empregos mais [...] (STEVE, 2012)

A capacitação, como cursos de Pós-Graduação, são alavancas

<sup>145</sup> Objetivando prover uma noção do valor da moeda inglesa, hoje, 03 mar. 2014, esta custa em torno de R\$3,86 (três reais e oitenta e seis centavos). No ano de 2005, quando John se deslocou de Itajubá para João Pessoa, a libra esterlina variou entre R\$5,20 (cinco reais e vinte centavos) e R\$4,04 (quatro reais e quatro centavos). Informações obtidas no site: <<http://gbp.fx-exchange.com/brl/exchange-rates-history.html>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

<sup>146</sup> Vou me valer do vocábulo *resort* no contexto em que é utilizado no Brasil, isto é, para designar um tipo de hospedaria, normalmente construída em localidade de vasta amplitude espacial e geográfica e exclusiva, na praia ou no campo, onde são disponibilizadas as mais variadas atividades recreativas – independente de faixa etária –, amenidades, serviços de *spa*, reuniões de negócios ou de famílias, para qualquer hóspede que ali estiver instalado.



para a otimização da carreira profissional e, em alguns casos, para o deslocamento internacional. Na fala de Steve capacitação e conexão transcultural se aliam para trazê-lo ao Brasil. Sem sombra de dúvida a certeza de estar empregado lhes garante tranquilidade financeira e mental. É justo dizer que, ele destaca seus deslocamentos decorrentes dos contatos com instituições internacionais que, a meu ver, agem de forma transnacional, isto é, deslocando sujeitos entre fronteiras no exercício de profissões, na forma de voluntariado – com a empresa *Voluntary Services Overseas* – ou com remuneração – na figura da Cultura Inglesa e do Conselho Britânico:

eu acho que foi a Cultura [Inglesa] que pagou o salário e o Conselho Britânico que dava a passagem de volta e certas vantagens [ ] e a garantia, isso, como ressaltai na outra entrevista, a garantia, o aval. Então, nunca tive nenhuma preocupação, ‘será que vai dar certo? Será que essa decisão de vir para o Brasil [é] a certa?’ Nunca me passou pela cabeça. (STEVE, 2013)

Outros estrangeiros vêm cientes da necessidade de vínculos empregatícios e para tanto contam com o apoio de conexões que podem ser respaldadas na origem. Kevin (2012) e Peter (2012, 2013), por exemplo, têm a seu favor sua formação acadêmica, e sua nacionalidade, recursos úteis para a atuação como professores de Inglês em escolas particulares de idioma. Peter destaca:

é uma boa pergunta, talvez na Cultura [Inglesa], eles costumavam gostar, quando eu vim primeiro para a Cultura [Inglesa] havia menos estrangeiros. Então, nesse caso, eu acho que [estava em posição de vantagem]. (PETER, 2013)<sup>147</sup>

A referência à existência, em pequena escala, de outros estrangeiros na escola era, à época da chegada, uma vantagem. A vantagem cultural pode ser administrada em favor dos familiares, muito embora eles não compartilhem da mesma origem. Em decorrência de experiências não salutares no emprego anterior de sua esposa e, do mesmo modo, considerando a formação superior dela, a qual lhe concedia a habilitação em ensino de língua inglesa, Peter promove conexões para trazê-la ao seu local de trabalho:

sim [minha esposa], é [professora]. Rebeca é formada em Letras na UFPB, então ela é uma

---

<sup>147</sup> It’s a good question, maybe at Cultura, they used to like, when I first came to Cultura there were less foreigners, so then I think I was [ ] (PETER, 2013)

professora qualificada em Inglês e Português. [...] eu tentei levá-la para a Cultura [...]. (PETER, 2013)<sup>148</sup>

A referência à família é realizada como uma rede de suporte no mercado de trabalho, tanto para os estrangeiros que chegam, quanto para os brasileiros familiares dos estrangeiros que almejam uma qualidade de vida melhor. Assim, a família é espaço de manobras de incorporação social. E o local de trabalho é o espaço que incorpora os familiares promovendo sujeitos mais satisfeitos.

A profissão de professor e os longos períodos de férias atrelados a ela possibilitam a adoção de outras ocupações em paralelo. Quando pergunto ao Peter sobre as motivações de viagens à Inglaterra, ele aponta visitas à família, porém destaca momentos de trabalho:

sim, é, é, foi maravilhoso ser professor na Cultura [Inglês] e hmmm, na verdade, não [foi só férias], quando eu estive lá [na Inglaterra] eu trabalhei um pouco por alguns dias devido ao meu, porque eu trabalho para uma companhia na Inglaterra. Eu fui ver. Era também conveniente, eu poderia ir e ver meu chefe na Inglaterra e vê-los [os familiares] também. (PETER, 2013)<sup>149</sup>

A opção pela ocupação do magistério tece uma teia de benefícios na visão de Peter. Ao permitir longos e múltiplos períodos de férias, quando comparada a outra profissão em território brasileiro, a qual somente permitia um período único de 30 (trinta) dias. Peter pôde ter um maior trânsito de viagens e visitas à família e, quando necessário, momentos de trabalho *in loco* ou à distância. Desta forma, a profissão modela facilidades e práticas sociais, culturais e transnacionais para o cidadão estrangeiro nesta condição.

Outros nexos, são forjados no mercado de trabalho que busca no estrangeiro recém chegado a sua fonte de mão de obra:

eu comecei a trabalhar relativamente rápido. Depois que cheguei aqui, eu acho, em dois ou três meses eu estava trabalhando em São Paulo, e isso

---

<sup>148</sup> Yes, yeah. Rebeca is *formada em Letras* from UFPA, so she is a qualified teacher in English and Portuguese. [...] I tried to carry her to Cultura [...] (PETER, 2013)

<sup>149</sup> Yes, yeah, yeah, it was wonderful being a teacher at Cultura and eeeehhhh, in fact, no, when I was there I worked a little bit a few days because of my 'cause I work for a company in England. I went to see. It was also convenient, I could go and see my boss in England and see them as well. (PETER, 2013)

foi através de conexões. Eu estava trabalhando em uma escola particular [em São Paulo] [...]. (ROBERT, 2013)<sup>150</sup>

A condição de estrangeiro gera uma conexão cultural e magnética entre o sujeito e o mercado de trabalho, ainda que ele não tenha a formação de professor e somente a experiência linguística de ter nascido no país e a predisposição para esse campo de atuação, o que não pode ser descartado também.

Ao chegar em João Pessoa, ele encontra apoio na sua nacionalidade e experiência anterior: “o que eu faço agora? Eu ensino [ ] eu ensino Inglês aqui em João Pessoa, eu tenho ensinado aqui durante a maior parte de oito, nove meses, oito meses agora”(ROBERT, 2013)<sup>151</sup>. Os convites de trabalho, se não ocorrem através de empresas que buscam aquela mão de obra específica, se dão devido à experiência prévia do sujeito.

Atitudes e ideologias relacionadas ao trabalho e ao que este pode proporcionar enquanto visão de mundo e *status* social se fundem às vantagens culturais e podem desaparecer com a chegada da aposentadoria e, conseqüente, deslocamento da função que o estrangeiro exerce na empresa:

isso é interessante, não era inteiramente, por ser estrangeiro senão, ser estrangeiro e ter o posto de diretor do Conselho Britânico. E isso, ao me aposentar era muito difícil, lidar com isso, era como um João Ninguém, um pouco, depois, ou seja, ‘inglês’? Interesse por um minuto, dois minutos, depois nada, ou nenhum interesse [...] (STEVE, 2013)

O *status* social e o reconhecimento adquiridos na comunidade profissional e acadêmica são ‘perdidos’ com o deslocamento do sujeito para a aposentadoria, o que gera insatisfação para com a nova condição. Desterritorializado da sua profissão, em decorrência da legalidade do mercado de trabalho, Steve percebe que o interesse pela sua pessoa era guiado pela posição que ocupava na empresa. O estrangeiro por si só passa a ser, potencialmente, invisível aos olhos e à convivência com os

---

<sup>150</sup> I started working relatively quickly having arrived here, I think, two or three months I was working in São Paulo, and that was through connections. I was working in a private school [...] (ROBERT, 2013)

<sup>151</sup> What do I do now? I teach [ ] I teach English here in João Pessoa, I have been teaching here for the best part of eight, nine months, eight months now. (ROBERT, 2013)

outros residentes locais. Se antes possuía, conjuntamente, vantagem por ser inglês, e vantagem profissional, pelo cargo que exercia, agora passa a integrar o rol da coletividade dos aposentados, estrangeiros ou não. A partir daí, Steve desenvolve outras estratégias para romper com o determinismo da aposentadoria e abraçar novas atividades, como a escrita de livros.

John, Gary, Peter e Steve possuem uma característica em comum: a experiência transnacional nos laços que os arrolam na primeira vinda para o Brasil. Retomo que, em uma relação transnacional (SCHILLER, 1995) há uma troca constante entre a sociedade de destino e a sociedade de origem, seja esta troca no âmbito de pessoas, remessas, bens ou negócios, estabelecendo redes flexíveis econômicas, institucionais, familiares, de conhecimento, entre outras. No caso deles, o transnacionalismo aparece como uma agência que circula tanto na esfera pessoal quanto acadêmica, pois não se deslocam do hemisfério norte para o sul aleatoriamente. São motivados, pois, pelas oportunidades que surgem, sejam essas oportunidades trazidas por meio dos veículos e agências ou, simplesmente, através do capital social, que não precisa, necessariamente, configurar uma rede de indivíduos, mas pode ser viabilizado de forma simples. Os contatos de amizade figuram, muitas vezes, como pontapés iniciais na articulação da vinda:

[...] muitos professores estrangeiros [estavam sendo contratados pela UFPB], mas também um grande número de professores do sul do Brasil. E então essa senhora, essa senhora que era minha amiga do Rio de Janeiro, ela tinha amigos aqui em João Pessoa, que sabiam sobre o que Linaldo Cavalcanti [o reitor à época] estava fazendo [...] (GARY, 2012)<sup>152</sup>

A *Terra Brasilis* configura no imaginário eurocêntrico *per se* como o outro ‘exótico’ que desperta interesse e curiosidade. Mas esses estrangeiros que para cá se deslocam não vêm para conquistar espaços, nem territórios. Através do assistencialismo, ideais de superioridade e colonialistas podem estar imbricados, mas os sujeitos os desconstróem, ao se deslocarem munidos de sentimentos de ajuda, ao prestar um retorno dos seus conhecimentos profissionais e, por que não, culturais.

---

<sup>152</sup> [...] a lot of foreign professors, but also a number of professors from the south of Brazil. And so this lady, this lady who was a friend of mine from Rio de Janeiro, she had friends here in João Pessoa, who knew about what Linaldo Cavalcanti was doing [...] (GARY, 2012)

Outras relações transnacionais que vem à tona nesse cenário envolvem instituições internacionais e as universidades, para estas últimas Castles (2000) alude a uma parte da grande indústria de migração, levando e trazendo estudantes de graduação e de pós-graduação, tudo com idas e vindas limitadas ou com data prevista de chegada e saída no país para onde viajam. As mais variadas formas de trocas de conteúdos são promovidas, a saber: linguísticas, sociais, culturais, políticas, educacionais, enfim uma pletera de trocas que o intercambista pode desfrutar.

A ‘transculturalização’ empregatícia do cidadão anglo-americano, nas situações analisadas aqui, não deve ser vista como formadora de guetos, mas sim como veículos de incorporação laboral à sociedade em que o sujeito encontra-se. Em sentido contrário ao gueto, as instituições desenvolvem função instrumental na vida deles, já que possibilitam um empoderamento daqueles que se encontram em um momento de suspensão de atuação ocupacional, considerando que, para se estabelecer no país, necessitam de vínculo de emprego. Tais associações podem significar, de um modo geral, salários e empregos garantidos.

Seguindo esse mote, é justo dizer que as instituições elencadas aqui estariam inseridas no panorama co-cultural, uma espécie de ‘abrigo ocupacional’ de cooperação cultural, uma vez que, não empregam somente pessoas de origem anglo-americana, como também cidadãos locais. São locais de trabalho que funcionam como portos seguros para cidadãos que chegam ao país sem muitas, ou nenhuma, perspectivas de emprego. Com o passar do tempo, outros locais igualmente adquirem importância na vida dos sujeitos, de forma anterior ou ulterior aos espaços de trabalho. Estes são retidos e rememorados, enfatizando suas relevâncias nas trajetórias de vida e experiência.

## **ALGUNS COMENTÁRIOS**

As percepções que envolvem a vinda para o Brasil movimentam-se numa esfera que pode, com certa cautela, serem consideradas no âmbito colonialista. Nas situações analisadas, estrangeiros são trazidos ao Brasil pela primeira vez para reparar situações simbolicamente tidas como de países menos favorecidos econômica, financeira ou culturalmente. A construção de uma creche em uma favela carioca figura esse âmbito. Em sentido oposto, ensinar os/as brasileiros/as teologia, a língua e a cultura anglo-americana, obter,

trocar conhecimento e, oportunamente, visualizar o cotidiano e a geografia do maior país da América Latina opõem-se à postura colonialista, por isso utilizei a cautela ao me reportar ao colonialismo.

Outro indicador importante é o fato dos deslocamentos não serem aleatórios, forçados ou em grupo. O deslocamento da porção norte da América e do continente europeu para o sul-americano envolve a presença da assunção cultural, financeira, social e logística sobre o local e a sociedade para onde pretende viajar. São viagens espontâneas, com fins de voluntariado, aprendizado ou que tem na mulher a força de atração. Os sujeitos entrevistados percorrem as trilhas, sozinhos ou acompanhados das companheiras, mas não fazem parte de redes ou fluxos migratórios.

No próximo capítulo, discuto as visões concebidas acerca das comunidades imaginadas nas sociedades de origem e lar. Em paralelo, analiso como é realizada a constituição da alteridade, destacada através das figuras dos ‘outros’ – o outro estrangeiro, de mesma nacionalidade ou de nacionalidade diferente, e do outro brasileiro –, muitas vezes trazida por meio do contato profissional e por meio da constituição familiar. Entrelaçadas aos processos de adaptação e identificação com a cultura, aparecem as conjugalidades e, posteriormente, a formação das famílias, nucleares ou ampliadas, que juntas no amálgama identitário remodelam as subjetividades e as identidades culturais dos sujeitos.

---

## CAPÍTULO 04

---

---

*Adversity is the first path to truth.*  
(Lord Byron, 1823)

---

---





## **VISÕES, PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS QUE OS LIGAM AO BRAZIL**

### **RESUMO DO CAPÍTULO**

Antes de dar continuidade com o processo de análise, considero importante antecipar o que será abordado neste capítulo. No passeio pelas trajetórias dos seis sujeitos, direciono o foco para a parte mais íntima das mesmas. O que trazem consigo discursivamente é desvelado, objetivando compartilhar suas percepções e experiências: visões do Reino Unido, dos Estados Unidos e do Brasil, suas semelhanças e diferenças, construções e desconstruções de práticas; o contato com o outro estrangeiro, de mesma origem ou adversa, e com o outro nativo; percursos e atropelos nos processos de identificação e adaptação à *Terra Brasilis*, através do quais são constituídas as díades conjugais e, em alguns casos, as famílias nucleares e, posteriormente, as ampliadas. Essas são temáticas que revelam algumas particularidades pertinentes aos processos de reescritas das identidades culturais desses sujeitos, os quais não se consideram nem de lá e nem de cá, são híbridos.

### **CONSTRUINDO VISÕES DA TERRA NATAL**

Quando viajam, ou no caso desta pesquisa, quando migram, as pessoas, de um modo geral, trazem consigo características, memórias, traços, gestos de suas sociedades de origem. São heranças que podem ser mantidas ou podem desaparecer com o passar do tempo e a convivência com a sociedade-lar. Convivência esta que provoca a construção de comunidades imaginadas (ANDERSON, 1990) a respeito do local que deixaram para trás. Os sujeitos promovem interpretações das experiências vividas, ou desconstruídas, a partir do contato com a nova cultura, e que são importantes para a concepção da comunidade imaginada em que eles estão, atualmente, inseridos, pois são interpretações baseadas nas relações de diversidade e alteridade. E a partir do transitar e do se estabelecer entre comunidades, sentimentos de afinidade e afetividade são gravados em suas memórias. Acredito que o contrário também ocorre: rasgos são provocados pelo contato intercultural no percurso da construção da comunidade imaginada local. Abordo, a seguir, como são narradas as afinidades, as afetividades e os rasgos.

É inegável a idealização de um local para migrar que seja

melhor que o local de nascimento. Nesse sentido, a comparação entre a sociedade de origem e a sociedade-lar é inevitável quanto às diferenças em termos de economia:

a Inglaterra é um lugar **incrivelmente** caro e eu penso nisso toda vez que mando vários estudantes de volta, [ ] é simplesmente incrível o número de estudantes, especialmente nos últimos anos, que dizem ‘ééé eu quero voltar para a Inglaterra’ e eu sempre me pergunto o que é que eles veem. Eu sei que é histórico e as coisas com as quais eles gostariam de se envolver, como museus, por exemplo, [ ] e eu sei que é diferente nesse aspecto, mas morar, eu não gostaria de educar meus filhos lá [...] (JOHN, 2012)<sup>153</sup>

Inicialmente, um elemento a ser destacado é que as prioridades mudam no decorrer do tempo em que se é jovem, estudante e solteiro, e o momento em que inicia o estabelecimento da família, adicionando a chegada dos filhos. Os processos de constituição e reconstituição das relações pessoais e individuais advêm de mudanças decorrentes de contextos históricos e de situação em que os sujeitos se inserem e desenvolvem ao longo de suas vidas. A segurança e o bem-estar das crianças, provavelmente, têm mais a lucrar com áreas menos urbanas e conturbadas.

O outro elemento é a criação imagética sobre a sociedade de origem ser um local que exige grandes despesas, a despeito do que pode oferecer histórica e culturalmente aos seus moradores ou aos seus visitantes. Observo uma ação de abnegação em relação ao país de origem, pois John não consegue mais visualizar os atributos que poderiam atrair-lhe de volta. Há uma força de repulsão alavancada por fatores econômicos que promove a atração pela sociedade brasileira, já que esta pode oferecer maior qualidade de vida para ele e sua família. O país onde nasceu torna-se agora o cenário que oferece opções de entretenimento, a exemplo de viagens e a apreciação do valor histórico que possui. Como em um momento de reflexão, esse excerto deixa

---

<sup>153</sup> England is an **incredibly** expensive place and I think about that every time and I send lots of students back, [ ] it’s just incredible the number of students, especially in the last few years, who say ‘yeah I wanna go back to England’ and I always wonder what it is that they see. I know it is historical and things that they would like get involved with like museums, for example, [ ] and I know it’s different in that aspect but to live, I wouldn’t like to bring my children up there [...]. (JOHN, 2012)

transparecer o questionamento dele em relação à necessidade que os estrangeiros que vêm ao Brasil têm de regressar. *A priori*, sinto que, naquela fala, John sinaliza uma ‘quase’-necessidade de aconselhar que tais pessoas não retornem.

Apesar de todos os sujeitos entrevistados habitarem João Pessoa há mais de quatro anos, as respostas não se assemelham em se tratando da melhor opção entre a sociedade de origem e a sociedade-lar. Visão de mundo, estilo de vida e faixa etária são categorias determinantes para o posicionamento dos sujeitos quanto ao melhor local para viver. Para exemplificar essa situação, Peter, que é cerca de vinte anos mais jovem que John, relata posicionamento inverso à existência de mais facilidades financeiras na Inglaterra:

não, na verdade, eu não sei. Provavelmente a Inglaterra tem menos contas porque você não tem que pagar por planos de saúde ou *condomínio*, você só tem que pagar hipoteca. Não, financeiramente na Inglaterra é ainda mais fácil, viver na Inglaterra, o aluguel é mais barato, e como eu disse, é fácil conseguir um trabalho e coisas do tipo. Mas é muito mais estressante na Inglaterra. Eu acho que você pode viver ligeiramente mais confortável aqui, eu não sei, não sei, talvez seja um pouco idílico, eu realmente não sei [...] (PETER, 2013)<sup>154</sup>

Diferentes locais de fala, como a formação profissional, compartilham parcelas em conjunto com os modos de viver que influenciam e modificam as opiniões dos sujeitos. As diferenças de opinião podem advir do fundo geracional. O trânsito entre as sociedades e o período de permanência, do mesmo modo, são elementos acrescentados à disparidade de informações, já que Peter somente se estabeleceu mais recentemente – no ano de 2009 – na cidade, ao passo que John já está instalado desde 2005. Dois campos antagônicos são dispostos na descrição de Peter: um correspondente à preferência pela Inglaterra – economicamente – e outro referente à predileção pelo Brasil – por afetividades. Assim, enquanto no primeiro campo, a Inglaterra

---

<sup>154</sup> No, actually, I don't know. Probably England has less bills because you don't have to pay health plans or *condomínio*, you just have to pay mortgage. No, in England financially I think it's even easier, to live n England, rent is cheaper, and like I said, it is easy to get a job and stuff, but it's much more stressful in England. I think you can live fairly comfortably here, I don't know, don't know, maybe it's a bit idyllic, I don't really know [...] (PETER, 2013)

oferecia a possibilidade de diminuição das responsabilidades financeiras e mais opções de emprego, tais ‘benefícios’ estariam associados a um estilo de vida estressante; no segundo campo, a narrativa assumiria um tom romantizado, quase nostálgico, ao mencionar a preferência pelo Brasil, embora destaque que haveria um preço a ser pago pela vida confortável.

Os discursos construídos sobre o espaço, rural ou urbano, refletem conjuntos de práticas sociais do sujeito que podem trazer resquícios das experiências com a sociedade de origem e, ao mesmo tempo, serem mesclados com as novas experiências na sociedade-lar. As composições idílicas conferem criações imagéticas campestres comparadas à realidade brasileira que, por sua vez, figura em sentido oposto, na opinião de Steve:

ah, sabe o que eu sinto falta é o campo lá. A beleza do campo, a paisagem e a facilidade de fazer caminhadas na Grã-Bretanha com todas as informações. Você sabe, né? Sinalização, mapa, tudo isso. Eu gosto disso sim, mas também gosto da Chapada Diamantina e outros lugares no Brasil, México, Colômbia, onde eu, onde é um caos da natureza, um caos. Você pega uma trilha não sabendo aonde vai, não tenho informação, mas no meio da floresta, do bosque, de uma planície, e eu adoro isso, adoro. Então eu gosto das duas coisas. Se tenho que optar eu teria que optar pelo Brasil, né? Nesse aspecto. (STEVE, 2012)

Dois campos semânticos opostos são construídos nos discursos sobre a espacialização da Inglaterra e do Brasil. De um lado, a primeira é vista como organizada, do outro, o segundo é visto como caótico. Não obstante, Steve coloca o segundo na condição de seu favorito e, desse modo, ‘sentir falta’ não implica desejo de retorno e talvez representaria uma carência consciente de que não pode ser restaurada, um saudosismo. A ligação homem-natureza vem de longa data e uma não pode ser dissociada da outra, já que o homem recorre à natureza e suas inúmeras fontes de recursos como forma de construção e reconstrução continuamente. Entendo que a junção semântica caos-natureza remeta a um simbolismo de reconstrução, em meio a um cenário intocado pelo homem e, ao mesmo tempo, misterioso, oferecendo desafios na busca das trilhas a serem percorridas. Uma vez inserido em um ambiente como este, o sujeito necessita desenvolver estratégias de (re)orientação e

descobertas. A visão de meio ambiente remete a uma situação de libertação entre sujeito e espaço anterior, onde se encontrava aprisionado.

A identificação de diferenças, que simultaneamente critica e exalta, é elemento que conecta o sujeito àquela localidade. Em meio à descrição da sociedade de origem revelações sobre o comportamento cultural surgem na fala de Robert:

[...] eu acho que é justo dizer que a Grã-Bretanha é uma ilha bem pequena ... uma ilha bem insular. Além disso, nós gostamos de saber o que está acontecendo no nosso país e esquecer de todo o resto, você sabe. É como um estado soberano. É muito importante. É parte da nossa história. É por isso que eles fizeram tantas guerras na Grã-Bretanha. Nós somos uma raça insular. Nós somos uma raça **insular!** Isso é o que dizemos. Raça insular! *Imagina!* [r] Nós não somos nem parte da Europa. Nós gostamos de pensar que nem fazemos parte da Europa, mas nós fazemos, politicamente. Mas nós trazemos historicamente essa bagagem. (ROBERT, 2013)<sup>155</sup>

No campo textual, esse excerto de Robert é fortemente marcado pelo uso do pronome ‘nós’, enfatizando o que Fairclough (1989) alude ao “nós inclusivo”, já mencionado anteriormente, mas aqui ele reflete outro tipo de inclusão. Quando usa ‘nós’ ele associa-se ideológica, política e burocraticamente à Inglaterra e forma a imagem de uma Inglaterra enquanto um bloco uníssono e que, potencialmente, não teria pessoas com opiniões diferentes no tocante à questão insular. Contudo, quando ele faz referência à quantidade de guerras ele procura não se inserir utilizando o pronome ‘eles’. Tal fato pode aludir a um desejo de crítica e afastamento do universo bélico, o qual parece não lhe agradar.

Inicialmente, a repetição e a associação de termos do mesmo campo semântico como ilha e insular exprime um pleonasma vicioso no

---

<sup>155</sup> [...] I think it is true to say that Britain is a very small island... a very insular island. As well, we like to know what is going on in our country and forget everything else, you know. It's like a sovereign state. It's super important. It is part of our history. That's why they had so many wars in Britain. We are an island race. We're an **island** race! That's what we say. Island race! *Imagina!* [r] We are not even part of Europe. We like to think we are not even a part of Europe, but we are, politically. But we bring this baggage with us historically. (ROBERT, 2013)

discurso de Robert. Contudo, o uso dessa figura de linguagem serve para enfatizar a ideologia inerente, em sua opinião, a essa nação.

A herança colonial e imperialista é refletida, apontando como as raízes de uma nação, que esteve no controle durante determinado tempo no passado, ainda dispõem dessa demanda na atualidade. A expressão ‘raça insular’ faz referência a um grupo de pessoas, com determinadas características, reunidas em uma localidade única, provocando também a sensação de isolamento quanto ao resto do mundo. Além disso, o termo ilha pode remeter a uma posição de convergência, para onde todos os membros tendem a se voltar, dispensando outras opções ao redor. Na opinião de Robert, enquanto espaço insular, e acredito que é justo dizer, em alguns casos de menor porte do que outros países europeus, a Inglaterra estabelece, ou tenta estabelecer, uma relação de poder mostrando-se autossuficiente e desinteressada pelo que ocorre fora do seu espaço físico. A indignação na fala dele sobre o modo de agir em relação ao posicionamento político ante a Europa e a produção de identidades culturais baseadas no agrupamento insular, muito embora, esteja ele inserido no discurso, é justificada pela base histórica que a nação carrega. A noção de passado e antecedentes históricos é atrelada à construção de comunidades imaginadas no exterior e de identidades culturais, enfocando o passado como dispositivo relevante na constituição destes.

No decurso da construção discursiva, o passado, do mesmo modo, serve aos processos de identificação com a cultura. Hall (2003) lembra que, em comunidades de imigrantes – no caso do estudo por ele promovido, a caribenha –, existe a possibilidade de uma “identificação associativa” entre a cultura de origem e a cultura do local onde os imigrantes estabelecem-se. Observo, no relato de Robert, coincidentemente, herança da influência caribenha, na forma de associações por ele citadas que conectam o Brasil às Antilhas:

éh, [ ] um aspecto da cultura que eu gosto é a cultura africana aqui, e [ ] hmmm, *candomblé*, *capoeira*, estas influências, de onde se originam, e aquela conexão, você pode ver aquela conexão com a minha família, não uma conexão direta, você sabe? Na comida, na culinária, você sabe? Você consegue ver, porque isso, porque as pessoas vivem da maneira que vivem, por exemplo, em Salvador, na Bahia. Eu, quando eu estive na Bahia, eu pensei imediatamente nas Antilhas, eu pensei na minha época lá, na maneira

que as pessoas preparam a comida, você sabe, eu, é muito, é bem única em relação a isso e é muito valorizada aqui [...] (ROBERT, 2013)<sup>156</sup>

As conexões que tem origem no passado e que hoje fazem parte do universo da globalização, da expansão urbana, não somente no que tange o crescimento das cidades, mas bem como a chegada de novos habitantes vindos de dentro ou de fora do país aproximam os povos, as culturas, os gostos. O partilhar de experiências locais, de hábitos, de costumes, de religiões e de danças proporciona a hibridização cultural, desterritorializando a localidade das culturas. Outras variantes como clima, culinária, ocupação profissional, família e amor aparecem no discurso, agrupando as falas dos sujeitos que as utilizam como recursos de identificação. A cultura africana encontra no nordeste brasileiro espaço de manifestação e influência, transformando-se em meio à mescla de opções que o Brasil oferece.

Outras expressões de identificação se fazem presentes nos discursos no que tange o universo alimentar: “[...] com a comida eu não tive nenhum problema, você sabe? Um monte de coisas com queijo, [...] ééé... os *churrascos* eram os mesmos daqueles do Rio [...]” (JOHN, 2012)<sup>157</sup>. O contato anterior, em outro estado, fornece um conhecimento sobre a alimentação e é naturalizado discursivamente. Os hábitos alimentares locais tomam proporções comportamentais e são pontes de conexão entre o sujeito e a cultura:

eu me sinto brasileiro! Eu me sinto sim. Eu tenho, de fato, esse aspecto, eu acho, especialmente envolvendo comida, e as atitudes para com comida, você sabe? É, a maneira como as pessoas falam da comida, conversam sobre comida. Agora, comida é um tópico bem popular, você sabe? Mas quando é, quando é comida com a qual

---

<sup>156</sup> Yeah, [ ] one aspect of the culture that I like is the African culture here, and [ ] ahmm, *candomblé*, *capoeira*, those influences, where it originates from, and that connection, you can see that connection with my family, not direct connection you know? In the food, in the cuisine, you know? You can see, why this is, why people live in the manner that they do, for example, in Salvador, in Bahia. I, when I was in Bahia, I thought of the West Indies, immediately, I thought of my time there, the way people prepared food, you know, I, it's a very, it's quite unique in that respect and it's very much valued here [...] (ROBERT, 2013)

<sup>157</sup> [...] the food I didn't have a problem with, you know? A lot cheesy things, [...] yeah.. *churrascos* were the same as the ones in Rio [...] (JOHN, 2012)

você se identifica torna-se ainda mais interessante.  
(ROBERT, 2013)<sup>158</sup>

Manifestações que expressam a cultura de um país como alimentação, religião, relações sociais, entre outras, são trazidas à tona refletindo dispositivos de conexão entre os sujeitos e o local e entre outros locais. As semelhanças na culinária, para citar um exemplo, são maximizadas, facilitando o processo de identificação e pertencimento com a sociedade-lar. É construída uma relação de afetividade através das ligações culturais: quanto mais próximo da origem, mais próximo de se tornar ‘lar’. O apelo às origens, ainda que estas não sejam originariamente as suas e sim as dos pais, é feito visando fundamentar ou legitimar as identificações com crenças, valores, comportamentos. Ademais, no caso do Robert, poderia dizer que as origens de seus pais conferem-lhe um pertencimento e identificações múltiplos, com as quais ele não somente interage como também está apto a refletir sobre, naturalmente.

Por outro lado, sentir-se externo à cultura e sem laços que o associem a ela, não significa dizer que o sujeito não possa fazer parte dela de outros modos. Hall (1989, p. 18-19) destaca que “[...] o passado não é apenas uma posição de onde se fala, mas é também um recurso absolutamente necessário no que o indivíduo tem a dizer”. Seguindo o mote do autor e ampliando a reflexão, acredito que o passado também permite ao sujeito refletir sobre o presente e sobre as ações futuras. Para se posicionar hoje o sujeito necessita do seu passado, uma construção espacial e social que depende do tempo. Steve aponta em sua narrativa que não possui a conexão de passado cultural que lhe permite a adoção de traços culturais, muito embora, em outros momentos, promova, com sucesso, a utilização de provérbios, citações musicais e até expressões coloquiais no jogo discursivo:

quanto ao meu passado, não diz nada, ou quase nada para outras pessoas [...] Então, sim, e também porque eu falo bem português mas não falo fluente. E falar muito bem, como vocês bem sabem, é adquirir os rasgos culturais. Bom, eu não morei, eu não era criança no Brasil, não era

---

<sup>158</sup> I do ! I do, yeah, I do have that aspect, I think, especially around the food, and attitudes towards food, you know? Yeah, the way people speak about food, talk about food. Now, food is a very popular topic, you know? But when it’s, when it’s food you can identify with it becomes even more interesting.  
(ROBERT, 2013)



adolescente no Brasil, nem jovem adulto no Brasil. É outra realidade, são raízes culturais que você absorve, você adquire quando é jovem. E isso é um *given*, é uma coisa automática entre brasileiros quando estão conversando. Eu não tenho, não tenho esse passado, essa formação, essas raízes [ ] (STEVE, 2013)

A cultura onde o sujeito se encontra, do mesmo modo, pode influenciá-lo ou promover reflexões sobre sua conexão com a mesma. As construções imagéticas sobre o passado são relatadas como dispositivos de práticas sociais no estabelecimento de relações de significado. A reivindicação de um passado, inexistente na opinião de Steve, sinaliza a consciência da existência de identidades culturais brasileiras desenvolvidas ao longo da experiência no país, com as quais ele não pode ser identificado, muito embora seja fluente linguisticamente, ainda detém traços linguísticos e físicos de inglês. A noção de absorção cultural inerente ao sujeito vem reforçada pelo uso do verbo *to give*, quando ele diz que é ‘um *given*’. Nesse contexto, o termo torna-se ainda mais expressivo por estar em inglês. Outro detalhe, por ele aventado, é o fato de o indivíduo desenvolver-se na cultura a partir do momento em que nela nasce, também destacado por Peter (2013). Ante essa visão, o passado é o dispositivo que contribui para a constituição das identidades culturais e é reivindicado como tal pelos sujeitos perpassa a produção das visões sobre as origens.

No trajeto da construção das percepções, identificações e processos de adaptação é a visão da sociedade-lar que o atrai, portanto ressalto agora as perspectivas dos sujeitos sobre o Brasil e a cidade onde moram.

### **“EU SEI QUE AS PESSOAS DIZEM COISAS SOBRE O BRASIL, MAS ...”**

As diferenças entre visões de Brasil e do país de origem são enunciadas em experiências anteriores às viagens e posteriores ao contato. São percepções de comunidades imaginadas (ANDERSON, 1990), modeladas a partir de matrizes que podem advir tanto de estereótipos reforçados pelos contrastes culturais e históricos quanto de novas criações, alavancadas pelo panorama midiático contemporâneo, pelas imagens reais que são vividas pelos sujeitos que se deslocam, ou ainda a partir de opiniões de terceiros que exercem determinada influência sobre o estrangeiro.

As viagens são, frequentemente, associadas a noções de descobertas, a possibilidade de agir conforme a própria vontade, enfim a uma maior liberdade de ação. Um suposto conhecimento prévio aparece no cenário discursivo, contudo, aludindo à imprecisão do conhecimento anterior à viagem:

[...] antes disso [vir para o Brasil] eu realmente não sabia o que o Brasil era. E eu sabia **do** Brasil, é claro, mas eu não poderia apontá-lo no mapa, eu não conseguiria identificá-lo no no mapa da América do Sul, por exemplo. E eu sabia **do Rio**, mas nada mais, sério. (JOHN, 2012)<sup>159</sup>

A primeira viagem de John para o Brasil ocorre duplamente cercada pela presença da noção social e a ausência da noção geográfica sobre a localidade. A descrição sobre o país figura no universo do conhecido/desconhecido, mas não representa obstáculos para o deslocamento inicial e a jornada que antecede a trajetória é imaginada, com base no conhecimento de mundo.

Os significados são compartilhados nas narrativas, ainda que os sujeitos não se conheçam, e nem tenham tido acesso ao conteúdo das entrevistas, como é o caso da alusão à fala de Robert (2013), quando este faz referência aos ingleses como sendo uma ‘raça insular’, implicando em um suposto isolamento do resto do mundo. Vir para o Brasil gera capitais, tanto capital social, através da possibilidade de conhecer novas pessoas e estabelecer diferentes relações sociais e algumas, posteriormente, familiares, que se traduzem em uma rede de apoio ao estrangeiro; quanto capital cultural, traduzido no conhecimento que é gerado sobre a região, por exemplo, delineando novas visões e percepções e que, no futuro, podem permitir a vinda permanente, como foi o caso de John.

A língua é veículo de transformação, tradução e construção da realidade. A mídia, por sua vez, é a força motriz desses procedimentos, pois os materializa. Dispositivos de divulgação, como o meio midiático, são igualmente ressaltados na construção panorâmica do país. Gary enfatiza que muito antes de vislumbrar sua vinda para o Brasil, um filme brasileiro conquistou espaço nas suas recordações:

[...] mas eu também li muito sobre o Brasil. Além

---

<sup>159</sup> [...] before that [coming to Brazil] I didn't really know what Brazil was. And I knew **of** Brazil, of course, but I couldn't pinpoint it on the map, I couldn't identify it on on the map of South America, for example. And I knew **of Rio**, but little else, really. (JOHN, 2012)

disso, anos antes de eu mesmo pensar em vir para o Brasil, eu vi um filme chamado *Orfeu Negro*, Black Orpheus, que ganhou um Oscar por melhor filme estrangeiro, eu acredito que em 1958 ou 59, e essa foi, de fato, a minha introdução ao Brasil, minha introdução ao Brasil. Perto do final do filme o herói, cujo nome é *Orfeu*, está carregando o corpo de sua amada Euridice em seus braços, e recitando um belo poema e o refrão era a palavra *obrigado* e essa foi a primeira palavra em português, muito antes de eu pensar em vir para o Brasil [...] (GARY, 2012)<sup>160</sup>

Mídia e migração se ‘interseccionam’ na figura de uma alavanca propulsora do deslocamento e, conseqüente, provocam um estreitamento das relações e do conhecimento sobre diferentes culturas. A indústria cinematográfica, na qualidade de veículo que faz parte do panorama midiático, desempenha papéis importantes na divulgação de imagens, noções, conceitos, pré-conceitos e ideologias sobre o país. A construção da comunidade imaginada brasileira pode ter sido romantizada pelos recursos imagéticos dos quais o filme faz uso, porém outro elemento passa a exercer força de atração: a língua. Por ser uma representação social, a língua é ‘atada’ à comunidade imaginada e juntas passam a fazer parte do processo que antecede o deslocamento, ao atribuir som e imagem ao país.

A propósito, a interpretação da língua enquanto símbolo cultural é motivo de atenção nas narrativas, por exemplo, através da sonoridade ressaltada em: “pô, eu achava, esse português, uma moça cantava uma música brasileira em português, então eu acho que fiquei cativado pela língua portuguesa” (STEVE, 2012). Aqui, observo a companhia da voz feminina no processo de sedução operado pelo meio linguístico. Se o uso do verbo ‘cativar’ pode levar ao campo semântico de tornar prisioneiro, no sentido aplicado por Steve acredito que conduz a um processo de conquista ao formar um elo que o vincula sonora e

---

<sup>160</sup> [...] but I also read a lot about Brazil. Also years before I ever thought about coming to Brazil, I saw a movie called *Orfeu Negro*, Black Orpheus, which won an Oscar for best foreign film, I believe in 1958 or 59, and that was actually my introduction to Brazil, my introduction to Brazil. Near the end of that movie the hero whose name is Orpheus, *Orfeu*, is carrying the body of his beloved Euridice in his arms and reciting a beautiful poem and the refrain of which is the word *obrigado* and that was the first word in Portuguese, even before I ever thought of coming to Brazil [...] (GARY, 2012)

afetivamente ao país.

Outro aspecto sobre a língua identificado pelo discurso dos entrevistados é que a variante brasileira do Português é destacada: “e também porque eu gostava e ainda gosto desse som do português, brasileiro né? De Portugal, não tanto, porque é diferente. Não me atrai” (STEVE, 2012). Em uma situação narrativa, o sujeito pode, a princípio, não se declarar abertamente sobre determinados tópicos abordados, mas é através do seu discurso e das nuances nele dispostas que sua subjetividade, sua individualidade, a construção da sua visão de mundo é revelada.

A língua pode ser um potencial passaporte de identificação do sujeito com a cultura e com a nação e pode, até mesmo, trazê-lo ao centro da cultura quando este a utiliza para se comunicar fluentemente. Entretanto, a comunicação em língua estrangeira pode gerar sentimentos de frustração:

às vezes, eu não me sinto nem um pouco brasileiro. Eu não vou dizer ‘sim’. Se eu falasse bem o português, provavelmente, eu me integraria ainda melhor, mas às vezes eu acho que é suficiente, às vezes eu acho que é suficiente, entende? (ROBERT, 2013)<sup>161</sup>

Sentir-se brasileiroa parece não estar somente ligado aos hábitos e costumes, locais que frequenta, mas, principalmente, vem atrelado à apropriação linguística do local. Essa possibilidade de inserção na comunidade linguística de falantes do português brasileiro, do mesmo modo, pode gerar sentimentos de pertencimento, como já foi ilustrado anteriormente nas palavras do próprio Robert. Steve se deparou com situações dialógicas semelhantes, porém, por estar ao telefone, a experiência promove outros tipos de interação:

a semana passada eu ‘tava’ falando com alguém no Recife e, um brasileiro, ele perguntou no telefone ‘Você é brasileiro?’ Eu fiquei já desconfiado. Eu ‘tava’ muito feliz, que transmitia uma certa dúvida. (STEVE, 2012)

Transmitir esse tipo de dúvida ao telefone sinaliza que o domínio linguístico do estrangeiro encontra-se em um nível que se

---

<sup>161</sup> [...] sometimes I don’t feel a little Brazilian, I’m not going to say ‘Yes’, if I spoke Portuguese very well probably I would integrated even better, but sometimes I think it’s enough, sometimes I think it’s enough, you know? (ROBERT, 2013)

assemelha ao de um ‘nativo’ brasileiro, como também aponta para a satisfação que reside no fato de ‘ser considerado brasileiro’, sinal de sua hibridização cultural. Desse modo, reorganizações linguísticas e transculturais são realizadas no percurso da fixação na sociedade-lar:

quase nunca falo inglês, mas eu leio quase inteiramente em inglês. Eu li um livro em português outro dia. Ah não está aqui, ‘A queda’ de Diogo, jornalista da Veja. Muito bom! E leio numa tarde, do começo até o fim. E o português não é difícil. Eu me senti bem porque gostei da história. Eu leio a Veja sem problemas, sem problemas. Eu assisto quase todos os dias o jornal da Globo. Eu, isso é importante pra mim. Mas minha vida é escrever em inglês, ler em inglês, assistir 80% das minhas notícias em inglês. Bom quase tudo internacional é inglês, ou pela televisão ou pela *internet*. (STEVE, 2012)

A importância da ‘língua nativa’ figura o painel migratório como um dispositivo estratégico de incorporação e aprendizagem sobre a cultura onde o sujeito agora reside, um investimento sobre seu capital social e linguístico, principalmente em se tratando de indivíduos que, diariamente, estarão lidando com o público de uma sala de aula. Afinal, através das linguagens aprende-se muito sobre os povos e suas culturas e como estas são moldadas socialmente. Contudo, faz-se necessária a manutenção da sua língua mãe e da sua alteridade, através de outras atividades com as quais se ele sente mais à vontade para exercer na língua do país onde nasceu. Uma relação linguística cosmopolita configura-se ao unir ‘bilinguamente’ as línguas – materna e estrangeira – no seu cotidiano.

A produção imagética do espaço brasileiro gira em torno de imagens apropriadas individualmente pelo sujeito, através das experiências de vida e das informações que o mundo lhe proporciona: “então, futebol, Amazonas e essa língua. Essa língua me cativava” (STEVE, 2012). O esporte, já mencionado anteriormente por Peter (2013), marca sua presença na construção de um ideário brasileiro no exterior, em associação com o espaço geográfico amazônico. O primeiro, provavelmente, como consequência da fama de jogadores como Pelé, Zico, entre outros. O segundo, devido à fama de ‘pulmão do mundo’ e de espaço de farta biodiversidade que o país tem. A língua reaparece consolidando a afetividade por meio do som.

A preferência pelo país é reforçada pela força do esporte, porém

à política é aberto o espaço neste trecho de Steve:

mas enquanto a notícia, se você dissesse ‘olha Steve, tem dois programas na televisão simultaneamente: tem as notícias do Brasil sobre o mensalão e o futebol e tem as notícias sobre a economia da Europa, austeridade, da Grã-Bretanha. Qual você escolhe?’ Ah Brasil. Aliás, mensalão. Eu assisti ontem à tarde, uma hora e meia, sentado aqui, ao vivo. ‘Uau!’ Eu acho muito importante. Me pergunta sobre um caso de grande repercussão na Grã-Bretanha no campo da justiça. Eu ‘tô’ fora. Não sei, não me interessa. (STEVE, 2012)

Observo que Brasil e Inglaterra são dispostos em construções imagéticas quase antitéticas de país do futebol e da corrupção política, para o primeiro, e questões econômicas e austeras, para o segundo. Contudo, em seu processo de identificação com a sociedade-lar, observo a predileção pelo noticiário brasileiro, justificado, pela moradia no Brasil e pela preocupação com as manifestações políticas e sociais contemporâneas. Referências aos acontecimentos mais recentes mostram que Steve mantém-se atento às ocorrências e preocupado com a situação do país, deixando transparecer desenraizamento quanto aos noticiários do seu país de origem. Sua preocupação, por exemplo, com o caso do ‘mensalão’ é um indicativo de que o sujeito vive o processo, por vezes tenso, de construção de cultura e identificação híbrida.

Aliado a isso, existe a noção de um Brasil que propicia aos estrangeiros um baixo custo de vida:

[...] havia uma percepção de que o Brasil era um lugar barato para viver. Não é. É muito caro. Não para o meu trabalho atual, mas para a minha aposentadoria. Eu teria dificuldades. E você tem que lembrar que, na Inglaterra, nós não pagamos por assistência médica, e não pagamos por escola, eu sei que o imposto é dedutível, mas ao mesmo tempo você ainda tem que pagar tudo no começo. (JOHN, 2012)<sup>162</sup>

---

<sup>162</sup> [...] there was a perception that Brazil was a cheap place to live. It’s not, it’s very expensive. Not for the actual job but my pension. I would find it difficult to, you’ve got to remember, in England, we don’t pay for the health service, and we don’t pay for school, I know the tax is deductible but at the same time you still got to pay it out in the beginning. (JOHN, 2012)

A visão de um país em desenvolvimento que permitiria uma vida financeira economicamente atraente depende da renda e das expectativas do sujeito em relação ao estilo de vida, que é objeto de reflexão. Se, por um lado, o Brasil poderia oferecer ‘qualidade de vida’ do ponto de vista climático e pessoal, por outro lado, do ponto de vista financeiro, a lacuna exposta pelas diferenças representava um desafio: pagar por benefícios de seguro saúde para si e para sua família, critério já elencado por Peter (2013); pagar pela formação e desenvolvimento educacional das crianças, uma vez que, no Brasil, a educação de qualidade está, muitas vezes, dividida – ou em escolas que proporcionam ensino técnico-profissional integrado, como os Institutos Federais de Educação, que, todavia, somente atingem estudantes a partir dos 13-14 anos de idade, ou nas mãos do setor privado educacional, o qual, por sua vez, pode abarcar desde a pré-escola até o ensino superior. Ainda que tais despesas sejam dedutíveis quando chegado o momento de declará-las no Imposto de Renda, John reconhece que elas não seriam devidas se estivesse na Inglaterra.

Contudo, vir para o Brasil é uma escolha, uma questão de livre arbítrio: “eu sei que as pessoas dizem coisas sobre o Brasil, mas eu tive escolha, e escolhi educá-los aqui [...]” (JOHN, 2012)<sup>163</sup>. Observo, pois, um reposicionamento financeiro e cultural do sujeito em relação ao que ele pensava – e almejava – para si e sua família e a situação que encontra em meio ao processo de estabelecimento. Ante a nova situação ele mostra-se resignado e justifica a opção através da oportunidade que teve em ‘escolher’. Migrar, na situação de John, não ocorreu somente em decorrência de uma necessidade política, financeira ou social, mas sim de uma ‘escolha’ pessoal. Acredito ser importante registrar que escolha é um termo recorrente em se tratando da vinda para o Brasil.

Korpela (2011) alerta para o fato de que migrações por estilo de vida, frequentemente, demonstram um fluxo de países mais ricos para os menos abastados, onde o clima representa grande diferencial. Para avançar nessa linha de raciocínio e com base no relato provido por John, o Brasil então figura na opção de um país que oferece melhores condições climáticas, sociais, culturais, religiosas, políticas e financeiras. Embora existam países europeus vizinhos cujas complexidades culturais sejam semelhantes à brasileira, John aponta o Brasil como o país com o qual se identifica:

---

<sup>163</sup> I know people say things about Brazil but I had the choice and I chose to bring them up here [...] (JOHN, 2012)

o Brasil foi meu país de escolha, pois ele fornecia muitas coisas que meu próprio país, por mais que eu o ame, era incapaz de fornecer. Fornecia uma língua, uma religião, uma estrutura de família bem grande, porque minha esposa tem uma família enorme, e o clima ajudava também. E, então, esses foram os pontos principais: a língua, a religião, a cultura. (JOHN, 2012)<sup>164</sup>

Observo que há uma empatia entre John e o Brasil fortalecendo a sua escolha pelo maior país da América Latina. A saída da Inglaterra não é representada através de conflitos pessoais, ou religiosos, ou políticos e nem por um sentimento de aversão, seu país apenas vivenciava um momento o qual não seria o mais adequado para e sua família experienciarem.

Em oposição ao que dizem sobre o Brasil, existem, do mesmo modo, os não ditos sobre o país. O familiar e o exótico (VELHO, 1978) se unem na esteira do poder de atração que o país exerce sobre o estrangeiro. Para tanto, ações afirmativas, no sentido de gerar conhecimento, são postas em práticas, principalmente com a família daquele que para cá migra:

na verdade, coisa engraçada, quando eu primeiro mencionei, quando eu mencionei o Brasil para o meu pai, ele tinha, ele estava convencido de que era uma ilha como a Dominica, é, [r], ele era totalmente ignorante sobre o tamanho do país e quantos habitantes. E ele não conseguia acreditar quando eu lhe contei. E quando eu mostrei no mapa, ele ainda assim, ele não conseguiu acreditar [r], então, então, o que é verdade. Eu imagino que muitos, se você mencionar Brasil para as pessoas, especialmente dez anos atrás, ou até dez anos atrás, as pessoas saberiam do Brasil mas não saberiam muito da geografia do Brasil, da história, das influências, do colonialismo que ocorreu em um dado momento. Eu tinha uma ideia disso, entende? E quando você menciona Brasil você sempre pensa, você sempre pensa no

---

<sup>164</sup> Brazil was my country of choice because it provided many things that my own country, as much as I love it, it was unable to provide. It provided one language, one religion, it provided a very large family structure 'cause my wife has a huge family, and the climate helped as well. And so they were the main points: the language, the religion, the culture. (JOHN, 2012)



futebol. Naquela época, entende? Você me faz pensar no Rio de Janeiro e você sabe, as pessoas iriam supor que o Rio era a capital do Brasil, e ir lá seria considerado um local exótico [ ] (ROBERT, 2013)<sup>165</sup>

Ainda que levemente reforçando o ideário de país exótico, de país do futebol, Robert salienta alguns conhecimentos errôneos acerca do conhecimento político que outros indivíduos poderiam ter, encarregando-se de mostrar seu domínio para o pai e ainda elencando elementos históricos sobre a constituição do país. Outras referências merecem destaque, como o fato de o Brasil ser comparado a uma ilha, talvez pela posição central em relação aos demais países da América Latina, ou em decorrência da semelhança no processo de colonização com as Antilhas.

Um elemento recorrente nos discursos é a questão do ‘saber **do** Brasil’, apontado anteriormente no discurso de John (2012) e que reaparece aqui na fala de Robert. ‘Saber **do** Brasil’ implica um conhecimento abstrato acerca do país com pouca – ou nenhuma – profundidade, salientando, porém, a sua existência sem obliterá-la. Por outro lado, por não fazer parte da cultura, Robert distancia-se e destaca aquela cultura como ‘exótica’, característica também recorrente no meio globalizado que concebe o Brasil como país exótico, explorando, contudo, o aspecto do exotismo, isto é, da diferença como o elemento que atrai.

A partir dos relatos dos sujeitos, identifico impressões de um país, geradas a partir dos conhecimentos absorvidos e dialogados no meio familiar e que ora são ressignificadas pelos filhos, como no caso de Robert (2013), ou resultam em alavancas motivadoras para os filhos,

---

<sup>165</sup> In fact, funny thing is, when I first mentioned, when I mentioned Brazil to my father, he had it, he was convinced it was an island just like Dominica, yeah [r], he was totally ignorant about the size of the country and how many inhabitants. And he couldn't believe it when told him. And when I showed him on the map, he still couldn't believe it [r] so, so, which is true. I would imagine that a lot of, if you mention Brazil to people, especially ten years ago, up until ten years ago, people would know **of** Brazil they wouldn't know much the geography of Brazil, the history, the influences, the colonialism that took place at one point. I had an idea of that, you know. And when you mention Brazil you always think, you always thought of football. At that time, you know? You make me think of Rio de Janeiro and, you know, people would've assumed that Rio would be the capital of Brazil. And to go there, it would've been considered an exotic place [ ]. (ROBERT, 2013)

no caso de Gary (2012), que tem na opinião da mãe um fator preconizado no deslocamento. O fato é que há um envolvimento da família na origem em momentos pré ou pós-deslocamentos reforçado pelo conhecimento dos sujeitos que dispõem do desejo em migrar:

eu [...] reconheço que as diferenças culturais entre os Estados Unidos e o Brasil são bem menos, bem menores, do que as diferenças culturais entre os Estados Unidos e o Irã. (GARY, 2012)<sup>166</sup>

O foco nas diferenças e nas semelhanças entre culturas faz parte de um investimento cultural que o sujeito toma para si e para a representação da sua conexão com o país. No caso de Gary, quanto mais próximos os dois países mais propenso ele estará na rota da adaptação.

A localidade como dispositivo de produção e formação de identidades culturais e campos sociais é muito importante no auxílio da compreensão de como a comunidade imaginada brasileira é concebida pelo estrangeiro, física e politicamente:

[...] você sabe, existem algumas questões aqui, algumas questões sérias aqui, mas você sabe, é comum em todo o país que [ ] você sabe, se o planejamento fosse um pouquinho melhor, seria um lugar fantástico, mas existe uma expressão ‘pedintes não podem escolher’ [r] então [pl]. Ahh [ ] existem, questões sociais, entende? Questões sociais, questões de planejamento, [ ] muita [ ] você vê diferenças enormes, em comportamento. Você vê umas coisas bem estranhas, coisas ridículas vão fazer você rir se você for inglês [r] ou bretão [r] mas é **sério**, é sério e você não pode brincar com isso, é um pouco triste às vezes, as pessoas não, as pessoas com a autoridade, a falta de responsabilidade das autoridades, você sabe? Se você está em uma posição influente, faça funcionar: influencie as pessoas, atraia as pessoas, para fazer alguma coisa pela sua comunidade. Não deixe as coisas se deteriorarem, não deixe as coisas seguirem seu rumo e esperar por, você sabe, seja um pouquinho proativo. De uma maneira positiva, todo mundo pode ser proativo, mas em termos de comunidade, o efeito das coisas

---

<sup>166</sup> I [...] recognize that the cultural differences between the United States and Brazil are far less, far fewer, than the differences between the United States and Iran. (GARY, 2012)

boas pode acontecer na comunidade e o reembolso é enorme, o qual você vê em outras sociedades. Se você vê algo funcionando para nós, você se mobiliza, né não? (ROBERT, 2013)<sup>167</sup>

Os espaços urbanos da origem são ressignificados a partir dos espaços urbanos da sociedade-lar, atribuindo-lhe novos olhares, aproximando as localidades durante o processo de apropriação. Além disso, em decorrência da globalização o que a localidade é hoje representa, na verdade, as diversas interseções que por ela passaram ao longo dos tempos e continuam passando, mostrando que sua representação física, cultural, social, política, entre outras, pode ser modificada daqui a algumas semanas, meses, anos. O processo de constituição, e construção, das localidades não é estanque, é líquido e sempre atravessado pelas subjetividades daqueles que por ali passam ou residem, temporária ou permanentemente.

A reprodução discursiva da localidade remete aos anseios do que o sujeito projeta como ideal para ele habitar: quer seja baseado em uma memória, em uma vivência, ou até mesmo em um desejo imaginativo, a sociedade-lar reflete o local de materialização de desejos. Uso então as palavras de Appadurai (1996, p. 197) para explicar que essa ação associativa entre localidade e desejo pessoal produz um “senso híbrido de subjetividade local”, pois o sujeito, simultaneamente, aproveita-se das suas origens e influências para aplicá-las à nova localidade:

na verdade, eu tenho dois sonhos aqui: [um] seria

---

<sup>167</sup> [...] you know, there are some issues here, some serious issues here, but, you know, it's common throughout the country that [ ] you know, if the planning was a little better, it would be a fantastic place, but there is an expression, ‘beggars cannot be choosers’ [r] so [pl]. Ohh [ ] there are, social issues, you know, social issues, planning issues, [ ] a lot of [ ] you just see huge differences, in behavior. You see some really strange, ridiculous things will make you laugh if you are English [r] or British [r] but it's **serious**, it's serious and you can't joke about these things. I don't know, it's a bit sad sometimes how, people, not people, people with authority, the lack of authority accountability, you know. If you are in a position of influence, make it work: influence people, attract people, to do something for your community. Don't let things deteriorate, don't let things take its course and wait for, you know, just a little proactive. In a positive way, you can all be proactive, but in terms of community, the effect good things can happen in the community but the payback is enormous, which you see in another societies. If you see something working for us you get behind, don't we? (ROBERT, 2013)

abrir uma livraria e o outro seria abrir uma loja de vinhos, porque eu amo vinho. Aqui já existem algumas lojas de vinho, mas de qualquer maneira, seria algo pequeno, só para mim. (KEVIN, 2012)<sup>168</sup>

Vários são os sentimentos que envolvem e que podem ser despertados durante essa materialização, desde saudosismo, alegria, até mesmo a ambição por um negócio. Nem que seja somente para o alcance da satisfação pessoal, ou buscando incentivar modos de ser e de viver, ao ampliar o contato cultural, a preocupação com a nova sociedade é destacada discursivamente. Muitos/as brasileiros/as viajam para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida, engajando-se de forma empreendedora em negócios, na esperança de acumular capital financeiro, esse deslocamento ganhou fama pela expressão do ‘fazer a América’ (ASSIS, 2007). Na situação proposta por Kevin, observo uma inversão deste empreendedorismo na intenção de ‘fazer o Brasil’ e transportar através de ideias e objetos, ou no caso da livraria, um empreendimento dos Estados Unidos para o Brasil, tornado tal ação uma experiência transnacional.

Durante o périplo pelo país, à medida que os sujeitos vão tomando conhecimento da realidade local, as narrativas apresentam visões que desconstroem as concepções que traziam consigo. Para ilustrar essa situação uso um excerto de John sobre a busca por uma cidade para se estabelecer, na qual a cidade de Florianópolis aparece: “bem, um dos *clientes*, na verdade, um vizinho veio de Florianópolis, e ele disse: ‘meu Deus, você não conhece Florianópolis? É tipo, tipo chuva sete meses por ano, e você precisa falar espanhol’[...]” (JOHN, 2012)<sup>169</sup>. Na teia de visões construídas, o desconhecimento sobre o local ocorre, muito provavelmente, por influência do seu vizinho, sobre a capital do estado de Santa Catarina, a qual é concebida sob a noção de uma cidade com alto índice pluviométrico e que requer uma língua estrangeira na comunicação com seus habitantes. Noção esta que, provavelmente, é advinda da relação fronteiriça e da grande mobilização

---

<sup>168</sup> Actually, I have two dreams here: [one] it would be to open up a book store and the other one would be to open up a wine store, because I love wine. Here there are already a couple of good wine stores but anyway, it would be something small, just for myself. (KEVIN, 2012)

<sup>169</sup> Well, one of the *clientes*, a neighbor actually came from Florianópolis, and he said: “My God, don’t you know Florianópolis? This is like, like rain seven months a year and you need to speak Spanish” [...]. (JOHN, 2012)

turística proveniente dos países sul-americanos vizinhos, como Argentina, Uruguai, Paraguai, cujos cidadãos comunicam-se em espanhol.

Por outro lado, quando o assunto é a migração e a legalização de estrangeiros, o Brasil pode ser visto como não exigente “eu acho que Brasil não é muito rigoroso” (STEVE, 2013) – e burocrático, podendo, até mesmo, ser comparado com os Estados Unidos: “eu acho que o Brasil é um pouco mais burocrático [que a Inglaterra]. Talvez o Brasil seja similar ao modelo americano [...]” (PETER, 2013)<sup>170</sup>. Diante de uma onda migratória, o país desenvolve estratégias para regular a entrada de imigrantes, que se deslocam através das dinâmicas provocadas, muitas vezes, pelo mundo globalizado e a nova ordem mundial econômica ou política. Isso é refletido no discurso de forma positiva:

[...] sim, a minha impressão é que Brasil dá bem vindo [boas vindas] aos estrangeiros, geralmente, pelas leis. Claro que [o] Brasil não pode abrir todas as portas para quem quiser, porque não, senão a metade dos peruanos, colombianos, equatorianos, queriam morar aqui. Não tem, não tem como [ ] absorver todas as pessoas. (STEVE, 2013)

Visto pelo âmbito da legalidade, o país deixa uma impressão positiva, porém ao mesmo tempo, reguladora da entrada de cidadãos estrangeiros. Relações de semelhança, pelo fato de serem de fora, aproximam e afastam Steve dos outros sul-americanos que, potencialmente, desejam vir para o Brasil. Se para eles torna-se um processo, relativamente, fácil, já que vem à trabalho ou casados ou aqui estabelecem laços conjugais que lhes conferem segurança em relação à permanência, para outros estrangeiros que para cá se deslocam sem garantias o processo demanda um esforço maior.

E nessas comparações, o referencial de lar torna-se uma categoria flutuante sendo alternada pelo conhecimento de outras regiões do país que se assemelham ao local de origem e que despertam análises de mudanças e experiências de estadias. Brah (2003) alerta que as referências de lar são, muitas vezes, expressas pelas experiências refletidas nos locais onde são cotidianamente vividas e revividas. A autora relata que o sentimento de ‘declarar-se em casa’ é sedimentado

---

<sup>170</sup> I think Brazil is a bit more bureaucratic [than England]. Maybe Brazil is similar to the American model [...](PETER, 2013)

pela interseção entre familiares, parentes, vizinhos, colegas ou amigos nos espaços onde tais experiências ocorrem. No caso de Peter, esse referencial oscila entre o Rio de Janeiro e, posteriormente, a Paraíba:

eu acho que está mudando, eu acho que o Brasil está mudando um pouquinho [ ] mas, talvez, um pouco menos aqui. Eu acho que João Pessoa está um pouco atrás, certamente, em relação ao sul do país. Eu estava falando, não falando, nós fomos ao Rio [de Janeiro] bem recentemente em um feriado, e era como um país diferente, eu acho. Eu me sinto mais em casa, para ser honesto, provavelmente no Rio [de Janeiro] do que aqui, porque é uma cidade grande, é um pouco mais desenvolvida, tem mais comércio, é mais multicultural do que João Pessoa. (PETER, 2013)<sup>171</sup>

João Pessoa, quando comparada ao resto do país, em especial ao Sul – normalmente tido como a porção regional do país mais desenvolvida – parece estar ‘um passo atrás’. Sua referência sobre as porções regionais, sul e sudeste – ao mencionar o estado do Rio de Janeiro –, me lembram Albuquerque Junior (2008) quando ele comenta sobre a construção dos conceitos de região. Aqui, no discurso de Peter, observo que as noções de região estão, ideologicamente, atreladas a noções dicotômicas como desenvolvido/não desenvolvido, cidade grande/cidade pequena, mais comércio/menos comércio, mais multicultural/menos multicultural. São paralelismos que ajudam a reforçar as imagens já (pré)concebidas dos locais e suas condições de vida estruturantes.

A própria referência do ‘sentir-se mais em casa no Rio de Janeiro’ é reexaminada:

[...] eu definitivamente, isso é definitivamente, eu considere aqui meu lar, e, até mesmo no Rio eu queria voltar, porque, de novo, é tranquilizante. Eu gosto daqui [Paraíba], é pacífico, é um bom

---

<sup>171</sup> I think it is changing, I think Brazil is changing a little bit [ ] but maybe less up here. I think João Pessoa is perhaps behind, certainly the south of the country. I was talking, not talking, we went to Rio fairly recently for a holiday, and it's like a different country, I think, I feel more at home, to be honest, probably in Rio than I do here, because it is a big city, it's a bit more developed, there is more commerce, it's more multicultural than João Pessoa. (PETER, 2013)

lugar para viver. (PETER, 2013)<sup>172</sup>

Mostrando que é o local de residência que se realiza efetivamente como o lar e, por isso, Peter reposiciona-se em relação à afirmação anterior sobre a capital carioca. Esse deslocamento espacial e discursivo do sujeito serve para mostrar que nenhum discurso é fechado, encerrado ou concluído, podendo ser a qualquer tempo revisto e reposicionado pelo locutor. A mediação entre o referencial de lar e onde se encontra o lar pode ser ambígua e despertar sentimentos de hesitação na escolha, sendo, muitas vezes, representada por atributos de grandes metrópoles. Contudo, é na localidade, caracterizada pela ausência de conflitos logísticos, violência, entre outras questões difusas, que o lar é materializado física e discursivamente.

Diferentes histórias articulam as noções de lar, mas fazem sobressair a necessidade de um local que envolve a realidade de sentimentos, como aconchego, segurança, identificação:

e [Recife] não era, digamos, um lar, [ ] não tinha as minhas coisas na parede [aponta para uma coleção de mapas cartográficos originais antigos], eu sentia falta disso mas, não **tanto**. Eu não fiquei deprimido por isso, era, era uma situação cômoda, digamos. (STEVE, 2013)

A noção de casa é abraçada pelo sujeito, pois o representa fisicamente, é o local com que ele pode compartilhar, abstrata e fisicamente, intimidade. Em sua parede, por meio dos quadros que ele aprecia, ele pode manifestar sua personalidade e interesses artísticos. O próprio Peter (2013) já havia mencionado que, a despeito do poder de atração que o Rio de Janeiro se manifestara sobre ele, é em João Pessoa que ele se sente ‘em casa’.

Várias são as associações enunciadas nos discursos, estereotipadas ou produzidas pelos sujeitos na trilha da elaboração imagética e sensorial do Brasil. Filme, língua, música, supostas facilidades financeiras relacionadas à habitação, à educação, à saúde, ao estabelecimento de uma qualidade de vida e até mesmo o já conhecido futebol são discutidos em meio a impressões, críticas, construções ou desconstruções sobre o Brasil. Diante de representações visuais, políticas, financeiras, culturais e pessoais, o país é imaginado com base em um passado colonial, construído a partir do contato hegemônico e

---

<sup>172</sup> [...] I definitely, this is definitely, I considered this my home and even in Rio I wanted to come back because again it's reassuring, I like here, it's peaceful, it's a good place to live. (PETER, 2013)

capitalista sobre um país em desenvolvimento e onde, possivelmente, o custo de vida seria mais em conta.

Posteriormente, tais ‘imaginações’ são confrontadas em meio às experiências vividas e, principalmente, a partir do contato com a alteridade brasileira.

## VISÕES DO OUTRO BRASILEIRO

As experiências com alteridade e os contatos com a ‘brasilidade’ revelam muito sobre a inspiração que estes podem exercer na reflexão acerca dos reposicionamentos subjetivos. Aqui, as experiências com o outro tornam-se visíveis através das impressões dos estrangeiros sobre o outro local, muitas vezes, referenciado por eles como o outro ‘nativo’, o outro brasileiro. Em paralelo, surgem visões sobre o outro estrangeiro, tanto a partir do paradigma de uma analogia cultural – comparando-se a outros cidadãos de mesma nacionalidade – quanto da diferença – comparando-se a outros estrangeiros. Abordarei, inicialmente, as interpretações sobre o outro brasileiro e, em seguida, sobre o outro estrangeiro, demonstrando como elas solidificam ou desconstróem processos de identificação.

Vir e permanecer no Brasil são ações sujeitas a diversos níveis de identificação e adaptação, mas os sujeitos não estão alheios às diferenças que aqui irão encontrar ou já encontraram: “[...] a maneira como as pessoas são, é diferente, a maneira como os costumes são diferentes” (PETER, 2012)<sup>173</sup>. Acredito que é justo dizer que o reconhecimento de um ‘jeito de ser brasileiro’ constitui a essência da aproximação no processo de estabelecimento na cidade:

muito bem, todo mundo diz que é como se eu fosse brasileiro, porque eu me adapto onde quer que eu vá, mas eu me sinto bem em um lugar que eu normalmente, me adapto mais facilmente, eu realmente me sinto à vontade aqui. Então, eu não tive nenhum problema, muito pelo contrário, eu sinto como se eu fosse de João Pessoa. (KEVIN, 2012)<sup>174</sup>

---

<sup>173</sup> [...] the way people are is different, the way the customs are different [...] (PETER, 2012)

<sup>174</sup> Very well, everybody says that is like I was Brazilian, because I adapt wherever I go but I feel good in a place where I usually adapt easier, I really



No relato de Kevin, observo a visualização de um ‘ser brasileiro’ que remete a um povo com capacidade em se adaptar, facilmente, a novos ambientes e condições. A potencial impossibilidade de pertencimento com o novo local o intimida. A pertença, portanto, é percebida como uma sensação, um sentir-se confortável, sem muitos formalismos, uma identificação subjetiva e local: Kevin agora faz parte desse mundo como se sempre a ele pertencesse. Relações de afinidade e identificação são estabelecidas com o local e com os habitantes em meio aos processos de escolha e adaptação.

Habitar uma nação, diferente daquela em que nasceu, permite ‘performatizar’ a subjetividade, criando novas possibilidades de posicionamentos subjetivos, baseados no contato com o nativo brasileiro. Está em jogo o que Velho (2010) chama de “plasticidade sociocultural”, por meio da qual o sujeito circula entre espaços e manifestações identitárias estratégicas. O ‘ser brasileiro’ na visão de Steve é:

bom, demonstrar emoção, poder tocar, abraçar, chorar, [ ] também o lado moleque [r], o lado moleque, no melhor sentido da palavra, eu tenho um sentido de humor, todos temos de certo grau, e, por exemplo, a minha conversa entre familiares aqui em João Pessoa é diferente da minha conversa numa situação semelhante na Grã-Bretanha [ ] aqui eu procuro fazer trocadilhos, né, trocadilhos? [pl] E tirar proveito dos eventos cotidianos né? [ ] Para fazer as pessoas rirem, eu gosto disso. (STEVE, 2013)

Entendo que a possibilidade de libertar-se das amarras culturais e permitir-se novas subjetividades, através das emoções e do contato físico com o outro brasileiro, materializa o empoderamento do sujeito inglês que, em decorrência da sua formação cultural, não poderia na sociedade de origem, desenvolver tais performances. Certos termos podem assumir significados específicos a depender da intenção do falante e do contexto em que estão inseridos, como é o caso do vocábulo ‘moleque’ por Steve destacado, que pode ser entendido como jovial, bem humorado, uma alusão ao fato de o povo brasileiro ser detentor de tais características. As relações sóciofamiliares são confrontadas em detrimento do seu reposicionamento subjetivo: aqui, ele desenvolve

---

feel at ease here. So, I haven’t had any problems at all, quite contrary I feel I was from João Pessoa. (KEVIN, 2013)

diálogos com os quais se sente melhor. As novas relações pessoais e linguísticas corroboram a figura de uma coesão social entre o sujeito e o novo local que, por sua vez, permite uma maior liberdade de ação e de comparação entre as culturas.

As manifestações e as interpretações sobre as diferenças interculturais ficam mais evidentes nas relações entre os sujeitos e o cidadão local, a cultura local, a política local, enfim, entre o novo lugar:

[...] e conheci um povo muito caloroso, um povo muito acolhedor, muito preocupado, muito trabalhador. Eu conheci algo que realmente, a partir daquele momento, mudou a minha vida, porque, até ali, eu não conhecia o Brasil [...] (JOHN, 2012)<sup>175</sup>

Com relação à violência da favela em que John primeiro vivenciou o Brasil, ele acompanhou e experimentou novas relações com as pessoas da localidade. Sua impressão sobre ‘identidade cultural brasileira’, supostamente semelhante à inglesa, é desconstruída ao descrever pessoas diferentes daquelas do seu convívio na sociedade de origem. A convivência com os moradores e frequentadores do local onde prestava seu trabalho voluntário, mostrou-lhe como a diferença entre os povos pode ser, ao mesmo tempo, contrastante, avassaladora e inclusiva, ao envolvê-lo de um modo afetuoso com o qual não estava acostumado.

Brah (2003) elenca a “diferença como relação social” ao abordar questões identitárias de determinados grupos étnicos. Sem atermo a questão étnica, mas focando na cultural, utilizo esse tipo de articulação para ressaltar o modo como a diversidade é percebida pelos sujeitos:

[...] então, eu acho que eu tive muita dificuldade em adaptar-me a esse calor humano e à hospitalidade porque a Inglaterra e os ingleses *per se* são pessoas muito [ ] muito frias, eles são muito, [ ] **nós não somos**, a grande diferença é que nós não somos uma nação com tato. Então crescer em uma nação com tato... uma nação que não tem tato e, então, vir para uma cultura onde todos estão em cima de você como uma **alergia**, é bem impressionante. Então olhando para trás,

---

<sup>175</sup> [...] and met a very warm, a very all embracing people, very caring, very hard working. I met something that really changed my life from that point because up til then I did not know Brazil [...] (JOHN, 2012)

pode não ter sido tão amigável quanto eu pensei, mas talvez tenha sido esse contraste da Inglaterra com o Rio, foi tão bom que eu me senti daquele jeito. (JOHN, 2012)<sup>176</sup>

Assim, os/as brasileiros/as são pessoas descritas como hospitaleiras, prestativas, trabalhadoras, que vivem em um ambiente de simpatia e cordialidade. Em oposição, ao ambiente da Inglaterra e do povo inglês, que, a seu ver, seria frio e sem muitas aptidões táteis. O sujeito, pois, deixa uma nação que, segundo ele mesmo, não possui habilidades de conduzir relações sociais com sensibilidade, para uma nação que o abraça em uma esfera de novas relações pessoais, afetivas e sociais, o que, no futuro, o faz sentir-se bem. Sua relação interpessoal com os/as brasileiros/as deixa a esfera da instrumentalidade, no sentido de apenas ter as condições de realizar a tarefa de construção da creche, para adentrar uma esfera que suscita diferentes sentimentos, posturas e práticas.

O uso do termo *tátil* pode remeter tanto ao campo semântico do toque, no sentido de permitir ao sujeito perceber formas, consistências, isto é, tocar o outro – lembrando que algumas culturas estrangeiras pressupõem certo distanciamento espacial entre os sujeitos em ambientes sociais –, quanto referir-se à capacidade de interagir de forma mais calorosa ou afetiva, característica típica brasileira. Se por um lado, e a princípio, as diferenças distanciam ou afastam, elas, do mesmo modo, podem atrair, promovendo uma possível hibridização cultural no processo de adaptação.

A percepção de diversidade lhe permite contrastar as diferenças culturais, mostrando outras formas de agir e de (re)pensar seu próprio modo subjetivo. Nesse conflito pessoal que o estrangeiro vivencia, a diferença aparece como uma noção que vai afastá-lo da homogeneidade cultural das suas origens, do compromisso do indivíduo em pertencer a uma cultura, para então ele perceber-se em meio à heterogeneidade cultural, a qual pode trazer novas configurações culturais, sociais, relacionais. Por meio da interseção entre experiência, alteridade e

---

<sup>176</sup> [...] so, I think I had a great level of difficulty adapting to that warmth and friendliness because England and the English *per se* are a very cold [ ] people, they are very, [ ] we are not, the big difference is **we are not** a tactile nation. So to grow from a tacti... a nation which is not tactile and then come to a culture where everybody is over you like a **rash** is quite overwhelming. So looking back it may not had been as friendly as I thought was, maybe it was just the contrast of England to Rio, it was so great that it felt like that. (JOHN, 2012)

diferença, o sujeito exercita-se em uma constante mutável de apropriações e ‘reapropriações’ subjetivas e identitárias. Em suas palavras, John admite que a experiência foi “como uma **alergia**” e “bem impressionante”. Essa percepção patológica que ele atribui ao seu contato inicial com as pessoas pode estar baseada no fato de que os homens ‘sofreriam’ mais com o peso da cultura, nesse caso a inglesa, pois devem cumprir um papel que lhes foi, social e culturalmente atribuído, como o de ser forte e de não chorar, atributos da masculinidade hegemônica.

Cada vez mais a noção de ser abraçado pelo contato é reforçada nos discursos: “minha única opinião é que os brasileiros com que eu convivi e trabalhei são, eu uso a expressão *maravilhosamente acolhedores*. E esse é um ponto que eu gostaria de enfatizar” (GARY, 2012)<sup>177</sup>. Percebo, pois, uma conexão entre a experiência e a língua. Em seu comentário enfático acerca dos/as brasileiros/as, quando ele utiliza a expressão em português, Gary permite, intencionalmente, o destaque e aponta uma noção de identificação entre o que é enunciado e sobre quem é enunciado, materializando a sua relação de afetividade com a nação. A percepção sentimental aproxima-se fisicamente via língua. Língua, cultura e afinidade se unem neste excerto para fazer referência ao povo brasileiro. Usados em outro contexto, isto é, na língua mãe do falante, os termos não promoveriam o mesmo efeito afetivo que ele sente em relação a sua experiência.

John (2012) e Gary (2012) já haviam mencionado e Peter reforça a questão da afabilidade local, e ao fazê-lo, ele tem o cuidado de não generalizar:

[...] os brasileiros são muito hospitaleiros e abertos, eu acho. Para responder a um ponto da sua pergunta [sobre como se sente no Brasil], eu acho que as pessoas brasileiras são, em geral, muito hospitaleiras e abertas [...]. (PETER, 2013)<sup>178</sup>

Seu relato corresponde a observações realizadas a partir do contato e da vivência, mostrando como estas são importantes no

---

<sup>177</sup> My only opinion is that the Brazilians that I live and work with are, I use the expression *maravilhosamente acolhedores*. And that’s a point I would want to emphasize. (GARY, 2012)

<sup>178</sup> [...] Brazilian are very welcoming, and very open, I think. To answer one point of your question, I think Brazilian people, in general, are very welcoming and open [...] (PETER, 2013)

processo de adaptação e identificação. Em contrapartida, na visão de Robert, os brasileiros tem tendência a divulgar suas opiniões livremente, muito embora não tenham sido requisitados para tal atividade:

[...] as pessoas aqui são muito opinativas, elas vão dar as suas opiniões [...] Ééé, eu espero não estar generalizando aqui, mas eu acho que as pessoas gostam de dizer o que querem [r] e aí então elas se preocupam com as consequências depois. (ROBERT, 2013)<sup>179</sup>

O contraste cultural e relacional entre os estrangeiros e os ‘nativos’ desmistifica as próprias noções, podendo, inclusive, as desconstruir, possibilitando novas sensações, sentimentos, afetividades.

Ao refletir sobre o interesse do brasileiro pela pátria Peter infere “[...] eu não acho que os brasileiros, os brasileiros são muito patrióticos [ ] eu não sei, o Brasil nunca vai para a guerra, e guerra é uma coisa ruim [...]” (PETER, 2013)<sup>180</sup>. Muito embora ir para a guerra não seja um condicionante de patriotismo ou nacionalismo, impressões pessoais se fundem às experiências e à vivência no país proporcionando uma reorganização ou reconstituição dos, supostos, estereótipos que marcam as culturas e suas ações ao redor do mundo. Avançando mais um pouco nesse sentido, os sujeitos descrevem experiências singulares e intensas. Contudo, ao vivenciarem ‘imersões’ e sensações, eles têm a sensibilidade de perceber que foram os contrastes presentes na diversidade que os fizeram sentir-se bem, despertando o desejo de mudar para aquela nação, ser parte dela, serem afetados por essas relações e desenvolverem tais sentimentos.

Os/as brasileiros/as são elencados/as na relação de peças que, do mesmo modo, compõem o quebra-cabeça migratório. Como em um jogo, no qual cada parte combina-se a outra parte até, juntas, formarem uma imagem, as motivações migratórias desses sujeitos têm, no povo brasileiro, uma espécie de suporte afetivo na formação pictórica do migrar. No tatear das novas relações, antigas percepções sofrem modificações a partir do olhar sobre o outro estrangeiro que recebe novas tonalidades de interpretações.

---

<sup>179</sup> [ ] people here are very opinionated, they will give their opinions [...]Yeah, I hope I’m not generalizing here, but I think that people like to say what they mean [r] and then they worry about the consequences after. (ROBERT, 2013)

<sup>180</sup> [...] I don’t think Brazilians, Brazilians are very patriotic [ ] I don’t know, Brazil never goes to war, and war is a bad thing [...] (PETER, 2013)

## VISÕES DO OUTRO ESTRANGEIRO

A partir das suas origens globais os sujeitos se mostram dispostos a ver e viver o local, a experiência, os sentimentos, é a natureza cosmopolita em ação. É na vivência – e na convivência – e por meio do olhar sobre o outro que novas tomadas de consciência são executadas. As visões crítico-reflexivas sobre patrícios, em uma linha que segue a ‘autoperspectiva’, ou a ‘autoreflexão’, ou ainda a ‘autoavaliação’, talvez não pudessem ter sido oportunizadas se os sujeitos não tivessem contato com outras culturas e até mesmo com os/as brasileiros/as. Embora em alguns momentos tenham sinalizado dificuldade em se adaptar, os estrangeiros aqui entrevistados reconhecem, posteriormente, seu encantamento por terem sido afetados de tal forma.

A partir daí, observo forças de repulsão no que concerne o contato com cidadãos de origem semelhante as suas, ou de outros países que não o Brasil:

eu não [faço parte de grupos de estrangeiros]. Existia um, na verdade, um dos professores aqui, John, ele estava trabalhando com um grupo de *gringos*, essa é a palavra que as pessoas usam aqui. Eu fui convidado duas vezes para ir, mas eu fui, de fato, apenas uma ou duas vezes, mas eu nunca fiz parte desse grupo, foram ocasiões isoladas. E foi isso. Eu nunca, eu tenho boa integração com as pessoas aqui em João Pessoa. (KEVIN, 2012)<sup>181</sup>

Referências aos sujeitos estrangeiros que demandam contatos com outros estrangeiros são vistas como sinais de ausência ou dificuldade de adaptação à *Terra Brasilis*, além de serem ressaltados como importunos. O uso lexical do termo *gringo* denota, através da explicação dada por Kevin, uma alusão pouco positiva em relação àquele que vem de fora do país, semelhante ao caso de Steve (2012), na Colômbia. Noto que não há uma diferenciação quanto à nacionalidade, mas sim uma aglomeração em um grupo identificado pela nomenclatura

---

<sup>181</sup> I don't [take part in groups of foreigners]. There was a, actually one of the teacher's here, John, he was working with a group of *gringos*, that's the word people say here. I was two times invited to go but I went for sure, once or twice, but I never was part of the group, it was on isolated occasions. And that was it. I never, I integrated a lot with the people here in João Pessoa. (KEVIN, 2012)

de ‘gringos’, como uma forma de ‘etnicizar’ esses sujeitos, que se assemelham por não terem nascido no Brasil. As descrições sobre o outro estrangeiro servem para mostrar as percepções de alteridade e mostrar, igualmente, percepções sobre ele mesmo. Steve (2012) posiciona-se na mesma linha de raciocínio, relatando sobre o importuno que um cidadão inglês vem lhe causando há algum tempo, ao tentar contato via redes sociais. Ele teme que uma vez aceito o convite virtual, o sujeito passe a importuná-lo anda mais e talvez até na forma presencial.

Para Robert, há um leve desconhecimento até mesmo sobre a existência de outros ingleses na cidade, além daqueles com quem tem contato: “éé, eles devem estar se escondendo. Se eles existem, por favor, me fala sobre isso, porque eu não sei [...]”(ROBERT, 2013<sup>182</sup>). Os ingleses parecem deslocar o dito comportamento de ‘raça insular’, o qual Robert já havia mencionado, e se mantém incógnitos na interação social com outros ingleses fora do ambiente de trabalho.

Círculos de amizades e a própria relação de caráter social do ato de ‘fazer amigos’ são destacados como elementos de ligação, mas que não são ditados pela cultura:

[...] felizmente, eu não preciso de um grande círculo de amigos e acho que se fosse, eu conheço muitos ingleses, ingleses, ingleses, que tem redes na Inglaterra, né? Ou até aqui, [ ] de amigos. E, sem essa rede de amigos eles [ ] eles não são, não são ninguém. Eu sou alguém. Eu realmente não preciso. (STEVE, 2013)

A percepção do *self*, enquanto sujeito autossuficiente e ‘insular’, denota um Steve livre, desenraizado, mas, aparentemente, introvertido. Para ele, a aceitação social não é tão importante quanto para outras pessoas. Ao constatar que não necessita de um número elevado de amigos, ele demonstra também estar satisfeito com seus próprios pensamentos e ações, sem necessitar do apoio ou validação de outros. Se possuem amigos estrangeiros, isso é, provavelmente, em virtude do local de trabalho, ou dos contatos de trabalho: “eu não tenho muito contato com os britânicos aqui em João Pessoa, somente na escola. Quando eu venho para casa, eu meio que termino, finalizo”

---

<sup>182</sup> Yeah, they must be hiding. If they exist please tell me about it, because I don’t know [...] (ROBERT, 2013)

(ROBERT, 2013)<sup>183</sup>. Se possuem amigos no país de origem, estes não são da mesma nacionalidade ou estrangeiros, exclusivamente. Em sentido contrário, eles mostram um claro desinteresse no agrupamento social com sujeitos de origem semelhante.

A necessidade de convivência com a alteridade é vista com base no contato com o outro local e não com o outro que vem de outro país. Nesse sentido, o estrangeiro é ‘abraçado’ pelas relações com brasileiros/as, o que é evidenciado pelas palavras de Peter:

não, não, eu não estou [frequentando grupos de estrangeiros]. Eu os evito, para ser sincero. Eu sou o oposto, por que eu, é impossível. Eu realmente não gosto de coisas desse tipo, eu prefiro tentar e abraçar o local onde estou. Eu gosto, eu vivo aqui porque eu escolhi viver, eu gosto de viver aqui. Então, é ... não, eu realmente não. Eu tenho muitos amigos que são estrangeiros, é claro, mas não, não mesmo, não como participar de um clube inglês ou algo do tipo [...] (PETER, 2013)<sup>184</sup>

A sensação de ser ‘afetado’ ocorre no contato com o outro, na possibilidade de afetar o outro com sentimentos, sensações, novas percepções sobre as pessoas e as nações e suas culturas. Reflito que ‘ser afetado’ é condição *sine qua non* para ampliar os conhecimentos e reconstituir os paradigmas pessoais, através dos caminhos que o outro proporciona ao sujeito. O encontro com o outro ‘diferente’ materializa não somente a localidade de origem, enfatizando-a, bem como a localidade de si na diferença. Nessa relação de alteridade, posso dizer que as subjetividades são afetadas no sentido de agregar novos sentimentos e novas relações interpessoais. Ser afetado é, simultaneamente, efeito e consequência para a ocorrência do acúmulo de capital social e, posteriores, reconstituições subjetivas nas identidades culturais dos sujeitos afetados.

Avançando nessa linha de reflexão, o deslocamento de um país para o outro, ou de uma cidade para outra, é importante para ‘afetar’

---

<sup>183</sup> I don't have much contact with the British people here in João Pessoa, only for the school. When I come home, I kind close it, finish it. (ROBERT, 2013)

<sup>184</sup> No, no, I'm not [attending foreigners' groups]. I avoid them, to be honest. I'm the opposite, as much as I, it's impossible. I don't like things like that really, I prefer to try and embrace where I am. I like, I live here because I choose to live, I like living here. So yeah no, I'm not really. I have lots of friends who are foreigners, of course, but no, not really like have an English club or something [...] (PETER, 2013)



aquele que se desloca, seja através das memórias, que funcionam como dispositivos de tomada de consciência, ou dos espaços que marcam as memórias dos locais em que se inscrevem enquanto recordações e nas trajetórias até os espaços.

Se por um lado, interpretações são geradas a partir dos locais em que os sujeitos encontram com outros sujeitos, por outro lado, elas advêm de experiências:

eu tive. Existiram outros americanos, homens dos Estados Unidos que conheci. E eu acho que eles também se adaptaram muito precariamente. Existia um, por exemplo, ele era professor da universidade, que, na verdade, era agressivo com os alunos e tinha essa moça que era uma professora [com bolsa da] Fulbright que estava somente interessada no progresso da sua carreira. Então, o tipo de americanos que eu conheci aqui, tanto os homens quanto as mulheres, não foi, não eram os tipos de pessoas que eu gostaria de fazer amizades e eles causavam muita confusão e por essas razões, eu normalmente não tive contato com estrangeiros. (GARY, 2012)<sup>185</sup>

Gary demonstra clareza no que deseja para si e naquilo que consegue ver nas pessoas de nacionalidades como a sua e outras também: não tem interesse em ter contato em decorrência dos motivos por ele apontados. Ele censura os/as colegas de pátria que para cá se deslocam somente para fazer carreira, sem muito se importar com a troca cultural que poderiam oferecer. As críticas aos comportamentos adotados por outros/as americanos/as, independente do gênero, mostram atitudes que por ele são reprovadas, como agressividade e ambição. Reconheço que tais interpretações podem denotar uma vontade de escape à identidade estrangeira, ou talvez de concepções criadas acerca de determinadas nacionalidades, como a agressividade e a ambição nos negócios, muito comum aos estadunidenses ou aos ingleses na época

---

<sup>185</sup> I have. There have been other Americans, men from the States that I have known. And I think they too adapted very poorly. There was one, for example, he was a professor at the university, who actually was aggressive against the students and there was a lady who was a Fulbright professor, that was only interested in advancing her own career. So the kind of Americans I met here, both men and women, were not, they were not the kind of people I wanted to be friends with, and they caused a lot of trouble, and for that reason, I generally did not have contact with foreigners. (GARY, 2012)

imperialista e expansionista.

Sentimentos que remetem ao isolamento podem ser frutos culturais, mas, igualmente, heranças familiares:

eu sou como meu pai, eu não, honestamente, eu não preciso de amigos. Pra mim, isso também, sendo um inglês da minha geração, um amigo é um compromisso tão grande que me dá medo, certo medo. Eu gosto da minha companhia, com o gato [olha o gato]. Eu sou capaz de, agora não porque me casei com Marina, mas eu era capaz de viajar sozinho. Uma vez fui ao Chile do Recife, passei uma semana no, quase no topo de uma montanha sozinho, me sentindo, ‘uauu’, feliz da vida. (STEVE, 2012)

A fala de Steve mostra compreensões de um *self* sem a necessidade de convivência com o outro, de mesma ou diferente nacionalidade, e que denotam um ‘desenraizamento’ da origem. Ele já havia declarado sua falta de necessidade com círculos de amizade, porém aqui propõe uma relação incomum entre o sentimento que a amizade pode lhe proporcionar: o medo. As razões que provocam tal sensação inquietante podem estar depositadas no plano psíquico, contudo a raiz cultural e, porque não, nas palavras de Robert (2013), insular, também poderiam ajudar nesta composição imagética. Esse mesmo deslocamento das raízes ocorre também no cenário com os familiares:

na verdade, minhas irmãs são meio, tipo assim, como eu também. Então, nós meio que, deixamos o tempo passar, e quando nos encontramos, ah, parece que foi ontem. Ninguém tem sentimentos negativos sobre isso. (KEVIN, 2012)<sup>186</sup>

A justificativa do afastamento vem validada pela ação semelhante dos familiares, aqui na figura das irmãs. Deixar o tempo passar, o desenraizamento com a sociedade de origem, criar novos rizomas na sociedade-lar não implicam na perda dos laços familiares. O reencontro é visto como um momento de regozijo e não arrependimento pelos momentos que passaram sem contato.

O habitar a cidade provoca reflexões quanto às identidades culturais: “ah em João Pessoa. O que é ser um britânico? Eu acho que

---

<sup>186</sup> Actually, my sisters are sort of like me as well. So we sort of, we let time pass, and when we get together, oh it just seemed like yesterday. Nobody really has hard feelings about that. (KEVIN, 2012)

não sei mais” (STEVE, 2012). Como se estar na cidade suspendesse a ‘inglesidade’ ou a ‘americanidade’ e lhes permitisse distanciamento para falar de atitudes e práticas socioculturais com as quais eles tenham sido afiliados um dia, embora hoje não as realizem mais de forma integral.

É revelada, pois, uma antinomia discursiva que, simultaneamente, mostra uma noção de afastar o ‘ser estrangeiro’, um desejo de não ter mais aquela prática sociocultural, e revelar a consciência de que não é possível retirar-se completamente daquela realidade, afinal o sujeito nasceu lá, onde sua origem de prática social primeiro surgiu. São fronteiras sobrepostas e que estão, constantemente, sendo refeitas a partir das vivências dos sujeitos.

Observo um cotejo discursivo constante entre o sentimento que envolve o ser ‘estadunidense’ ou ‘americano’, e o ser ‘inglês’ em oposição ao estar fora do local de origem, muitas vezes expresso através da exemplificação das experiências de outros estrangeiros imigrantes:

então, esses britânicos chegaram no México, Argentina, Chile, Brasil, Uruguai, Paraguai, todos esses países, Recife, João Pessoa. Chegaram já com contratos no bolso, com pouco de dinheiro e com garantia. A maioria, você sabe, dos emigrantes dos seus países de nascimento chegaram no Brasil, na Argentina, com nada, com sonhos, talvez com parente depois de um certo período, como os japoneses, já que falamos dos japoneses em São Paulo, cinco, seis gerações. Mas os britânicos eram diferentes e eu também. Eu não tive medo, porque eu sabia que, chegando em Guadalajara, México, me esperava uma casa, e uma casa boa. Tinha um salário, muito bom, um emprego e o garantor [garantidor]. Passe o que pudesse passar. Se houve [houvesse] uma revolução civil, e queriam expulsar os ingleses, tudo bem. ‘Qual é o avião?’ Me manda a passagem. Então é isso, uma grande diferença. E eu acho também, quando eu penso em mim, eu não podia ter sido. Eu admiro muito esse tipo de migrantes que formaram o caráter do Brasil, dos Estados Unidos, muitos países, pessoas que chegaram sem nada. Os alemães no sul, os italianos, os suecos, não sei, chegaram sem nada, com a roupa do corpo. (STEVE, 2012)

O posicionamento de imigrante de Steve é posto em uma esfera diferente daqueles outros que se deslocaram para um horizonte sem

referências ou garantias, na figura de desbravadores. Ele, em situação oposta, deslocou-se com todas as garantias, certificações e compromissos de retorno, inclusive, em caso de conflitos no país, como é o caso de trabalhadores que são convidados. Munido de um sentimento de segurança financeira e pessoal ele desloca-se e ajusta-se à sociedade. A condição imprecisa de imigrantes em situações diferentes da sua é destacada como um ato de coragem, o qual ele não poderia ter realizado.

As pessoas com quem os sujeitos convivem têm uma ‘força’ relevante na constituição das identificações. Elas são pontos-chave no estabelecimento da diferença para eles. O outro, de mesma nacionalidade, ou de nacionalidade diferente, é encarado como aquele que ele não quer ser, ou que não deseja contato, pois, aqui, seu *self* está completo e não carece do ‘espelho estrangeiro’:

muitas vezes, as pessoas dizem ‘por que não’[fazer parte de um grupo de estrangeiros]? Porque eu me sinto em casa aqui. As pessoas tendem a buscar os semelhantes quando sentem falta de casa ou quando existe uma espécie de, quando eles sentem que não têm tudo que precisam, mas eu nunca senti assim. Então, eu nunca busquei. (KEVIN, 2012)<sup>187</sup>

Fica muito clara na narrativa acima a concepção dada à sociedade-lar, que perde seu caráter funcional de local onde se busca habitação, emprego e lazer para tornar-se um local onde há realização pessoal e profissional, um lugar para ficar bem. O espaço é ‘sentimentalizado’ pelo ‘sentir-se em casa’. A percepção de lar de Kevin é ajustada à vivência e à relação de afetividade que ele desenvolve com o local e seus habitantes. A facilidade de contato, por intermédio tecnológico da *internet*, não se mostra de todo útil:

existem alguns [web]sites onde você pode entrar em contato com seus amigos da escola e coisa do tipo, mas com o tempo eles têm as vidas deles e, então, os nossos caminhos desviaram-se para

---

<sup>187</sup> A lot of times people say ‘why not’[being part of a foreigners group]? Because I feel at home here. People tend to look for their alike when they miss home or when there is some, when they don’t feel that they got everything that they need. But I never felt that so I didn’t look. (KEVIN, 2012)

sempre. (KEVIN, 2012)<sup>188</sup>

A comodidade oferecida pela *internet* é descartada em detrimento da realização pessoal de estar satisfeito com a sociedade-lar. Afora as visões sobre alteridade, são reveladas as visões sobre o *self* e como ele percebe-se enquanto sujeito pertencente a outra cultura:

mas sobre emigração, é só reforçar essa ideia que eu pertenco a um grupo de migrantes que têm história. Especialmente, eu me identifico muito com os britânicos do século XIX. Daí um dos meus livros, a história deles no Chile. Me identifico com eles, saindo em busca de aventuras mas com uma certa bagagem literal e fisicamente. Dentro da bagagem tinha o contrato, tinha dinheiro, tinha esse *status* de ser um britânico. Eu me considero membro de uma, da talvez, a última geração. Não é mais possível. Muito difícil, uma vida como eu, uma carreira como eu tive é muito assemelha [semelhante] à vida dos vitorianos e como os vitorianos que chegaram no Recife, Buenos Aires, no Chile, cidades do México, etc. [...] (STEVE, 2012)

O termo migração é uma construção quase ideológica e nem todos que moram fora do seu local de nascença se consideram migrantes. Aqui, contudo, Steve se localiza nesse grupo de sujeitos que se deslocou para outra sociedade, porém sua construção flui em meio a uma construção cultural do termo. Ela vem a partir dos antecedentes históricos que servem como mecanismos de legitimação das ações dele. Seu posicionamento resulta de construções culturais perpassadas socialmente ao longo dos tempos e que consolidam noções atreladas ao ser ‘britânico/inglês’. Conexões históricas são trazidas à baila, resgatando atributos de coragem, aventura, bagagem cultural e financeira, além, é claro, da distinção social que à nacionalidade é atribuída.

Quando o assunto é a adaptação de um cidadão britânico ao Brasil, o pertencimento à cultura é percebido através dos contrastes que a ele se tornam visíveis:

os britânicos são pessoas muito [...] nós somos muito resguardados com nossas opiniões, como

---

<sup>188</sup> There are some sites where you can get in contact with your old school friends and stuff but with time they’ve got their lives and so our roads have split forever. (KEVIN, 2012)

vemos as coisas, formas diferentes. As pessoas aqui dizem como se sentem [fazendo um gesto com as mãos como quando não há importância] e pouco importa como isso irá afetar a próxima pessoa. Eu acho que somos mais reticentes, mais resguardados e isso não é dizer que é bom ou ruim, porque nós podemos ser bastante ‘não opinativos’, o que pode ter um efeito adverso. Você precisa estar dizendo as coisas. Nós gostamos que as coisas sigam os caminhos que, se as coisas estão indo bem, ‘é, então vamos manter assim, ok?’ Nós temos nossas próprias opiniões; nós não queremos ouvir as opiniões de outras pessoas o tempo todo. Eu acho que é provavelmente isso, e quando você cresce naquela sociedade e tem acesso a muita informação todo o tempo, você tem que filtrar e ver o que é o melhor [r] umhum. Então se as pessoas têm opiniões, nós não as aceitaríamos imediatamente, nós temos que ouvi-las antes de tomar uma decisão. Eu acho que isso é característico, eu acho, mas quanto a adaptar aqui, britânicos se adaptando aqui, eu, pessoalmente, não [tenho problemas], é engraçado. (ROBERT, 2013)<sup>189</sup>

Sua linguagem corporal acompanha a reflexão de que os ingleses preferem se ocupar das suas vidas a com as opiniões dos outros. Nessa linha, ele cria campos antagônicos entre os britânicos fechados e os brasileiros abertos e, em meio à descrição, a diferença é ressaltada, porém sem destacar uma ou outra cultura como sendo melhor. Ainda

---

<sup>189</sup> British people are very [...] we are guarded out in our opinions, how we look, different ways. People here say how they feel and [making a gesture of one hand slapping another/back-handed slap] never mind how it might affect the next person. I think we are more reticent, more guarded and that’s not to say for the good or for the bad you know because we can be, we can be very ‘unopinionated’, it can have an adverse affect. You need to be saying things. We like things to go in the way that’s, if things are going well, yeah, let’s keep it like that, ok? We have our own opinions; we don’t want to hear of other people’s opinions all the time. I think that’s probably that and when you grow up in that society you get lots of information all the time, you have to filter the information and see, what’s see what’s best [r] ahan. So if people have opinions we wouldn’t immediately accept it, we have to listen to it before we make a decision. I think that’s a characteristic, I think, but adapting here, British people adapting here, myself personally, no, it’s funny. (ROBERT, 2013)

que algumas nuances de alteridade sejam mais apreciadas do que as outras, estas demonstram que Robert está mais propenso à mudança social através das apropriações realizadas ao entrar em contato com a cultura. A despeito das dificuldades e dos contrastes sociais apontados por ele, noto a reflexão de que ele está disposto a experimentar essa integração, uma característica pessoal que, muito provavelmente, pode ser fruto da influência familiar e motivada pela relação com a esposa.

Os processos de adaptação são complexos e atravessam fronteiras físicas e abstratas. No caso de Robert, ele reflete sobre as relações sociais entre brasileiros/as e outros/as brasileiros/as e como estas repercutem no contato cultural com os ingleses, os quais não compartilham das características por ele citadas. Como em uma corda elástica ele testa sua flexibilidade ajustando-se aos poucos, e a partir das suas experiências, muito embora se mostre sempre ciente da sua formação cultural. As subjetividades e as manifestações de ‘inglesidades’ e ‘americanidades’, ao mesmo tempo em que se ‘encaixam’ no mundo cultural brasileiro, apontam as diferenças comportamentais.

No percurso discursivo que constrói identidades culturais britânicas no Brasil, as comparações com a representatividade cultural são inevitáveis:

[...] eu, tive muita reflexão sobre isso, nas minhas andanças por outros países latino-americanos. Eu já conheci outros alemães, suecos, japoneses. Bom, de todos, os britânicos, temos uma certa diferença, que a gente não celebra a nossa cultura no exterior. Por exemplo, você vai em São Paulo, tem um dia por ano, tem o dia do Imigrante e você pode ver a dança folclórica dos iugoslavos, dos alemães, e cadê os britânicos? Nada, nada. Cadê os britânicos? São vários motivos. Primeiro lugar, volta essa diferença, os alemães chegaram sabendo que não iam voltar, pelo menos até formar uma família, até ter dinheiro, não tinha passagem de volta. Eu tinha e a maioria dos britânicos tinha, muitos voltaram. Também a gente não exterioriza a nossa cultura no exterior. É curioso, porque temos danças folclóricas, temos canções, aliás eu canto canções folclóricas para alunos, muitas vezes. Eu gosto de fazer isso, mostrar um pouco da minha cultura, mas não tem, não tem essas manifestações culturais [...]

(STEVE, 2012)

A característica ‘insular’ é retomada e reforçada no discurso de Steve quando este critica a ausência da exteriorização cultural britânica. Simbolismo e curiosidade são agregados nas manifestações folclóricas, musicais, de danças ou de culinária, para citar alguns exemplos, que se tornam veículos de recriação e representação cultural em um ambiente externo ao da cultura em questão, como uma forma de ‘propaganda’ permitindo a outros sujeitos conhecerem-na. Ele mesmo critica essa lacuna, buscando mitigá-la, e utiliza o espaço das aulas para recuperar um pouco das suas origens, das características as quais se orgulha. O posicionamento dialógico estabelecido discursivamente ao contrapor, ou comparar comportamentos, atitudes, falas, celebrações ou manifestações culturais, dentre outras características, leva em consideração os referenciais por ele observados. Se por um lado, a percepção do *self* enquanto sujeito britânico revela orgulho e superioridade, no que tange as possibilidades de decisões de retorno, por outro, revela sujeitos reservados e que dispõem de segurança em seus deslocamentos, pois, *a priori*, teriam garantidas as maneiras de regresso em oposição aos outros estrangeiros.

Eduardo Viveiros de Castro (2002) assere que o nativo é um sujeito que expressa um mundo diferente daquele mundo de quem o observa. Assim, infiro que o nativo é visto como exótico para aquele que o vê. Como em uma relação assimétrica de poder, a conexão entre o estrangeiro e o nativo dispõe de ocasiões em que pode ser inserida em uma relação hierárquica, onde o segundo é colocado acima do primeiro. Tal ligação trafega na direção oposta à tida como tradicional, configura-se uma nova imagem onde o estrangeiro seria o sujeito subalterno, quase como um devedor, ao nativo. Para ilustrar essa proposição, destaco o relato de Robert que, aparentemente, parece reforçar essa situação, mas que, na verdade, traduz uma estratégica utilização cultural em meio às negociações burocráticas:

se eu acho que vai ser um processo longo [eu digo] ‘Você tem que ter muita paciência comigo’. Tem que ter muita paciência comigo, né. [ ] Eu sou Inglês. Tem que fala[r], tem que fala[r] comigo de um jeito bem balanceado, assim, [ ] tem que me entender, heim? E então se inicia e eu posso ter uma conversa. E isso tende a, eu acho que tem uma tendência a dar uma chance à pessoa com quem estou falando de me conhecer, de [saber] de onde eu estou vindo, e quais problemas



eu posso ter. E, posteriormente, torna-se útil. Isso é o que eu tenho encontrado aqui, quando eu vou aos lugares, lugares burocráticos. Eu sempre tenho esse tipo de conversa primeiro, porque eu sei que pode levar um bom tempo. Eu posso não entender onde as coisas estão indo, mas eu preciso entender. Então, eu preciso que as coisas sejam explicadas claramente para mim. Mas eu sempre me vou me desculpar por ser Inglês [r] no começo. (ROBERT, 2013)<sup>190</sup>

Robert vale-se da sua ‘inglesidade’ e a utiliza como um potencial ‘ponto fraco’ nas relações funcionais que precisa desempenhar. Munido de um conhecimento ‘mínimo’ frasal ele aplica as sentenças em português como um estratagema para se fazer entender e alcançar seus objetivos. Por razões ilustradas no discurso, observo que o artifício, por ele utilizado, foi desenvolvido a partir de experiências e da sua necessidade de estar bem informado. Aliás, em meio às relações estabelecidas com os/as brasileiros/as, ser inglês pode ser estratégico e essencial para a compreensão de trâmites e procedimentos burocráticos: “sempre que eu tenho que fazer algo sozinho, quando eu tenho que ir a um banco ou a algum lugar administrativo, assim que eu sento, eu digo, [ ] ‘lamento. Eu sou inglês, ok?’ Isso é o que eu sempre digo” (ROBERT, 2013)<sup>191</sup>. Robert parece, pois, inferiorizar-se ao se desculpar por sua condição de estrangeiro, o que, na verdade, torna a ação uma vantagem em situações interativas como as de um banco, como ele citou. Aqui, ele posiciona sua origem – ‘o ser inglês’ – estrategicamente

---

<sup>190</sup> If I think it is going to be a long process [I say] ‘You have to have a lot of patience with me’. *Tem que ter muita paciência comigo, né. [ ] Eu sou Inglês. Tem que fala[r], tem que fala[r] comigo de um jeito bem balanceado, assim, [ ] tem que me entender, heim?* And then it starts and then I can have a conversation. And that tends to, I think that has a tendency to give the person I’m speaking to a chance to get to know me, [to know] where I’m coming from, and what problems I might have. And subsequently becomes very helpful. That’s what I’ve always found here, when I go into places, bureaucratic places. I always have that kind of conversation first because I know it might take a long time. I might not understand where things are going, but I need to understand. So I need things explained clearly to me. But I’d always apologize for being British [r] at the beginning. (ROBERT, 2013)

<sup>191</sup> I always find if I have to do a task by myself, when I have to go to a bank or an administrative place I always sit down first and I say, [ ] ‘I’m sorry. I’m English, ok?’ This is what I always say. (ROBERT, 2013)

estabelecendo uma relação de poder – do/a interlocutor/a para com ele – e controle – dele para com a situação. Se, ao mesmo tempo, ele sinaliza para seu/a interlocutor/a que este/a detém o poder da informação que ele deseja, Robert também pode agir no controle de dispositivos como velocidade e volume da voz, no uso de determinados termos que facilitem ou apresentem obstáculos à compreensão. Acredito ser justo dizer que, ao lançar mão de tal estratégia ele modela, em certa medida, o discurso do interlocutor.

Outro elemento que merece destaque nos excertos anteriores de Robert é a crítica a uma estrutura formalista e de processos morosos dos órgãos, públicos ou privados. El faz uso da locução ‘lugares burocráticos’ e logo em seguida ‘lugares administrativos’, mostrando que tanto o adjetivo burocrático quanto administrativo remetem ao campo semântico de uma estrutura que demanda muito tempo – e paciência – do cidadão, local ou estrangeiro.

Aproveito a oportunidade para salientar que o apoio familiar é destacado como relevante na realização de atividades burocráticas e do cotidiano, como já apresentei no caso de Peter (2013) e as operações de compra de peixe. Contudo, nem sempre o estrangeiro tem os membros familiares ao seu lado para desempenhar certas incumbências, daí a necessidade de desenvolver um planejamento de ação que facilite o alcance do seu objetivo.

A fronteira cultural com o outro revela sujeitos críticos quanto as suas ‘posicionalidades’ e sujeitos como homens cautelosos na atribuição e uso de suas origens. As estruturas sociais, pelas outras expostas, servem como espelhos que eles não desejam ter suas imagens reproduzidas. As subjetividades são representadas pelas críticas às alteridades e pelos anseios de como elas devem se portar. A alteridade figura, no sistema das representações culturais, como elemento atributivo de origem desvelando sujeitos cosmopolitas, cientes de seus papéis sociais, educativos e que anseiam por mudanças.

As ‘posicionalidades’ de sujeitos com origens eurocêntricas, androcêntricas, colonialistas, imperialistas, e muitas outras categorias que aqui não convém enumerar, proporcionam aos estrangeiros um olhar diferenciado sobre os outros brasileiros, com os quais eles aqui entram em contato. Apesar de estarem inscritos geopoliticamente em suas posições de sujeito, é nesse contato que suas visões, impressões, sentimentos e, enfim, aptidões de perceber o mundo ao redor são transformadas e reveladas, de forma (des)construída, nas narrativas.

As estratégias dialógicas e reflexivas por eles desenvolvidas são

essenciais no decurso da adaptação, do mesmo modo, à localidade.

## ENCONTRO DE CULTURAS: LÍNGUA E VIVÊNCIA NO CENÁRIO DA ADAPTAÇÃO

A forma como as pessoas se ligam cultural, política e socialmente à sociedade-lar antecede a chegada à João Pessoa, pois advém da necessidade de estar em outro lugar, ainda que elas não saibam que este local é a capital paraibana. À medida que as dificuldades se apresentam, são gerenciadas com reflexividade pelos sujeitos.

Certezas sobre as diferenças existem quanto à (im)possibilidade de ‘transplante’ cultural entre Brasil e Reino Unido ou Estados Unidos. Em meio aos processos de identificação e adaptação, a reflexividade sobre essa situação entra em ação. Nas palavras de Robert:

[...] é bem difícil, porque você não pode trazer o seu próprio modo de viver, a cultura para cá. Eu não acho no Brasil, a partir de uma perspectiva inglesa, britânica, coisas que você gosta. (ROBERT, 2013)<sup>192</sup>

Na visão dele, seria inviável uma transposição de modos de viver, sem qualquer ação ou influência das manifestações locais. Transplantes diretos podem resultar, em minha opinião, em operações de exclusão e até afastamento (in)voluntário do convívio social. Cultura e panorama visual se mesclam na comparação:

eu acho que é, provavelmente, [ ] a coisa mais difícil. É particularmente muito [ ] culturalmente diferente, da Inglaterra, da Europa [...] a cultura é diferente, o clima. Uhhmm, quando eu digo cultura, o jeito como as pessoas são, é diferente, a maneira como os costumes são diferentes [...]. (PETER, 2012)<sup>193</sup>

Para Peter, a adaptação ao Brasil tem na cultura o fator de maior dificuldade. E na sua visão, a cultura é corporificada na forma

---

<sup>192</sup> [...] it's very difficult. You can't bring your own way of life, culture here, I don't think in Brazil from English, British perspective, things you like. (ROBERT, 2013)

<sup>193</sup> I think it's probably the most [ ] difficult thing. Especially is very [ ] different culturally, to England, to Europe [...] the culture is different, the weather. Ahmm, when I say culture, the way people are is different, the way the customs are different [...]. (PETER, 2012)

como as pessoas relacionam-se e na expressão dos costumes e tem na diferença entre ele e seus interlocutores o seu ponto nevrálgico. Essa intersecção entre cultura, pessoas e diversidade não é apresentada como obstáculo, em sentido oposto, os sujeitos são persistentes e criam estratégias no sentido de aperfeiçoarem sua participação onde se estabelecem.

A diferença cultural embebida nos processos de adaptação é encarada pelos sujeitos, inicialmente, como o estar entre dois mundos, porém, eventualmente, eles encontram um equilíbrio entre esses mundos através do contato com o outro:

eu tive muita sorte em viver com uma garota, cuja mãe era do Rio [de Janeiro], ela era uma *carioca*, então ela conseguia nos ajudar [ ] a sobreviver, então nós não morremos de fome [/] [...] e a UFPB tinha pessoas que nos ajudavam, também, mas ééé [ ], mas a melhor maneira [...] se as pessoas podem pagar para mandar seus filhos viverem no exterior, eu acho que você aprende muito mais naquele ano do que passar dois anos ou, eu não sei, passar um tempo na escola. É igual a aprender a nadar, você tem que aprender, tudo o que você vê na televisão, telefone, comida, tudo você aprende a língua. (PETER, 2012)<sup>194</sup>

Viver na cultura diferente da cultura de origem permite uma aprendizagem mais profunda e menos ‘superficial’ do que as propostas pelos livros. A relação entre a ambientação e a sobrevivência é depositada sobre a aprendizagem da língua que, por sua vez, produz identidades e comunidades culturais e auxilia aquele que a aprende na convivência com o outro local. Seja o outro na forma de indivíduos específicos, como foi o caso da família que hospedou Peter e seus companheiros de intercâmbio, ou na forma de instituição, na figura da universidade, o fato é que ele destaca essa possibilidade de imersão cultural e linguística como essencial para a aprendizagem mais

---

<sup>194</sup> I was fortunate that I lived with a girl whose mother was from Rio [de Janeiro], she was a *carioca*, so she was able to help us [ ] survive, so we didn't starve [/] [...] and the UFPB have people who helped us, as well, but err[ ], but it's the best way [...] if people can afford to send their kids to live abroad I think you learn a lot more in that year than you do if you spent maybe two years or I don't know spend some time at school. It's equal to swimming, you have to learn, everything you watch on television, telephone, food, everything you have to learn the language. (PETER, 2012)

espontânea de costumes, língua e práticas.

Sujeitos em trânsito ou em dúvida sobre sua estabilidade geográfica, como os refugiados ou expatriados, normalmente desenvolvem graves dificuldades em se adaptarem aos locais onde se encontram. Os sujeitos aqui entrevistados caminham em sentido oposto, uma vez que vêm motivados pela mobilidade e, para tanto, fazem crescer o desejo de adaptação:

ok, bem, foi, minha adaptação não foi especialmente difícil e eu acho que a razão principal foi que eu queria vir. Se você está fazendo algo que você realmente quer fazer, muito embora existam dificuldades e coisas que são estranhas, você sabe, isso é parte do jogo. Eu acho que logo que eu cheguei, o local onde eu fiquei, um tipo de hotel, hotel para professores visitantes e estudantes da universidade, eu achei que a comida não era tão estranha, pelo contrário, era monótona, parecia que cada refeição era a mesma. (GARY, 2012)<sup>195</sup>

O desenvolvimento gradativo é esperado não como uma forma de desafio, mas sim como um processo naturalizado onde dificuldades são previstas, embora possam ser superadas. Levada pelo ditado popular que diz ‘a primeira impressão é a que fica’, reflito que determinados estrangeiros recém-chegados, e que aqui buscam se estabelecer, são acompanhados pela hospitalidade brasileira e através da recepção e dos contatos iniciais vão constituindo e reafirmando a permanência. Se a primeira impressão não é agradável então apoiam-se em outros mecanismos, como a própria inspiração. Tudo faz parte do jogo da adaptação onde a manipulação das peças depende do espaço sociocultural e da interatividade entre os jogadores. Nesse jogo, é importante ser acolhido pelos outros jogadores, pois eles são partes essenciais no processo de identificação, mas é, igualmente, importante ter a motivação para jogá-lo.

Retomando a fala de Peter sobre a aprendizagem da língua,

---

<sup>195</sup> Ok, well, it was, my adaptation was not especially difficult and I think the main reason was that I had wanted to come. If you are doing something that you really want to do even though there may be difficulties and things that are strange, you know, that’s part of the game. I think that when I first arrived, the place where I stayed, a kind of hotel, hotel for visiting faculty and students from the University, I found the food to be not really strange but rather monotonous it seemed that every meal was the same. (GARY, 2012)

acredito que esta pode representar uma forma de construção de alteridade e marca da diversidade, pois ao se valer de termos em português, o estrangeiro atribui peso e valor semântico àquela expressão que somente na língua nativa poderia ser expressa. A mescla entre inglês e português revela um hibridismo linguístico, um dispositivo de incorporação e adoção de práticas vocabulares e sociais sem que haja a transferência total, mas promovendo significações coerentes e interativas. Na esteira das peças que auxiliam a adaptação, a língua torna-se imprescindível. Em suas pesquisas com imigrantes, Gláucia Assis (1999, p. 373) assere que “a história da emigração é feita destes relatos de vidas que cruzaram fronteiras, identidades, línguas e culturas”, afinal eles vêm de um universo onde tanto língua quanto a cultura diferem da nossa.

Partindo do pressuposto que os sujeitos saem de países anglo-americanos e que o inglês possui poucas coincidências vocabulares com o português, a aprendizagem da língua portuguesa é referida como parte integrante da identificação, como bem relatou Steve (2013) ao declarar a sua preferência pela variante brasileira em detrimento da portuguesa. Porém, os sujeitos saem preparados para o universo comunicativo com o qual estão prestes a se envolver e estão cientes da grande lacuna entre a preparação e à execução:

ok, bem antes de vir ao Brasil, eu estudei português sozinho. Eu comprei um livro, eu estudei português. Eu já havia estudo uma série de línguas nos Estados Unidos: latim, grego, francês, alemão e espanhol. Eu havia estudado essas línguas nos Estados Unidos, então português não era uma língua estranha para estudar. Mas é claro, estudar a língua em um livro e usar a língua para falar são duas coisas bem diferentes. E um problema que eu tive era que, desde o começo, eu estava ensinando alunos de nível avançado e todo o meu trabalho acadêmico, todo ele era em inglês: minhas aulas eram em inglês, os materiais que eu estava usando eram em inglês. E devido a isso eu nunca tive muita oportunidade de praticar. Então havia esse problema prático. Mas eu me organizei e começando em 2009 eu tenho lecionado disciplinas em português. (GARY, 2012)<sup>196</sup>

---

<sup>196</sup> Ok, well before coming to Brazil I studied Portuguese by myself. I bought a book, I studied Portuguese. I already had studied a number of languages in the

Os discursos corroboram o senso comum de que nenhum volume considerável de preparação na sociedade de origem irá habilitar o sujeito por completo para estar na outra cultura, já que, quando ele entra em contato, há uma experimentação que supera qualquer conteúdo publicado em livros, filmes ou relatos. A conexão aprendizagem-emprego exerce uma função dupla no processo de adaptação à sociedade cultural. Inicialmente, a profissão promove uma sensação errônea de que não há necessidade de se integrar linguisticamente, isto é, saber a língua portuguesa, já que seu público-alvo pode utilizar a língua que o estrangeiro domina com maestria. A natureza do emprego, embora lhe permitisse estar no Brasil também evitava sua imersão profunda, pois ele não fazia o uso da língua portuguesa no local de trabalho. Entretanto, logo depois, fica claro que, durante a interação com brasileiros/as, o emprego promove a interação linguística, na medida em que reforça sua habilidade de aprender a língua daqueles com quem interage. Esse desejo é refletido algumas décadas depois, quando Gary sente-se confiante o suficiente para ministrar aulas em língua portuguesa.

O fato de aprender uma variante diferente da língua antes do deslocamento implica no desenrolar de expectativas em face da realidade que pode ser enfrentada, o que não é encarado como contraproducente, ao contrário, é um elemento facilitador. Nesse sentido, Portugal é a nação por meio da qual a língua é apresentada ao Kevin:

na verdade, eu estive em Portugal, desde 1994, e eu realmente aprendi português lá, porque, na época, eu não era obrigado a aprender português. Sim, então foi assim. O que eu digo às pessoas que foi um dos pontos bons, porque eu estava receptivo, eu não tinha que produzir. Eu digo às pessoas que eu estava sendo uma criança, quando uma criança nasce, ela não precisa falar, então, e as pessoas podem dizer 'como você fala português

---

States: Latin, Greek, French, German and Spanish. I had studied these languages in the States, so Portuguese was not that strange a language to study. But of course, studying the language in a book and using the language to speak are two very different things. And one problem that I had was that from the very beginning I was teaching students of an advanced level and all of my academic work, all of it was in English: my classes were in English, the materials I was using were in English. And because of this I did not have that much opportunity to practice. So there was this practical problem. But I have gotten along and starting in 2009 I have been teaching disciplines in Portuguese. (GARY, 2012)

tão bem?’ Eu digo a eles que é porque eu aprendo como uma criança. (KEVIN, 2012)<sup>197</sup>

A casualidade na aprendizagem proporciona confiança na absorção dos traços de maneira natural. A comparação que ele estabelece sobre seu método de ‘aquisição da linguagem’ ser semelhante ao de uma criança demonstra propensão no processo de estabelecimento sem a criação de oposições culturais, apenas estando aberto ao desenvolvimento gradativo da aprendizagem linguística que, por sua vez, reflete a cultura da nação. Entendo o papel reputado na articulação das ações que envolvem a identificação e a adaptação, tanto para experiências positivas quanto para as negativas, pois a língua é, acima de tudo, um veículo de representação sociocultural.

Nestor Canclini (2006) cita o espaço de um mercado enquanto esfera pública que tem a função de consumo e de socialização. No caso de Peter (2013), o espaço do mercado do peixe deixou memórias de ações no contato com o outro brasileiro que desencadearam estratégias baseadas no apoio familiar. Agora, contudo, o exemplo de Canclini ‘cai como uma luva’ sobre a narrativa de Robert, na qual sua adaptação linguística foi demarcada em uma feira de rua paulista:

como eu me adaptei? Eu acho, eu acho que, pessoalmente, relativamente bem, em termos de, a questão número um teria sido a língua porque eu não falava uma palavra quando eu cheguei e a ênfase, para ser sincero, era da Paula me guiando. E quando eu cheguei em São Paulo, eu, inicialmente, eu acho que eu tinha uns livros de gramática comigo [r], livros de gramática portuguesa que eram as minhas ‘bibliazinhas’, e eu tinha comigo, eu sempre dava uma olhada à noite e lia e, se eu tivesse dúvidas, eu falava com a Paula em inglês sobre ‘por que você usa essa estrutura?’ ‘Por que esse tempo verbal? Por que aquele tempo verbal? Por que existem tantos verbos irregulares?’ Entende? Mas, de qualquer maneira, eu lia muito, eu realmente li muitos

---

<sup>197</sup> Actually, I had been in Portugal, since 1994, and I did learn Portuguese there, because at the time I was not obliged to learn Portuguese. Yes, so it was. Which I tell people it was one of the good points, because I was receptive, I didn’t have to produce. I tell people I was just being a child, when a child is born it doesn’t have to speak, so, and people they can say ‘how do you speak Portuguese so well?’ I tell them it’s because I learn like a child. (KEVIN, 2012)



jornais, quer dizer, na época, eu adorava ler a Folha de São Paulo e eu sempre lia as sessões desse jornal que me interessavam, podia ser política, podia ser esporte, ok, podia ser finanças também, a economia, tipo tudo isso, o jargão com o qual eu era familiarizado em inglês, eu podia relacioná-lo ao português, [ ] e quando você reconhece padrões e formação nominal e verbal, você meio que presta atenção a isso, não muito, mas eu tentava naquela época. Eu não tive aulas ou lições, eu não tive nenhuma. Era só o caso de eu ler e praticar com a Paula e ela me corrigia o tempo todo, ela corrigia, e ir, então, para as ruas [ ] (ROBERT, 2013)<sup>198</sup>

A velocidade e a motivação para a aprendizagem estão relacionadas diretamente a propensão do sujeito em aprender e no ambiente que o circunscreve. O apoio familiar, no caso de Robert com Paula, foi, e ainda é, essencial para a adoção e domínio da linguagem no cotidiano da sociedade-lar. As conexões por ele estabelecidas com a língua nativa promovem o reconhecimento de padrões e normas e, *a posteriori*, a produção de terreno proficuo em rumo à fluência. Como ele mesmo aponta, uma vez principiado o contato através do conjunto de normas, regras e técnicas gramaticais, ele teria a oportunidade de confrontar suas dúvidas com a companheira para, então, partir em

---

<sup>198</sup> How I adapted? I think, I think personally, relatively well, in terms of, the number one issue would have been the language ‘cause I didn’t speak a word when I arrived and so the emphasis, to be honest, was on Paula to guide me. And when I arrived in São Paulo I initially, I think I had some grammar books with me [r], Portuguese grammar books which were like my little bibles, which I had with me, I would always look at it at night and read it and when I had queries, I would speak to Paula in English, about ‘why are you using this structure? Why this tense? Why that tense? Why are there so many irregular verbs?’ You know? But anyway, I did read a lot, I did read newspapers I did read a lot, I mean, at that time, I loved to read Folha de São Paulo, and I would always read sections of that paper that interested me, that could be politics, it could be sports, ok, it could be finances, as well, the economy, it’s just all this, the jargon that I am familiar with in English, I could relate to that in Portuguese [ ] and when you read you recognize patterns and noun formation and verb formation and you kind of pay attention to that, not too much but I tried at that time. I didn’t have any classes or lessons, I didn’t have any. So it is the case of me reading and practicing with Paula and she corrected me all the time, she corrected, and go now to the streets [ ]. (ROBERT, 2013)

direção à fase de consolidação do processo de ensino-aprendizagem: a exposição, realizada por intermédio do contato com outros sujeitos fora do conforto do lar.

A leitura, já enfatizada nas palavras de Kevin (2012), é reforçada como o mecanismo que otimiza o processo de reconhecimento, decodificação e apreensão do conhecimento atual, em associação, é claro, com o panorama midiático, veículo de circulação de conhecimento e aqui destacado na figura do jornal A Folha de São Paulo. O interesse pelas sessões buscadas por ele pode representar um elemento facilitador durante o desenrolar da aprendizagem, mas até terrenos considerados áridos, como a sessão de finanças, figuram o cenário do aprendiz.

O espaço público é construído social e materialmente na composição de uma sala de aula para o sujeito estrangeiro aprendiz, pois lá ele tem a oportunidade “[d]e testar, colocar em prática nas ruas [...]” (ROBERT, 2013)<sup>199</sup>. O ensino através da exposição e do contato parece ter sido comum a Steve que, do mesmo modo, destaca: “português não, eu aprendi ‘na marra’. Aprendi nos bares, na rua, porque eu era professor de inglês, minha vida era totalmente em inglês, com os alunos, professores, os outros britânicos” (STEVE, 2012). ‘Aprender na marra’ indica um conhecimento da linguagem popular, contrariando por meio do seu próprio discurso o fato de que ele havia mencionado ser incapaz de adquirir traços culturais. O uso de gírias e expressões informais representa uma forma de integração linguística do sujeito para com a cultura com a qual interage.

A despeito da língua utilizada no meio profissional, o inglês, os relatos demonstram a necessidade do conhecimento linguístico local. Afinal, o português é essencial não somente do ponto de vista da comunicação cotidiana, mas, igualmente, ao permitir que o indivíduo tenha participação econômica, cultural, financeira e social na sociedade-lar. O conhecimento desta permite-lhe identificar práticas e ideologias.

Estar em um país cuja língua é estruturalmente desconhecida poderia representar uma privação para o sujeito estrangeiro. Entretanto, a riqueza cultural e linguística, através da exposição/imersão, proporciona ao sujeito um universo de prática. Algumas anedotas são buscadas estrategicamente para ilustrar o desenvolvimento da aquisição da linguagem:

uhmm, um bom ambiente para a prática em, em

---

<sup>199</sup> And testing, putting into practice on the streets [...] (ROBERT, 2013)

São Paulo. Eu lembro que, naquela época, havia um mercado, uma feira de rua, existiam várias feiras de rua em São Paulo, em uma quinta-feira, em uma terça-feira, eu ia sempre na sexta-Feira [...] e, por causa disso, eu falava com cada dono de barraca, eles sabiam quem eu era, e eles apontavam para todos os legumes e todos os nomes associados aos legumes, e eu os pronunciava, e eu praticava. Eu voltava e usava os verbos para construir frases para obter o que eu queria, você sabe, havia uma troca, troca financeira, mas também havia comunicação e eu fazia isso constantemente. Eu aguardava ansioso por isso, era uma coisa que eu apreciava fazer. Eu também ia a bares e sentava nos bares nos intervalos das minhas aulas e falava com as pessoas, você sabe? Muitas pessoas vinham e falavam comigo por qualquer razão e nós conversávamos e eles corrigiam meu português, entende? Nos divertíamos, fazíamos piada, você sabe, o que é esperado. (ROBERT, 2013)<sup>200</sup>

Aqui o aprendizado é relatado em meio ao processo de aquisição linguística e adaptação como uma experiência prática. Na forma de um explorador empírico, Robert busca o conhecimento através da prática cotidiana, ele pesquisa seu ambiente, observa e interage com ele, apropriando as práticas sociais que nele estão contidas. Aliás, a troca representa um termo chave no excerto de Robert, tendo em vista que a permuta de conhecimentos entre os sujeitos e as pessoas que ao

---

<sup>200</sup> Ahm, a good framework in which to practice in, in São Paulo, I remember at that time, there was a market, there was a street market, there are lots of street markets in São Paulo, on a Thursday, on a Tuesday, and I would go there every Friday [...] And because of that I would speak to every stall holder, they know who I was, and they point at all the vegetables and all the nouns associated with the vegetables and I would pronounce them, and I would practice. And I would go back and I'd use verbs to construct a phrase to get what I want, you know, there was an exchange, money change, there was also communication there and I did that constantly. I looked forward to it, it was something I enjoyed doing. I would also go to bars and sit in bars between my classes and talk to people, you know? A lot of people would come and sit down and talk to me for whatever reason and I would have conversation and they would correct my Portuguese, you know, have a laugh, have a joke, you know, which is to be expected. (ROBERT, 2013)

redor deles circulam e com quem eles têm proximidade e relações sociais, profissionais ou até mesmo transitórias, produz, além da erudição, uma memória sobre o local que não se esvai.

Por outro lado, o desconhecimento da língua, ou a impossibilidade de se comunicar através dela, pode gerar dissabores perenes:

[...] o maior país do mundo falante de português. É tão difícil falar português aqui. **Isso** é um grande problema. E se eu tivesse que dizer que o meu maior constrangimento não é que eu sou um professor, mas é o fato de que porque eu sou um professor eu falo muito pouco português. E é um grande constrangimento, porque existem várias oportunidades nas quais eu gostaria de falar com as pessoas, mas essa é outra percepção errônea, o equívoco financeiro, que já falamos anteriormente, mas é um equívoco acreditar que ninguém fala inglês, mas até mesmo em João Pessoa eu encontrei uma **quantidade incrível de pessoas** que falam inglês, até mesmo as pessoas que trocam meus pneus, trabalham na oficina, e nos caixas do Carrefour, você sabe? É tipo, eu parei de fazer listas do número de pessoas que eu conheci que falam inglês e que querem falar em inglês comigo e que me impossibilitam de falar português. Então eles estão, eles seriam, as duas coisas que eu gostaria de especificar e não é por causa de preguiça, é instinto natural, sem querer ofender, se alguém quiser falar em inglês comigo, então eu vou falar em inglês com eles, sem problemas [...] (JOHN, 2012)<sup>201</sup>

---

<sup>201</sup> [...] the largest Portuguese speaking country in the world. It's so difficult to speak Portuguese here. **That is** a big problem. And if I had to say what's my big embarrassment it's not that I am a teacher but it's the fact that because I'm a teacher I speak very little Portuguese. And it's a big embarrassment 'cause there are lots of times where I would like to speak to people but this is another misconception, the financial misconception we've talked about, but this is misconception that no one speaks English. But even in João Pessoa I found an **incredible amount of people** that speak English, even the people that put the tires on my car, working in the garage, on the check-out in Carrefour, you know? It's just, I'd stopped making lists of the number of people I've met who speak English and want to speak English with me and which stops me speaking Portuguese. So they're, they would be the two things I'd like to spell out and

A impraticabilidade frustra o exercício comunicativo, pois apesar de estar sendo exposto ao português não pode praticá-lo, uma vez que seus interlocutores preferem utilizar o inglês como veículo de expressão. Tal fato deve-se, muito provavelmente, a dois fatores: a dica visual que seu corpo possui em meio aos habitantes locais e seu sotaque de estrangeiro que, uma vez combinados, ‘denunciam’ sua origem, o que dificulta a prática do português. Existe ainda o realce que traduz uma prática discursiva prejudgada em relação à localidade do nordeste quanto ao volume de falantes da língua anglo-americana, que é contradito pela exposição ao contato com diversos indivíduos, inclusive participantes do setor de serviços, como mecânicos, funcionários que trabalham com pagamentos e recebimentos em instituições comerciais. Outra contradição, portanto, acontece, pois, se *a priori*, os membros do setor de serviços têm a necessidade imanente da habilidade comunicativa, afinal estão lidando diretamente com o público, *a posteriori* representam um grupo social que, muitas vezes, não possui recursos para aulas de línguas estrangeiras.

Diante da perplexidade de John, noto um leve ressentimento como se já tivesse sido imputado a sua ‘inabilidade’ de comunicação em língua portuguesa e, em uma tentativa de justificativa, ou autodefesa, ele declara:

eu não gostaria que ninguém pensasse, uma coisa que eu não gostaria que ninguém dissesse para mim é que eu fui preguiçoso e eu **nunca** quis aprender. Se eu pudesse colocá-los na minha posição por um dia, eles veriam que não é preguiça. Quando você vê o entusiasmo em falar em inglês com um falante nativo, então eles entenderiam melhor. Mas ainda existe dentro de mim algo que diz, você sabe? Bem, uhmm, sabe, eu espero que eles não pensem que eu sou preguiçoso. (JOHN, 2012)<sup>202</sup>

---

it’s not because of laziness, it’s by natural instinct, not to offend, if someone wants to speak English with me then I will speak English with them, no problem [...] (JOHN, 2012)

<sup>202</sup> I wouldn’t like anybody to think, one thing I wouldn’t like anybody to say to me that I was lazy and I **never** wanted to learn it. If I could put them in my position for one day, they would see that’s is not laziness. When you see the eagerness to speak English with a native speaker then they would understand it better. But still there is inside of me, which says, you know? Well, ahmm know, I hope they don’t think that I’m lazy. (JOHN, 2012)

A experiência é relatada de forma velada como se hipoteticamente não tivesse ocorrido, mas, no decorrer da fala de John, observo que, de fato, aquela situação já ocorreu e que isso, de alguma forma, o magoou ou o deixa ainda preocupado. Buscando a lógica da inserção através da comunicação ele relata a preocupação com a relação com o outro brasileiro – e porque não com o outro estrangeiro –, e com o modo como ele é visto por se manter em uma bolha linguística aludindo a um *self* impotente. Por outro lado, John empodera-se ao identificar sua importância social e linguística enquanto ‘falante nativo’ e que pode conceder um pouco da sua experiência e cultura àqueles que com ele interagem. Ser ‘falante nativo’ é um aspecto referencial utilizado discursivamente na manutenção e fixação – diante do outro – da sua identidade cultural, e que lhe atribui valor e importância, além de funcionar como válvula de escape em situações incômodas.

Durante a combinação de peças do jogo da identificação, em casos raros observei uma posição de sujeito desenraizado da sua cultura de origem, talvez não por um desejo voluntário, mas que se deixa levar pelo passar do tempo, como é o caso de Kevin:

eu mantenho [contato], não tanto quanto deveria, mas mantenho. Eu sou muito ruim em termos de comunicações. E hoje em dia, a comunicação está muito mais fácil. Mas é uma questão de estar sempre na correria e essas coisas. (KEVIN, 2012)<sup>203</sup>

A comunicação com familiares sofre as ações do tempo e do espaço: à medida que novas famílias são formadas, estas são colocadas na posição central, ao passo que as anteriores à margem e o contato com as últimas passa a ser fisicamente exíguo, o que para muitas culturas representaria o curso natural da vida. A despeito da evolução tecnológica, acredito que o processo de afastamento traduz um sujeito que reconhece sua adaptação em termos de família e amigos como exitosa no Brasil, não despertando para uma necessidade imanente e constante de comunicação com a família no exterior. O que é digno de consideração é a posição de um sujeito ‘semi-enraizado’ na busca de conexões com a cultural local.

Outra motivação curiosa no *puzzle* que compõe o quebra-cabeças da adaptação é a possibilidade do sujeito não ser associado à

---

<sup>203</sup> I do, not as much as I should but I do. I’m really bad about communication. Nowadays, communication is a lot easier. But it’s just a question of being on the run and stuff. (KEVIN, 2012)

nacionalidade. Em outras palavras, é dizer que o sujeito é identificado pelo/a brasileiro/a como sendo um cidadão local:

e esse amigo [do meu ex-sogro] disse ‘de onde é esse genro seu? Ele é de Ceará?’ Meu sogro caiu no chão dando risada. ‘Por quê rapaz? Por quê Ceará?’ ‘Ué, é o sotaque dele’ [r]. (STEVE, 2013)

Ser identificado como sul-americano, ou como brasileiro, seja em virtude dos traços físicos ou linguísticos, aproxima o estrangeiro do local onde está instalado, consolidando laços, relações e sentimentos de pertença. Appadurai (1996, p. 198) instrui que “a localidade emerge das práticas dos sujeitos locais em vizinhanças específicas”. Vou um pouco mais além e adiciono que a localidade pode resultar da combinação de sujeitos locais e não locais, em uma mescla híbrida de ideias e desejos. Robert relata sobre os efeitos da localidade no seu cotidiano:

você sabe, eu tenho, existem alguns dias quando eu falo, meu português é, pode ser bem **fluenta**, pode ser! Mas existem outros dias, quando é só, ah, é apenas, o sotaque é muito forte e fica bem perceptível e as pessoas o notam. Mas em outros dias, tem dias que as pessoas dizem ‘Você é do Brasil?’ e eu acho: ‘Bom, **fantástico**, sim!!!!É!!!’ Contudo, mais frequentemente eles sabem disso, eu não sou, você sabe? E eles me param e dizem: ‘Estados Unidos? *Estados Unidos?*’ ‘Nãooooo, [r] nãoo, *Londres*’. ‘*Londres? Tá brincando rapaz. Londres, quê isso?*’ [r]. (ROBERT, 2013)<sup>204</sup>

A localidade, por sua vez, vai muito além da configuração espacial que proporciona bem-estar e lazer, que agrada por ser próxima a praia e não ter trânsito ou violência. Existe uma profusão de outros elementos elencados pelos entrevistados que fazem alusão à cidade como espaço de reivindicações com princípios políticos e até mesmo desejos pessoais de prosperidade.

A apropriação do local como parte de si estabelece relações correlatas de pertencimento para as quais são lançados olhares

---

<sup>204</sup> You know, I have, there are some days when I speak, my Portuguese is, can be **fluent**, it can be! But there are other days, where it’s just, oh, it’s just, the accent is very strong and it’s quite noticeable and people notice it. But on other days, I get days when people say ‘Are you from Brazil?’ and I think: ‘Well, **fantastic!!!** Yeah!!!’ But more often they know it, I’m not, you know, and they stop me and say: ‘United States? *Estados Unidos?*’ ‘Noooo, [r] noooo, *Londres*’. ‘*Londres? Tá brincando rapaz. Londres, quê isso?*’ [r]. (ROBERT, 2013)

reflexivos. Appadurai (1996) fala em “diferença situada” para se referir ao apontamento de traços culturais, destaques às práticas sociodiscursivas, que levam em consideração determinadas, ou específicas, localidades. A diminuição do estreitamento cultural ou, simplesmente, a possibilidade de ver além das fronteiras estaduais é uma das reivindicações:

e é uma das razões pelas quais, uma das coisas pelas quais eu defendo aqui em João Pessoa, é que os jovens, eles querem visitar outros países, porque às vezes você vê as pessoas bem fechadas, por que temer? E eles não veem além das fronteiras da Paraíba ou do Nordeste. E eu acho que, às vezes, a verdadeira solução para o desenvolvimento de João Pessoa, Paraíba, é o fato, de olhar um pouco mais adiante, você tem que ver o que está errado aqui, o que pode ser melhor. Você aprende com outros países, você aprende com os outros, com outras partes do Brasil também. Mas eu acho que isso é uma das grandes coisas que seriam importantes para o desenvolvimento de João Pessoa. (KEVIN, 2012)<sup>205</sup>

Termos como ‘defender’, ‘ver além das fronteiras’, ‘aprender com os outros’ ao mesmo tempo em que acentuam as questões observadas, destacam a necessidade de entrosamento e cumplicidade entre os habitantes como em uma ação cosmopolita. Robert (2013), em momento anterior, havia destacado a importância da permuta cultural, não em um fluxo hegemônico que parte do Norte dominante para o Sul, potencialmente necessitado, mas um fluxo contrário e em via de mão dupla, apresentando o que os países do Sul também têm a oferecer na forma de aprendizagem. Aqui, na fala de Kevin, ele ressalta que esta troca não deve ser limitada somente ao que vem de fora, mas deve levar

---

<sup>205</sup> And that’s one of the reasons why, one of the things I fight for here in João Pessoa, is that the young people, that they try to visit other countries, because sometimes you see people very closed in, why fear? And they don’t seen beyond the borders of Paraíba or the northeast. And I think that sometimes the real key to the development of João Pessoa, Paraíba, is the fact, to look a little bit farther, you have to see what’s wrong here, what can be better. You learn from other countries, you learn from others, from other parts of Brazil as well. But I think that’s one of the big things it’s gonna be important in developing João Pessoa. (KEVIN, 2012)



em conta a produção interna de conhecimento e cultura.

Acredito que a ‘diferença situada’ somente pode existir se for híbrida, pois ao citar aquele traço, aquele evento cultural no local onde se encontra, o sujeito estrangeiro fala de uma posição geográfica, da sua origem, além, é claro, de poder contar com o aparato cultural de sua ‘mala de mão’, aquela bagagem que ele vem trazendo consigo no decorrer da sua trajetória de mobilidades. Assim, esse dialogismo reflexivo do olhar do outro ocorre na intersecção cultural entre origem e lar.

Infiro, a partir do exame dessas narrativas, que é a noção do ‘afetar’ que emerge nesses cenários transculturais ao (re)transformar os paradigmas desses sujeitos e dar-lhes novas possibilidades de sentir, ver, experimentar, enfim uma pletera de novas percepções e (re)constituições subjetivas em meio aos processos de adaptação à língua, à vivência, ao local.

Não obstante, é na figura das companheiras que os sujeitos escolhem, seja na sociedade de origem ou já na sociedade-lar, e, posteriormente, na materialização das conjugualidades, via casamento transcultural, que a incorporação híbrida ao local é facilitada. Em outras palavras, é através da família e das relações familiares que a realização do lar é consolidada, além de possibilitar novos olhares sobre a diversidade entre as culturas. Então, no conjunto que encadeia a formação de família, surgem nas trajetórias de vida do sujeito as conjugualidades.

### **“DEPOIS ME CASEI, ENTREI NESSE MUNDO BRASILEIRO”**

Giddens (1991), ao analisar as trajetórias do *self* e estilos de vida, cita o exemplo da criação de “calendários pessoais da vida” ou “calendários de planejamento da vida”. Estes, são acontecimentos na vida do sujeito que auxiliaram na reconstrução do *self* e aparecem, por exemplo, nas narrativas, sinalizando as mudanças. Na citação que abre esta seção, o casamento tem a função de marco no calendário pessoal de Steve, já que representa a união entre duas pessoas e, muitas vezes, um marco social na vida destes, que saem do estado civil de ‘solteiro’ para o de ‘casado’.

Noções tradicionais sobre relações conjugais, via de regra, nos remetem a situações hierarquizadas entre os membros da díade afetiva. No cenário dos sujeitos que se deslocam, as conjugualidades emergem de forma diferenciada, mostrando a formação de casais transculturais em

conjunturas variadas, mas que, de um modo geral, apontam para a simetria conjugal. Viveiros de Castro (2002, p. 114), ao discorrer sobre o discurso antropológico acerca da figura do nativo, assere que “toda relação é uma transformação” e acredito que seja uma transformação parte do universo conjugal.

O fato é que o casamento aparece como a instituição que modifica comportamentos, pensamentos e visões. É, nas palavras do próprio Steve, o divisor de águas entre o ‘estrangeiro de passagem’ e o ‘estrangeiro com desejo de fixação’:

sim [ ] em São Paulo, sim foi, você lembra dessa divisa [divisor] d’águas? Digamos, quando era solteiro eu, minha vida era totalmente em inglês, tudo, minha profissão era ensinar inglês, falava inglês, escutava inglês, meus amigos todos ingleses, [ ] e a farra. Depois, me casei e [ ] sim, sim, eu acho que, isso é para psicanalista, mas é a realidade, eu tenho dificuldade em me reconhecer frente a essa cultura, não sei se me explico bem. [ ] Ou seja, me sentir valorizado, com certos valores que eu tenho, eu não compartilho [ ] pelo menos completamente com outras pessoas. (STEVE, 2013)

O estado civil do sujeito pode sinalizar ligação ou desligamento com a cultura de origem. Ser solteiro implicaria em conexão maior com o local de nascimento, ao passo que o casamento transcultural, nesse caso com uma brasileira, sinalizaria a possibilidade de inscrição do sujeito no universo brasileiro mais integralmente.

Por outro lado, estar solteiro remete a um momento de possibilidades de ação de acordo com a própria vontade, em oposição, o casamento é diretamente associado ao período em que vou chamar de adaptação-imersão, uma vez que o sujeito mergulha em um mundo que, até aquele momento, conhecia apenas de forma limitada:

enfim, um resumo. Minha adaptação, foi uma transição. Isso não foi planejado, aconteceu. Depois me casei, entrei nesse mundo brasileiro que, quando eu comecei a ver outros ingleses que não eram casados, eu sentia grande diferença, eu era já meio brasileiro. [...]Então [o diretor da Cultura Inglesa] pagou a minha festa, não pagou uma festa na casa dele, uma casa não, mansão jardim. Ahm, mas, e que foi muito generoso, mas ele disse pra mim, isso é difícil traduzir, você vai

entender ‘Steve, *you’ve gone native*’ [Steve, você virou nativo], entendeu? (STEVE, 2012)

Após o casamento, Steve vislumbra um mundo inteiramente novo de relações e sensações em meio a sua família ampliada. O casamento corresponde analogicamente à categoria ‘nativo’, em referência ao brasileiro, como se permitisse ao estrangeiro adquirir um *status* de pertencimento. Ele deixa de ser somente aquele que observa, o *outsider*, para olhar de dentro para fora, o *insider*, muito embora ele não se permita inserir totalmente na figura de um nativo, pois, em suas próprias palavras, ele não nasceu naquela cultura, logo, não pode ser considerado como pertencente a ela. As conexões transculturais permeiam os espaços conjugais através de facilitadores econômicos e logísticos.

As relações afetivas desenvolvem efeitos diretos nos sujeitos e em outras pessoas ao redor dos sujeitos. O casamento poderia ser um sinal de fusão de identidades culturais ou de uma agregação de posicionamentos. Na visão do chefe de Steve, a segunda opção seria a adequada, fato percebido e reforçado pelo próprio Steve que assim observa:

não, mas também, você renunciou a sua identidade cultural britânica. Era uma crítica. *You’ve gone native* era uma crítica, virou nativo. Claro que uma atitude de uma geração que, graças a Deus, não existe mais. *You’ve gone native*. (STEVE, 2012)

Ser nativo poderia fazer com que Steve perdesse o seu *status*, a sua ‘inglesidade’. O sentimento de pertencimento se torna um fator preponderante na demarcação dos territórios, sejam estes físicos, geográficos, sociais ou de identificação cultural, como na situação descrita. O desvio do padrão, neste caso o casamento com a cidadã de outra cultura, de outra nacionalidade, é criticado por aqueles que escolheram se fixar na pertença cultural com a sociedade de origem, no caso do chefe de Steve, em São Paulo. Ele expressa crítica pela atitude do chefe que o acusa de ‘renunciar’ a identidade cultural britânica e conclui sinalizando que tal atitude seria parte de uma geração que, potencialmente, não mais performatiza tal concepção.

Nesse sentido, identidades culturais e de gênero, refletidas nas narrativas dos sujeitos, descontroem visões de que, em situações migratórias, a mulher deveria esperar o homem na sociedade de origem (BRETTEL, 2003) ou que a mulher acompanha o homem (YANS-MACLAUGHLIN, 1990). Aqui, no cenário específico analisado de

sobreposição e amálgama de culturas, a mulher – esposa/noiva/namorada – partilha com o homem – marido/noivo/namorado – momentos anteriores à fixação na sociedade-lar: viagens de férias, no caso de Steve (2012, 2013); ou viagens para conhecer os familiares do potencial cônjuge, no caso de Peter (2012, 2013). A mulher pode ser aquela que estabelece o poder de atração com o Brasil, seja porque o sujeito a conheceu aqui, como foi o caso de Gary (2012), John (2012) e Kevin (2012), seja porque conheceu o companheiro em território estrangeiro, no caso de Robert (2013); ou até mesmo por provocar o retorno da família para o Brasil, como foi relatado pelo filho de David Barlow (2013).

As circunstâncias em que conhecem suas companheiras revelam reposicionamentos subjetivos quanto à formação da díade amorosa, disposição física, logística e emocional no envolvimento com mulheres brasileiras. Maria Luiza Heilborn (1992) fala na concepção moderna de “um encontro psicológico singular”. Dentro dessa singularidade, vários espaços urbanos sociais figuram como os veículos de união entre esses homens e essas mulheres.

Estabelecimentos de sociabilização como bares ou boates, para citar alguns exemplos, foram os locais onde se desenrolaram os encontros entre Peter, Robert e suas respectivas companheiras: “sim, sim, nos conhecemos em Ponta de Campina, Portal das Cores, você lembra? Há muito tempo atrás”(PETER, 2013)<sup>206</sup>; “nós nos conhecemos em Londres, em uma daquelas reuniões sociais”(ROBERT, 2013)<sup>207</sup>. Os locais podem não mais ser alvo da frequência dos casais, mas simplesmente a memória formada sobre eles e os sentimentos daquela memória são recobrados, trazidos à tona em associação com o espaço físico. Ao local fica a ‘incumbência’ de reviver a memória.

Estar em um país estrangeiro, em uma viagem temporária a trabalho, oportuniza a sociabilidade do sujeito. Eventos de trabalho parecem unir o útil ao agradável, conciliando obrigações ocupacionais às oportunidades sociais e futuras uniões conjugais:

[vou] abreviar, um pouco. É o Conselho Britânico me mandou à Petrolina um certo ano. Deve ter sido uns 15, 14 anos atrás. E eu dei uma palestra lá para professores de inglês, no novo centro de convenções, recém inaugurado. E a pessoa que os

<sup>206</sup> Yes, yes, met in Ponta de Campina, Portal das Cores, do you remember? A long time ago. (PETER, 2013)

<sup>207</sup> We met in London, in one of those [ ] get togethers. (ROBERT, 2013)

organizadores do evento nomeou para cuidar desse inglês, esse estrangeiro, era Marina. Então, eu lembro dela, eu lembro dela na porta do auditório e [r] eu gostei dela, mas eu era solteiro, né? Entre casamentos, né? E [ ] nada de mais. Ironicamente, ela, ao descobrir que eu falava português, não se ofereceu a me acompanhar, a me levar ao restaurante, nada disso. (STEVE, 2013)

Supostas vantagens culturais imbrincadas no fato de ser inglês são desconstruídas pelas atitudes que revelam, aparente, indiferença por parte da ‘pretendida’. Nesta situação específica, ser um estrangeiro não implica necessariamente exercer força de atração entre o homem estrangeiro e a mulher brasileira. O fato de Steve ter o domínio da língua portuguesa o afasta de Marina, já que ele não necessitaria de assistência. Por outro lado, um pouco de sua subjetividade é revelada ao apontar a justificativa da aproximação pelo fato de estar vivenciando um momento ‘entre casamentos’.

O espaço de trabalho nem sempre é local profícuo para o início, e manutenção, de relacionamentos entre os casais, em decorrência de regras estabelecidas pelas empresas e, até mesmo, pela própria escolha dos/as trabalhadores/as que preferem não se envolver com colegas de trabalho. Nesse sentido, outros encontros, que não os de trabalho, se fazem necessários para que um vínculo seja estabelecido e a construção do relacionamento tenha prosseguimento:

depois, num evento aqui em João Pessoa, do Instituto Federal, é uma conferência anual sobre inglês instrumental, e ela, a Marina, com duas, três colegas estavam organizando o evento e eu fui somente à festa. E eu lembro que olhei para ela, e ela notou. Ela me disse depois que ela notou que eu tava olhando. Passado mais um ano, mais ou menos, e no Galo, o carnaval do Recife, eu fui lá a convite da Gláucia, [...] Então, eu ‘tava’ lá, desde as 10 horas da manhã, **de repente** eu vejo a Marina, que igualmente estava nesse bloco, digamos né. Sem a gente saber. E eu puxei uma conversa. Ela saiu, porque ela tava com a sobrinha dela. Ela saiu e, aparentemente, e ela disse ‘parece que esse Steve ‘tá’ interessado, o que eu faço?’ ‘Ah, volta’. Então ela voltou e passamos o dia todo até o último bloco. Aliás, seguimos o último bloco do Galo. (STEVE, 2013)

Casualidade, coincidência, eventos de trabalho e culturais levam aos encontros entre Marina e Steve e a promoção de novas interações e relacionamento. O bloco carnavalesco do ‘Galo’, evento mundialmente conhecido, serve para apontar que Steve se apresenta confortável em meio à interação em eventos regionais. A chegada ou a observação da presença de Marina no local onde ele se encontra é destacada pela entonação em seu discurso na forma da locução ‘de repente’, enfatizando ao mesmo tempo surpresa e alegria com a aparição dela.

Munido das estratégias desenvolvidas ao longo de sua vida, ele é capaz de construir relacionamentos através de eventos de trabalho e sociais. Conhecer pessoas em eventos sociais como blocos de carnaval, festas, bares, entre outros, nem sempre pode levar a relacionamentos estáveis e de longo prazo, contudo, as interações prévias por intermédio do trabalho forneceram um contexto para que o conhecimento de um sobre o outro facilitasse a interação e, a partir daí, levasse à construção da relação.

Com o passar dos anos, mudanças ocorrem nas sociedades, apontando para novas configurações e transformações comportamentais, estas advindas das mais diversas esferas como econômicas, sociais, linguísticas, culturais e das mobilidades, para citar algumas. Estar no país não significa, necessariamente, estar atualizado com essas mudanças, é preciso interagir com os sujeitos. Durante o período em que esteve casado, Steve afastou-se, por exemplo, das práticas de interação social que antecedem a formação do casal. Agora, quando retorna ao cenário do flerte, pretensos atributos das masculinidades são desconstruídos no estabelecimento das relações entre casais de culturas diferentes. Ao final do encontro durante o período do Carnaval, Marina pega o aparelho telefônico de Steve e insere seu nome e número de telefone para que ele ligue para ela. Tal ação o surpreende:

a outra surpresa era como faz na história de Rip van Winkle, né? Que acorda depois de 20 anos, ou algo assim, porque o mundo mudou. Era possível para uma mulher, tomar, bom, eu tomei uma certa iniciativa, esperando a resposta tipo ‘sim, vamos nos encontrar num bar, né?’, algo assim. **Não!** Ela tinha telefone e nome, dentro do **meu** celular. [r] E isso foi uma grande surpresa para mim. (STEVE, 2013)

Os movimentos traçados na trilha da diáde amorosa são destacados como sendo partilhados por ambos, contudo o movimento de

Marina, em especial, ocupa espaço na fala de Steve, já que as relações sociais entre homens e mulheres estariam em processo de mudança desde seu último casamento. Com o passar dos anos, as modificações nas práticas sociais acomodaram ações proativas por parte das mulheres no que concernem as ações iniciais na promoção e consolidação do relacionamento, ilustrados aqui na operação que Marina realizou. Agora, homens e mulheres estariam em concorrência equitativa no jogo do amor. Sua expressão de conforto, em meio às novas práticas, pode ser fruto da origem britânica, mas também um elemento de subjetividade e escolha pessoal em se adaptar à contemporaneidade.

A referência literária à história do autor americano Washington Irving de 1819 promove a ponte alusiva ao marcador etário instaurado nos primeiros momentos da relação entre Steve e Marina. Expressões de surpresa e contraste com o que ele estava acostumado, abrem espaço para novas manifestações de relações pessoais e inter-geracionais, para as quais ele não impõe obstáculos. Em meio ao processo de reorientação migracional, novas redes sociais são formadas, renegociando estratégias e identidades.

Heilborn (1992) aponta que em indivíduos de camadas médias e moradores de localidades mais privilegiadas é propiciado o compartilhamento de um *ethos* intelectual. Acredito que tal compartilhamento, do mesmo modo, pode ocorrer por intermédio do conhecimento de uma língua estrangeira, como no relato de Robert, já que este foi um elemento magnético entre ele e Paula:

eu acho que, na época que eu a namorei, eu estava apenas trabalhando, e eu estava trabalhando bastante na época. Eu achei que era legal na época namorar alguém que falava outra língua. [r] E que falava inglês, e inglês eu entendia. Não havia nada de errado com o sotaque dela. Eu apenas lembro, ‘garota legal, ótima personalidade, vamos nos divertir juntos!’ Independente de qualquer outra coisa. (ROBERT, 2013)<sup>208</sup>

A princípio, a língua inglesa parece mediar a relação entre o

---

<sup>208</sup> I think at the time when I dated her I was just working, and I was working hard at that time. I thought it was nice at that time to be dating someone who spoke another language. [r] And who was speaking English, and English I could understand. There was nothing wrong with her accent. I just remember thinking, ‘great girl, great personality, let’s have some fun together!’ Irrespective of anything else. (ROBERT, 2013)

casal, pois a comunicação representa um dos fatores de atração. Porém, a língua portuguesa, traduzida através do outro exótico que fala uma língua diferente da sua, também exerce seu ponto de influência. Acredito, nesse contexto de situação, ser justo mencionar que relações amorosas entre estrangeiros são permeadas pela noção do que é diferente, sendo assim, o fato de Paula falar um outra língua – e de um país tido no imaginário europeu como exótico – configuraria um dos elementos de atração na formação da díade amorosa entre Robert e Paula.

A formação profissional na relação dual segue essa trilha do compartilhamento do *ethos* e mostra que o casal utiliza do mesmo local de trabalho ao desempenhar a mesma profissão: “ela ensina inglês aqui também”(ROBERT, 2013)<sup>209</sup>; “e eu sei que ela é professora, então ela ensina inglês” (PETER, 2013)<sup>210</sup>; “sim, [professora de inglês] de formação” (STEVE, 2013). Apesar de não ter a informação via entrevista, detenho o conhecimento de que a esposa de Gary (2012), do mesmo modo, é profissional do magistério na mesma instituição que ele, pois fui sua aluna.

Na esteira que associa casamento e ocupação profissional, observo que ser professor pode sinalizar estabilidade conjugal: “então, ele [David Barlow] se casou e deu aulas particulares em Recife”(BARLOW, 2013). Muito embora o magistério não seja a profissão de formação, a ocupação se apresenta como uma opção em decorrência da sua nacionalidade, como uma vantagem cultural, característica já apontada em situações narradas por outros sujeitos.

Não consigo distinguir um padrão conjugal, podendo existir casais com diferenças etárias pequenas, como é o caso de Robert: “eu nasci em 1966. [ ] qual era a data? 12 de dezembro de 1966. Hmm, Paula, minha esposa, ela tem 53 agora, 53” (ROBERT, 2013)<sup>211</sup>. Ou uma grande diferença geracional como no caso de Marina e Steve: “é [nasci em] 17 de junho de 1946. Ela [Marina] tem 19 anos a menos” (STEVE, 2013). Tais lacunas etárias não apontam para dificuldades dialógicas no cotidiano, muito pelo contrário, os aproximam, o que parece ser refletido em um casamento estável: “ah, calculamos outro dia porque no sábado passado [21 de setembro de 2013] a gente comemorou

---

<sup>209</sup> She teaches English here as well. (ROBERT, 2013)

<sup>210</sup> And I know she is a teacher, so teaches English. (PETER, 2013)

<sup>211</sup> I was born in 1966. [ ] which was the date? December 12<sup>th</sup>, 1966. Ahm Paula, my wife, she is 53 now, 53. (ROBERT, 2013)



doze anos de casamento” (STEVE, 2013).

Ao narrar sobre há quanto tempo está no relacionamento, a mera possibilidade de revelação da própria identidade, entretanto, provoca em Peter uma ‘leve’ crise de autorreflexão acerca da sua faixa etária e, simultaneamente, levanta questões culturais típicas brasileiras no que tangem a revelação da idade da esposa:

1977 [ ] isso é 35, estou ficando velho, meia-idade. Sim, ela é mais velha que eu, ela é [ ] você quer saber de verdade, ela vai ficar chateada ... ela é, tipo, cinco anos mais velha. Eu acho que ela tem 39, ela não fez 40 ainda. (PETER, 2013)<sup>212</sup>

Os laços matrimoniais são trazidos no universo da atração no deslocamento para o Brasil e são atrelados às decisões de mudança para cá: “e então, à medida que as coisas aconteceram, eu conheci minha esposa e nós decidimos nos casar. Então essa é a razão pela qual eu vim para cá definitivamente. Então, antes eu estava lá e cá” (KEVIN, 2012)<sup>213</sup>. Como em um percurso previsto pelo destino, Kevin une-se à esposa conjugalmente e daí advém a decisão, em conjunto, da migração.

Aliás, a sensação de uma força externa aos sujeitos, que, supostamente, combinaria eventos, aparece no discurso de Robert, o qual, após os locatários desocuparem o apartamento que havia comprado com a esposa, em João Pessoa, vislumbra a possibilidade de mudança:

então as coisas meio que se encaixaram. Essa foi uma boa razão para vir, eu poderia ter ficado e continuado a fazer o mesmo trabalho que eu estava fazendo, mas isso parecia, você sabe? Eu tinha ensinado inglês aqui antes, eu posso ensinar de novo, você sabe? Deve ser um bom divertimento. Por que não? (ROBERT, 2013)<sup>214</sup>

No universo das mobilidades, algumas viagens configuram uma

<sup>212</sup> 1977 [ ] that’s 35, I’m getting older, middle-aged. Yes, she is older than me, she is [ ] you wanna know the actual, she will be upset ... She’s like five years older. I think she is 39, she’s not quite 40 yet. (PETER, 2013)

<sup>213</sup> And then finally as things turned out, I met my wife and we decided to get married. So that’s the reason why I came here definitively. So, before I was on and off. (KEVIN, 2012)

<sup>214</sup> So things kind of folded into place. That was a good reason to come. I could’ve stayed and do the same job I was doing, but it just seemed, you know? I taught English here before, I can teach it again, you know? It should be good fun. Why not? (ROBERT, 2013)

migração feminina temporária, na qual a mulher desloca-se para a sociedade de origem do marido e lá permanece por algum tempo para, então, juntos, deslocarem-se de volta, em definitivo, para o Brasil: “desde 2000 [tenho estado no Brasil], mas nós saímos, entre 2004 e 2009 nós vivemos na Inglaterra” (PETER, 2013)<sup>215</sup>. Afinidades, conjugalidades, afetividades e praticidade, são alguns elementos que fazem parte do cotidiano desses casais.

A figura feminina é vista no âmbito do suporte sentimental, físico e, até mesmo, burocrático:

é uma bagunça [o processo de convalidação de documentos de pós-graduação], mas depois eu acho que vale à pena, mas se eu conseguir que minha esposa me ajude, eu provavelmente faria. Eu odeio fazer isso sozinho. [g]. (KEVIN, 2012)<sup>216</sup>

A representação de esposa companheira vai além do universo dos sentimentos para apoiar o sujeito nas questões mais práticas da sua vida brasileira. Além disso, é conferido à esposa o olhar da alteridade que, vista sob o ângulo feminino, pode captar nuances outras que ele mesmo não seria capaz: “talvez minha esposa pudesse responder sobre isso [adaptação] melhor do que eu” (ROBERT, 2013)<sup>217</sup>. A diáde afetiva dispensa fronteiras de opinião e sentimentos, em meio às respostas que se misturam, revelando masculinidades apoiadas no olhar feminino. A vivência é una e o olhar do outro, que com ele compartilha essa vivência, pode propiciar uma riqueza de detalhes, por vezes, imperceptíveis ao próprio sujeito narrador.

A preservação da autonomia individual, apontada por Heilborn (1992), comporta uma regra importante nas conjugalidades contemporâneas. A temática da distribuição de tarefas domésticas é naturalizada pela proposta de simetria, ainda que possa apontar, em alguns casos, para a versão tradicional e patriarcalmente amparada e que pendem para o lado da mulher, como diria Goldenberg (2001). Nas palavras de Robert: “sim, quer dizer, ela pega uma porção maior das

---

<sup>215</sup> Since 2000 [we have been in Brazil], but we left, from 2004 to 2009 we lived in England. (PETER, 2013)

<sup>216</sup> It's a mess [the process for validating post graduate documents] but then I think it is worth it but if I can get my wife to help me, I probably would. I hate doing it myself. [g] (KEVIN, 2012)

<sup>217</sup> Maybe my wife could answer that [about adaptation] better than me, (ROBERT, 2013)

tarefas, posso dizer, bem democraticamente, [r], é claro que ela faria mais das tarefas domésticas, ela tem mais tendência a isso”(ROBERT, 2013)<sup>218</sup>. Aqui é refletido o discurso da mulher que cuida da casa, das incumbências domésticas por apresentar essa tendência inata.

Representações idiomáticas acerca da realidade do lar refletem sujeitos conscientes no que tange a necessidade da partilha das incumbências que a casa e os filhos, caso existam, demandam: “bom, eu sou o dono da casa”(STEVE, 2013). A mesma frase já havia sido destacada por Peter (2013) que, simultaneamente, alude a sua imagem de ‘homem domesticado’. Ser o ‘dono da/de casa’ remete a um rompimento com as identidades culturais locais, as quais seguiriam a tendência de afastar o homem das tarefas domésticas.

As expressões e os atributos de masculinidades, podem ser heranças familiares, reproduções discursivas ideológicas locais, ou ainda construções advindas de experiências próprias a partir da díade afetiva, emergem nas narrativas em paralelo:

isso é interessante. Olha, para começar, eu nunca, eu acho que nunca tive problemas em, por exemplo, lavar pratos, fazer a cama. Eu faço todo o dia, menos quando temos alguém para ajudar. Meu pai, isso é interessante para mim, não sei se é relevante, mas, minha mãe era enfermeira e ela trabalhava longas horas, né? [...] Então era uma coincidência se, no fim de semana, num sábado ou domingo, então quem preparava o café da manhã era **sempre** meu pai, que fazia as refeições no domingo para a gente comer durante a semana, era meu pai. Então ele cuidava da casa. Então, para mim, o modelo de pai, digamos, que eu aprendi, era pai que lava os pratos e tudo isso. (STEVE, 2013)

As entrelinhas indicam que seu conhecimento de mundo já apresentou situações em que ‘homens teriam problemas’ com a lavagem de louça e outros atributos domésticos, tradicionalmente tidos como incumbências femininas. Falo em expressões de masculinidades que fogem ao padrão arraigado e engessado contido no patriarcado. Sua reflexão é fruto da maneira como foi educado na sociedade de origem, o que aponta para expressões outras de masculinidades no ambiente

---

<sup>218</sup> Yes, I mean, she takes more of the task load, shall I say, very democratically, [r] of course she would do more of the house tasks, she is more inclined that way. (ROBERT, 2013)

doméstico. A vida a dois é encarada com naturalidade e em tarefas previstas para cada um, organizadas e distribuídas, preferencialmente, a partir das inclinações de cada um.

Curiosamente, a ação de lavar pratos aparece em outra narrativa, porém, desta vez como reflexo de uma disputa entre a prática cultural que Peter detinha e a nova, a qual ele estava ainda se habituando:

[...] uma das primeiras vezes que eu encontrei Rebeca, eu fui para a casa dela conhecer a mãe dela e fazer uma refeição e, depois da refeição, eu me levantei para lavar meu prato e a mãe, minha sogra, ‘não, não, sente-se. O que você está fazendo?’ E eu estava, eu pensei, eu não estava me mostrando, isso é o que eu faço. Eu estava apenas, você sabe, eu lavo o meu prato. Mas o que foi interessante, a empregada, Kátia, nós ainda a conhecemos, ela ficou um pouquinho chateada também porque ela pensou que eu estava tentando fazer o serviço dela ou que eu estava dizendo que ela não sabia lavar prato hmmm [ ] então eu levei um tempo para me acostumar com isso. E aqui nós educamos nosso filho da mesma forma: nós fazemos as refeições e depois lavamos os pratos, nós fazemos isso, nós fazemos todos juntos. (PETER, 2013)<sup>219</sup>

Práticas domésticas culturais são antagonizadas entre Peter e Kátia e revelam mais do que somente hábitos cotidianos. Não apenas ele estaria agindo de acordo com o que havia aprendido, mas também sua ação poderia apontar para uma necessidade (in)consciente de ilustrar seus bons modos perante a família da futura esposa. Os papéis sociais nos quais às mulheres resta o trabalho doméstico são confrontados com seu *background* de estrangeiro, revelando não somente costumes diferentes, mas também masculinidades opostas às brasileiras. Em sua

---

<sup>219</sup> [...] one of the first times I met Rebeca, I went to her house to meet her mother and have a meal and after the meal I got up to wash my plate and the mother, my mother-in-law, ‘no, no, sit down, what are you doing?’ And I was, I thought, I wasn’t showing off, this is what I would do. I was just, you know, I wash my plate. But what was interesting, the maid, Kátia, we still know her, she got a little upset as well ‘cause she thought I was trying to do her job or that I was saying she didn’t know how to clean the plates eh [ ] so it took me a while to get used to doing that. And here we bring our son up as well: we have meals and then we wash up, we do this, we do all together. (PETER, 2013)

casa, contudo, ele retoma seus hábitos de origem e os irradia, ensinando ao seu filho desde jovem os valores sociais e os hábitos que promovem equidade entre homens e mulheres. A sobreposição de masculinidades e paternidades (do pai para o filho) aponta os sujeitos como agentes sociais modificadores e constituidores de modos mais harmônicos nas relações familiares e sociais de gênero para o futuro. Valores, crenças, percepções são elementos constituintes e constituidores das subjetividades e masculinidades contemporâneas que buscam equidade.

Outras tarefas, igualmente relacionadas ao mundo doméstico, mas que extrapolam o ambiente interior do lar, e que necessitam de designações na diáde, aparecem redistribuídas após alguns anos de vivência já que são frutos de experiências frustrantes ou desagradáveis:

hmm, em casa acho que dividimos bem. O que não dividimos bem, eu confesso, é, são as coisas por fora. Em parte é cultural, em parte é pessoal. Pessoal no sentido, eu não gosto de telefone, não gosto de usar, nunca gostei por motivos que já expliquei, eu acho. E também eu não gosto do sentimento, geralmente errado, provavelmente, de que, ao ver esse gringo as pessoas vão aproveitar-se de mim. Por exemplo, fazer um concerto, um concerto de alguma caixa de música, ou qualquer coisa. Então, geralmente é Marina que faz isso. No máximo, eu acompanho ela [r]. E eu sinto isso, porque ela tem muitas preocupações, tem o trabalho, o doutorado, a mãe dela, as preocupações que ela mencionou agora contigo, da família, eu [ ] eu comparto [compartilho], no sentido de que eu escuto, e eu tento dar uns conselhos, mas [ ] é ela quem leva essa carga emocional e profissional lá fora. (STEVE, 2013)

Por esse fragmento, percebo que Steve considera que os atributos físicos de estrangeiros o expõem e o sujeitam – relatos semelhantes já foram trazidos, como a compra do peixe narrada por Peter (2013). A relação estrangeiro-corpo-nativo é assimétrica e causa dissabores. O corpo que é reconhecido pelo cidadão local e que incomoda o estrangeiro – não pela estrutura física que tem, mas pela atitude de ser reconhecido por ela – é uma tradução visual da sua origem, em alguns casos da etnia. Resignados, porém visando mudanças comportamentais, os sujeitos contornam os obstáculos com o apoio das companheiras na execução das tarefas as quais eles seriam ‘submetidos’ a algum tratamento desigual.

As múltiplas jornadas de trabalho doméstico, profissional e apoio familiar depositam-se sobre a figura feminina. As relações de gênero e identificação são contingentes, pois não são fixas ou previsíveis, podem ser construídas nas mais variadas esferas interacionais e não precisam dos mesmos elementos para existir, podendo se amalgamar, através de matizes e estratégias, e originar nuances que facilitem a convivência social.

Observo que à mulher é conferida a legitimidade de devoção afetiva, principalmente, à família. Incumbências familiares são associadas de forma prática à origem:

a outra coisa é [ ], ainda em relação à língua, nós adotamos um sistema na nossa casa, em que minha esposa fala português com as crianças e eu só falo em inglês com elas, porque eu quero que elas desenvolvam seu inglês em um nível bem alto naturalmente. E então essa é outra razão porque eu realmente não caí por completo no mundo falante do português. Mas eu amo a língua. (JOHN, 2012)<sup>220</sup>

A administração da educação familiar vale-se dos valores interculturais e a partir deles orienta as relações linguísticas familiares. Não há a sobreposição de uma cultura sobre a outra, em sentido oposto, ambas convivem harmoniosamente e de forma profícua construindo reforços transculturais no processo de educação das crianças que, por sua vez, criam laços culturais e de pertença, simultâneos, em meio às práticas de convivência diárias. Observo a força da relação dialógica conjugal, em oposição à centralizadora, tradicional e unilateral do passado, no que tange o destino para o deslocamento, além do ponto de atenção que converge na figura da família como força motriz na busca de uma condição mais adequada de vida, ou no esforço que atrai o estabelecimento da família na sociedade de origem da mulher – esposa/noiva/namorada –, ou ainda na busca pela saúde.

Nesse panorama relacional migratório, estabelecido entre homens e mulheres, onde negociações e renegociações se desenrolam, emergem novas relações de gênero, nas quais homens –

---

<sup>220</sup> The other thing is [ ], still on language, we've adopted a system in our house, where my wife speaks Portuguese to the children and I only speak English to them, because I want their English to develop to a very high level naturally. And so, that's another reason why I haven't really gone fully down to the Portuguese speaking world. But I love the language. (JOHN, 2012)

maridos/noivos/namorados – encontram nas sociedades de origem das mulheres – esposas/noivas/namoradas – uma forma de realização e satisfação para si e para sua família. Cada casal é detentor de subjetividades únicas e, de acordo com elas, conduz suas vidas a dois.

As expressões dos sentimentos de amor, confundem as fronteiras tradicionais dos atributos de gênero e aproximam masculinidades e feminilidades, reescrevendo práticas discursivas sobre as afetividades entre sujeitos de origens culturais adversas. O casamento funciona como o ápice da expressão e chancela da afetividade. Nas palavras de Steve: “[...] em vez de voltar, terminando o contrato, me casei. E isso foi o estopim né? De finalmente abraçar algo da, significativo da cultura local [...]” (STEVE, 2012). O uso lexical de ‘estopim’ associa semioticamente a figura institucional do casamento ao campo semântico de pólvora, fogo à deflagração de um acontecimento que causa surpresa, sinalizando alteração ou transformação na vida do sujeito. Se por um lado poderia estar atrelado à noção de destruição ou afastamento, através do que foi elaborado, o termo ‘estopim’ é agregado ao sentimento positivo como o de um abraço que, contrariamente à destruição, remete à união, fraternidade e afeto.

Ao comporem seus casamentos de forma transcultural, os sujeitos fogem ao modelo hegemônico, sociocultural e, porque não, (pré)determinado, no que tange a formação de famílias. Seguindo os versos de “Aquarela do Brasil” (BARROSO, 1939), eles encontram no Brasil o local do ‘seu amor’ que, posteriormente, transforma-se no Brasil da sua família.

### **“MINHA ESPOSA TEM UMA FAMÍLIA ENORME”**

As referências discursivas à instituição social da família brasileira figuram no âmbito de espaços dialógicos de inserção, diversidade cultural e aprendizagem para os estrangeiros que aqui se constituem. Igualmente, os relatos mostram como eles são afetados pelo que vou chamar de ‘pressão familiar’, sensação muito bem caracterizada pela letra da canção do grupo brasileiro Titãs (1986): “família! família! Papai, mamãe, titia. Almoça junto todo o dia. Nunca perde essa mania”. As subjetividades são reconstituídas no processo de aprendizagem e convivência em meio a nova cultura familiar.

Ribeiro (1998, p. 22) menciona que “[...] o maior contingente de estrangeiros com quem os brasileiros têm filhos é o de nativos do lugar onde residem” e que, no processo de constituição familiar, os

brasileiros “[...] estão abertos às características sociais, culturais e étnicas das populações em que se inserem” (Idem). Por meio das narrativas, percebo que a situação não é diferente com eles, apesar de invertida, já que eles são os ‘estrangeiros que têm filhos com as brasileiras’. Eles são afetados pelas práticas socioculturais de um *ethos* brasileiro, originando a constituição de famílias transculturais, deixando de lado outras noções para construir, eles mesmos, suas próprias concepções.

Apesar de fazer alusão à gravidez da esposa e à situação que a Inglaterra enfrentava à época como fatores externos que contribuíram para o deslocamento, observo que estes são elementos totalmente intrínsecos e subjetivos, além de carregados da personalidade de John na tomada de decisão:

bom, eu suponho que elas foram predominantemente externas, porque minha esposa engravidou do nosso segundo filho, no Brasil. E isso realmente **cimentou** a decisão de ficar lá. [...] eu sentia que não queria mesmo criar meus filhos na Inglaterra [...] ele [o Brasil] nos proporcionava uma estrutura familiar bem grande, porque minha esposa tem uma família enorme [...]. (JOHN, 2012)<sup>221</sup>

Fazer menção a tais elementos como externos pode indicar uma necessidade de validação da decisão migratória. Porém, infiro que, nas fimbrias que constituem e reconstituem as ações migrantes, a instituição da sociedade social civil que emerge e mostra-se recorrente aparece na figura da família conjugal e, a princípio, nuclear. É a família o elo que intersecciona motivações externas e internas e contribui trazendo validação à migração. Como na canção “Aquarela do Brasil”, “é o Brasil do meu amor” que exerce a força de atração no deslocamento.

Na narrativa de John observo que a chegada de mais um membro à família consolida a decisão de permanecer no Brasil. A ênfase na entonação somada à lexicalização executada pelo verbo ‘cimentar’ indica não somente a posição aglutinadora e familiar que o bebê ocupa, como a força que move a família, já que o bebê é o

---

<sup>221</sup> Well, I suppose they were mostly external because my wife felt fell pregnant with our second child, in Brazil. And that really **cemented** the decision to stay there. [...] I felt that I didn’t really want to bring my child up in England [...] it [Brazil] provided a very large family structure ‘cause my wife has a huge family [...]. (JOHN, 2012)



elemento que une, mobiliza e consolida o deslocamento, além de indicar a solidez na decisão, já que, uma vez cimentado, desfazê-lo torna-se uma tarefa custosa.

O espaço onde a família se estabelece, onde se constitui, é de fundamental importância. Nesse caso, a Inglaterra não figuraria o espaço geográfico que John desejava para a formação cultural, educacional e organizacional da sua família. Havia, no passado, durante as décadas de 20 e 30, a noção de que a migração poderia levar ao enfraquecimento de famílias, porém, de lá para cá, tem sido observada ação inversa, já que as famílias nucleares e, em conjunturas transnacionais, as ampliadas, prosperam em situações de deslocamentos (MODEL, 1990).

Quando, anteriormente, mencionei que a família nuclear seria, ‘a princípio’, uma das manifestações da instituição social, referia-me ao fato de que os deslocamentos envolvem um campo mais amplo do círculo familiar, abarcando os parentes que fazem parte da família ampliada, ou estendida, que é entendida aqui como “unidade de parentesco consanguíneo e fictício” (MODEL, 1990, p. 131), isto é, sogros/as, cunhados/as, primos/as, e toda uma linhagem formadora dos membros da unidade familiar:

uma das experiências mas extraordinárias, mais belas da minha vida. Eu não preciso [de muitos amigos]. Eu gosto dessa família estendida, porque, pra mim o compromisso é um compromisso válido. O irmão da Marina é um cunhado meu. Por necessidade, vou me encontrar com esse cunhado e vou formar um relacionamento, bem ou mal, com esse cunhado. Com um inglês que mora aqui, eu não tenho essa confraternidade ou conterr... conterraneidade, existe? Não tem nenhum valor, nenhum valor, só por ser inglês não. (STEVE, 2012)

A família brasileira pode proporcionar um sentir-se bem social, relacional, cultural e afetivo para seus filhos através da sua estrutura de dimensão nuclear ou ampla. A própria noção da dimensão familiar pode ser ressignificada para incluir, por exemplo, pessoas sem relações consanguíneas ou legais: “os amigos, o teatro e tive que, e ahm eram outros desafios, era a família estendida” (STEVE, 2012). Por estarem imersos no cenário de contato cultural, concepções ideologicamente construídas acerca de características culturais da sociedade e que, infelizmente, fazem parte do senso comum acabam por ‘impregnarem’ nos discursos dos estrangeiros a partir de um ponto de vista de uma

cultura dominante.

Noções estereotípicas ligadas à produção imagética de nordeste brasileiro reduzem e ‘essencializam’ a formação e união familiar nesta região. Nas palavras de Albuquerque Junior (2008) a região e todo o arquétipo a ela ligado serviriam para legitimar as ações e a produção de discursos carregados de imagens construídas que não refletem, necessariamente, a realidade dos dias atuais. Nos discursos, o estereótipo da família nordestina é trazido para marcar a diferença entre o brasileiro do Nordeste e o brasileiro de modo geral, além de alocar também o inglês no cenário da diferença. Para ilustrar tal fato, estrategicamente, uma anedota é trazida:

impressionado... uhmm [ ] ah sim, ok, nós fomos ver a família da minha esposa em Natal e eles, a família é bem brasileira, bem nordestina, e uma boa parte da família vive junto, eles têm uma casa relativamente grande, relativamente simples, em uma vizinhança normal, não é uma vizinhança rica. Mas tem a avó, a mãe, os filhos, e tem várias gerações vivendo na casa. E nós fomos visitá-los. Nós os visitamos frequentemente, e quando nós chegamos o [ ] um dos primos da minha esposa, eles nos dão a cama deles, e eu disse: ‘não, não, não, nós vamos dormir em um colchão, ou em uma rede’. E eles: ‘não, não, vocês vão dormir’[na cama]. E isso, eu acho que isso é surpreendente, é diferente. E mais uma vez, você não daria a sua cama para alguém na Inglaterra, entende? Se você viesse ficar na minha casa, eu vou te dar uma cama extra ou um quarto ou um [ ] mas, efetivamente renunciar a sua cama, eu, isso foi bem diferente para mim, eu fiquei bem surpreso com isso. (PETER, 2013)<sup>222</sup>

---

<sup>222</sup> Overwhelmed... ahmmm [ ] oh yeah, ok, we went to see my wife’s family in Natal and they, the family is very Brazilian, very northeastern, and a lot of the family live together, they have quite a big house, quite a simple house, in a normal neighborhood, not rich neighborhood. But, there is the grandmother, the mother, the sons, and there’s lot of generations living in the house. And we went to visit. And we go to visit them quite often, and when we go the [ ] one of my wife’s cousins, they give us their bed, and I said: ‘no no no, we will sleep on a mattress, or on a hammock’. And they: ‘no, no, you will sleep’. And that’s, I think that’s quite overwhelming, that’s different. And again you wouldn’t give someone your bed in England, you know? If you come to stay in my house, I

As descrições sobre o preenchimento familiar são contrastadas às inglesas, nas quais uma habitação não é, necessariamente, ocupada por várias gerações. Outros contrastes são apresentados na forma da presença de convidados. ‘Ser brasileiro’ é equiparado ao ‘ser nordestino’ no sentido de agrupamento habitacional familiar. Em paralelo, a região em que a casa se encontra, proporciona a percepção de um jogo de classe no qual pertencer a classe média seria visto como normal, ao passo que ser rico seria visto como fora no padrão.

Se na Inglaterra os convidados familiares teriam um papel diferente ao visitar a casa, que seria o de um ‘transeunte temporário’, no Brasil os mesmos convidados são tratados como sendo mais do que membros da família, sendo apreciados pela sua visita através de um tratamento superior, por meio do qual a cama do/a proprietário/a da casa é oferecida como um gesto de boas vindas e de sensibilidade. Renunciar a ‘própria cama’ parece um ato extremo para Peter, já que o leito do casal simboliza intimidade. A cama seria a área mais pessoal dentre as áreas físicas da casa e abrir mão dela, para outras pessoas que não os membros diretos de sua família (esposa e filhos), seria abrir mão da sua privacidade.

A construção de noções sobre as regiões, em especial a do Nordeste, já que os sujeitos se encontram nesta localidade, pode ser ontológica (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008), contudo a reprodução discursiva permite ao falante um momento crítico-reflexivo que resulta em desconstrução. Recupero a noção hegemônica – e peculiar – sobre a família nordestina na voz de Steve: “pra mim todo brasileiro tem parentes até o sexto grau né? Marina tem parentes em quase a metade do Nordeste, ‘tô’ exagerando...”(STEVE, 2012). Apesar da prática sociodiscursiva semelhante a de Peter (2012), ele reconhece, jocosamente, que a generalização não corresponde à realidade, desconstruindo a percepção do senso comum e organizando seu discurso em função da sua experiência pessoal.

Segundo Scott (2011), a genealogia pode ser um método de compreensão interessante no que tange os estudos sobre mobilidades humanas, pois, muitas vezes, envolvem estratégias familiares e sociais no trânsito dos sujeitos que migram. A reivindicação de heranças de sentimentos, advindos dos pais, orienta no sentido de facilitar a adaptação aos novos laços familiares brasileiros:

---

will give you a spare bed or a room or a [ ] but to actually give up your bed, I , that was quite different for me, I was quite surprised by that. (PETER, 2013)

sim, eu ia dizer que eu estou impressionado, eu fico impressionado com família, famílias brasileiras [r]. Às vezes é, é [h] a família da minha esposa é muito influente, muito forte [juntando as duas mãos], ótima família, família fantástica. Eu acho isso impressionante [r], extremamente impressionante quando a ênfase é na família, e é [ ] grandes famílias. Então, por exemplo, no Natal de 2012, nós fomos a São Paulo para visitar a família, a família da Paula, grande reunião, naquela localidade específica, e nós vamos para lá de novo esse ano. Então isso, esse importante, aquele contato. E, quando eu primeiro vim para cá isso foi difícil para mim, e eu não estava acostumado a isso. E minha família, eu tinha a minha família das Antilhas, é de elos sólidos, comunidade forte, mas eles são de uma geração mais idosa. Eu fui criado em Londres, eu tenho uma mentalidade britânica unida à mentalidade caribenha, mas a britânica está no centro, eu acho, dos meus pensamentos às vezes e [ ] entende? Essa necessidade de ser independente é muito forte nas coisas que você quer fazer, não o que os outros dizem ou pedem para você fazer. Entende? Eu saí de casa muito, não muito jovem, mas eu queria ir. Essa necessidade de voltar para a família o tempo todo não era parte do meu ser, embora agora, à medida que envelheço, é importante [r], é importante [r]. (ROBERT, 2013)<sup>223</sup>

---

<sup>223</sup> Yes, I was gonna say, I'm overwhelmed, I get overwhelmed by Family, Brazilian families [r]. Sometimes it's, it's [h] my wife's family is very influential, very strong [joining the two hands together] great family, fantastic family. I found that overwhelming [r], extremely overwhelming where the emphasis is on family is and [ ] big families. So for example, for example, Christmas 2012, we went to São Paulo to visit the family, Paula's family, big gathering, in that specific locality and we are going back there again this year. So this, this important, that contact. And when I first came here that was very hard for me. And I wasn't used to that. And my family, I had my family from the West Indies, it's strong bond, strong community, but they are elder generation. I was brought up in London, I have a British mentality together with the Caribbean mentality but the British mentality that's the core, I think, of my thinking sometimes and [ ] you know? This need to be independent it's very strong in doing things you want to do, not what other people tell you to do or

A hesitação ao falar da família da esposa mostra ao mesmo tempo um pouco de indecisão no que tange a revelação de informações, daí a cautela aplicada ao discurso que, posteriormente, enaltece a família e sua relação com ela. Suas raízes, caribenhas e britânicas, são elencadas discursivamente, apontando que, muito embora a primeira assemelhe-se à brasileira, é a segunda que detém maior influência sobre ele. De acordo com Robert, na família britânica o sujeito dispõe de maior independência, à medida que atinge a fase jovem, e, ao envelhecer, pelo menos para ele, há uma retomada no apreço pela reunião familiar. Por outro lado, a família brasileira parece deslocar-se como um organismo único, articulando seus membros e momentos de confraternização em unidades que dispensam a liberdade do casal de realizar outras atividades. A diferença geracional é justificada pela presença dos avós nas Antilhas, e pelo momento etário que ele próprio vive, no qual acaba reconhecendo a necessidade de (re)agrupamento familiar, enquanto espaço de conforto.

A aparição e, conseqüente, inserção de ‘obrigações sociais familiares’ à rotina do Robert parece marcar um sentimento de perda da autonomia como sujeito e da autonomia conjugal, já que pressupõe a participação do casal nas práticas familiares semanais. O uso vocabular do termo ‘influyente’ sinaliza uma aparente superioridade da família em relação ao recém-chegado que é empoderada por seu tamanho e capacidade de decisão sob os outros, mesmo que, posteriormente, a autoridade familiar seja suavizada através do gesto de apreço.

A despeito da sua consciência sobre a herança de famílias grandes das Antilhas, Robert (2013) reconhece a noção nuclear britânica, noção igualmente compartilhada por Steve:

não vou generalizar nem você deveria generalizar sobre Grã-Bretanha, a minha região. Quando eu era criança e jovem, os laços familiares não eram muito extensos. Até o dia de hoje, em inglês, não em português, em inglês, eu tenho que dar uma pausa para pensar na diferença entre primo e sobrinho, porque eu não tive. Existiam, mas eu nunca vi. (STEVE, 2012)

A família estendida remete a concepções de parentes

---

ask you to do, you know? I left home very, not at a young age, but I wanted to go. This need to come back to the family all the time wasn't part of my being although now as I am older it's important, [r] it's important [r]. (ROBERT, 2013)

desconhecidas dos sujeitos e, posteriormente, materializadas em vínculos, potencialmente, afetivos que se impõem, visando conduzir relacionamentos familiares. Mecanismos de identificação depositados na família de origem e no passado desta proporcionam a existência de dois passados que, por sua vez, permitem a sensação de pertencimento simultâneo a duas culturas que se assemelham e se diferem. Steve busca no passado dos pais a justificativa para sua acomodação interpessoal, mas não pode negar a resistência de ter sido educado em uma cultura diferente e mais independente.

Através da intersecção entre as narrativas de Steve, Peter e Robert, percebo uma prática discursiva que remete à noção de famílias brasileiras, em específico as do nordeste, na figura de organismos extensos e de, um modo geral, muito interconectados, além, é claro, da visão de atividades com práticas familiares que demandam frequência dos seus participantes, o que parece, pelo menos a princípio, incomodá-los, mas que, posteriormente, é compreendido dentro do campo das diferenças culturais e é incorporado como uma prática natural.

O amálgama ‘família-cultura’ reconfigura as relações familiares e sociais, além de destacar a relevância dessas relações na trajetória de vida do sujeito, uma vez que, próximo aos parentes da esposa ele pode expandir seus conhecimentos acerca da constituição familiar brasileira, e dispor dos parentes de forma instrumental para agenciar e negociar questões em seu nome. As relações de família e parentes, além dos amigos que podem ser arrolados no meio familiar, por proximidade e afinidade, são organizadas em torno do “capital social” (PUTNAM, 1993), isto é, da maneira pela qual o indivíduo se organiza socialmente em termos de redes, normas e relações, em benefício próprio ou de outros, próximos a ele, como esposa e filhos.

Sassen (2005), ao avaliar os papéis da sociedade civil e da cidade em relação à cidadania, defende que determinadas cidades, quer sejam “cidades globais” ou não, interpretam uma parte importante no quebra-cabeça migratório: a de um espaço estratégico para obter a condição de cidadão morador. A formação da família e, conseqüentemente, o ser inserido na família estendida, pode constituir espaços estratégicos de capital social na busca de resolução de problemas, como por exemplo, a obtenção do visto de permanência:

[...] mas, na realidade, nós nos mudamos para Itajubá por causa da família. Uma boa parte da família da minha esposa vivia lá e eu estava no processo de conseguir meus documentos, de organizar minha documentação, para viver aqui,

meu visto. Eu preciso de vistos especiais para viver aqui, e então a minha família conhecia todo mundo. Então pareceu mais lógico ir para o lugar para organizar meus documentos e depois procuramos por outro lugar. (JOHN, 2012)<sup>224</sup> é muito difícil [conseguir visto de permanência], sim! É difícil. Eu consegui por, pelo fato de que, [ ] acabava de casar-me com uma brasileira. Na época, não sei agora, provavelmente não é diferente, **ou** era esse caminho **ou** você nasceu português, eu acho que por Portugal tem essa possibilidade, **ou** você trás meio milhão de dólares para investir não sei quanto numa, num negócio no Brasil. Eu lembro que mandamos o tio da minha primeira esposa à Brasília, um juiz de direito. Provavelmente ele ia de todo o jeito, viajar para Brasília, mas, como favor, ele foi lá e foi de escritório em escritório em escritório. Também levou os documentos, os mesmos documentos de um grande amigo meu, um inglês, que chegou no mesmo avião, em São Paulo, 1976, [...] mas eu pedi a esse mesmo tio que levasse os documentos dele e ele trouxe de volta os dois, os dois [ ] vistos de permanência. (STEVE, 2013)

A posição de sujeito revela que nos primeiros anos de adaptação ao Brasil, a localidade onde a família ampliada encontrava-se representaria uma espécie de ‘porto seguro’ para ambos John e Steve. Nesse caso, e longe de apontar para uma perspectiva reducionista da cidade, Itajubá representou a possibilidade de John conseguir a documentação de que necessitava. Por outro lado, a posição, relativamente influente, do tio da esposa, e seu local de trabalho, possibilitaram ao Steve a facilidade na obtenção dos documentos para si e para um amigo. Uma particularidade revelada nos discursos indica que a família estendida pode ser representada pela família da esposa, e, através desse círculo familiar, já habituado aos costumes da localidade, são encontrados os meios para resolver questões documentais. Não

---

<sup>224</sup> [...] but we actually, moved to Itajubá because of Family. Quite a lot of my wife's family lived there, and I was in the process of getting my documents, documentation sorted out, for living here, my visa. I need special visas to live here and so my family knew everyone. So it seemed more logical to go to the place to sort out my documents and then we looked for somewhere else. (JOHN, 2012)

posso obliterar, entretanto, a ênfase crítica modulada pela entonação da conjunção alternativa ‘ou’ ao citar as circunstâncias de obtenção de visto no Brasil, e também na forma da anáfora expressa pela repetição de ‘em escritório em escritório’, comunicando a morosidade do sistema burocrático na obtenção de tais documentos.

A despeito da sensação de inserção que a família pode proporcionar, os sujeitos mostram-se cientes dos contrastes interculturais que seus olhares observam nas relações consanguíneas e de parentesco:

para um britânico parece, a nossa noção de família é mais nuclear né. Uau, por exemplo, a primeira vez que visitamos os pais da minha futura esposa, isso aconteceu com Marina [a segunda esposa] também. Essa minha primeira esposa dizia: ‘já que estamos perto, vamos almoçar na casa deles’. ‘Mas não pode, eles não estão esperando, não vão ter comida’. ‘Pode sim’. Não é, eu não me sinto confortável, então ainda tinha esses riscos. Não pode, não pode simplesmente chegar sem avisar. Então minha vida de repente, a partir de 78, já mudou dramaticamente. Vinha a família estendida, minha esposa, meus filhos. O foco mudou, mas eu já falava melhor, já entendia melhor a cultura, assistia às notícias, não era nenhum esforço, lia a Veja, não era nenhum esforço, não me sentia como um peixe fora d’água, ahm, não era difícil nesse sentido. Eu não gostava do meu sogro, adorava minha sogra, adorava meus cunhados. Minha vida mudou e, cada fim de semana era uma granja no interior de São Paulo, a uma hora. Ah, foi fantástico. Meus filhos também. (STEVE, 2012)

O espaço familiar e doméstico, enquanto rede de conexão entre o sujeito e a cultura, é evadido do meio privado para o público, ao colocar o sujeito no centro das atenções e das atividades. Não obstante, é na observação das diferenças e contrastes culturais das relações com os parentes que há o aprofundamento do aprendizado cultural tornando a família um espaço de sociabilidade. Posteriormente, em 2013, Steve reafirma sua posição em relação à família, acrescentando a ênfase nas relações com o coletivo relacionadas à impossibilidade de escolha dos mesmos e a comparação feita aos amigos que são, por sua vez, selecionados, muitas vezes, a dedo. O foco nos filhos funciona na forma



de validação da sua decisão de permanência na sociedade-lar como a mais apropriada, não somente em benefício próprio, mas para toda a família, como se ele saísse de uma vida para outra em uma ação de autolibertação de um destino que o aguardava, mas que ele não desejava.

Os estruturamentos narrativos que fazem referência à instituição social da família giram em torno de práticas discursivas constituintes de estereótipos acerca do coletivo familiar brasileiro e nordestino, uma vez que os sujeitos se encontram nesta região do país. No decorrer da convivência, contudo, eles percebem que o ‘choque cultural’ ocorre como resultado das suas prévias experiências. Nesse contexto, eles revisam suas práticas discursivas, abraçando as relações de parentesco, e de não parentes, promovendo a reconfiguração das relações sociais e as identidades culturais.

Processos decisórios como a venda de imóveis ou a vinda para o Brasil são materializados por pronomes pessoais:

quando eu primeiro vim, eu tive que ir à *Polícia Federal*, no *centro*, preencher todos os formulários, e foi bastante rápido. E eu consegui toda a documentação. Mas depois nós deixamos [o Brasil], depois de cinco anos, nós tivemos que voltar para a Inglaterra. E então, na Inglaterra, minha esposa teve que fazer todos os documentos dela para viver na Inglaterra e depois, nós decidimos **voltar** para o Brasil [...] (PETER, 2013)<sup>225</sup>

Nesse sentido, a esposa e os filhos de Peter são inseridos no discurso de forma axiomática, como se indicassem que tais decisões e práticas não seriam factíveis sem suas participações. O uso dos pronomes ‘eu’, seguido por ‘nós’, reflete momentos de tomada de consciência entre o sujeito se perceber externo ao que eu chamo de condição de ‘inglêsidade’ e ao eurocentrismo, ao mesmo tempo em que ele é, inevitavelmente, inerente à ‘inglêsidade’. John (2012), em momento anterior, refere-se aos ingleses como pessoas contidas, primeiramente distanciando-se de sua condição inglesa, em oposição aos

---

<sup>225</sup> When I first came, I had to go to *Polícia Federal*, in *centro*, fill out all the forms, and it was actually fairly quickly. And I got all the documentation through. But then we left, after five years, we had to go back to England. And so in England my wife had to do all her papers to live in England and then we decided to come **back** to Brazil [...] (PETER, 2013)

brasileiros, mais expansivos, e, posteriormente, ele inclui-se na narrativa, ao concluir que os ingleses não fazem parte de um grupo de pessoas que apreciam demonstrações através do toque, como por exemplo, o abraço.

A dualidade entre o ‘ser inglês’ e possuir os atributos relacionais e sociais os quais eram contrastantes com os quais eles vivenciam, afasta-os, momentaneamente, da prática social discursiva, pronominalmente. Mas é no distanciamento que eles se percebem inseridos naquele contexto e retomam suas práticas sociodiscursivas como sujeitos que pertencem, simultaneamente, à origem e ao destino e, portanto, são portadores de um duplo entendimento sobre os contrastes culturais.

Vantagens são constituídas a partir da formação familiar e se alimentam da origem do sujeito que mostra-se de uma certa forma aprisionado em sua ‘condição’ de estrangeiro externo à ‘brasilidade’. Neste fragmento discursivo, Steve mostra que se sentia como um ‘minotauro’, preso no labirinto das atividades ocupacionais, sem se envolver com o universo em que se encontrava. Como no mito grego, o casamento é a luz que modifica e o liberta:

não tive que me defender com um conhecimento pobre da língua, cultura, história do Brasil na rua, no emprego. Como um minotauro, eu era membro de uma, dentro do meu âmbito, de um ser superior, eu era de tudo um nativo. Tinha já três graus universitários, dois pós-graduações, um ser superior. Eu não me considerei superior, mas era muito fácil. Me casei, e tudo isso mudou. Deixei atrás os bares [r] (STEVE, 2012)

A constituição familiar poderia funcionar como um dispositivo de legitimação da satisfação pessoal e coletiva, pois é em nome da família e por ela que o conforto climático, social, cultural, é buscado no decorrer do deslocamento, internacional ou interno. Assim, vejo a família como o fim da jornada migratória, pois finalmente os sujeitos encontraram seu lar. E nesse encontro perdura a necessidade de afastamento da sociedade de origem e dos sujeitos que de lá vem, como cita Gary: “ok, eu comentei há pouco que eu não tenho realmente feito esforços para conhecer outros americanos, estão aqui porque, como

resultado de experiências negativas que eu tive”(GARY, 2012)<sup>226</sup>. Aqui, ele mostra apreço pela vida que construiu e observa as expectativas que determinados estrangeiros promovem, realizando o efeito oposto do que ele deseja, o que poderia destruir seus valores. Daí vem o afastamento de relações com estrangeiros, sejam patrícios ou não.

Estratégias de gênero revelam – seja para a manutenção da segurança, da saúde, da educação, enfim, da qualidade de vida da esposa e da filha, ou seja, para a constituição da família *per si*, como foi o caso de Peter (2012) que se mudou para João Pessoa ‘por amor’ – que é a família que exerce certo ‘controle’ sobre a decisão do migrar. Acima de tudo, a família, nesse contexto narrativo, ocupa espaço relevante nas lembranças, pois foi em nome dela que decisões foram tomadas e, a partir dela, são rememoradas com júbilo.

E assim, os sujeitos vão compondo suas identidades culturais de forma relacional e plural, combinando várias particularidades e subjetividades que são incorporadas em suas práticas discursivas socioculturais.

## REFLEXÕES SOBRE AS IDENTIDADES CULTURAIS

Kerby Miller (1990) orienta que, em se tratando de migrações, deve-se pensar em identidades culturais estimuladas pelas relações interpessoais e que ‘afetam’ aqueles que no contato estão. São identidades modificadas nas mais variadas esferas como formas de agir, falar, situar-se, pensar, entre outras. Canclini (2006) reflete sobre quais elementos seriam ‘responsáveis’ pela ‘organização’ das identidades dos imigrantes, aqui estarei voltando minha atenção para os estrangeiros ingleses e estadunidenses. Utilizo ‘responsáveis’ entre aspas, pois acredito em elementos complementares e que, naturalmente, são incorporados às práticas sociodiscursivas.

Os contextos sociais urbanos são territórios pluralmente ricos para essa organização. Destaco algumas categorias que considero relevantes e que se mostraram influentes nas entrevistas realizadas: o local que frequenta; a língua que fala, ou não fala; os alimentos com os quais está acostumado, ou os alimentos que encontra na nova sociedade e que opta por experimentar, ou não; os grupos que frequenta ou não

---

<sup>226</sup> Ok, I commented just a moment ago that I have not really made any effort to get to know other Americans who are here because, as a result of negative experiences I had. (GARY, 2012)

frequente; enfim, o contato expresso nas relações vividas culturalmente são alguns componentes do mosaico identitário.

A partir da composição analítica construída, várias nuances presentes nas narrativas me permitem inferências acerca das reconstituições subjetivas nos modos de agir, pensar, falar, refletir, interagir, relacionarem-se e suas conexões com o local de fixação. Essas reconstituições apontam para o Brasil, mais precisamente para a cidade de João Pessoa, como a localidade de um novo *self*.

A mudança para a cidade (João Pessoa) no país estrangeiro (Brasil) percorre o trajeto que permite aos sujeitos reorganizarem suas identidades culturais, relações e práticas interpessoais. A simplicidade cidadina recebe destaque:

eu acho que eu prefiro que tudo seja tão simples quanto possível. Eu acho que vivemos em um lugar legal, temos uma casa legal, mas é tudo ainda bem simples, de verdade, pagar as contas. Eu não acho, pelo menos na família, eu não preciso de tanto dinheiro, para viver aqui, nem muitas contas [ ] (PETER, 2013)<sup>227</sup>

A migração, que tem como mote um estilo de vida com foco maior na qualidade de vida do que no engrandecimento financeiro, é refletida na narrativa de Peter. Sua percepção de si é a de um sujeito com um nível de manutenção mínimo e desprendido financeiramente, já que não necessita de muitas coisas para ser feliz ou sentir-se satisfeito, somente das necessidades básicas. Vale à pena ressaltar que ele poderia levar a sua ‘vida simples’ em qualquer outra localidade, porém escolheu João Pessoa para vivê-la, uma característica auxiliada pelo ambiente natural que a cidade dispõe. A produção imagética da comunidade é chancelada pela vida simples em família. A integração econômica com as comunidades locais estabelece-se através da produção e, conseqüente, geração de rendas, dos impostos, que, por sua vez, não estão restritos à região e podem ser ampliados para o território nacional. As relações globais apresentam-se na forma da expressão de simplicidade do local, em situação antagônica à sociedade de origem.

Outro aspecto interessante é que morar na cidade permite ao estrangeiro a sensação de certa invisibilidade perante os habitantes

---

<sup>227</sup> I guess I prefer everything to be as simples as possible. I think we live in a nice place, have a nice house, but it is still fairly simple really, pay the bills. I don't think at least in my family, I don't need that much money, to live here, not that many bills [ ] (PETER, 2013)

locais: “mas ser um britânico em João Pessoa [ ] nada, eu me sinto um anônimo quando eu saio da casa, nos restaurantes, na rua, me sinto anônimo [ ] é, não é, não é nada” (STEVE, 2012). O espaço geográfico passa a ser social e influencia diretamente a reconstituição das identidades culturais, pois possibilita mudanças nas suas relações e visões de mundo:

eu gosto do *centro* em João Pessoa, e eu acho que ele está muito melhor. A Lagoa, como se chama? Praça dos Cem Réis? Você sabe, perto do ... ééé e eu vou te dizer o que eu gosto: o Terceirão, eu amo o Terceirão. Eu, meu filho, eu e meu filho vamos lá e passamos horas lá dentro e, mais uma vez, eu experimento e negocio e pego boas [coisas], é, funciona, eu gosto disso. É, o mercado do peixe, fui banido do mercado peixe! Mas no Terceirão eu me dou bem. E logo que eu cheguei em João Pessoa, era um lugar bem desagradável, mas eles tornaram ele melhor. (PETER, 2013)<sup>228</sup>

Locais específicos como o mercado do peixe figuram na memória do indivíduo como o espaço onde não consegue atingir uma simetria entre cultura e corpo, o qual, por refletir sua origem, é traduzido como um dispositivo de relações desiguais financeiras e culturais. A ação do vendedor pode ser compreendida como fruto da colonização capitalista que ‘treina’ os sujeitos na busca de vantagens financeiras. Já o Shopping Terceirão, comércio popular localizado no centro da cidade e onde são vendidas mercadorias importadas e nacionais com preço inferior ao de outras lojas na cidade, é trazido como espaço de sociabilização familiar e intercultural.

As narrativas denotam identidades culturais de sujeitos representados no senso comum como ‘homens de família’. Uma característica discursiva pode ser destacada para ilustrar a intersecção entre identidades culturais, conjugalidades, constituição familiar e linguística, calcada na utilização do pronome “we” (nós) para referenciar o sujeito e sua esposa, ou o sujeito e sua família, seja esta

---

<sup>228</sup> I like the *centro* in João Pessoa, and I think they have improved it. The Lagoa, what is called? Praça dos Cem Réis? You know, near the... Yeah, and I will tell you what I like: the Terceirão, I love the Terceirão. Me, my son, me and my son go in there and spend hours in there, and again, I try and negotiate and I get good, yeah, it works, I like it. Yeah, the fish market, I’m banned from the fish market! But in the Terceirão, I can do OK. And when I first arrived in João Pessoa, that was quite nasty place but they’ve improved it. (PETER, 2013)

nuclear ou estendida, e sinalizando a união entre o casal:

[...] nós colocamos a casa à venda imediatamente, e nós. Levou uns sete meses para vendê-la, nessa altura, nós encontramos nossa casa aqui em Tambauzinho, e não olhamos mais para trás [...]. (JOHN, 2012)<sup>229</sup>

‘Não olhar para trás’ reflete que a tomada de decisão já foi considerada e determinada, agora não existem outras possibilidades, a não ser mover-se para frente e abraçar o futuro e todos os seus desafios. A expressão, do mesmo modo, sinaliza o estabelecimento da afetividade de John e sua família para com a localidade, e a satisfação para com a escolha. No âmbito lexical, a união conjugal é chancelada pelo uso pronominal que vai além da dicotomização homem-mulher/marido-esposa, e passa a ser ‘nós’, o casal.

No conjunto que cerca os processos de (re)construção identitária, a língua é uma experiência a ser vivida na sociedade e que não pode nem passar despercebida e nem ser evitada:

não foi tão difícil. Então, quando eu vim para o Brasil foi quando, de fato, eu comecei a aprender o português, embora eu nunca tenha estudado formalmente, você sabe, com o livro e tudo o mais. De tempos em tempos eu pegava uma gramática e me corrigia, mas em um determinado momento eu peguei algumas gramáticas e comecei a trabalhar um pouquinho, mas, na maioria das vezes, eu estava vivendo a língua. (KEVIN, 2012)<sup>230</sup>

Viver a língua significa incorporar os rasgos culturais que nela estão contidos. Gramáticas, normatização linguística, estudo formal, todos esses procedimentos baseados na tradição do aprendizado de uma língua estrangeira, são escamoteados em detrimento dos exercícios diários que a vida na sociedade brasileira lhes pode permitir. As

---

<sup>229</sup> [...] we put the house straight on the market, and we. It took about seven months to sell by which time we found our house here in Tambauzinho, and we haven't really looked back [...]. (JOHN, 2012)

<sup>230</sup> It wasn't that difficult. So when I came to Brazil it was actually when I started learning Portuguese, although I never studied formally, you know, the book and stuff. From time to time I would pick up a grammar book and correct myself but at a certain point I picked up some grammar books and started working a little bit, but most of the time, I was living the language. (KEVIN, 2012)

identidades culturais anglo-americanas dos sujeitos ligam-se, de maneiras tão intrínsecas, ao *ethos* brasileiro e à própria língua portuguesa que, em seus discursos, proferidos em inglês, vocábulos em português fluem naturalmente em meio à língua anglo-saxã, como já foi apontado em várias ocasiões.

A espontaneidade do uso de termos em português demonstra uma prática discursiva social híbrida. São sujeitos que ocupam posições favoráveis à diversidade de pessoas, de relações sociais e linguísticas. Acompanhando a reflexão no campo da lexicalização e adicionando a diferença entre os sujeitos, observo que vocábulos como “help” (ajudar) e “feel” (sentir) cercam o campo semântico das narrativas. São termos que denotam uma prática social assistencialista transnacional e que remetem a uma necessidade de satisfação pessoal com as ações por John realizadas. Na posição de sujeitos estrangeiros, não se colocam de forma exterior à sociedade brasileira, mas situam-se transversalmente, relacionados à ela e agindo com ela. É importante sentir-se bem em um local por eles escolhidos, logo utilizar termos e expressões desse local complementa tal sensação.

Outros pontos de conexão estão calcados nas relações interpessoais com os membros da sociedade-lar. Os sujeitos estrangeiros observam, interpretam e participam desse contato, se apropriando ou não das características que lhes forem mais convenientes. A partir daí, às subjetividades são incorporados desejos materiais ou abstratos – como era o caso da necessidade de morar em um local que não tivesse um índice pluviométrico alto, em que predominasse sol o ano inteiro, localizado à beira-mar, com um estilo de vida que não lhes causasse esgotamento físico e mental, uma localidade que extrapolasse o que o destino reservou – que compõem, imagetivamente, a representação do que deve ser um sujeito estrangeiro no Brasil e onde é o local ideal para morar. Nessa composição, uma instituição social é destacada discursivamente: a família.

A convivência com os brasileiros permite aos sujeitos, como já enfatizei antes, a reescrita de comportamentos e aprendizagens. Peter utiliza a anedota que narra a visita à casa da pessoa encarregada de lavar e passar as roupas de família para refletir sobre o tratamento acolhedor dos brasileiros, além de apontar sérias críticas ao comportamento no que tange a ingestão de bebidas alcoólicas:

e mais uma vez, eu estava dirigindo, mas eles não ligam muito para isso aqui então eu [r] [ ].  
 “Toma uma cerveja, come um pouco de *ensopado*

*de camarão*'. Ok, eles tinham *ensopado de camarão e marisco*. 'Então qual você gostaria?' '*Camarão*'. E mais uma vez, essas são pessoas bem humildes, e eles me deram *ensopado de camarão* e estava delicioso, cheio de camarões, muito muito bom. Então eu sentei lá, comendo meus camarões e bebendo minha cerveja. '*Quer mais alguma coisa?*' 'Você quer mais alguma coisa?' 'Não, não, eu estou bem, estou bem.' Então eu terminei meu *ensopado*, pensando 'agora eu vou para casa', porque eu quero almoçar. 'Não, não, não [fazendo um som como se uma pessoa estivesse lhe entregando outro prato] *ensopado de marisco*' [r]. [...] 'Não, eu acho que não'. Eu acho que eles fazem isso com qualquer um, eu acho que os brasileiros fariam isso com qualquer pessoa, eu não acho que eles, certamente, as pessoas que eu conheço, as senhoras, eles não me tratam, eles sabem que eu sou Peter, seu amigo, eu acho. Mas as pessoas que estavam lá, é claro, ficavam me perguntando 'De onde você é?' 'Nós conhecemos Londres' blá, blá, blá. (PETER, 2013)<sup>231</sup>

A forma irônica como Peter censura o comportamento dos seus anfitriões quanto a ausência de preocupação pelos perigos de ingestão de bebidas alcoólicas em associação com a direção, já que ele estaria dirigindo, é suavizada pelas próximas frases quando ele enaltece os mesmos pela generosidade em termos de alimentos servidos e pela conversa que estabeleceram com ele. A recorrência de termos,

---

<sup>231</sup> Again, I was driving but they don't really care about that here too much so I [r] [ ]. 'Have a beer, have some *ensopado de camarão*'. Ok, they had *ensopado de camarão* and *marisco*. 'So which one would you like?' '*Camarão*'. And again these are really poor people, and they gave me this *ensopado de camarão* and it was delicious, loads of prawns in it, really really nice. So I sat there, eating my prawns, and drinking my beer. '*Quer mais alguma coisa?*' Do you want anything else? 'No, no, I'm fine, I'm fine'. So I finish my *ensopado*, thinking I will go home now, 'cause I want to have lunch. No no no, [making a sound like someone is handing the dish] *ensopado de marisco*' [r]. [...] 'No, I don't think so'. I think they do it to anyone, I think Brazilians will do it to anyone, I don't think they, certainly, the people I knew, the ladies, they don't treat me, they know, I am Peter, their friend, I guess. But the people who were there, of course, they were asking me 'Where are you from? We know London, bla bla bla'. (PETER, 2013)



expressões e perguntas em português, em meio à narrativa em inglês, permite que ele reproduza aquele momento linguisticamente como ele viveu, pois ele cria uma imagem descritiva do evento via linguagem, fazendo com que o ouvinte, ou nesse caso, o leitor tenha a sensação de estar ouvindo as pessoas enunciarem as sentenças e em alguns momentos até na língua mãe.

Chamo a atenção para a oposição estabelecida por Peter entre alimento e ‘condição financeira’, já que ele destaca, em vários momentos, a presença do crustáceo como prato servido na ocasião e, em paralelo, cita que seus anfitriões seriam pessoas humildes. Ao mesmo tempo em que o camarão pode indicar um produto local e pertencente às tradições culinárias regionais, ele vai à mesa em uma situação de confraternização conferindo àqueles que oferecem a iguaria um investimento não só financeiro, na compra do produto, mas também pessoal, com a compra de um alimento com qualidade. A cerveja, por outro lado, funciona como um lubrificante em eventos sociais, fazendo com que haja uma maior liberdade de comunicação entre os convidados e anfitriões à medida que o álcool age no organismo. Por fim, compartilhar da refeição, convidá-lo a permanecer por mais tempo e oferecer mais do alimento, dentre outras manifestações de interatividade, permitem a compreensão de igualdade entre Peter e seus anfitriões, fazendo com que a fronteira cultural, pelo menos por esse momento, desapareça.

Hall (2003) aponta que há uma relação ‘interseccional’ entre a cultura, os sujeitos e suas identidades culturais, ligada pelo eixo constante de processos de formação. Aprender em meio aos grupos sociais poderia constituir um desses processos de formação:

e foi ali, eu diria, que a confiança veio para interagir com as pessoas, o que eu, porque se estou sendo honesto, eu não sou assim tão inclinado a abrir livros e **estudar estudar estudar**. Nesse sentido, eu tenho que aprender, eu tenho que sair nas ruas e tentar pegar as frases idiomáticas, os coloquialismos da região. (ROBERT, 2013)<sup>232</sup>

---

<sup>232</sup> And that’s where, I would say, the confidence came to interact with people, which I, because if I am being honest, I am not that way inclined to open a book and **study study study**. In that respect, I have to learn, I have to go out on the street and try to pick up the idiomatic phrases, the colloquialisms of the region. (ROBERT, 2013)

Através destas possibilidades interativas Robert reflete sobre sua própria propensão e mecanismo de estudo. A figura de linguagem anáfora representada pela repetição do verbo ‘estudar’ indica que, na sua visão, somente estudar sem praticar seria compreendido como uma atitude monótona, enfadonha, e, logo, ele estaria mais propenso a partir para a prática propiciada pelo contato com os ‘locais’. Os sujeitos aqui entrevistados passam por processos de mudanças e, provavelmente, continuam passando até hoje, uma vez que não é possível determinar que haja uma rigidez nas identidades culturais e sim uma liquidez, pois existem constantes processos de constituição e reconstituição das mesmas.

As reconstituições nos modos de ser, de agir, de pensar, de falar e de se relacionar estão intrínseca, dialógica e transversalmente estabelecidas na relação com o outro, seja esse outro alguém que necessite de auxílio, ou outro elevado à categoria de ‘exótico’. A princípio, a relação com o outro é impactante para o sujeito que vem ‘de fora’ e causa estranhamento, pois vem baseada na dicotomia ausência-presença. Nas palavras de Hall (2000, p. 17), o vínculo estrangeiro-local “implica no reconhecimento, deveras **incômodo** de que é apenas através da relação com o Outro, a relação com que não é, precisamente ao que está ausente [...] [que] sua ‘identidade’ pode ser construída”. Posteriormente, o incômodo passa a ser apropriado pelo sujeito como algo do qual ele pode fazer parte e o faz sentir-se muito bem. O encontro com esse novo *self* o faz sentir-se à vontade, além de permitir a compreensão de novas formas de ser e relacionar-se.

A correlação entre ausência e presença segue auxiliando a recomposição subjetiva dos sujeitos à medida que lhes mostra, através do olhar e da presença do outro, por meio da localidade do outro, e até mesmo sobre o que eles sabem acerca do outro, o que não está agregado a sua prática social e que, em suas opiniões, pode sê-lo:

[se eu pudesse levar] algo do Brasil? Eu levaria a cordialidade e a transparência. É sobre isso que estávamos falando mais cedo, sobre ser brasileiro. A cultura em termos da sua [ ] eu acho que as pessoas são bem empáticas. É uma cultura muito cordial, entende? Essa habilidade de discutir as coisas abertamente, eu adoraria levar isso para o meu país. E de uma forma isso é [ ] isso não é prepotente. Seria prepotente para alguém que não está acostumado com isso. Mas aqui é

simplesmente normal. (ROBERT, 2013)<sup>233</sup>

Robert reconhece a diferença que jaz nas interações sociais e ele as vê como positivas de tal forma que deseja incorporá-las e também que os britânicos as incorporem. Sua abertura para mudança, já apontada em situações anteriores, é reforçada aqui através da valorização de outras formas culturais.

O processo de aprendizagem entre o sujeito estrangeiro e a nova sociedade não é diametral. Observo reflexividade sobre a apropriação de conhecimento, este calcado em uma constância de informações, incorporadas a cada viagem realizada, através da qual as diferenças são revistas, e a cada ano vivido pelo sujeito na nova localidade:

eu acho que eu aprendi muito [...] vivendo no Brasil na primeira vez. E levei isso de volta para Londres, aquela influência, aquela atitude, aquilo me ajudou a lidar com muitas situações em Londres, umhum. Eu abordava, a forma que eu abordava as pessoas. (ROBERT, 2013)<sup>234</sup>

Ele é capaz de ver a maneira pela qual a abertura na comunicação proporciona diferentes resultados e explora essa funcionalidade interacional e isso foi benéfico para ele na sociedade de origem. O aproximar-se das pessoas da forma como no Brasil era feito repercutia uma experiência tal e representava um elemento renovador da autoconfiança, visto que retrataria-o como uma pessoa mais segura.

A assimilação das características culturais, se por um lado pode trazer benefícios, por outro lado pode sinalizar problemas:

e é perigoso. Quando eu voltei para a Inglaterra eu estava dirigindo como um louco, porque eu estava dirigindo como eu dirijo aqui. Eu não tenho respeito pelos limites de velocidade e pelos outros motoristas. Era perigoso. Pequenas coisas. Isso

---

<sup>233</sup> [If I could take] Something from Brazil? I would take the warmth and the openness. This is what we were talking about earlier, about being Brazilian. The culture in terms of its [ ] I think people are very empathetic. It's a very warm culture, you know? This ability to discuss things openly, I would love to take to my country. And in a way that is [ ] that it is not overbearing. It would be overbearing for someone who is not used to it. But it is just normal here. (ROBERT, 2013)

<sup>234</sup> I think I learnt a lot [...] living in Brazil the first time. And I brought that back to London, that influence, that attitude, it helped me deal with lots of situations in London, umhum. I approached the way I approached people. (ROBERT, 2013)

era uma coisa cultural. Tipo as pessoas usando as buzinas e os faróis, é completamente diferente, na Inglaterra, você nunca usa a buzina, você somente usa a buzina em uma verdadeira emergência, ao passo que no Brasil todo mundo usa [...] (PETER, 2013)<sup>235</sup>

Na situação específica descrita por Peter, o desenvolvimento de habilidades de condução veicular funcionou como uma estratégia de integração, e quiçá sobrevivência, ao trânsito brasileiro. Entretanto, levar tal estratégia para seu país de origem provou ser uma experiência, inconsciente, sem sucesso e, até mesmo, arriscada para a sua vida e a vida de outras pessoas.

Percebo pois, que práticas cotidianas, como conversar com as pessoas ou a direção de um carro, são desterritorializadas e auxiliam na composição do sujeito culturalmente híbrido e ciente das múltiplas camadas identitárias que possui, porém, a princípio, incapaz de ativá-las e desativá-las quando a necessidade emerge. Talvez essa necessidade precedesse a migração e tivesse no deslocamento a sua chancela. É importante lembrar que são sujeitos agentes de suas mobilidades e que se valem de (re)negociações identitárias construídas a partir das viagens e das diversidades que experimentam. A possibilidade de ser ‘afetado’ pelo contato com a cultura da sociedade-lar, faz parte dessas (re)negociações. O fato é que em meio às peças do quebra-cabeça identitário, muitas são as categorias que influenciam as (re)constituições dos posicionamentos, a partir do contato subjetivo com as mesmas.

A presença da noção de livre arbítrio é, igualmente, constante no panorama textual enunciado pelos sujeitos através da liberdade de escolha, não somente de vir pela primeira vez, mas de vir para aqui residir e sentir. Uma liberdade que lhes permitiu flexibilizar as escolhas subjetivas identitárias, tornando possíveis as reconstituições nas formas de agir, pensar, falar, interagir, relacionarem-se com os/as outros/as. Uma evidência refletida nos discursos é que o deslocamento leva à mudança em suas práticas discursivas e, de modo simultâneo, em suas práticas culturalmente identitárias.

---

<sup>235</sup> And it's dangerous. When I went back to England I was driving like a mad man, 'cause I was driving like I do here. I have no respect for the speed limits of the other drivers. It was dangerous. Little things. That was a cultural thing. Like people using the horn and the lights, it's completely different, in England you never use the horn, you only use the horn an absolute emergency, whereas in Brazil everyone uses [...] (PETER, 2013)

## ALGUNS COMENTÁRIOS

Ao falar das reescritas das identidades culturais, posso sinalizar que elas não são unificadas, afinal, unificá-las pressuporia uma equivalência e, potencialmente, uma hierarquização e hegemonia perante aquelas que não se encaixam no padrão.

Dentre o universo de semelhanças e diferenças, destaco aquelas que me chamaram atenção no decorrer da análise: as visões das sociedades de origem e lar, contrapostas ou similares; o contato com o outro, estrangeiro, ou nativo, e suas visões desse contato; o universo conjugal e da família, seja esta nuclear ou ampliada, amalgamadas aos sujeitos, deslocando-os para um hibridismo cultural e identitário por meio do qual expressam subjetividades, ora com base na origem, ora com base nas novas lições culturais. Retomo Lord Byron para enfatizar que a adversidade que os sujeitos aqui encontram funciona como um caminho do encontrar a si próprio e buscar a verdade do conhecimento.

A seguir, faço um apanhado dos achados recolhidos discursivamente através das vozes dos sujeitos.



## CONCLUSÃO

---

---

*Destiny is not a matter of chance, it is a matter of choice;  
it is not a thing to be waited for, it is a thing to be achieved.*  
(William Jennings Bryan, 1899)

---

---





## CONCLUSÃO

Aponto algumas questões que julgo importantes, como resultado da pesquisa. Não é definitivo, visto que a vida segue e, enquanto estou escrevendo agora, as coisas estão passando por transformações, as pessoas que entrevistei estão mudando de opinião a respeito do que falaram e, eventualmente, podem estar mudando para outro local dentro ou fora do Brasil. É com esta percepção dos problemas que chego até aqui, dado que a vida é dinâmica.

Faz-se mister destacar que pesquisas, de um modo geral, são perpassadas por êxitos e frustrações. Sobre os primeiros destaco que a experiência foi extremamente profícua em relação aos seguintes objetivos estabelecidos: a identificação de percepções e sentimentos nas memórias dos deslocamentos; a identificação de práticas sociodiscursivas em relação às visões sobre os países de origem e de fixação, e as relações de alteridade; a observação das estratégias e micro-estratégias de adaptação e fixação na sociedade-lar; e, por fim, a análise sobre as representações de masculinidades, conjugalidades, afetos e relações familiares.

Quando às frustrações, confesso que a impossibilidade de uma segunda rodada de entrevistas, com alguns dos entrevistados iniciais, deixou lacunas aos objetivos supracitados. Certamente, estarei, do mesmo modo, deixando lacunas interpretativas, mas estas possibilitam o aprofundamento no futuro através de outros olhares. Outro ponto que vale a pena destacar em relação as ausências, é o fato dos entrevistados quase não mencionarem tensões, apesar de ter consciência de que elas existem. Talvez isso seja em decorrência da visão idealizada do local como a materialização do bem-estar, portanto qualquer element que antagonizasse o local, poderia ‘manchar’ a experiência migratória.

Além disso, admito que fiquei curiosa para desenvolver mais sobre: a temática da diáde amorosa nos casamentos transculturais, tanto na visão do homem quanto da mulher; e a percepção dos homens em relação à mulher brasileira no contexto social em que estão inseridos. Desta forma, abrem-se margens para a continuidade das pesquisas nesses campos. Agora, mostro onde consegui chegar.

Analisar deslocamentos que seguem o fluxo do Norte – potencialmente hegemônico nas mais diversas esferas como política, econômica, financeira, cultural – para o Sul – potencialmente não-hegemônico –, é promover uma inversão das posições de centro e margem. É trazer o Sul, muitas vezes, colocado à margem pelo Norte,

em posição de centro, mas sem ao mesmo tempo deslocar o Norte para a margem. Aqui eles interseccionam-se. E por isso lancei-me neste trabalho com o intuito de compreender as razões pelas quais estes fenômenos de interseccionalidade acontecem.

O desejo de estudar as narrativas de sujeitos anglo-americanos que decidem habitar a cidade de João Pessoa permite-me revelar as subjetividades contidas nos discursos de pessoas que migram na busca de uma qualidade de vida superior. É necessário ressaltar que as seis histórias descritas e analisadas, não sugerem uma generalização no campo da pesquisa social, ao contrário, pretendem oferecer uma interpretação das particularidades envolvidas nas trajetórias individuais. São sujeitos que migram em momentos diferentes das suas vidas e em situações familiares adversas: sem família, com família, ou no processo de constituição familiar na sociedade em que estão inserindo-se.

Com base na análise das memórias, verifico que estas materializam elementos interseccionais costurando as narrativas dos sujeitos e aproximando seus sentimentos, suas percepções e desejos. O agenciamento das suas primeiras viagens, as mudanças dos paradigmas culturais e pessoais, a constituição familiar, as buscas por conhecimento, troca, satisfação pessoal e coletiva – no sentido familiar –, são visualizadas nas próprias dinâmicas sociais, culturais, relacionais, relatadas por eles e que corroboram e legitimam seus deslocamentos. Suas viagens não configuram vias de mão única, se eles vêm ensinar, ou auxiliar de alguma forma alguma porção da sociedade brasileira, do mesmo modo, aprendem algo e enriquecem suas subjetividades, reposicionando suas identidades culturais.

Pesquisas em História Oral são muito valiosas, tanto para a reintegração do passado no presente, quanto para potenciais perspectivas futuras. A inspiração na análise crítico-discursiva permite a utilização dos discursos, enquanto fontes orais de análise e investigação linguística, no exame de nuances subjetivas, em determinado momento da vida dos sujeitos, como em um recorte fotográfico, abrindo espaço para interpretações acerca dos contextos sociais, históricos e culturais vividos durante suas trajetórias de deslocamento até o presente momento. Os significados, manifestados a partir e por meio das relações sociais, são decodificados mostrando quais estratégias são empregadas no decorrer das dimensões em que estão inserindo-se.

As semelhanças e alteridades são interpretadas com o objetivo de ilustrar as trajetórias e os processos de adaptação afastando binarismos ou hegemônias culturais. Kevin, Gary, John, Peter, Steve e

Robert partem de universos diferenciados entre si: grandes metrópoles, pequenas cidades, vilarejos ou meio rural. Contudo, encontram na localidade costeira de João Pessoa, uma mini cidade cosmopolita que agrega a herança portuguesa e holandesa, a influência anglo-saxã e os processos de globalização, às características regionais, e fazem desse local o destino final dos sujeitos. (Pelo menos até a conclusão da pesquisa!) A criação de um novo futuro na sociedade-lar implica em reflexão sobre seu passado e reformulação do presente. Modos de convivência familiar e rotinas funcionais no mercado de trabalho são revistas ante a presença do pujante *ethos* brasileiro. Vêm de um passado com destinos ‘antecipados’, com os quais eles rompem, pois são atores sociais de suas próprias decisões.

Eles perambulam por outros espaços nacionais e internacionais e, a partir dessas mobilidades, posicionam-se dentro de alguns condicionantes na busca de uma vida melhor para si, sua esposa e filhos. Agentes de uma migração abalizada por estilos de vida, que traduzem práticas em torno de melhores condições de saúde, de habitação, mas, principalmente, estilos de vida que tendem a associar imagetivamente prazer ao espaço litorâneo. A residência próxima ao mar evoca satisfação, boa disposição física e mental, equilíbrio e realização pessoal, além de encerrar o vaguear pelas fronteiras.

A narrativa do *self* é traduzida pela formatação do estilo que desejam para suas vidas. Eles constroem, ao longo das trajetórias, uma autoimagem de sujeitos livres, avessos ao estress das grandes cidades, enfim, preocupados em viver a vida mais próximos de ambientes calmos.

Os deslocamentos são, inicialmente, provocados pelo sentimento aventureiro de conhecer esse outro ‘exótico’ e com ele permutar experiências, conhecimentos, aprender uma nova língua, ou ter a oportunidade de praticá-la *in loco*, se já a conhecem. Eles querem ‘se aventurar’ pela *Terra Brasilis*, mas descobrem que desejam, igualmente, aprender com ela e partilhar conhecimentos e experiências. É um migrar com desejo de aventura pois, afinal, são homens anglo-americanos que podem ‘se dar ao luxo’ de se lancer nessa empreitada.

Os processos de deslocamentos partem de agenciamentos transnacionais: instituições assistencialistas, como a Igreja e serviços de voluntariado; e instituições educacionais nacionais e internacionais, como as universidades federais, no Brasil e no exterior, e o Conselho Britânico. Não obstante, o agenciamento do *self* não pode ser obliterado, já que não viriam se não fossem motivados para tal. Têm em seu ponto

de partida a porção norte e hegemônica do globo, produtiva em termos financeiros, políticos, culturais; e o ponto de chegada demarcado pela porção sul menos favorecida, porém em desenvolvimento e com grande potencial econômico, político e valiosas riquezas culturais e históricas.

Nesse sentido, eles agregam-se ao coletivo, num caráter assistencial ou educativo, de prestar ajuda. Por outro lado, tornam-se aprendizes da cultura local e da cultura do outro. Tal experiência, possibilita um processo de reconstituição e os transforma, singularmente, em sujeitos de ações subjetivas e que podem ser independentes da cultura a que, originalmente, fazem parte. Eles trafegam na contramão migratória, contudo, são visionários no descortinar de novos horizontes para si. Os espaços físicos e sociais são ressignificados a partir das funções que podem facilitar a vinda e a permanência.

A primeira viagem tem por consequência um efeito ‘mágico’ em suas percepções de estilo de vida, práticas sócio culturais, relações interpessoais, entre outras, de tal modo que não alterou, drasticamente, seus modos de ser, mas instou um desejo individual e, posteriormente, familiar de transformação, que tem a decisão pela mudança o auge.

A chegada, e efetiva mudança, para o Brasil é visualizada de uma forma romântica, não no sentido amoroso do termo, porém compartilhando do bucolismo advindo do período literário do final do século XVIII, o Romantismo, que pregava uma intensificação da imaginação. Eu poderia aventurar-me a dizer que a vinda estaria cercada de um conjunto de elementos não muito bem definidos, fisicamente, em termos de informações geográficas, políticas, culturais, muito embora, um elemento seria comum: a mulher. Esta exerce a força de atração para o deslocamento. Atribuindo uma nova faceta nas relações gênero-conjugualidades-migrações, agora a mulher desempenha influência no processo de determinação do país para onde o homem migra, enquanto projeto pessoal de constituição familiar de ambos.

Muito embora nem todas as cônjuges sejam naturais de João Pessoa, nos processos que envolvem a escolha e a mudança para a cidade, elas fazem-se presentes. O lugar torna-se o espaço de constituição de relações sociais, culturais, simbólicas, de identificação, de pertencimento, enfim de reconstituições de práticas subjetivas, culturais, linguísticas. Primordialmente, a visão sobre o lugar permite inferir que há uma relação social e espacial na escolha, e desencadeia processos de revisão acerca da sociedade de origem, que passa a perder seu poder de atração em múltiplas esferas – social, financeira, de

identificação.

Percebo, além da residência original das respectivas esposas, motivações presentes em uma clara sensação de fuga do clima frio, quando estes fazem uso de vocábulos como praia, sol e climas quentes, para esclarecerem sobre os elementos que desempenham a força de atração para o território brasileiro. A associação do mundo externo ao mundo interno (pessoal) é recorrente nas narrativas. A ligação entre os dois mundos permite a interpretação de construções de memória relacionadas ao espaços e, nesse caso, aos desejos de espaços que os locutores vislumbram para si e suas famílias.

Durante seus processos decisórios e viagens, operações estratégicas são consideradas e que culminam com a mudança. São artifícios que contam com o apoio logístico do local da residência da esposa como primeira localidade de estabelecimento, desde locais espalhados por várias outras cidades do Brasil até relações de parentesco, trazidas no cenário como elementos facilitadores, em meio aos procedimentos burocráticos para a legalização.

As conexões transculturais interseccionam língua e trabalho. A ocupação profissional – professores de inglês – representa uma espécie de nicho cultural entre Kevin, Gary, John, Peter, Steve e Robert, uma vez que, ou já deslocam-se através dos contatos transnacionais, ou valem-se do seu conhecimento linguístico para obtenção de emprego nesse campo laboral, uma ação que ocorre ‘naturalmente’. São sujeitos de uma camada social em situação financeira confortável, com capital cultural diferenciado. Juntas, tais características possibilitaram a eles um mercado de trabalho atrelado ao campo intelectual.

Suas memórias revelam o poder sobre o *self* que eles desenvolvem frente à diversidade cultural na qual estão inseridos, já que se mudam para um país e uma localidade onde serão vistos como outro ‘exótico’, afinal física e numericamente diferem da população local. Seus modos de ser, agir, sentir e falar são passíveis de mudanças através da convivência com o outro ‘nativo’.

Ao contrário de outros contextos migratórios, onde os sujeitos deslocam-se para locais onde já possuíam contatos ou pontos de apoio, ou deslocam-se por meio de redes de agenciamento, eles optaram por inserir um pouco de emoção em suas vidas ao viajar para uma localidade onde não existiam, a princípio, laços sociais. Em alguns casos existiam agentes ou agências transnacionais intermediárias da permissão de trabalho e estudo.

Uma vez instalados em território brasileiro, esses estrangeiros

tem em suas mãos, ou melhor em seus olhos, a possibilidade de lançar um ‘olhar externo’ sobre a ‘brasilidade’. Por não serem natos, fato ressaltado por eles, observam de fora, estranham e apropriam-se, ou não, de práticas culturais, incorporando formas de pensar, de lidar com situações, valendo-se do *jeitinho brasileiro*, de perceber o mundo, e de falar o português. As constituições simbólicas acerca das comunidades imaginadas na origem desencadeiam relações de ‘despertencimento’ com a mesma, como se desenraizassem, fincando seus rizomas no Brasil. Ainda que não por completo, pois mantém contato com os familiares e os visitam ou são visitados com alguma regularidade.

No campo do ideário internacional, há uma construção idealizada de Brasil pelos estrangeiros que atualiza, no presente, a antiga visão tropical de índias, florestas e verde, agora o Brasil ainda retém o exotismo feminino que deixa o panorama indígena e atinge a um bloco maior através da noção de ‘mulher brasileira’. O Brasil também é a terra do futebol, do samba e o pulmão do mundo com o verde e o azul do mar, porém com um quê de cultura exótica, emergente, diferente das culturas de onde os sujeitos são procedentes. Neste país, eles permitem-se maior liberdade de ação, reação, reflexão e, principalmente, de sentir, já que a possibilidade de serem afetados pelos sentimentos é supervalorizada discursivamente.

As estruturas significantes que compõem a teia complexa do cenário dos deslocamentos humanos e as relações estabelecidas entre sociedades de origem e sociedade-lar forjam a análise transcultural, pois fogem ao tradicionalismo estanque centrado em apenas uma sociedade, uma cultura.

Quando não são norteadas pelos fatores climáticos, pelos panoramas geográficos, ou culturais, as relações entre as pessoas podem causar estranhamento ou aproximação. A potencial presença de grupos que compartilham da mesma cultura pode ser uma experiência que fortalece a mudança no paradigma pessoal, acrescentando validade à mudança. Processos de identificação em meio às alteridades ocorrem de maneiras diversas e são norteados por experiências pré-existentes ou vividas *in loco*. Através das narrativas que os situam, representações do outro dão forma aos discursos e práticas acerca dos direitos, críticas políticas e sociais, privilégios, recursos e estratégias observadas, desenvolvidas e praticadas na sociedade-lar.

O conceito de diferença está inscrito em boa parte das narrativas, sobretudo nas circunstâncias do primeiro contato com o *ethos* brasileiro. Ela é ressaltada do ponto de vista da multiplicidade cultural,

não como um mecanismo que exalta práticas de exclusão, discriminação, desagrado pessoal, opressão, hegemonia e até hierarquia, mas como uma prática social que remete à diversidade, do ponto de vista da abrangência e que proporciona, através do outro, a mudança de suas próprias práticas sociodiscursivas. A diferença enquanto articulação interseccional entre geração, gênero e cultura harmoniza novos, ou outros, paradigmas nos sujeitos, dos quais eles não dispunham em situação anterior ao contato.

Noções de masculinidades estrangeiras – homens sempre educados, polidos, imperialistas, dentre outros atributos associados, por exemplo, aos anglo-americanos – que, por vezes, são tidas como estáveis nos cenários de diferenças culturais, também servem como dispositivos de associação e marcadores de diferença. No discurso dos sujeitos, algumas dessas noções são reafirmadas, outras invalidadas e outras acrescentadas. Nesse sentido, a interação entre culturas é terreno fértil para a promoção de novos posicionamentos subjetivos, muito embora estes sejam reflexos de ações impostas na vivência com o outro ‘nativo’, por exemplo em ações que tomam o corpo como cenário de ‘objetificação’. Assim sendo, percepções dos sujeitos em relação ao próprio corpo e aos corpos dos outros com quem convivem, em uma outra sociedade culturalmente diversa, são reconstituídas em cenários híbridos onde corpo e língua entremeiam-se, construindo novos olhares e modos de viver e conviver.

O corpo é uma barreira, muitas vezes, autoimposta que demanda superação. Necessita ser repensado para além do seu visual que, em determinadas condições, pode ser considerado fugaz, afinal o que visto hoje pode ser modificado amanhã, meu cabelo, do mesmo modo, pode sofrer modificações em tamanho ou em cores, e a pele, muito embora com mais dificuldade, também está na mira das mudanças, voluntárias ou involuntárias. A relação corpo-cultura não pode ser concebida como uma forma de localização, nem de gênero, tampouco de cultura ou de religião, enfim, de nenhuma marca que estabeleça inserções de categorização. Enquanto forma física de expressão o corpo é liberdade de ação.

Se falam das relações com o outro ‘nativo’, na figura do outro brasileiro, elas são, preferencialmente, destacadas como positivas, culturalmente enriquecedoras e acolhedoras. Se falam das relações com o outro estrangeiro, da mesma nacionalidade ou de nacionalidade diferente, expressam categoricamente o desejo de distanciamento. Apesar de proferirem discursos permeados pelo uso pronominal do ‘nós’

– os britânicos, os ingleses – não querem ser amalgamados em grupos de estrangeiros, ou incorporados aos grupos de mesma procedência, pois, em suas concepções, quem procura o outro semelhante, não sente-se em casa, ou não está satisfeito com as relações com o outro diferente. Seria possível inferir que esta fuga à convivência poderia estar relacionada ao receio em serem associados com turismo sexual, já que existe uma construção ideologizada de que estrangeiros vem ao Brasil, em especial, para a costa do Rio Grande do Norte, com esse propósito. Ao impedir – e até rejeitar – o agrupamento étnico, os sujeitos tomam as medidas defensivas e de proteção sobre suas identidades culturais e asseguram, pelo menos no círculo em que estão inseridos, imagens positivas sobre os *selves*.

Admitem o *status* lexical de ‘gringo’, identificam-se como tal, de forma jocosa e até distintiva, porém dispõem do *self* para os diferenciarem um por um. Aliás ‘sentir-se em casa’ e até mesmo declarar que João Pessoa é onde fica seu lar, são expressões recorrentes no discurso dos entrevistados. Entendo que a constituição do ‘lar’ é antecedida por um movimento de escape à sociedade de origem, já que esta não pode suprir as necessidades de mudanças que eles almejam.

Práticas sociais e culturais somam-se às apropriações linguísticas que os sujeitos tomam para si revelando-os integrados hibridamente ao *ethos* brasileiro. As narrativas são marcadas por um ‘quê’ de hibridismo linguístico ao mesclar português e inglês e vice-versa. Mesmo sabendo que poderiam usar correspondentes em sua língua nativa, eles ‘sentem’ na língua, da qual estão apropriando-se, um modo de marcarem seu discurso de forma cultural. A união, ou por assim dizer, a mescla vocabular, ao ‘brincarem’ com as duas línguas em seus discursos é representativa ao mostrar como o local e o global unem-se de forma híbrida e repleta de sentido, quebrando os paradigmas da homogeneidade linguística no ato comunicativo, ilustrando que a inserção de termos ‘estrangeiros’ não impede a comunicação. A língua possui materialidade cultural transmitida nas expressões e signos linguísticos, além de ser, de fato, ideológica. Nela – e por meio dela – os discursos são transformados e perpassam (pré)concepções, noções e práticas sociais. Kevin, Gary, John, Peter, Steve e Robert estão cientes dessa materialidade e usam a língua como ferramenta de práticas sociais, e através desse uso, divisam novos movimentos linguísticos e subjetivos híbridos.

No panorama textual e de experiência, observo que as masculinidades desses sujeitos sugerem uma forma de deslocamento,



nem antigo e nem novo, mas alternativo, no qual os homens escolhem, a partir da localidade de origem das mulheres por quem se enamoram, o seu local de destino. Eles decidem juntos, como parte do processo relacional, social e de gênero, para onde ir. São masculinidades que revelam o ‘homem sensível’, o ‘homem apaixonado’, o ‘homem da família’, o ‘homem com sentimentos reveláveis’, tanto para com a mulher quanto para ele mesmo, que se descobre com sentimentos através de suas narrativas. Enfim, o homem que se preocupa com a saúde da mulher e dos filhos, além da própria, é claro, e busca satisfazer essas necessidades na realocação espacial.

A configuração das relações pré-conjugais, como o namoro, por exemplo, é ressignificada a partir das preconcepções e das novas percepções, que ocorrem nos processos transculturais de introdução, de conhecimento e de formação da díade amorosa, concebida em meio às outras formas de afetividades, forjadas em um ambiente de cosmopolitismo afetivo. São relações baseadas no uso pronominal do ‘nós’ em meio ao cenário decisório e motivador para a mudança.

Suas memórias descrevem, além de biografias pessoais, as biografias familiares que estruturam a incorporação dos membros da família – namorada que se torna noiva com quem o sujeito casa-se e, posteriormente, em algumas situações, tem filhos –, ou ainda a inclusão de cunhados/as, tios/as, sogros/as – durante a composição imagética dos parentes. Ao contrário do modelo clássico migratório, onde a mulher espera o homem ou é trazida para o novo local, observo que, neste cenário, a constituição familiar é originada no país de origem da mulher.

Se, a princípio, os deslocamentos deixam uma impressão de ‘exílio individual’ da sociedade de origem, a medida em que suas narrativas são submetidas à análise, os discursos mostram uma ação oposta ao exílio: a vinda para o Brasil representa a constituição de um novo lugar na sociedade, de uma nova família. Ainda que a constituição de família remeta, em alguns casos, a uma expressão individual, é na composição do núcleo familiar que torna-se coletiva, já que a mudança para o Brasil é uma questão de escolha e não uma necessidade econômica, política ou religiosa. Nesses processos, as características culturais são ajustadas e renegociadas considerando as relações conjugais, de família e de cotidiano.

As motivações para a vinda giram na esfera da aventura e da necessidade cosmopolita de conhecer o que mais o mundo tem a oferecer, contudo, a fixação de residência é uma ação influenciada pela mulher. Afirmar de forma resoluta que tal característica serve aos

deslocamentos de um modo geral seria uma falácia, afinal, dentre o grande número de sujeitos que migram para o Brasil e, posteriormente, para a cidade de João Pessoa, nem todos compartilham dessas semelhanças. O fato é que a motivação dos sujeitos, aqui, em questão, está diretamente relacionada ao país de origem das mulheres com quem contraíram laços matrimoniais, muito embora, outros fatores tenham fortalecido a mudança.

Em meio aos ajustes e reajustes, suas identidades culturais também são arroladas e deslocadas entre as fronteiras geracionais, de gênero e de masculinidades, para citar algumas. Exploradas nestas intersecções revelam novos matizes (re)atualizando-se no mundo contemporâneo e globalizado, ocupando locais híbridos nas práticas sociodiscursivas. Não defendo o ponto de vista de que tais deslocamentos são, pura e exclusivamente, consequências da globalização, mas que têm nela um dos fatores colaboradores. Na verdade, a globalização adentra esse cenário ao proporcionar facilidades – de deslocamento e telecomunicação, por exemplo –, e subsídios – culturais e de informação através da *internet*, para citar alguns –, à medida que os sujeitos (re)estruturam-se na sociedade em que se fixam. Além disso, ela proporciona aproximação e mescla cultural entre os estrangeiros e os locais.

Deslocamentos, quase que inevitavelmente, podem representar uma forma de escape. Escape ao governo, da política que pode ser incômoda e até mesmo persecutória, do fanatismo ou perseguições religiosas, escape da natureza que ameaça a vida e a saúde, ou, simplesmente, um escape ao mal-estar que a vida na sociedade de origem proporciona. Esse escape desencadeia desejos de satisfação pessoal, de realização do *self*. Desejos que poderiam ser idílicos, mas que se materializam no deslocamento.

Destarte, resolvo pensar um pouco alto e apresentar a seguinte sugestão: uma abordagem híbrida, que possa amalgamar traços das reflexões teóricas apresentadas, aliadas às interpretações que se ajustam às minhas inquietações, advindas das entrevistas que realizei e que, percebi não serem inteiramente contempladas. Um olhar que escape à noção cristalizada que tanto as reflexões teóricas quanto as teorias clássicas sobre migrações vêm convencionando.

Trago essa proposição que, em minha opinião, funciona mais como um conhecimento especulativo, um princípio de abordagem, que poderá, sempre, vir a ser complementado, mas que neste momento atende às expectativas da localização em que me inscrevo hoje. Uma

proposição formulada em um momento posterior à realização das entrevistas. Logo, é a partir das minhas impressões, das anotações e das entrevistas *per si* que moldo a proposição, pensando sobre os processos singulares que envolvem os deslocamentos humanos e processos posteriores de adaptação a nova localidade.

Proponho então, para além das reflexões teóricas clássicas sobre deslocamentos, pensar em interpretações que tragam como pano de fundo os deslocamentos por afetividades. Afetividade culturais pelo país para onde o sujeito migra, anteriores à viagem ou decorrentes dela. Como um escape ao que o 'destino' guardava-lhe na sociedade onde nasceu, eles lançam mão da oportunidade que lhes surge. Ao escapar desse destino, posso dizer que os sujeitos empoderam-se, já que mudam a sequência dos acontecimentos que, potencialmente, viriam a permear suas vidas. Afetividades amorosas também são alocadas já que ora antecedem a vinda, ora são provocadas pela inserção dos sujeitos na cultura.

Uma interpretação conceitual, mas que não atenha-se ao plano das regras e materialize-se, empiricamente, como o trabalho realizado, situando os sujeitos no centro, destacando semelhanças, porém sem coletivizá-los, como um grupo homogêneo. Uma proposição inserida nas chamadas *soft sciences*, que têm sua força motriz a diversidade como elemento desencadeador de atualizações subjetivas perante as modificações que surgem em uma velocidade quase impossível de ser acompanhada. Há que se deixar de lado a padronização binária entre nacional/estrangeiro, ou nativo/forasteiro, nos estudos sobre deslocamentos humanos e trazer visões alternativas como maneiras de expressões sociodiscursivas, que enriquecem o processo de adaptação dos sujeitos. As particularidades culturais representam atributos positivos na promoção da autonomia relacional dos sujeitos, já que, através da diversidade eles vivenciam e percebem a reconfiguração das relações sociais, linguísticas, afetivas, entre outras.

Não busco localizar o sujeito em uma ou outra nação, ou questionar sua relação de pertencimento. Aqui, procuro entender como ele molda sua identidade e, como ocorre, no processo de formação identitária, a apropriação das identidades culturais, ou uma manutenção das identidades de origem ou ainda a formação de uma identidade híbrida, como foi ilustrado através dos relatos. Além de entender o funcionamento das estratégias (como o bem-estar social e financeiro) e as micro-estratégias de vida (busca de segurança, condições melhores de vida, etc.) envolvidas no processo que remete ao escapismo. Um

escapismo que alude a uma sensação de aventura, uma fuga da realidade que proporcionasse ao ‘escapista’ uma ‘recarga das energias’. E é nessa renovação de energias que observo a incorporação de novos traços identitários, misturados e renovados, abrindo espaço para um (neo)imigrante contemporâneo.

O escapismo pressupõe um deslocamento que deixa para trás o perfil sistemático da análise migratória como uma investigação social, econômica, financeira, política, ambiental, etc., e vai em direção a um estudo dos sujeitos e dos sentimentos que eles desenvolvem no decorrer dos processos e como estes são evidenciados nas narrativas. No princípio, o escapista parece ser um sujeito egoísta, preocupado consigo e com desejo de mudanças de maneira individualista. Contudo, mais adiante percebo um sujeito com espírito aventureiro, que almeja, acima de tudo, explorar o mundo no qual ele vive. Para tanto, sua vila, cidade, grande ou pequena, metrópole ou não, torna-se insuficiente e sua necessidade de saber, seu desejo de conhecimento, é maior e ele tem que partir em busca do fomento desse saber.

Observo ainda a dupla relação nesse tipo de deslocamento, depositada entre o escapar e o encontrar. O escapar da origem e deixar para trás construções identitárias. O encontrar no destino novas possibilidades de construções identitárias. O encontrar não por acaso, mas pela oportunidade que surge para o sujeito e ele a agarra. Nas palavras de William Jennings Bryan, um destino escolhido e que deve ser adquirido. Uma relação que poderia ser dicotômica, mas que foge ao relativismo cultural e embarca na relação de incorporação simultânea, pois o sujeito tem origem em um país, mora em outro e tem nesses locais âncoras sentimentais e físicas, que o puxam mais do que o separam ou o abandonam.

São deslocamentos com fronteiras borradas entre as necessidades de escape, de emprego, de vida com melhor qualidade para si e sua família, de escape ao destino social, onde trabalhar e ter uma casa de frente para o mar, ou pelo menos próximo dele, confundem motivações turísticas com as de lazer e as financeiras. Daí a importância da articulação interseccional e interdisciplinar entre os estudos sociais de migração, de gênero, de masculinidades e linguísticos ser essencial, ao possibilitar interpretações alternativas que valorizam a diversidade e a alteridade, tendo as heteroglossias subjetivas no centro da ação investigativa.



## REFERÊNCIAS



**FONTES BIBLIOGRÁFICAS**

ADELMAN, Miriam & RIAL, Carmen. Ponto de vista. Uma trajetória pessoal e acadêmica: entrevista com Raewyn Connell. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n.1, jan/abr. 2013. p. 211-231.

ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. In: **II Seminário de História Oral**. Promovido pelo Grupo de História Oral e pelo Centro de Estudos Mineiros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 19-20 set. 1996a. Biblioteca Digital Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6767/869.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 out. 2013.

ALBERTI, Verena. Law and narrative: a life history interview with a Brazilian jurist. In: **International Oral History Conference 9**, 1996b, Göterborg, Suécia. Biblioteca Digital Fundação Getúlio Vargas. p. 910-915. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6821/194.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 out. 2013.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005a. 236p.

ALBERTI, Verena. Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC. **CPDOC**, Rio de Janeiro, 2005b. 11p. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/1505.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1505.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2012.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. “Quem é froxo não se mete”: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 19, nov. 1999.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 10, n. 17, jan/jun. 2008. p. 55-67.

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism. 6<sup>a</sup> ed. London, New York: Verso, 1990.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at large**. Cultural dimensions of Globalization. Public Words. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. 1 v.

APPIAH, Kwame Anthony. Global Citizenship. **Fordham Law Review**, New York, v. 75, n. 5, article 3, jan. 2007. Rev. 2375 (2007). Disponível em: <<http://ir.lawnet.fordham.edu/flr/vol75/iss5/3>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Os novos fluxos da população brasileira e as transformações nas relações de gênero. In: **II Encontro Nacional sobre Migração**. Florianópolis, dez. 1999, p. 370-385. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/2EncNacSobreMigracao/Anais2ENSMigracaoOuroPreto1999p369a385.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2012.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. De Criciúma para o mundo: gênero, família e migração. **Campos – Revista de Antropologia Social**, Paraná, v. 3, mar. 2005. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/campos/article/view/1586>>. Acesso em: 18 nov. 2012.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, set-dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1757>>. Acesso em: 17 nov. 2012.

BAILY, Samuel L. Cross-cultural comparison and the writing of migration history: some thoughts on how to study italians in the new world. In: YANS-MACLAUGHLIN, Virginia (ed). **Immigration reconsidered**. History, sociology and politics. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1990. cap. 8.

BARROSO, Ary. Aquarela do Brasil (1939). Intérprete: Gal Costa. In: **Aquarela do Brasil**. Brasil: Universal Import., p. 1990. 1 CD. Faixa 12.



BELLOTTO, Toni & ANTUNES, Arnaldo. Família. Intérprete: Titãs. In: **Cabeça Dinossauro**. Brasil: Warner, p. 1986. 1 CD. Faixa 10.

BENSON, Michaela. A desire for difference: British lifestyle migration to Southwest France. In: BENSON, Michaela & O'REILLY, Karen (eds.) **Lifestyle migration**: expectations, aspirations and experiences. Aldershot: Ashgate, 2009. cap. 8. Disponível em: <[http://academia.edu/1198740/A\\_desire\\_for\\_difference\\_British\\_lifestyle\\_migration\\_to\\_southwest\\_France](http://academia.edu/1198740/A_desire_for_difference_British_lifestyle_migration_to_southwest_France)>. Acesso em: 26 jun. 2013.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BLANCHETTE, Thadeus Gregory. 'Fariseus' e 'Gringos bons': masculinidade e turismo sexual em Copacabana. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto (orgs.). **Gênero, sexo, afetos e dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas, SP: UNICAMP/PAGU, 2011. p. 57-102.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo na memória**. Ensaios de Psicologia Social. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Conferência do prêmio Goffman: A dominação masculina revisitada. In: LINS, Daniel (org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. p. 11-27.

BRAH, Avtar. **Cartographies of Diaspora**: Contesting Identities. Gender, Racism, Ethnicity Series. New York: Routledge, 2003.

BRETTELL, Caroline B. Theorizing migration in anthropology. The social construction of networks, identities, communities and globalscapes. In: BRETTELL, Caroline & HOLLIFIELD, James. **Migration theory**: talking across disciplines. New York: Routledge, 2000. cap 5.

BRETTELL, Caroline. Anthropology, migration, and the Portuguese diaspora. In: BRETTELL, Caroline. **Anthropology and migration**. Essays on Transnationalism, Ethnicity, and Identity. California: Altamira Press, 2003.

BRINKER-GABLER, Gisela & SMITH, Sidonie (eds.). **Writing new identities**. Gender, nation and immigration in contemporary Europe. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. p. 01–27.

BUARQUE, Chico & GIL, Gilberto. Cálice. Intérpretes: Chico Buarque & Milton Nascimento. In: **CHICO BUARQUE**. Perfil. São Paulo: PolyGram, p. 1993. 1 CD. Faixa 11.

BUTLER, Judith P. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Da Análise do Discurso à Análise Crítica do Discurso. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa & SCLiar-CABRAL, Leonor. **Desvendando discursos**: conceitos básicos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 19-44.

CANCLINI, Néstor García. Hybrid cultures, oblique powers. In: DURHAM, Meenakshi Gigi & KELLNER, Douglas M. (eds). **Media and cultural studies**: keywords. Rev. ed. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006. p. 422-444.

CASADO-DIAZ, Maria Angeles. Social capital in the sun: bonding and bridging social capital among British retirees. In: BENSON, Michaela & O'REILLY, Karen (eds.) **Lifestyle migration**: expectations, aspirations and experiences. Aldershot: Ashgate, 2009. cap. 6. Disponível em: <<http://eprints.uwe.ac.uk/12802/2/2009%20social%20capital%20CasadoDiaz.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

CASTLES, Stephen. International migration at the beginning of the twenty-first century: global trends and issues. **International Social Science Journal**, v. 52, n. 165, p. 269-281, set. 2000. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-2451.00258/abstract>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

CASTLES, Stephen. Migration and Community Formation under Conditions of Globalization. **International Migration Review**, New York, v. 36, n. 4, p. 1143-1168, inverno 2002. Disponível em: <[http://www.abdn.ac.uk/sociology/notes07/Level5/SO5512/Week%2010%20\(2\).pdf](http://www.abdn.ac.uk/sociology/notes07/Level5/SO5512/Week%2010%20(2).pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2012.

CERDA, Óscar Rodríguez & BUSTOS, María de Lourdes Ambriz. Representaciones sociales y masculinidad. In: MONTESINOS, Rafael (coordinator). **Masculinidades emergentes**. Universidad Autónoma Metropolitana. Unidad Iztapalapa: México, 2005. p. 147-180.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **The penguin dictionary of symbols**. England: Penguin Books, 1996.

CHISWICK, Barry R. Are immigrants favorably self-selected? An economic analysis. In: BRETTELL, Caroline B. & HOLLIFIELD, James B. **Migration theory: talking across disciplines**. New York: Routledge, 2000. cap 3.

CONNELL, Raewyn W. Politics of changing men. In: **Australian Humanities Review**, Australia, dez. 1996. Disponível em: <<http://www.australianhumanitiesreview.org/archive/Issue-Dec-1996/connell>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

CONNELL, Raewyn W. & MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity. Rethinking the concept. In: **Gender & Society**, v. 19, n. 6, p. 829-859, dez. 2005. Disponível em: <<http://gas.sagepub.com/content/19/6/829>>. Acesso em: 10 set. 2012.

COSTA, Claudia de Lima. Feminismo fora do centro: entrevista com Ella Shohat. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 147-163, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8607.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

COSTA, Sérgio. Diferença e identidade: a crítica pós-estruturalista ao multiculturalismo. In: VIEIRA, Liszt (org). **Identidade e globalização**. Impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009. p. 33-86.

DAMATTA, Roberto. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. **Revista Enfoques**: revista semestral eletrônica dos alunos do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.134-151, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br>>. Acesso em: 29 abr. 2014.

DINER, Hasia R. History and the study of immigration. Narratives of the particular. In: BRETTELL, Caroline B. & HOLLIFIELD, James B.

**Migration theory**: talking across disciplines. New York: Routledge, 2000. cap. 1.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders. In: ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. **Estabelecidos e outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 19-50.

ENTREVISTA com Alessandro Portelli. **Revista Historiar**, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, v. 4. n. 4, jan/jun. 2011. Disponível em: <[http://www.uvanet.br/historiar/janjun2011/alessandro\\_portelli.pdf](http://www.uvanet.br/historiar/janjun2011/alessandro_portelli.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2012.

ESCORCIA, Eva Patricia Tolalpa. La masculinidad en el nuevo contexto cultural: un invitado ausente. In: MONTESINOS, Rafael (coordinator). **Masculinidades emergentes**. Universidad Autónoma Metropolitana. Unidad Iztapalapa: México, 2005. p. 181-217.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Cambridge, UK: Blackwell Publishing Ltda, 2010a.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis**. The Critical Study of Language. 2<sup>a</sup> ed. Longman Applied Linguistics. London: Longman, 2010b.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, dez. 2002, p. 314-332. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2012.

FRIEDMAN, Susan Stanford. Locational Feminism: Gender, cultural geographies and geopolitical literacy. In: DEKOVEN, Marianne. **Feminist locations**: global and local, theory and practice. New Brunswick, NJ: Rutgers UP, 2001. p. 13-36. Disponível em: <<http://www.women.it/cyberarchive/files/stanford.htm>>. Acesso em: 18 out. 2012.

FUBA, Mestre. **Muriçocas do Miramar**. Intérprete: Mestre Fuba. João Pessoa: p. 1987.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. As migrações num mundo interligado: novas linhas de acção. **Relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais**. Outubro, 2005. ISBN: 972-97843-5-3. Disponível em: <[www.gcim.org](http://www.gcim.org)>. Acesso em: 01 set. 2012.

GARCÊS, Alejandro H. Configuraciones espaciales de lo inmigrante: usos y apropiaciones de la ciudad. **Papeles del CEIC** [online], set. 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76500601>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

GIDDENS, Anthony. The trajectory of the self. In: GIDDENS, Anthony. **Modernity and self-identity**. Self and society in the late modern age. Stanford, California: Stanford University Press, 1991. cap 3.

GILROY, Paul. British cultural studies and the pitfalls of identity. In: DURHAM, Meenakshi Gigi & KELLNER, Douglas M. **Media and cultural studies: keywords**. Rev. Ed.. USA, UK, Australia: Blackwell Publishing, 2006. p. 381-395.

GOLDENBERG, Mirian. Sobre a invenção do casal. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 1, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7693/5707>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

GOLDENBERG, Mirian. The Body as Capital: Understanding Brazilian Culture. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 7, n. 1, jan./jun. 2010, Brasília, ABA. Disponível em: <<http://www.vibrant.org.br/issues/v7n1/mirian-goldenberg-the-body-as-capital/>>. Acesso em: 29 jun. 2012

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. Antropologia em primeira mão. **Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, n.1, 1995.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, p. 1-18, 1998, rev. 2010. Disponível em:

<[http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade\\_genero\\_revisado.pdf](http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf)>. Acesso em: 18 abr. 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **Ethnicity**: identity and difference. *Radical America*, v. 23, n. 24, 1989. p. 09-20.

HALL, Stuart. The Spectacle of the 'Other'. In HALL, Stuart (Ed.) **Representations**. Cultural Representations and Signifying Practices. London: Sage and The Open University, 1997. caps 1& 4.

HALL, Stuart. Who needs 'identity'? In: DU GAY, Paul; EVANS, Jessica & REDMAN, Peter (eds). **Identity**: a reader. London: Sage Publications Inc., 2000. p. 15-30.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. SOVIK, Liv (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. 1ª reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 07-41, 1995. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/31102009-083336haraway.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2012.

HEILBORN, Maria Luiza. Vida a dois: conjugalidades igualitária e identidade sexual. In: **ANAIS do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP, São Paulo, v. 2, p. 143-156, 1992. Disponível em: <[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/115\\_174\\_6\\_vidaadois.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/115_174_6_vidaadois.pdf)>. Acesso em: 08 set. 2013.

HOEY, Brian A. Pursuing the good life: American narratives of travel and a search for refuge. In: BENSON, Michaela & O'REILLY, Karen

(eds.) **Lifestyle migration**: expectations, aspirations and experiences. Aldershot: Ashgate, 2009. cap 3. Disponível em: <[http://www.brianhoev.com/articles/Hoev\\_2009.pdf](http://www.brianhoev.com/articles/Hoev_2009.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2013.

HONÓRIO, Maria das Dores. Cabra-macho, sim senhor! Um estudo sobre a masculinidade no Nordeste do Brasil. Sociologia e Política. I **Seminário Nacional Sociologia e Política**, UFPR, 2009, Paraná. Sociedade e política em tempos de incerteza. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT1/EixoIII/cabramacho-Maria-Dores-Honorario.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Tendências demográficas**. Uma análise dos resultados da amostra do Censo Demográfico 2000. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica Socioeconômica número 13. Rio de Janeiro, 2004.

KORPELA, Mari. Me, myself and I: Western Lifestyle migrants in search of themselves in Varanasi, India. **Recreation and Society in Africa**, Asia and Latin America, v. 1, n. 1, jun. 2011. Disponível em: <<https://journal.lib.uoguelph.ca/index.php/rasaala/article/view/1500/2094>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

ISOTALO, Riina. Politicizing the transnational. On implications for migrants, refugees and scholarship. In: SCHILLER, Nina Glick & FAIST, Thomas. **Migration, development and transnationalization**. A critical stance. New York: Berghahn Books, 2012. p. 100-141.

LAGO, Mara Coelho de Souza. Identidade: a fragmentação do conceito. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza & RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). **Falas de gênero**: teorias, análises, leituras. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 119-129.

LAGO, Mara Coelho de Souza. Pesquisar e orientar pesquisas etnográficas em gênero: interdisciplinaridade, subjetividade, relativização como questões. **Trabalho apresentado na 26ª Reunião de Antropologia**, Porto Seguro, Bahia, 01-04 jun. 2008. Disponível em:

<[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2025/mara%20coelho%20de%20souza%20lago.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2025/mara%20coelho%20de%20souza%20lago.pdf)>. Acesso em: 21 mai. 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LUCA, Tânia Regina de. Impressos periódicos e escrita da História: algumas observações. In: INSUELA, Júlia Bianchi Reis; ROCHA, Marina Maria de Lira; et all. (orgs.) **Estudos de Imprensa no Brasil: I Seminário de Pós-Graduandos em História da UFF**. 1ª ed. Niterói, Rio de Janeiro: PPGHistória-UFF, 2012. p. 12-15. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/stricto/files/public\\_ppgh/cap\\_2012\\_estudos-de-imprensa-no-brasil-25-06-2012.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/files/public_ppgh/cap_2012_estudos-de-imprensa-no-brasil-25-06-2012.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2013.

LUFT, Lya. **Pensar é transgredir**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

MAIA, Suzana. Cosmopolitismo, desejo e afetos: sobre mulheres brasileiras e seus amigos transnacionais. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glaucia de Oliveira & OLIVAR, José Miguel Nieto. **Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas, SP: UNICAMP/PAGU, 2011. p. 363-383.

MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. Introdução. p. 07-19. Disponível em: <[http://www.editoracontexto.com.br/downloads/dl/file/id/915/historia\\_da\\_imprensa\\_no\\_brasil\\_introduc\\_o.pdf](http://www.editoracontexto.com.br/downloads/dl/file/id/915/historia_da_imprensa_no_brasil_introduc_o.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2013.

MARTINS, Estevão C. De Rezende. Memória e experiência vivida. A domesticação do tempo na história. **Antíteses**, v. 1, n. 1, jan/jun. 2008, p. 17-30. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/1425>>. Acesso em: 09 out. 2013.

MERRIAM-WEBSTER. **English Dictionary**. Application Software. An encyclopaedia Britannica Company. Voice search by Dragon. 2013 Merriam-Webster Incorporated.



MILLER, Kerby A. Class, culture, and immigrant group identity in the United States: the case of Irish-American ethnicity. In: YANS-MACLAUGHLIN, Virginia (ed). **Immigration reconsidered**. History, sociology and politics. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1990. cap. 4.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Disciplinaridade, interdisciplinaridade e complexidade. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 435-442, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>>. Acesso em: 01 mai. 2013.

MODEL, Suzanne. Work and Family: blacks and immigrants from South and east Europe. In: YANS-MACLAUGHLIN, Virginia (ed). **Immigration reconsidered**. History, sociology and politics. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1990. cap. 5.

MONTESINOS, Rafael (coordinador). **Masculinidades emergentes**. Universidad Autónoma Metropolitana. Unidad Iztapalapa: México, 2005.

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. Um encontro com as fontes em História Oral. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXXII, n.1, jun. 2006. p. 117-125.

MORAWSKA, Ewa. The sociology and historiography of immigration. In: YANS-MACLAUGHLIN, Virginia (ed). **Immigration reconsidered**. History, sociology and politics. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1990. cap. 7.

MOREL, Marcos & BARROS, Mariana Monteiro de. A imprensa como fonte documental. In: MOREL, Marcos & BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder**: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al170620032.htm>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

NODARI, Eunice Sueli. Construindo a memória pública. In: NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidade renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009. caps. 3 & 4.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, dez. 1993. p. 07-28. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (des)caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 42, fev. 2000. p. 7-21.

O'REILLY, Karen & BENSON, Michaela. Lifestyle migration: escaping to the good life? In: BENSON, Michaela & O'REILLY, Karen (eds.) **Lifestyle migration: expectations, aspirations and experiences**. Aldershot: Ashgate, 2009. cap. 1. Disponível em: <[http://www.ashgate.com/pdf/SamplePages/Lifestyle\\_Migration\\_Ch1.pdf](http://www.ashgate.com/pdf/SamplePages/Lifestyle_Migration_Ch1.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2013.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 270-283. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numero\\_atual/topoi22/topoi%2022%20-%20artigo%2015.pdf](http://www.revistatopoi.org/numero_atual/topoi22/topoi%2022%20-%20artigo%2015.pdf)>. Acesso em: 05 out. 2012.

PISCITELLI, Adriana. Transitos: circulacion de brasilenas en el ambito de la transnacionalizacion de los mercados sexual y matrimonial. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, a. 15, n. 31, p. 101-136, jan/jul. 2009.

PISCITELLI, Adriana. 'Papéis', interesse e afeto, relacionamentos amor/sexuais e migração. In: AREND, Sílvia Maria Fávero; RIAL, Carmen Sílvia e PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Diásporas, mobilidades e migrações**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 103-127.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2278/1417>>. Acesso em: 08 out. 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-213, 1992. Disponível em: <[http://reviravoltadesign.com/080929\\_raiaviva/info/wp-gz/wp-](http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-)

[content/uploads/2006/12/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](#)>. Acesso em: 14 jan. 2013.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na História Oral. **Revista Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil, p. 13-33, 1981. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11215/8223>>. Acesso em: 24 set. 2012.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

PORTELLI, Alessandro. Italian Oral History. Roots of a paradox. In: DUNAWAY, David K. & BAUM, Willa K. (eds). **Oral history**: an interdisciplinary anthology. 2ª ed. Walnut Creek: Altamira Press, 1996a. Disponível em: <[http://www.sociodep.hku.hk/oralhistory/4/images/art/key%20Portelli%20article%201%20\\_DUNAWAY\\_.pdf](http://www.sociodep.hku.hk/oralhistory/4/images/art/key%20Portelli%20article%201%20_DUNAWAY_.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2012.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996b. Disponível em: <[http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/29613\\_3613.PDF](http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/29613_3613.PDF)>. Acesso em: 24 set. 2012.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 07-24, fev. 1997a. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11231/8239>>. Acesso em: 24 set. 2012.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997b. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240>>.  
Acesso em: 24 set. 2012.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 09-36, jun. 2001. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/10728/7960>>.  
Acesso em: 24 set. 2012.

PORTELLI, Alessandro. A Dialogical Relationship. An Approach to Oral History. **Expressions Annual**, 2005. Disponível em: <[http://www.swaraj.org/shikshantar/expressions\\_portelli.pdf](http://www.swaraj.org/shikshantar/expressions_portelli.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2012.

PUTNAM, Robert D. The Prosperous Community: Social Capital and Public Life. **The American Prospect**, n. 13, spring. 1993. Disponível em: <<http://epn.org/prospect/13/13putn.html>>. Acesso em: 24 set. 2012.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Identidade brasileira no espelho interétnico. Essencialismos e hibridismos em San Francisco. **Série Antropologia**, Brasília, n. 241, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1998.

RIBEIRO, Gustavo Lins. What is cosmopolitanism? **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v.2, n. 1/2, jan/dec. 2005. Brasília, ABA. Disponível em: <<http://www.vibrant.org.br/issues/v2n1/gustavo-lins-ribeiro-what-is-cosmopolitanism/>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

RICH, Adrienne. Notas para uma política da localização (1984). In: MACEDO, Ana Gabriela (org.). **Gênero, desejo e identidade**. Lisboa: Cotevia, 2002. p. 15-35.

ROLNIK, Suely. Tristes gêneros. In: LINS, Daniel (org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. p. 63-68.

ROUANET, Sérgio Paulo. Universalismo concreto e a diversidade cultural. In: VIEIRA, Liszt (org.). **Identidade e globalização**. Impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009. p. 15-31.

SAMUEL, Raphael. Documentação. História Local e História Oral. Ruskin College, Oxford. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-243, set. 1989/fev. 1990.

SASSEN, Saskia. The repositioning of citizenship. Emergent subjects and spaces for politics. **CR: The new centennial review**, v. 3, n. 2, p. 41-66, 2003. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

SASSEN, Saskia. The global city: introducing a concept. **The Brown Journal of World Affairs**, v. XI, n. 2, p. 27-43, inverno-primavera 2005. Disponível em: <<http://www.saskiasassen.com/PDFs/publications/The-Global-City-Brown.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCHILLER, Nina Glick. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration. **Anthropological Quarterly**, v. 68, n.1, p. 48-59, jan. 1995. Disponível em: <[http://www.sscnet.ucla.edu/history/faculty/henryyu/Hist597/Schiller\\_al.pdf](http://www.sscnet.ucla.edu/history/faculty/henryyu/Hist597/Schiller_al.pdf)>. Acesso em: 08 set. 2012.

SCHILLER, Nina Glick & WIMMER, Andreas. Methodological nationalism and the study of migration. **European Journal of Sociology**, vol. 43, n. 2, p. 217-240, ago. 2002.

SCHILLER, Nina Glick & FAIST, Thomas. **Migration, development and transnationalization**. A critical stance. New York: Berghahn Books, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: SCOTT, Joan Wallach. **Feminism & History**. Oxford Readings on Feminism. New York: Oxford University Press, 1996. cap. 6.

SCOTT, Joan Wallach. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza & RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.). **Falas de gênero**: teorias, análises, leituras. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55.

SCOTT, Parry. Families, nations and generations in women's international migration. **Vibrant** – Virtual Brazilian Anthropology, Brasília, v. 8, n. 2. jul/dez. 2011. Disponível em: <[http://www.vibrant.org.br/downloads/v8n2\\_scott.pdf](http://www.vibrant.org.br/downloads/v8n2_scott.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SPOSATI, Aldaíza (coord.); RAMOS, Frederico; KOGA, Dirce; et all. **Topografia social de João Pessoa**. São Paulo: Cedest/IEE/PUCSP: 2009.

STRATHERN, Marylin. **O gênero da dádiva: problemas com mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

TILLY, Charles. Transplanted networks. In: YANS-MACLAUGHLIN, Virginia (ed). **Immigration reconsidered**. History, sociology and politics. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1990. cap. 3.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. **Centro de Educação Continuada da Universidade de Sussex**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, dez. 2002.

VAN DIJK, Teun A. Discourse structures. In: VAN DIJK, Teun. **Ideology: A Multidisciplinary Approach**. London: Sage, 1998. cap 21.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) **A aventura sociológica**. Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 36-45.

VELHO, Gilberto. Metrôpole, cosmopolitismo e mediação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 16, n. 33, p. 15-23, jan/jun. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832010000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832010000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 out. 2012.

VIDAL, Margarita Zárate. Cuerpos, masculinidades y antropología, a propósito de la construcción de la(s) masculinidade(s). In:

MONTESINOS, Rafael (coordinator). **Masculinidades emergentes**. Universidad Autónoma Metropolitana. Unidad Iztapalapa: México, 2005. p. 79-106.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Apoio: FINEP. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 45-73.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, abr. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000100005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 14 mai. 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. cap. 1.

YANS-MACLAUGHLIN, Virginia. Metaphors of the self in history: subjectivity, oral narrative and immigration studies. In: YANS-MACLAUGHLIN, Virginia (ed). **Immigration reconsidered**. History, sociology and politics. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1990. cap. 9.

YATES, Frances A. **The art of memory**. Chicago: The University of Chicago Press, 1966.

## PERIÓDICOS

APPIAH, Kwame Anthony. The case for contamination. **New York Times**, New York, 01 jan. 2006. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2006/01/01/magazine/01cosmopolitan.html?e...eb5e1741c&ex=1293771600&partner=rssnyt&emc=rss&pagewanted=prin>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

ATOR paraibano José Dumont prestigia XIX Salão do Artesanato da Paraíba. **Portal Correio**, João Pessoa, 29 dez. 2013. Disponível em: <<http://portalcorreio.uol.com.br/entretenimento/entretenimento/turismo/2013/12/29/NWS,233685,62,392,ENTRETENIMENTO,2192-ATOR->

PARAIBANO-JOSE-DUMONT-PRESTIGIA-XIX-SALAO-ARTESANATO-PARAIBA.aspx>. Acesso em: 13 abr. 2014.

ARGENTINA Company: corporations defect to Brazil. **The Economist**. 18 fev. 2000. Disponível em: <[http://www.eiu.com/index.asp?layout=VWPrintVW3&article\\_id=794726679&printer=printer](http://www.eiu.com/index.asp?layout=VWPrintVW3&article_id=794726679&printer=printer)>. Acesso em: 06 set. 2013.

BARLOW, David. Entrevista. In: SOUSA, Luiz Carlos. O professor é nosso segredo. **Correio da Paraíba**. Interjornal, João Pessoa, 30 jun. 2013. Disponível em: <[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.interjornal.com.br%2Fnoticia\\_impresao.kmf%3Fcod%3D20898261%26pdf%3D1&ei=ukthUsGBF4nQ8QTU\\_oCYCQ&usg=AFQjCNES6Ms5l7picETd6XKA8Gg\\_bCE3Xw&sig2=cTbW6wsaLAZBnedfZwpQHg&bvm=bv.54176721,d.eW](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.interjornal.com.br%2Fnoticia_impresao.kmf%3Fcod%3D20898261%26pdf%3D1&ei=ukthUsGBF4nQ8QTU_oCYCQ&usg=AFQjCNES6Ms5l7picETd6XKA8Gg_bCE3Xw&sig2=cTbW6wsaLAZBnedfZwpQHg&bvm=bv.54176721,d.eW)>. Acesso em: 14 jul. 2013.

CABEDELLO vai receber transatlântico Orient Queen em dezembro. **Portal Correio**, João Pessoa, 21 fev. 2013. Disponível em: <<http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/economia/turismo/2013/02/21/NWS,220211,10,188,NOTICIAS,2190-CABEDELLO-RECEBER-TRANSATLANTICO-ORIENT-QUEEN-DEZEMBRO.aspx>>. Acesso em: 06 set. 2013.

CAMPOS, Leonardo. Durval Muniz fala sobre o Nordeste e a literatura. **Passei Web**, 08 jul. 2009. Disponível em: <[http://www.passeiweb.com/estudos/sala\\_de\\_aula/atualidades/durval\\_muniz\\_fala\\_sobre\\_o\\_nordeste\\_e\\_a\\_literatura](http://www.passeiweb.com/estudos/sala_de_aula/atualidades/durval_muniz_fala_sobre_o_nordeste_e_a_literatura)>. Acesso em: 28 abr. 2014.

ESTUDANTES do IFPB são premiados em competição de robótica. **PB Agora**, João Pessoa, 28 abr. 2014. Disponível em: <<http://www.pbagora.com.br/conteudo.php?id=20140428132421&cat=educacao&keys=estudantes-ifpb-sao-premiados-competicao-robotica>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

DOUGLAS, Cassio. Valor do metro quadrado em João pessoa sobe 154% em seis anos. Disponível em: <<http://cassiodouglas.com.br/noticia/3/Valor-do-metro-quadrado-em-Joao-Pessoa-sobe-154-em-seis-anos.html>>. Acesso em: 06 set. 2013.



FLUXO de turistas em maio é superior ao do mesmo período de 2012. **Portal Correio**, João Pessoa, 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/economia/turismo/2013/06/14/NWS,225388,10,188,NOTICIAS,2190-FLUXO-TURISTAS-MAIO-SUPERIOR-MESMO-PERODO-2012.aspx>>. Acesso em: 04 set. 2013.

JOÃO Pessoa receberá placas de sinalização Bilingues. **Portal Correio**, João Pessoa, 31 jul. 2013. Disponível em: <[portalcorreio.uol.com.br/noticias/cidades/transito/2013/07/31/NWS,227401,4,61,NOTICIAS,2190-JOAO-PESSOA-RECEBERA-PLACAS-SINALIZACAO-BILIN...>](http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/cidades/transito/2013/07/31/NWS,227401,4,61,NOTICIAS,2190-JOAO-PESSOA-RECEBERA-PLACAS-SINALIZACAO-BILIN...>). Acesso em: 31 de jul. 2013.

PEREIRA, Hyldo. Estudo internacional aponta Paraíba como 5º melhor estado do NE para investimentos estrangeiros. **Portal Correio**, João Pessoa, 12 mar. 2013. Disponível em: <<http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/economia/indicadores/2013/03/12/NWS,221002,10,174,NOTICIAS,2190-ESTUDO-INTERNACIONAL-APONTA-PARAIBA-MELHOR-ESTADO-INVESTIMENTOS-ESTRANGEIROS.aspx>>. Acesso em: 6 set. 2013.

PORTO de Cabedelo pode receber investimentos internacionais. **Portal Correio**, João Pessoa, 22 jul. 2013. Disponível em: <<http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/economia/empresas/2013/07/22/NWS,226984,10,173,NOTICIAS,2190-PORTO-CABEDEL-RECEBER-INVESTIMENTOS-INTERNACIONAIS.aspx>>. Acesso em: 04 set. 2013.

PREFEITURA de JP inaugura centro de línguas e oferece 700 vagas para cursos de idiomas. **Portal Correio**, João Pessoa, 27 mai. 2013. Disponível em: <<http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/emprego-e-educacao/educacao/2013/05/27/NWS,224498,44,393,NOTICIAS,2190-PREFEITURA-INAUGURA-CENTRO-LINGUAS-OFERECE-700-VAGAS-CURSOS-IDIOMAS.aspx>>. Acesso em: 06 set. 2013.

TURISMO na Paraíba cresce e é um dos destinos mais procurados. **Portal Correio**, João Pessoa, 02 ago. 2013. Disponível em: <<http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/economia/turismo/2013/08/02/NWS,227521,10,188,NOTICIAS,2190-TURISMO-PARAIBA-CRESCE-DESTINOS-PROCURADOS.aspx>>. Acesso em: 04 set. 2013.

UFPB está entre as nove universidades do país a receber maiores

investimentos. **Portal Correio**, João Pessoa, 28 fev. 2013. Disponível em: <http://portalcorreio.uol.com.br/noticias/emprego-e-educacao/educacao/2013/02/28/NWS,220526,44,393,NOTICIAS,2190-UFPB-ENTRE-UNIVERSIDADES-PAIS-RECEBER-MAIORES-INVESTIMENTOS.aspx>. Acesso em: 06 set. 2013.

---

| APÊNDICES



### **APÊNDICE A – Roteiro da Primeira Entrevista (Português)**

\* O roteiro para a primeira fase, seguiu a ordem abaixo descrita. Considerando que alguns entrevistados preferiram utilizar a língua mãe (inglês) durante o diálogo, apresento no Apêndice B a versão traduzida das perguntas.

1. Explicar as motivações da pesquisa, agradecer a participação do entrevistado e requisitar que ao iniciar a gravação ele deve dizer seu nome e autorizar o uso da transcrição para a pesquisa a que me proponho, sabendo que estarei utilizando pseudônimos quando seus nomes aparecerem ou de quaisquer parentes. Notificar ao entrevistado que estarei enviando a transcrição para a sua aprovação, ou não, caso correções se façam necessárias;
2. Você pode me contar a história da sua mudança para o Brasil?
3. Pedir que fale sobre outras motivações para a vinda;
4. Como se adaptou ao Brasil? – descrever;
5. Como mantém contato com a família e amigos nos EUA/RU?
6. Existe algo que você gostaria de mencionar que você considera relevante ou interessante para um estrangeiro vivendo no Brasil?

**APÊNDICE B – Roteiro da Primeira Entrevista (Inglês)**

1. Explain the motivations for the research, thank the interviewee for his participation e ask him to state his name and authorization for the use of the transcription in my research studies, knowing that I will be using pseudonyms in case his name appears or any relative's. Notify the interviewee that I will be sending the transcript for his approval, or not, in case corrections are required;
2. Could you tell me the story of your moving to Brazil?
3. Tell me about your (other) motivations;
4. How did you adapt to Brazil? – describe;
5. How do you keep in touch with family and friends in the USA/UK
6. Is there anything you would like to add you think it's relevant or maybe interesting as a foreigner living in Brazil?

**APÊNDICE C – Roteiro da Segunda Entrevista (Português)**

\* O roteiro para a segunda fase, seguiu a ordem abaixo descrita, salvo em algumas situações nas quais as perguntas já haviam sido respondidas anteriormente. Considerando que alguns entrevistados preferiram utilizar a língua mãe (inglês) durante o diálogo, apresento no Apêndice D a versão traduzida das perguntas.

1. De que cidade você vem?
2. Seus pais são naturais de onde?
  - a. Você tem irmãos?
  - b. Na sua família você é o primeiro a migrar?
3. Qual o ano do seu nascimento?
4. Com que idade veio para o Brasil?
5. Você é naturalizado ou tem cidadania?
  - a. Me fala das dificuldades e facilidades para se legalizar no país
  - b. E para viver no país
  - c. Você nutre algum estranhamento em relação às leis brasileiras?
  - d. E à cultura brasileira?
  - e. Para você/na sua opinião, o que é ser brasileiro?
  - f. E o que é ser inglês/norte-americano no Brasil?
6. A partir de qual momento você se sentiu a vontade/em casa no Brasil?
7. De um modo geral, você percebe se as pessoas se referem a você de alguma forma específica ou diferente?
  - a. Se remetem aos traços físicos ou sotaque?
  - b. É tratado de forma diferente?
  - c. Você já sofreu algum tipo de preconceito? Você pode me contar sobre isso?
8. Desde a sua primeira vinda para o Brasil você já retornou ao país de origem?
  - a. Quantas vezes?
  - b. Qual o motivo?
  - c. (em caso negativo – por que não retornou mais?)
  - d. O que você pensar sobre a ideia de retorno?
9. Em função da sua nacionalidade, você já sentiu em posição de vantagem?

- a. Em relação aos homens locais?
- 10. Você frequenta algum grupo de ingleses/norte-americanos?
- 11. Você é casado?
  - a. Vocês se conheceram no Brasil?
  - b. Qual a profissão e idade da sua esposa?
  - c. Na sua casa, você divide tarefas com sua esposa?



**APÊNDICE D – Roteiro da Segunda Entrevista (Inglês)**

1. From which city in the UK/USA are you from?
2. Are you parents from the same town/city?
  - a. Do you have any brothers or sisters?
  - b. In your family, are you the first to migrate to another country?
3. When were you born?
4. How old were you when you came to Brazil?
5. What is your immigration status/ visa status? (e.g. do you have dual nationality/citizenship or naturalized?)
  - a. Tell me how Brazil facilitates or makes it difficult to be a legal resident
  - b. How do you feel about Brazilian laws (in terms of migrations)?
  - c. In your opinion, what is it to be Brazilian?
  - d. And to be English/North-American in Brazil?
  - e. Do feel Brazilian somehow?
6. How easy or difficult is it to live here?
7. How do you feel about Brazilian culture?
8. Do you feel at home in Brazil?
  - a. When did you begin to feel at ease/at home in Brazil?
9. Have you ever noticed people referring to you differently because of your foreign traits? (For example, physical traits or accent wise)
  - a. Do you ever feel alienated? Can you tell me about it?
  - b. Can you describe any time you have ever felt overwhelmed by hospitality?
  - c. Have you ever been a victim of prejudice? Can you tell me about it?
10. Have you ever returned to the UK/USA?
  - a. How many times?
  - b. What for?
  - c. (In case no – why not?)
  - d. How do you feel about returning to the UK/USA?

11. Due to your nationality, have you ever felt in a position of advantage? (e.g. career, success)
12. Do you attend any groups predominantly of foreigners?
  - a. Can you tell me about it?
13. Are you married?
  - a. Did you meet in Brazil?
  - b. What's your wife's occupation?
  - c. Age?
  - d. At home, do you share the household tasks?